

ROGÉRIO AMADOR DE MELO

**PALAVRAS-SOPROS DE CORPOS EM TRÂNSITOS: UMA
CARTOGRAFIA DE EXPERIÊNCIAS *QUEERS* E SEUS NÃO-
LUGARES**

**ASSIS
2021**

ROGÉRIO AMADOR DE MELO

**PALAVRAS-SOPROS DE CORPOS EM TRÂNSITOS: UMA
CARTOGRAFIA DE EXPERIÊNCIAS *QUEERS* E SEUS NÃO-
LUGARES**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutor em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador (a): Dr. Fernando Silva Teixeira-Filho

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

ASSIS
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

M528p Melo, Rogério Amador de
Palavras-sopros de corpos em trânsitos: uma cartografia
de experiências *Queers* e seus não-lugares / Rogério Amador
de Melo. Assis, 2021.
326 f. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

1. Cartografia. 2. Teoria Queer. 3. Experiências.
4. Corpos. 5. Resistências. I. Título.

CDD 306.76



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: *Palavras-sopros de corpos em trânsitos: uma cartografia de experiências queers e seus não-lugares*

AUTOR: ROGÉRIO AMADOR DE MELO

ORIENTADOR: FERNANDO SILVA TEIXEIRA FILHO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. FERNANDO SILVA TEIXEIRA FILHO (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/Assis

Profa. Dra. ROBERTA STUBS PARPINELLI (Participação Virtual)
Departamento de Artes Visuais / UEM/Maringá

Prof. Dr. RAFAEL SIQUEIRA DE GUIMARÃES (Participação Virtual)
UNESP/Assis

Prof. Dr. MURILO DOS SANTOS MOSCHETA (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia / UEM/Maringá

Profa. Dra. AMARA RODOVALHO FERNANDES MOREIRA (Participação Virtual)
Instituto de Estudos da Linguagem / UNICAMP/Campinas

Assis, 26 de agosto de 2021

Aos seres vivos, que seguem recusando o silêncio...
...aos corpos, que corajosamente lutam por uma vida possível de ser vivida...
...às vidas, que semeiam ineditamente germes de outros futuros!

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grato aos encontros que a vida me permitiu, aqueles que chegaram inesperadamente, aqueles que se fortaleceram com o caminhar do inusitado dos dias; aqueles que fizeram em/de mim um corpo mais alegre, intenso, atrevido e gentil. Gratidão é afeto a ser lembrado, pois sinaliza que em algum momento da história a gentileza nos visitou, bateu à nossa porta e nos convidou para dançar. Por isso, sou grato à vida que nos seus (des)encontros me ofereceu a chance de ser tudo que eu podia e, ao final, sem culpa, sem arrependimentos, dizer: dei o meu melhor!

- ✚ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, por isso agradeço à CAPES pelo apoio financeiro, ao conceder-me bolsa durante o período de dois anos, que possibilitou maior dedicação ao desenvolvimento dessa pesquisa.
- ✚ Imensa gratidão aos colaboradores dessa pesquisa, por acreditarem nessa investigação e me permitirem adentrar suas histórias e construirmos juntos essas narrativas. Não sou mais o mesmo depois de conhecê-los.
- ✚ Gratidão ao meu orientador, Fernando Silva Teixeira-Filho por acreditar e apostar nas minhas (ins)pirações, atrevimentos e projetos. Agradeço os afetos, às orientações, aos direcionamentos, às risadas contagiantes e, principalmente, por ter se feito porta-aberta para eu ser quem eu posso ser.
- ✚ Ao meu grande amigo, Paulo Henrique Braz da Silva, gratidão eterna! Por ser sempre força, escuta, cúmplice dos meus desejos e sonhos dentro da pesquisa, por acreditar, mesmo quando eu queria deixar de sonhar, por esse lugar e pelos caminhos que se abriam a partir dele.
- ✚ À Barbara C.C.B. Brunini, amiga de todos os momentos, companheira de estudos, parceira das inúmeras viagens realizadas durante esse processo. Gratidão pela vida que jorra dessa mulheridade que me acompanhou nas alegrias, lágrimas, receios e coragem de me lançar nessa investigação e na própria vida.
- ✚ Ao irmão que a arte me deu, Leandro Rodrigues Dias, gratidão pelos afetos, pela autenticidade que vibra nesse corpo de psicólogo/fotógrafo que, ao nos encontramos, me desnudou, através da sua arte, do seu olhar, do seu toque e da sua escuta.

- ✚ Ao meu amigo, Luiz Adriano Van-Dal, que se faz porto seguro de respiro na minha vida, com suas gentilezas, que sempre me encantam e me faz novamente acreditar na simplicidade da vida.
- ✚ Às minhas amigas, Joyci Silva e Claudia Lopes Perpétuo, pela parceria alegre, festiva nos encontros que tivemos durante as disciplinas, nas viagens para aulas e nas alegrias da vida, que foram alento e respiro durante esses quatro anos.
- ✚ Gratidão ao amigo e fotógrafo, Carlos Rodrigues, por acreditar nas minhas loucas e atrevidas propostas de me aventurar no campo das artes. Gratidão pela coragem de ocupar esse outro lugar comigo.
- ✚ Gratidão ao grupo de pesquisa PsiCU^{queer}, do qual faço parte, principalmente ao nosso grupo de orientações e supervisões pelos afetos, contribuições, encontros e partilhas.
- ✚ À UNESP, especificamente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (docentes, equipe técnica, secretárias (os), etc.) que com prontidão e eficiência contribuíram com o seu papel nesses quatros anos de doutorado.
- ✚ Por fim, agradeço àquelas e aqueles que em algum momento se fizeram presença potente ao longo desse processo de doutorado: Danielle Jardim Barreto, Anna Paula Oliveira Silva, Altair Souza Carneiro, Carina Carneiro, Juliana Aleixo e Júnior Mezzomo.

MELO, Rogério Amador de. **Palavras-sopros de corpos em trânsitos: uma cartografia de experiências *queers* e seus não-lugares**. 2021. 326 f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

RESUMO

Esse relatório de pesquisa (tese) registra as experiências de corpos de homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam corpos *queers* localizados e situados nos universos *queers* do Projeto *Queer*, Cidade *Queer* e Catálogo Performance *Queer* [SSEX BBOX] que acontecem em São Paulo, Curitiba e virtualmente. Para tal registro utilizei a Pesquisa Cartográfica e os Estudos e Perspectivas *Queers*, apostando na potência que tal diálogo tem em criar linhas de vizinhanças com a postura ética, estética e política dos corpos que aqui são apresentados, bem como com a intenção de subverter e romper com um saber-fazer pesquisa enviesado por uma visão cisheterocentrada, falocêntrica, normativa e colonizadora do conhecimento. Colocamo-nos como objetivo desta pesquisa problematizar, a partir das linhas-fluxos que se enunciam nas **palavras-sopros** compartilhadas pelos dez colaboradores protagonistas desta cartografia, as (des)conexões, proposições, silenciamentos, críticas, alianças, recusas e o inadequarem-se às políticas de subjetivação cisheteronormativas capitalistas vigentes que tais corpos vivenciam e propõem no cotidiano. Tal inadequação, inclusive, faz-se nítida ao se identificarem e/ou se apropriarem do termo *queer* enquanto uma ética/política/estética de existência. É importante acrescentar que, inclusive, o próprio autor desta pesquisa passou pelo processo de *queerização* de seu corpo, de desconstrução de suas referências cisheteronormativas na construção de sua masculinidade ao protagonizar um ensaio fotográfico que hoje consta no Catálogo Performance *Queer*. Deste modo, foi material de análise da pesquisa, além do mergulhar do meu corpo-experiência nesses territórios existências, as entrevistas e encontros realizados de maneira presencial e virtual. A partir deste material, evidenciou-se que as estratégias encarnadas por esses corpos foram singularmente construídas, seja de maneira anterior à chegada no Brasil do termo *queer* ou por contato com as propostas teóricas-metodológicas dos estudos e perspectivas *queer*. Por fim, enredou-se nesse desenho cartográfico que, um dos caminhos apontados como terreno fértil para a germinação de outras sensibilidades, percepções e gestos relacionais entre os marcadores sociais de diferença podem advir do território da arte. Isto é, ter a arte como abertura para exploração e invenção de outros im/possíveis, que nas suas dobras e desdobras se faz força capaz de ativar o sensível em nós seres viventes para ousarmos outras escritas de si, para desafiar o poder, para irmos além do previsível, para que novas palavras soprem outros ventos.

Palavras-chaves: Cartografia; *Queer*; Experiências; Corpos; Resistências.

MELO, Rogério Amador de. **Word-whispers of bodies in transits: a cartography of queer experiences and its non-places.** 2021. 326 f. Thesis (Doctorate in Psychology). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

ABSTRACT

This research report (thesis) registers the experiences of cis-men bodies who express themselves and/or name themselves as queer bodies located and who are situated in the queer universes of Queer project (Projeto Queer), Queer City (Cidade Queer) and Queer performance Catalog (Catálogo Performance Queer) [SSEX BBOX], which takes place virtually in São Paulo and Curitiba. For this study's register I have used a Cartographic research and Queer studies and perspectives, betting on the potency that such dialogue has in creating neighbouring lines with the ethical, aesthetic and political stances of bodies presented here, as well as with the intention of subverting and breaking the classical know-how in research, usually biased by cisheterocentered, phallogentric, normative and colonizing vision of knowledge. We have set as the aim of this research the problematization, from the flow lines that are enunciated in the word-whispers shared by the ten collaborators of this cartographic research, of the (dis)connections, propositions, silences, criticisms, alliances, refusals and their inadequacies towards the current capitalist cisheteronormative subjectivation policies that such bodies were/are exposed to in their daily lives. Such inadequacies become very clear when they identify themselves and/or appropriate to themselves of the term queer as an ethics/politics/aesthetic of existence. It is crucial to add that even the author of this thesis has undergone the process of queering of his body and of deconstructing his cisheteronormative references during the construction of his masculinity through the experience of a photoshoot which is available in the Queer performance Catalog (Catálogo Performance Queer). Thus, the analysis material of this research, in addition to the deep dive of my own body-experience in these existing territories, were the interviews and the meetings carried out virtually and in person. From this material, it became evident that the strategies embodied by these bodies were uniquely constructed, either before the arrival of the term queer in Brazilian territory or by the means of contact with the theoretical-methodological queer studies and perspectives. Finally, it was entangled in this study's cartographic design that one of the roads pointed out that fertile ground for the growing of other sensibilities, perspectives and relational gestures between the social markers of difference may come from the art realm. That is, having art as an opening for exploration and invention of other (im)possibilities provides us the power to activate our sensitive side through the folding and unfolding of ourselves in order to rewrite ourselves, to challenge the power, to go beyond the predictable, so that new words are whispered to the wind.

Keywords: Cartography; Queer; Experiences; Bodies; Resistances.

Lista de Ilustração

Fig. 1, Imagem do cartaz virtual de divulgação do Projeto <i>Queer</i>	40
Fig. 2 e 3, Imagem da peça/manifesto Projeto <i>Queer</i>	41
Fig. 4, 5 e 6, Imagens dos integrantes da peça/manifesto Projeto <i>Queer</i>	43
Fig. 7, Imagens da <i>Homepage</i> oficial do Performance <i>Queer</i> no Brasil.....	45
Fig. 8, Imagens da <i>Homepage</i> oficial do Performance <i>Queer</i> no Brasil.....	46
Fig. 9, Imagem da <i>Homepage</i> oficial do Catálogo Performance <i>Queer</i> no Brasil.....	47
Fig. 10, Imagem da Conferência [SSEX BBOX].....	49
Fig. 11, Imagem da Divulgação da Invasão da Cidade <i>Queer</i>	50
Fig. 12, Imagem da <i>Homepage</i> do <i>Queer City Project</i>	51
Fig. 13 e 14, Imagens do livro cidade <i>queer</i> uma leitura.....	54
Fig. 15 e 16, Imagens do Cartaz e da Exposição “ <i>Fazendo a Lôca</i> ” no Bar Atari.....	64
Fig. 17, Imagem da Exposição “ <i>Fazendo a Lôca</i> ” no Teatro <i>El Séptimo Fuego</i>	65
Fig. 18, Imagem do cartaz de divulgação da Exposição “ <i>Avessos Inauditos</i> ”.....	71
Fig. 19, Imagem da Exposição “ <i>Avessos Inauditos</i> ”.....	71
Fig. 20, Imagem da <i>Homepage</i> Esquizografias.....	72
Fig. 21, Imagem entre integrantes do Catálogo Performance <i>Queer</i> no Brasil.....	73
Fig. 22, Imagem do meu perfil no Catálogo Performance <i>Queer</i> no Brasil.....	74
Fig. 23, Imagem do perfil de Ciborgue na Plataforma <i>Bancamp</i>	83
Fig. 24, Imagem do Rizoma cartográfico da pesquisa.....	132
Fig. 25, Imagem do Mapa Interseccional.....	144
Fig. 26, Imagem do exemplo preenchido do Mapa Interseccional.....	145
Fig. 27, Imagem do Pequeno manual de sobrevivência Anarco- <i>Queer</i>	175

SUMÁRIO

1. PALAVRAS-SOPROS: AS CUMPLICIDADES COM O INESPERAR E A CORAGEM COMO GESTO DE/PARA VIDA	14
1.1 Um falar com, ao invés de falar por: narrativas e experiências invadindo os corredores acadêmicos – uma bicha-docente na sala de aula	22
1.2 Abandonando os manuais em suas fórmulas/forma/fôrma: apostando em outras companhias	30
2. ENTRE ESTRANHEZAS, MOVIMENTOS E APOSTAS: RASTROS DE UMA CARTOGRAFIA EM DEVIR.....	40
2.1 Diário um – o Projeto <i>Queer</i> e suas inusitadas subversões/afetações sobre meu corpo	40
2.2 Diário dois – os NÃO RECOMENDADOS a sociedade – Catálogo Performance <i>Queer</i> no Brasil.....	45
2.3 Diário três – Invadindo o Cidade <i>Queer</i> : dos centros para as periferias das existências plurais.....	50
2.4 Diário quatro – Acionando o sensível: (auto)provocações, experiências e (cri)ações de outras narrativas	56
3. CORPOUTRAMENTOS: CONTRABANDEANDO ABJEÇÕES EM MEIO AS FRONTEIRAS DA CISHETERONORMATIVIDADE	77
3.1 Uma criatura entre dois mundos: as experiências de Cibargue	82
3.2 Os levantes de resistência do corpo político da Bichø-Preto-Øfeminøda	87
3.3 Ølegoriø : os palcos e a vida acadêmica	92
3.4 O bonde de Moleque em suas liberdades de se experimentar	97
3.5 Nos embalos vivenciais de DJ e seus devires noturnos: entre Løca, Tenda e Diana... outros desdobramentos	102
3.6 As peripécias do espetaculoso Føuna	107
3.7 Um pouco de vogue pelo/no corpo de Punker	112
3.8 O não assimilacionismo do Ønøquistø : entre privilégios, silenciamentos e dificuldades	117
3.9 Vømpiro e seu grito de guerra contra todo binarismo: basta!	122
3.10 Os incômodos na/da vida e no corpo de Matumbø : suas Explode-sões!	127
4. EXERCÍCIO DO SENSÍVEL: AS (CRI)AÇÕES MARGINAIS DE LINHAS PERIFÉRICAS DE SUBJETIVAÇÕES	134
4.1 Linha do –alarme-vital-de-diferenciação–	135
4.2 A –de-so-be-di-ên-cia– na feitura de linhas de fuga/luta: disrupções por vidas im/possíveis de serem vividas	155

4.3 O <i>–des-bun-de–</i> e as iridescências encarnadas na/pela vida: o queer nosso de cada dia nos dai hoje!	180
5. REVERBERAÇÕES E CONSIDERAÇÕES AINDA EM GESTOS DE EXPERIÊNCIAS	206
6. REFERÊNCIAS	213
7. APÊNDICES	223
APÊNDICE I – Transcrição da Entrevista com <i>Ciborgue</i>	224
APÊNDICE II – Transcrição da Entrevista com <i>Alegoria</i>	234
APÊNDICE III – Transcrição da Entrevista com <i>Bicha-Preta-Afeminada</i>	242
APÊNDICE IV – Transcrição da Entrevista com <i>DJ</i>	257
APÊNDICE V – Transcrição da Entrevista com <i>Fauno</i>	265
APÊNDICE VI – Transcrição da Entrevista com <i>Motumbá</i>	272
APÊNDICE VII – Transcrição da Entrevista com <i>Moleque</i>	282
APÊNDICE VIII – Transcrição da Entrevista com <i>Anarquista</i>	293
APÊNDICE IX – Transcrição da Entrevista com <i>Vampiro</i>	300
APÊNDICE X – Transcrição da Entrevista com <i>Punker</i>	312
8. ANEXOS	321
ANEXO I – Apontamentos norteadores para Entrevista	322
ANEXO II – TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)	323
ANEXO III – Termo de Autorização de Uso de Imagem	326



P

PALAVRAS-SOPROS: AS CUMPLICIDADES COM O INESPERAR E A CORAGEM COMO GESTO DE/PARA VIDA

*“[...] Enquanto pensam-me estática
Desvio... Errática em rotas que eu mesma invento
Tento viver cada instante em sua eternidade
Dentro de mim baila um CAOS, pura intensidade
Uma pluralidade que vibra viagens por terrenos que borram o si-mesmo e me entregam a um
plano de experimentação de possibilidades existenciais e estéticas
Em mim e através de mim falam diversas vozes, e inclusive as minhas, as nossas, as suas”.*
(Quem afinal escreve os textos dessa página? – Esquizografias).¹

Escrita movimento, escrita experiência, escrita indisciplinada, escrita em devires². Gesto de aventurar-se no caminho do inesperado, das incertezas, das tensões, dos equívocos, das provocações, de (in)decisões entre o que falar e o que não falar. É assumir os riscos durante e depois do processo, tendo a lucidez que a escrita e bricolagens de teorias, ferramentas metodológicas, imagens e a própria transcrição dos relatos se encontram afetados pelos deslocamentos do espaço-tempo dos encontros em suas durações, pausas e atualizações. Exercício complexo, exaustivo e desafiador, frente às produções de conhecimentos científicos organizadas e assentadas em epistemologias hegemônicas de uma ciência branca, cisheteronormativa³, colonizadora e burguesa que, na atual geografia do presente, mobilizam insurgências de outras vozes, outros dizeres, outras enunciações, outras cartografias.

Devo registrar, portanto, que enquanto pesquisador-cartógrafo, não fez sentido seguir apenas processos, trajetos, caminhos postos previamente pela ciência ou meramente coletar relatos de histórias de vidas, sem assumir essa implicação ética/política/estética com o compartilhamento das experiências vividas pelos colaboradores dessa cartografia na própria ativação e ressignificação que essa investigação proporcionou ao longo do seu percurso. Dessa

¹Texto da plataforma Esquizografias. Disponível em: <https://www.facebook.com/esquizografias/>

² Na concepção deleuzeguattariana os devires se referem às processualidades de invenção, acontecimentos que comportam uma política e uma ética de existência, onde o fundamental é a criação de modos de vida inauditos que rompem com a lógica de representação (cópias), com os fenômenos de padronização e de imitação. Ou seja, passagens que transitam de um estado a outro, processos que estão sempre em oposição a contextualizações de caráter majoritário e fixo, isto é, um vir a ser constante (DELEUZE e PARNET, 1998).

³ O sistema cisheteronormativo é aquele que determina a inteligibilidade dos corpos, mediante a coerência e naturalização do sistema sexo/gênero/desejo. Trata-se, portanto, de um regime político-social-cultural que regula nossas vidas por meio de uma excessiva repetitividade de discursos que fazem da heterossexualidade sua matriz central, ou seja, cisheteronormatividade é definida como: “Perspectiva que tem a matriz heterossexual como base das relações de parentesco e a matriz cisgênera como organizadora das designações compulsórias e experiências das identidades de gênero; ambas produzindo efeitos que são naturalizados em nossa cultura, a partir da constituição de uma noção de normalidade em detrimento da condição de anormalidade, produzindo a abjeção e ocultamento de experiências transgressoras e subalternas” (MATTOS e CIDADE, 2016, p.134).

forma, certamente, ao falarmos em pessoas, estamos falando em devires, instabilidades, aberturas, acasos, incertezas, etc. E, isso, sem dúvida, exigiu certa ampliação das estratégias im/possíveis de pesquisa-escrita, suscitando meios de ativar outras percepções para recepção do desconhecido, do que poderia se apresentar nos entre-lugares dos modos de subjetivação dos colaboradores protagonistas dessa pesquisa cartográfica.

Movido pelas provocações de produzir, quem sabe uma outra escrita e com a intenção de borrar escritas lineares e duras, na tentativa de agenciar o descentramento do olhar de quem vê, de quem se aproxima e de quem ousa acompanhar esse aventurar cartográfico, acionando, assim, seu corpo-vibrátil, usei inventar uma coexistência de palavras e imagem na abertura de cada p**ARTE**⁴ dessa tese, na tentativa de ativação da percepção e sensibilidade frente às estruturas da escrita e os transbordamentos/excessos das experiências⁵ performáticas dos protagonistas dessa pesquisa, que não se enquadram binariamente nisso ou naquilo, mas em *e... e...*⁶ ao mesmo tempo, apresentar, por uma poética visual de aparecimento, o campo de experimentações e afetações que essa cartografia foi aos poucos agregando elementos, formas, texturas e (des)composições no espaço-tempo (auto)provocando afirmações da vida em exercícios constantes de práticas de liberdade e invenções, pois diante do esvaziamento da capacidade imaginativa de ser vivente, era necessário me despir do meu repertório subjetivo existencial, lançando-me em outros territórios... germes de outros futuros, que explicito mais contundentemente na p**ARTE** dos diários.

Exploro, então, tensionamentos e rupturas de uma escrita tradicional, para dar ao texto respiração-movimento-fluxo, criando e provocando o desejo de estar ali para ver, sentir, perceber e mergulhar nos acontecimentos; visto que, mesmo que a arte, enquanto (cri)ações

⁴ Por se tratar de uma pesquisa cartográfica, a mesma composta por/em rizomas, pode ser apreciada, acompanhada e percebida em suas partes, em suas linhas de conexão e desconexão com outras tantas linhas. Nesse sentido, grafiei em caixa alta algumas vogais e consoantes da palavra “parte”, evidenciando assim, a formação da palavra “**ARTE**”; sendo esta uma ponte de ligação entre as p**ARTE**s dessa tese. Pois, trago na abertura de cada p**ARTE**, a fotografia dos colaboradores dessa pesquisa, (des)compondo-se em meio a palavras acusatórias, mas que aqui são tomadas pelo chifre para serem usadas política e subjetivamente como ética de resistência e afirmação das diferenças.

⁵ Ao referir-me ao campo da experiência, estou propondo e invocando a produção de um conhecimento do sensível e sempre aberto às ressignificações, corrompendo e subvertendo um conhecimento apenas pautado na racionalidade, “[...] por se insinuar no plano das sensações e da criação de outros espaços possíveis de experimentação de si e do mundo” (STUBS; TEIXEIRA-FILHO; GALINDO, 2020, p. 4), pois, como afirma Gilles Deleuze: “a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer”(DELEUZE, 2006, p.). Nessa perspectiva, o corpo ganha outros contornos, gerando redes de conexões com a multiplicidade da vida, tornando-se, assim, o centro da experiência, fazendo-se, portando, acontecimento, isto é, um corpo que sente, vibra e se experimenta.

⁶ Ao longo da escrita da tese, utilizei como recurso tensionador ético/político/estético de linguagem, percebendo essa como um campo de força, como legislação de poder enquanto código (AYERBE, 2017), a fonte tipográfica “Cuir Romans Times” desenvolvida pelo LGD (Laboratório Gráfico Desviante) na construção do livro *Cidade Queer*, utilizando-a assim, quando me referir ao termo *queer* e aos colaboradores dessa cartografia.

nesse aventurar cartográfico não tenha sido intenção, mas acontecimento, creio e aposto que “[...] não existe uma arte revolucionária sem uma forma revolucionária” (XAVIER, 2002, p. 181), pois foi também a ela que me aliei para inventar outras formas, outras linhas, outros contornos, outros tons e desdobramentos, outros mundos, mediante o deslocamento dos privilégios, dos silenciamentos, das invisibilidades e do possível enquanto único real.

Portanto, os movimentos, percursos, rastreamentos, processos, bem como as linhas-fluxos que se efetuaram nesse processo cartográfico se orientaram e assumiram ao mesmo tempo, posicionamentos éticos/políticos/estéticos com o compromisso de direcionar a vida “[...] à criação de modos de existência para aquilo que pede passagem” (ROLNIK, 2018, p.33). Assim, as implicações éticas da escrita-registro dessa tese se fazem experiência e acontecimento, ao assumir compromisso encarnado com a vida em sua potência de acontecer em constante processo de diferenciação, nas suas múltiplas expressões e formas de ser/estar no mundo.

Suas implicações políticas se efetuam no ato, no gesto e no desejo de provocar e tensionar radicalmente uma produção científica pautada, unicamente, em operadores tradicionalmente instituídos por organizações epistêmicas hegemônicas; apostando, assim, no reconhecimento de outros saberes, outras alianças, outras (re)negociações, (in)decisões, outros (des)caminhos em todos os deslocamentos dessa cartografia, que possam, quem sabe, oferecer pistas e armas para libertar a vida onde ela se encontra rebaixada e prisioneira.

Por fim, a estética inventiva/afirmativa dessa escrita-tese, enquanto estratégia aqui ética/política, borram não somente o campo do aparecimento na sua forma/aparência, mas possibilita, quem sabe, (des)encontros (im)prováveis com o mapa cartográfico que se desenhou ao longo dessa pesquisa cartográfica, com seus fluxos, durações e rupturas, pois os mesmos, podem acionar campos de afetações múltiplos no corpo e na vida de quem se aproxima, flerta e se permite à abertura do encontro com as vidas que aqui se permitiram acontecer.

Assume-se, portanto, uma implicação estética de abertura ao sensível, como zona de rasura, como acesso ao im/possível⁷, como “[...] um gosto que nos inaugura novos sentidos e nos convida para criar outras relações com o mundo, outras suavidades, sensibilidades” (PARPINELLI, 2015, p. 150).

⁷ Em alguns momentos da escrita da tese, apresentarei a palavra impossível separada por uma “/”, com a intenção de tensionar e friccionar os supostos limites entre possível e impossível, descentrando assim, quem sabe, nossa percepção dos limites impostos na geografia do presente sobre/para nossos corpos, nossas vidas e nossas experiências de seres viventes.

Com essa postura, sinalizo que a escrita narrativa dessa tese, acontece em primeira pessoa do singular, por entender que o campo de afetações no qual me encontro, enquanto pesquisador-cartógrafo, não se faz isento e neutro dos atravessamentos éticos/políticos/estéticos dos modos de existências que ocupam performaticamente essa investigação; tornando-se não somente elementos de sua composição, mas experiências, que aqui, nesse espaço-tempo, se autorizaram a acontecerem e se efetuarem. Pois, “[...] Escrever em primeira pessoa do singular é uma maneira de gerar uma política de localização de saberes, a qual passa a acolher as palavras também em primeira pessoa daquele ou daquela que lê” (STUBS; TEIXEIRA-FILHO; GALINDO, 2020, p. 5).

Contudo, penso que há de surgir em algum momento do presente-futuro, quem diga, questione e/ou pense: quem é ele para falar a respeito de corpos queers e/ou de experiências queers; estaria mais uma vez, outro “pesquisador” fazendo de experiências de vida mais um objeto de pesquisa!? Em função de tais inquietudes, provocadoras e provocativas, aprendi, ao longo da construção desse processo, a lidar com os sentimentos, pensamentos e silêncios profundos que me afetavam em suas intensidades, positivities e negatividades. Eram oportunidades de perceber que a cartografia que intentava realizar, também acontecia no/pelo meu corpo, encarando, assim, minhas fragilidades, potencialidades, im/possibilidades e desejos.

De certo modo, estaria me mostrando ao mundo, seja àquele que ainda insiste em se fazer cúmplice ao disciplinamento e controle das sucessivas transmutações capilares da sociedade cisheteronormativa, neoliberal e globalitária; e/ou àquele que ousa se reinventar mediante às vozes insurgentes de vidas que combatem diariamente o intolerável desse atual regime; agenciando, portanto, outras percepções, outros sentidos, outros sensíveis, outras cartografias, outros processos de subjetivação e, porque não, outros inéditos. No início, não me dei conta do que realmente era necessário, mesmo que intuitivamente a vida já me exigisse tal postura, mas que até então não tinha percebido. O que quero dizer com isso?

Ao adentrar no programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Estadual “Júlio de Mesquita-Filho” no ano de 2017, movido e instigado por múltiplas inquietações pessoais e coletivas, diretamente ligadas às apropriações dos estudos e perspectivas queers pela Psicologia, propus no meu processo de doutoramento, cartografar as experiências cotidianas de corpos de homens-cis que se experimentam e/ou se nomeiam enquanto corpos queers no cenário brasileiro, trazendo em seu arcabouço teórico-metodológico, a cartografia (KASTRUP e PASSOS, 2013; PASSOS e BARROS, 2015; ROLNIK, 2016; TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013) e os estudos e perspectivas queers que, em suas conexões, diálogos e aproximações, possibilitariam, talvez, mapear os fenômenos psicossociais (processos de

subjetivação e singularização) que se efetuam nas relações entre cultura, marcadores sociais de diferença, identidades e corpo.

Nesse trilhar, encontrei, ao longo desse percurso, com histórias de vidas que sinalizavam pistas de outros caminhos, outras práticas e posicionamentos para além das binaridades, das estratificações, das precariedades agenciadas sobre/para seus corpos. Corpos estes que, ao longo de suas existências, se encontraram frente a outros enfrentamentos para afirmação e preservação da própria vida, acometidos, por vezes, pelas “enfermidades” morais-sociais das violências, agressões, invisibilidades, silenciamentos, vulnerabilidades, medos e até isolamentos provocados pelas LGBTfobias e, por tantas outras opressões que os alocavam em uma não existência no aparecimento social do presente-futuro; mas que ao se depararem capturados por esse sistema opressor de aprisionamentos identitários, perceberam outros meios de respirar a potência, a inventividade, as inúmeras im/possibilidades de afirmar outras narrativas de si e das realidades ao seu entorno.

Até então, eu acreditava que, ao longo do percurso, mesmo com as dúvidas, incertezas e acasos que poderiam emergir, o campo teórico-metodológico, as orientações e supervisões seriam o bastante para seguir, considerando-os, pontes e ferramentas que dariam suporte necessário para esses quatro anos de investigação. Contudo, nesse saber-fazer pesquisa nas Ciências Humanas, acabava me encontrando em meio às concepções clássicas da ciência normal⁸ e da ciência moderna⁹, descrevendo fatos, seguindo regras duras e hipotéticas, mesmo que, às vezes, flexíveis; onde, por vezes, arbitrariamente se determinava e, ainda se determina, o que uma tese de doutorado deveria ter e/ou expectativas outras do que ela apresentaria dentro dos moldes acadêmicos instituídos e universalizados.

Aos poucos, fui tendo a lucidez dos riscos de uma escrita encarnada, experienciada e em processo, que poderia parecer muito mais um memorial do pesquisador — no caso aqui, o corpo que vos escreve —, tornando-se contraproducente à governança burocrática do que se espera de um relatório de pesquisa (tese). Foi nesse momento, então, — provocado por outras

⁸“A ciência normal não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômenos, na verdade, aqueles que não se ajustam aos limites do paradigma frequentemente nem são vistos. Os cientistas também não estão constantemente procurando inventar novas teorias; frequentemente mostram-se intolerantes com aquelas inventadas por outros. Em vez disso, a pesquisa científica normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma” (KUHN, 2003, p. 45).

⁹Se configura pelo paradigma dominante (newtoniano-cartesiano) que busca a obtenção de conhecimento verdadeiro através do empirismo rigoroso, onde tem como proposta o distanciamento sujeito-objeto, uma não interferência no objeto; onde quantificar é conhecer. Ou seja, “[...] a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem” (SANTOS, 2008, p. 21).

vozes durante esse deslocamento da vida e do pensamento —, que o corpo gritou sinalizando o que também era necessário: a **CORAGEM**.

Em um primeiro momento, fiquei pensando o que significava, para mim, a coragem, pois para muitEs¹⁰ de nós, poderíamos pensar que ter coragem é não ter medo, um lançar-se, por vezes, sem o mínimo de prudência, colocando a própria vida em risco. Para mim, particularmente, penso que meu maior medo, na verdade, seja o medo da minha coragem; dos mundos que esses gestos para com a vida poderiam se abrir, se reinventar, acontecer. Sempre enunciei certa coragem, mas quando ela exigia uma postura ética/política/estética de enfrentamentos, de combate e de dissensos, eu, simplesmente, a recusava. Por outro lado, ao mesmo tempo, eu sei que o que eu posso considerar gestos de coragem na minha história, para outrEs seriam meramente circunstâncias. Decerto, e agora sem desculpas e/ou culpa, este gesto se fez necessário, pertinente e ético para a escrita dessa tese em seu processo criador de alianças e conexões entre teorias, métodos, pesquisa e sensibilidades (GUIMARÃES, 2020).

Era momento de expor acontecimentos, deflagrar os ocorridos, sinalizar as inquietudes, apostando que tais dimensões poderiam assegurar a potência colaborativa de inúmeras vozes, não somente as legitimadas pelo *ranking* científico-acadêmico, mas por aquelas que, por vezes, são silenciadas na/ pela produção de conhecimento. Portanto, tomei uma decisão radicalmente política na escrita que se segue, visto que “[...] parece ser razoável no sentido de representar as múltiplas identidades dos sujeitos, sem apagar as singularidades, subjetividades e existência” (NASCIMENTO, 2020, p. 263), ousar trilhar por outros trajetos, aqueles negligenciados pelo *status quo* que demanda neutralidade científica, que buscam desvencilhar-se das amarras de uma produção de conhecimento convencional e seus caminhos secundários amplamente conhecidos, defendidos, disseminados e legitimados.

Eu não poderia apresentar experiências que tensionam a ordem social do atual presente, com sua coragem singular em cada história narrada, sem que meu próprio corpo se apropriasse

¹⁰ Tendo em vista, que a linguagem influencia e reflete, profundamente, comportamentos, percepções e atitudes, sendo, assim, uma das ferramentas chaves para entendermos e sermos entendidUs, vale salientar os esforços e tentativas de propor a utilização de uma linguagem não sexista, neutra e inclusiva; principalmente por constatar-se que na maioria das línguas com marca de gênero, na sua comunicação gramatical, há uma convenção genérica, exclusiva e neutralizadora do uso do gênero masculino para designar ambas as pessoas, independentemente das suas identidades de gênero (CALBUCCI, 2020). E, por entender que “[...] a língua portuguesa, infelizmente, ainda é extremamente binarista e sexista, visto que, ao nos referirmos a um grupo de indivíduos de mais de um gênero, tendemos a usar o pronome masculino (ele no discurso, o que reflete o machismo intrínseco a língua e expõe a exclusão de mulheres e pessoas não binárias, daí a necessidade de reformular a gramática” (ALMEIDA, 2020, p. 6), adotei a linguagem neutra/inclusiva ao longo da escrita, como mudança linguística na estrutura das palavras com objetivo ético/político/estético de “[...] mostrar a desconstrução de gênero, o rompimento do binarismo nas formas escritas e falada” (LAU, 2017, p. 2), na tentativa de contemplar outrEs expressões de existências LGBTQIA+ (lésbicas, gays, travestis, transexuais, quæers, intersexos, assexuais etc.).

da coragem necessária para dar linguagem ao campo de afetações que iam compondo o mapa dessa cartografia. Foi assim que, em um misto de tensões, medos, preocupações e, principalmente, implicações com esse ato de apresentar os campos de afetações dessa rede rizomática¹¹ que, caminhei, (re)negocieei, desfaleci, levantei, assumindo os riscos de não ser levado a sério, pois, tenho clareza que “[...] a malha discursiva estruturante, ao passo que nos amedronta, nos imobiliza e, em tempos atuais, nos arranca o desejo de sonhar” (Ibidem, p. 262); mas, decidi sonhar e ir às entranhas mais profundas, nos entre-lugares inimagináveis, fazendo alianças com os fracassos, com as fragilidades, com o transitório, do que com os lugares “seguros” de um sucesso a qualquer custo.

Sim, tal cartografia se (de)compõem nos/pelos acidentes, do belo deserto povoado das incertezas, dos entre-lugares habitados pela coragem e pela ânsia de acontecer em suas múltiplas expressões de existir; fazendo-se, portanto, uma experiência de fronteiras em (des)conexões parciais situadas e localizadas “[...] no campo de experiência que emerge no movimento do pesquisar” (STUBS; TEIXEIRA-FILHO; GALINDO, 2020, p. 2).

Afirmo, então, que os caminhos, trajetos, rastros, pontes que aos poucos foram sendo construídos nesse processo de quatro anos e que me trouxeram até aqui, poderiam ser descritos e apresentados de outras formas, por outras vias. Mas, o convite subversivo das redes de sensibilizações e vivências plurais que me deparei, continuam penetrando meus olhos e abalando antropofagicamente meu corpo, para compor rompimentos, fissuras, recusas, descontinuidades e escapes aos paradigmas epistemológicos, políticos e éticos das realidades e dos fenômenos psicossociais cisheteronormativos onde me localizo.

Torna-se, portanto, um exercício ético do pensamento e da vida, desafiando a lançar-me numa outra im/possível escrita das realidades, da própria narrativa que faço de mim, do meu próprio lugar de fala! Lugar crítico e atento ao silenciamento das vozes minoritárias por grupos historicamente privilegiados, que, na maioria das vezes, por ocupar lugar de privilégio detém a “legitimidade” de falar em uma sociedade estruturada e organizada pela branquitude, masculinidade e heterossexualidade (RIBEIRO, 2017); para quem sabe, não cair na mesma armadilha de despotencializar o estranho, o diferente em uma “[...] “reprodução” da cartografia vigente e seus valores” (ROLNIK, 2019, p. 92).

De fato, posso não ter nada a ver com o *queer*, dentro dos moldes que algumas teorias e estudos Es do meio o idealizam, o disseminam e o “endeusam” e/ou por não apresentar uma

¹¹ Para os filósofos Deleuze e Guattari (1995), trata-se de linhas de intensidades que podem estabelecer conexões transversais através de ramificações em todos os sentidos, ou seja, linhas que se conectam e re-conectam entre si, que escapam à segmentação e à forma.

montagem/desmontagem performativa no/do meu corpo, mesmo sendo um homem-cis, bicha, não-branco. Entretanto, as experiências advindas posteriormente ao meu contato com os estudos e perspectivas *queers*, sucederam paulatinamente, o descentramento do meu olhar da sua “domesticação teórica”, o meu corpo de seu único repertório subjetivo existencial e a vida da invenção ficcional de um único possível enquanto real. Isso, de certo modo, fazia que as marcas sobre meu corpo me dissessem o tempo inteiro, que era momento de tomar coragem e “[...] descer até aquele lugar profundo de conhecimento dentro de si e tocar esse terror e ódio a qualquer diferença que vive lá. Veja de quem é a face que ele usa. Então, o pessoal enquanto político pode começar a iluminar todas as nossas escolhas” (LORDE, 2013, s/p.).

Indubitavelmente, algo se passou, nesse meu corpo desejante, corpo de uma masculinidade afetada, borrada e desestabilizada pelas indagações coextensivas entre minha identidade de homem-cis, bicha, psicólogo, pesquisador e as multidões que compõem minha própria humanidade. Talvez, essas inquietudes provocativas e provocadoras sobre meu corpo e minha identidade se deram, mediante os rastros teóricos e metodológicos que venho (per)seguindo há quase 12 anos. Talvez, as potencialidades e a inventividade de outros tantos corpos que ouvi, que esbarrei, que encontrei, afetaram intensamente este meu corpo, fazendo-o desejar ir além; quem sabe, além do que é familiar, dos rótulos, do seu único repertório subjetivo existencial e do seu lugar de privilégios.

Foram e são as provocações indisciplinadas dos textos marginais e das proposições transgressoras do arcabouço dos estudos e perspectivas *queers* que, a partir do meu primeiro contato, ainda na graduação em Psicologia, se tornaram meus prazeres intelectuais, deslocando minha existência, “despertando” meu corpo-vibrátil, fazendo-o oscilar, criando movimentos de atração e repulsa, misturas eróticas, sentimentais, estéticas, perceptivas, cognitivas... intensidades! Corpo este, sensível “[...] aos efeitos da agitada movimentação de fluxos ambientais que nos atravessam” (ROLNIK, 1996, p. 1), aberto ao acaso dos encontros, dos acontecimentos em suas muitas entradas e múltiplas saídas de (des)composição. Corpo tomado, tensionado pelos deslocamentos de leituras consideradas subalternas, menores no campo do conhecimento, e porque não dizer, até dentro da própria Psicologia; mas que, de alguma forma, me provocam a intuir, o que pode um corpo e o que pode uma teoria.

Contudo, confesso, “[...] não me seria possível abordar, mesmo que tangencialmente, as reflexões dos pensadores que se debruçaram sobre o tema. A alternativa que me resta é pinçar, cá e lá, fragmentos de ideias de alguns de seus autores” (FERNANDES, 2011, p. 45); até porque, outras vozes se fazem potência nesse meu caminhar. Creio que, por todas essas “interferências”, de amplitudes e frequências, ora de fluidez e, por vezes, estáticas, que

movimentam e (des)compõem rizomaticamente essa cartografia, que a escrita em si toma intencionalmente seu caráter performático, questionador, provocativo e subversivo a certos padrões.

É uma tentativa de criar pontes, passagens para a beleza delicada e forte da condição humana que, mesmo em estados de capturas e assujeitamentos, encontram nos terrenos mais sólidos e rígidos, fissuras que as levem por vias férteis para desabrocharem em direção a outros horizontes. Pois, como sinalizarei a seguir, tal investimento e aposta nessa escrita outra de saber-fazer pesquisa, fez-se pelos tensionamentos, silenciamentos e recusas agenciadas pelo meu encontro com os estudos e perspectivas *queer* e, principalmente, pelas vidas que se expressam desses seus entre-lugares.

1.1 Um falar com, ao invés de falar por: narrativas e experiências invadindo os corredores acadêmicos – uma bicha-docente na sala de aula

Como mencionado, de maneira sucinta, no início dessa escrita, meu contato com os estudos e perspectivas *queer* foi via academia, ainda no curso de graduação em Psicologia, por volta do ano de 2009. Comecei a dar os primeiros passos nesse trajeto de conhecimento e apropriação teórica-metodológica, mediante uma disciplina sobre diversidade sexual; foi nesse momento que tive meus primeiros encontros com textos de estudiosEs e pesquisadorIEs da então denominada teoria *queer*, pois foi assim que ela me foi apresentada, enquanto uma teoria. Alguns anos depois, já no mestrado, tive a oportunidade de trilhar outros caminhos e encontros com o *queer*, seja em disciplinas e cursos de extensão que apresentavam outras proposições e trabalhos desenvolvidos a partir das discussões e apropriações da termo *queer*, ou mediante um convívio mais próximo com a cultura LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, *Queers*, Interssexos, Assexuais...) nos corredores da Unesp e/ou na cidade de Assis/SP, na qual residi um ano como bolsista CAPES para a realização do mestrado no programa de pós-graduação em Psicologia.

Aos poucos fui me aproximando das epistemologias, das proposições e dos rastros subversivos e transgressores dessa tal perspectiva *queer*, onde me mostraram, durante esse percurso, que a sua emergência se relacionava, primeiramente, ao contexto social da década de 1980, nos EUA, o qual vivenciava, naquele momento, o advento do vírus do HIV/Aids “[...] associada a uma forte reação conservadora, e uma rápida associação com a população homossexual” (BENETTI, 2013, p. 19); onde em posicionamento reivindicatório de busca de direitos, surgiram alguns movimentos como o ACT-UP (*Aids Coalition to Unleash Power*) e o

Queer Nation que se manifestaram, levando às ruas estratégias ativistas que combateram as negligências do Estado norte-americano frente à epidemia do vírus e todas as formas de segregação e violências que os homossexuais sofreram em decorrência do fantasma do vírus ter sido associado restritamente aos circuitos homossexuais. Tais fatos organizaram estratégias, não somente de combate à homofobia e ao enfrentamento das agressões cometidas contra os homossexuais, mas também “[...] campanhas na mídia e nas artes subvertendo propaganda e imagens direitistas e homofóbicas” (SPARGO, 2006, p. 34).

Como estratégia de luta e resistência a tal cenário, houve uma apropriação radical e positivação do termo *queer* que, em inglês, significa “estranho, esquisito, excêntrico, etc.”. Uma vez revertida a polaridade dos termos utilizados pejorativamente nos discursos homofóbicos, tais como, “bicha, veado, sapatão, boiola”, o movimento homossexual passou a positivar o uso destes termos, orgulhando-se de suas práticas sexuais e de performances de gêneros dissidentes do padrão cisheteronormativo. Ou seja,

O *queer*, expressão de língua inglesa popularmente usada para desqualificar os sujeitos considerados anormais e abjetos demais para a vida pública, é politicamente apropriado como termo destinado ao questionamento das normas de sexo, gênero e desejo. Dispõe-se a negar as tecnologias de gestão dos corpos impostas socialmente. Seu potencial político deriva da apropriação crítica do próprio termo derrisório (FELIZARDO, 2015, p. 9).

Neste sentido, criaram-se alianças e estratégias de enfrentamento direto ao poder, linhas de combates singulares, estilos de confrontos a partir de práticas subalternas subversivas, que ao se posicionarem e se colocarem nas ruas, questionavam, denunciavam, tentando subverter e explodir os limites impostos sobre os corpos e seus desejos, colocando em xeque o caráter ficcional da cisheteronormatividade que determina a inteligibilidade dos corpos, mediante a coerência e naturalização do sistema sexo/gêneros/desejos/práticas sexuais. Inventavam-se, a partir das referências de lutas de alguns movimentos, como: movimento negro, movimento *hype*, do movimento feminista, formas de resistência política que lutavam para que as vidas florescessem, reivindicando emancipação, valorização e reconhecimento; pretendendo em suas alianças, uma vida que poderia ser vivível.

Por outro lado, diante deste cenário social, surge “[...] uma aliança (às vezes incômoda) de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito” (SALIH, 2017, p. 19). Além disso, uma proliferação de textos, livros e publicações científicas voltadas a problematizar, criticar e analisar as relações falocentradas, binárias e cisheteronormativas, partindo das

discussões e prerrogativas dos movimentos feministas contra a misoginia e a hierarquização/organização social das relações de gênero e dos movimentos homossexuais contra homofobia.

Tais movimentações e conexões entre militância, ativismos e produções científicas foram aos poucos se materializando, a partir de certas aproximações, flertes e diálogos entre o ativismo queer e a academia, pois alguns desses ativistas queers se encontravam presentes como pesquisadorIes em algumas instituições acadêmicas, impulsionando, assim, a organização de um novo campo de pesquisa e estudos, denominados, inicialmente, como: teoria queer ou estudos queer. Contudo, em se tratando da chegada e a apropriação do termo queer no Brasil, a mesma chega de forma outra, não pelos movimentos sociais e reivindicatórios da militância LGBTQIA+, mas via grupos e núcleos vinculados a instituições acadêmicas e/ou outros centros de estudos, no âmbito de disciplinas e pesquisas no ensino superior, apresentando uma grande proliferação de interesses em nosso país; construindo, às vezes, aproximações, diálogos e flertes de parcerias com a militância (BENETTI, 2013; LOURO, 2012).

Todavia, intencionalmente, não me debruçarei a uma extensa explicação e/ou descrição sobre o que são os estudos e perspectivas queer, até porque, já existem vários textos, pesquisas e livros produzidos com esse objetivo, sendo muitos deles citados e utilizados¹² na composição cartográfica que me propus aqui, proporcionando, assim, referenciais bibliográficos que possam também contribuir para outras investigações e interesses. Também, não me ateno agora a um aprofundamento detalhado dos conceitos e propostas teóricas que emergiram a partir dos estudos e perspectivas queers, mas arrisco, de imediato, embarcar nos dissensos, nas sensibilidades, nas indisciplinaridades, nos incômodos e nos efeitos de possíveis rupturas das apropriações de tais propostas subversivas de uma política/ética/estética queer.

Assim, fui percebendo, aos poucos, os diálogos que estavam emergindo entre a Psicologia (campo da minha atuação profissional), os movimentos sociais, raciais e sexuais, bem como, com os estudos e perspectivas queer, para ampliar as discussões de gênero que começavam a ser problematizadas e incorporadas por algumas abordagens da Psicologia Social, ao final do século XX, para pensar o gênero como um dos agenciadores dos processos de subjetivação. Ao mesmo tempo, colocava-se em cena ações políticas por parte de apoiadorEs e

¹² Butler (1990); De Lauretis (1991); Lugarinho (1999); Spargo (2006); Louro (2012); Teixeira-Filho et al. (2013); Peres et al. (2014); Felizardo (2015), etc. Algumas outras sugestões que foram fichadas, mas não foram utilizadas na cartografia: Warner, Michael, ed. (2011). *Fear of a queer planet: queer politics and social theory*. University of Minnesota Press; Butler, Judith (2020-04-03), "Critically Queer", *Playing with Fire: Queer Politics, Queer Theories*, Routledge, pp. 11–29; Jagose, Annamarie (1997). *Queer Theory: An Introduction*. United States: NYU Press. p. 1.

militantes do feminismo que, mediante suas críticas, ganhavam força e começavam também a incorporar a pauta de investigação da Psicologia Social. Incorporação que, até os dias atuais, gera desconforto, crítica e ruptura, pois “[...] as pesquisas em Psicologia Social no âmbito dos estudos de gênero, revelavam a estreita e tensa ligação entre academia e militância, entre ciência e política” (PERUCCHI, 2009, p. 4).

Nesta direção, estudiosos, pesquisadores e profissionais psi começam a flertar e criar aproximações com os estudos e perspectivas *queers* que, aos poucos, ganha espaço de discussão e diálogo, sendo utilizados e pensados em estágios supervisionados, projetos de extensão, disciplinas específicas de gêneros e sexualidades, grupos de estudos e pesquisa, na formação em Psicologia, com o intuito de aproximar as PsicoLOGIAS de um viés mais emancipatório e político das realidades. Ou seja, possibilitar uma leitura ‘psi’ que escape dos moldes biomédicos, essencializadores, binários e naturalizantes dos modos de existência que configuram o contexto social da atualidade. É uma tentativa de “[...] problematizar, a partir de referências pós-estruturalistas os paradigmas ossificados da Psicologia que não dão conta de produzir respostas às novas demandas sociais” (TEIXEIRA-FILHO, 2011, p. 49).

Mergulhado, de alguma forma, nesse contexto, pois me encontrava nos corredores acadêmicos, desenvolvendo minha pesquisa de mestrado, sentia-me instigado a uma implicação maior não somente com o universo da pesquisa e produção de conhecimento, mas com uma luta corporificada desejosa “[...] da Justiça de Gênero, da Justiça Social, da Justiça Racial, da Justiça Religiosa, da Justiça Erótica e da Justiça Científica, que se pretende realizar no processo alquímico entre conhecimento localizado, o sujeito pesquisador/a corpóreo e o compromisso” (MESSEDER, 2016, p. 248).

Assim, passados dois anos e meio, finalizo todo esse processo e retorno à minha cidade natal e presto concurso para docência no ensino superior na mesma universidade na qual me graduei. Mas, tinha clareza que o corpo que voltava não era mais o mesmo. Tratava-se de um corpo afetado pelos Estudos Culturais¹³, Estudos Subalternos¹⁴ e os Estudos *Queer*, que dentro da corrente pós-estruturalista incita reflexões e questionamentos sobre as concepções clássicas de “sujeito” e identidade, sobretudo aquelas que dizem respeito ao sistema

¹³Iniciou-se na “Inglaterra e Estados Unidos dos anos 1970\1980. Sendo um de seus objetivos refutar as diferenças entre alta cultura e cultura popular, buscando estudar os grupos e culturas subalternas” (BENETTI, 2013, p. 18).

¹⁴Linha de pensamento dentro dos Estudos Culturais que apresenta reflexões sobre a subalternidade, referindo-se àquelas que não eram audíveis no sistema capitalista (SPIVAK, 1988). Como expressa Pelúcio (2012, p. 399) os saberes subalternos buscam “prover outra gramática, outras epistemologias, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como ‘verdadeiras’”.

sexo/gênero/desejos/práticas sexuais (BUTLER, 1990). E, também, um corpo trabalhado por vivências potentes que deslocaram meu corpo para outros im/possíveis de vida.

Diante de todo esse mapa que vai paulatinamente desenhando a paisagem desse rizoma, destas conexões, aproximações e afetações da chegada do *queer* na minha vida, suas reverberações me seguiam antropofagicamente, provocando-me a ter coragem para me permitir rabiscar, rasgar, burlar, (des)dobrar a escrita da minha história, agora habitando o espaço instituído, não como ouvinte, mas como voz falante na formação em Psicologia. Desafio tamanho, visto que, dentro de todo arcabouço teórico-metodológico que aos poucos fui me apropriando para dar conta das inúmeras disciplinas que ministrava, tinha a aventura inquietante de trazer para sala de aula os estudos e perspectivas *queer* para pensar e problematizar os campos de atuação da Psicologia e outras possibilidades de intervenção que poderiam emergir mediante tais aproximações e diálogos.

Tal proposta da grade curricular do curso, dava-me certa liberdade de decidir o material teórico-didático que fundamentaria toda a disciplina e, sem pestanejar, quis trazer textos que abordassem as questões *queer* e que fossem provocativos. Afinal, como diz Deleuze (1968), pensar não é um exercício natural e banal, mas para pensarmos precisamos forçar/deslocar o pensamento para tal ato. Logo, eu queria tentar esse processo de cri(ação) de um território possível para pensar, escutar, olhar e sentir fora das nuvens tenebrosas da cisheteronormatividade, mediante um diálogo da teoria com as experiências de vidas que se (re)inventavam cotidianamente nas fronteiras e vizinhanças com o *queer*.

Foram dois anos de aprendizagem, de rupturas e novas construções, devido aos questionamentos e provocações de alunEs, ora discordando, ora sedentEs em saber mais a respeito, ora ignorando o que era apresentado. Aos poucos, então, fui percebendo a necessidade de trazer experiências que pudessem sinalizar pistas de outras realidades im/possíveis de ser/estar no mundo, bem como apresentar os processos de subjetivação que criam rupturas à moral capitalista neoliberal de anestesiamientos e abuso da vida. E foi aí, nesse instante, que a proposta dessa cartografia se insurgiu no meu corpo como golpe violento de campos intensivos de força que deslocaram naquele momento meu pensamento a pensar.

Tal golpe foi inesperado, por circunstâncias advindas dos efeitos causados por apresentar em sala de aula, vozes e corpos *queers* que

[...] não aguentam mais esses lugares demarcadores de linguagens, enunciados forçados enterrando palavras de ordem feito estacas, lugares que estriam sobre o corpo esteticismo éticos, reduzem suas forças, alienam seus possíveis, castram-no, assopram o buraco da ferida e distribuem pasto comprado para se

comer. Há corpos famintos das areias do deserto, há corpos brilhantes, grãos indiscerníveis, que, em se tratando dessa ética, não querem saber de nada disso, mas justo porque não se encontram atados a ninguém (ALCANTARA, 2011, p. 11-12).

Vidas essas que, naquele instante, percebi no corpo e na vida, não tem a permissão de ocuparem os corredores científicos-intelectuais das instâncias acadêmicas. Não podem performar suas experiências transgressoras, subversivas e, muito menos, transitar pelos lugares hegemônicos de certa moral-religiosa cristã que aprisiona com suas ardilosas garras a própria produção e disseminação de conhecimento, mesmo aquela produção que busca criar rupturas e subversão a tais regimes vigentes detentores de uma suposta verdade.

Percebi, assim, não de maneira generalizada, mas situada da minha experiência, que há muito mais foco em dizer o que é e não é queer, em problematizar as proposições e análises desses estudos de maneira generalizada, do que corroborar com a visibilidade intempestiva e ética dos corpos que, interseccionalmente, deslocam as margens do im/possível, borrando as fronteiras de seus corpos, ao narrar uma presença encarnada das diferenças que a todo instante é colocada para fora.

Visto que, ao trazer esses corpos e suas narrativas, mesmo que de maneira virtual (documentários) para quem sabe sinalizar aos discentes psi o cotidiano dessas vidas, diante das inquietudes trazidas para sala de aula, como: *“Estes sujeitos que vivem ou procuram viver essa identidade não fixada em padrões referenciais de vida, eles não sofrem por escolherem viver assim? E se ao nascer, as crianças forem “criadas”/educadas para serem o que quiserem, elas não irão se perder por não terem uma referência para seguir, para se espelhar?”*; tal gesto de implicação ética/política/estética de não apagamento dessas experiências e de suas histórias, seja esse de apresentar as narrativas em sala de aula e/ou esse mesmo posicionamento de enfrentamento e denúncia aos abusos da vida nas minhas redes sociais, culminaram, ao final, na minha demissão desse espaço.

Foi diante desse cenário de acontecimentos e rupturas que, na experiência de vivenciar profundamente o inesperado da vida, ao mesmo tempo, os efeitos de meu atrevimento em levar esses corpos à sala de aula que fui instigado a pensar nessa cartografia; trazer os relatos de corpos de homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos queers, a partir das suas experiências situadas em terras brasileiras reconhecendo, de alguma forma, suas vozes contestatórias que se colocam como rupturas/brechas frente às subalternidades, dominações e colonização das subjetividades e por que não dizer também dos saberes psicológicos, já que não apresentam certo “visto academicista” para transitar nesses lugares.

Portanto, depois do choque inicial, deixei que o golpe ativo da vida reverberasse em todo meu corpo que me fazia pensar nas palavras provocativas da filósofa Márcia Tiburi, em sua fala no I Seminário *Queer: Cultura e Subversões das Identidades* (2015), ao falar sobre gênero e sexualidade: “[...] O que podemos fazer com algo como a teoria queer, se não for o caso de apenas comprá-la no mundo mix acadêmico? [...] O que pode um corpo e o que pode uma teoria? ”¹⁵. Ao mesmo tempo que deixei o incomodado provocativo de Jota Mombaça, inundar minhas entranhas de bicha psi, com o vomitar performático das suas palavras encarnadas, potentes e transgressoras:

Esse queer forjado por meio de artigos científicos e teses de doutoramento, ainda que se rebele parcialmente contra os enquadramentos teóricos hegemônicos, não consegue escapar completamente das modulações do campo que o envolve: como evento acadêmico, queer articula sua rede de sujeitos objetificados, projeta seu arcabouço de ficções teóricas e formula suas próprias analíticas socioantropológicas, históricas e estéticas, projetando sobre o aqui-agora das relações de gênero e sexualidade um vocabulário novo, repleto de taxonomias autoproclamadas as mais corretas para lidar com os fenômenos da dissidência corpo-política nos trópicos – Para desaprender o Queer dos Trópicos: Desmontando a Caravela Queer.¹⁶

Decidi, então, abrir-me ao inesperado, incerto, conflituoso de uma recusa ao apagamento dessas vidas e suas múltiplas experiências. Apostando, assim, na potência dos encontros que se mostravam à minha frente inquietantemente, pois era certo, não queria mais falar por tais experiências a partir unicamente de um arcabouço teórico-metodológico, que tem sua validade, mas não contempla de maneira encarnada as violências, as agressões, as lutas, as resistências, os silenciamentos, as invisibilidades, a morte subjetiva e até física de tais corpos, por recusarem-se a ser cúmplices desse sistema capitalista cisheteronormativo neoliberal.

Foi uma decisão ética de vida, que tomei a partir dos fatos narrados, de me recusar ao silêncio e a certa cumplicidade em falar por essas experiências, apagando, muitas vezes, suas narrativas singulares que, aos poucos, agenciavam em mim a coragem de subverter a minha própria história. Mas, onde estariam estas vidas? Que histórias poderiam e estariam dispostas a me contar? Sendo o mais importante, como trazê-las comigo sem objetificá-las? Por isso, senti, aos poucos, a necessidade de colocar o meu próprio corpo nesses entre-lugares, deixando a teoria em segundo, terceiro plano, para transitar por outros lugares em um convite à indisciplina

¹⁵Essa mesa de diálogos se encontra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h1D9RvV64ds&fbclid=IwAR02gDnPdsa6ZBcmLGLZnJMAhPsFdmEOQI0SRt1QpuhPVJ4IlxAX6I4cscY>

¹⁶Texto disponibilizado na homepage do [SSEX BBOX] Brasil. Disponível em: <http://www.ssexbbox.com/2016/08/para-desaprender-o-queer-dos-tropicos-desmontando-a-caravela-queer/>

(deixando a disciplina/teoria de lado), permitindo-me, tatear ações de um exercício sensível de investimento de/na vida na construção de zonas fronteiriças de um aberto ao mundo, um corpo-experiência.

Corpo este “[...] com a coragem de fazer-se outro, de criar-se a si mesmo sobre outro umbral de sensibilidade e intensidade. Corpo reconstruído, em processo de fazer-se, desfazer-se e refazer-se” (PARPINELLI, 2015, p.129), tecendo nele e por ele, outras alianças, outras vizinhanças, outros territórios sensíveis para aventurar-me nesse desafio, de apresentar narrativas de homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos *queers* no contexto brasileiro, permitindo que as inquietudes provocadas pelo meu encontro com os estudos e perspectivas *queer*, bem como as provocações que vivi em sala de aula e seus efeitos se instalasse e produzisse “[...] microvariações nas linhas que me constituem por dentro e por fora, microvariações em meus campos de experiência e sensação (Ibidem, p. 46).

Nessa aposta inventiva de (cri)ação, que senti necessária para construção do desenho dessa cartografia, tento encontrar lugar favorável para criar, performar e cartografar os efeitos do meu encontrar com as vidas que comporiam esse saber-fazer pesquisa que já acontecia na tessitura do desejo intensivo que me invadia e me tomava, enquanto im/possíveis abundâncias do viver. Ganho, portanto, a coragem para seguir em descontinuidades, deixando (trans)bordar-me os estranhamentos de uma escrita outra da minha narrativa que reverbera intensivamente, a escrita que produzo aqui-agora para dar linguagem às linhas de afetações agenciadas nessa/por essa cartografia; na aposta atrevida de trazer para o lugar que habito/transito, as vozes e os corpos *queers* para falarem comigo e não mais ser “detentor” de uma única fala “possível” e audível na produção e disseminação de conhecimento alicerçado em um didatismo desencarnado e esvaziado.

Para tanto, precisava de aliadEs, de companhias implicadas nesse processo de liberação de outras sensibilidades, de outra escuta, de outra percepção de si e do mundo, que se recusassem a seguir os moldes padronizados de saber-fazer pesquisa. Era momento, de jogar fora os manuais e investir em outros gestos do “inadequar-se” na produção de conhecimento e dar-se a chance de habitar os entre-lugares interessantes de uma intelectualidade subversiva e absurda (HALBERSTAM, 2020).

1.2 Abandonando os manuais em suas fórmulas/forma/fôrma: apostando em outras companhias

Creio que no aqui-agora dessa cartografia, encontro-me, se posso assim afirmar, em meio a um conflito, em descrever/apresentar ou não o caminho metodológico que decidi adotar como companhia para esse meu aventurar, pois pode parecer contraproducente às dimensões éticas/políticas/estéticas da feitura dessa tese, até mesmo chato e desnecessário frente às intensidades das experiências potentes e criadoras das histórias de vidas que nas suas singularidades ativam o sensível do nosso corpo-vibrátil, dando passagem a novas relações com o mundo.

Contudo, penso que ao sinalizar tal empreitada, estarei ao mesmo tempo implicando-me na construção de outros caminhos de um saber-fazer pesquisa que, muitas vezes, não se é considerado como possível e ignorado pela ciência moderna capitalista neoliberal que forjou a neutralidade em prol de um ideal de universal; além, de situar no atual presente, as im/possíveis alianças e aproximações com ferramentas teóricas-metodológicas que apresentam em seu devir ético e estético, provocações e diálogos que rompem com essa visão heterocentrada, falocêntrica, normativa e colonizadora do conhecimento em um processo de apagamento de outras epistemologias, metodologias e éticas de investigação que deflagram a expropriação da vida e sinalizam pistas de aberturas para outros campos de acesso à potência da criação da própria experiência subjetiva.

Neste sentido, ao trazer aqui a aliança que fiz com as ferramentas metodológicas nessa cartografia, também assumo não compactuar com o uso de linguagens, expressões, conceitos e ferramentas que retroalimentem o sistema capitalista neoliberal e suas estratégias cisheteronormativas de encapsulamento das vidas, mas ousar encontrar outros meios/ferramentas/instrumentos menos interesseiros e mais interessantes para não me deixar capturar, quem sabe, pelos esquemas hegemônicos e universais de pesquisa, pois só assim, poderia “[...] constituir uma estratégia metodológica gerativa, processual, com o maior número possível de variáveis abertas” (MOMBAÇA, 2016, p. 342), já que tenho clareza que, utilizar as mesmas ferramentas e estratégias do poder não irão dismantelar e anular suas ardilosas artimanhas. Podem permitir, quem sabe, ganhar temporariamente, mas nunca possibilitaram uma mudança autêntica (LORDE, 2013).

Aceitar esse risco próprio desse processo, pois se trata de uma maneira ou de outra, de um relatório de pesquisa (tese), é reconhecer os limites que ainda me deparo de negociação e renegociação com esse lugar que me encontro vinculado para elaboração dessa investigação,

que do meu ponto de vista se torna mais profícuo e intenso tentar ser indisciplinado e desleal às suas normas convencionais, do que excluir os saberes institucionais sem aproveitar a oportunidade de *hackeá-los* para fazer passar os dissensos e seus ruídos até então ignorados.

Por sua vez, a partir da percepção de que os fenômenos/paisagens psicossociais dessa pesquisa se desenham em direções múltiplas e em constante movimento e mutação, decido criar rizomas ao invés de arborescências¹⁷, sendo desleal às lealdades bestiais das fórmulas/forma/fôrma. Nessa tentativa de (re)invenções, faço pontes e conexões com estratégias e perspectivas que, nesse momento, considero interessantes e profícuas na desinstitucionalização das práticas instituídas como único caminho validado para a produção de conhecimento, para quem sabe, então, consiga apresentar experiências de vidas nas suas intensidades e singularidades, indo contra lógicas interpretativas que propiciam, por vezes, que tais experimentações e vivências dissidentes ainda permaneçam como corpos não permitidos a ocupação de alguns espaços.

Com essa intencionalidade, propus seguir as pistas entre interlocuções da dimensão processual da Pesquisa Cartográfica e os Estudos e Perspectivas Quæers, por acreditar na potência que tal diálogo tem em criar linhas de vizinhança com a postura ética e política das vidas que aqui serão apresentadas, como também, com o ato ético/político/estético que assumo ao mergulhar nesses territórios de experiências; visto que “[...] a escolha de um método não é apenas uma questão epistemológica, mas também ética e política” (KASTRUP e PASSOS, 2013, p. 403).

Logo, partindo da não existência de uma essência fundadora das coisas e de uma crença na possibilidade de criar abertura para formação de contra-condutas inventivas que pedem passagem, penso que uma das grandes contribuições entre essas interlocuções e bricolagens tem seu contágio recíproco na desconstrução de realidades dadas, de conceitos preestabelecidos, de nomeações estanques e delimitadoras de outras possibilidades de perceber e viver os acontecimentos, as identidades e suas diferenças.

Em tal proposta, a cartografia possibilita acompanhar os processos em uma indissociabilidade entre a transformação e o conhecimento, tanto do pesquisador/analista quanto das realidades, mediante uma perspectiva de pesquisa-intervenção que não se constrói por regras prontas e nem de modo prescritivo, mas por uma pesquisa que se faz sem

¹⁷Segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari, o sistema arborescente se configura por um sistema formas estruturadas, centradas e hierarquizadas, ou seja, “Os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significância e de subjetivação, autômatos centrais como memórias organizadas. Acontece que os modelos correspondentes são tais que um elemento só recebe suas informações de uma unidade superior e uma atribuição subjetiva de ligações preestabelecidas” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 25).

distanciamento e que se encontra “[...] mergulhada na experiência coletiva em que tudo e todos são implicados” (PASSOS e BARROS, 2015, p. 19). É a criação de outras estéticas de pesquisa, de “partilha do sensível”¹⁸ que vai se materializando em suas processualidades e movimentos, (re)construindo-se ao mesmo momento que vão acontecendo; por isso não pauta-se em relações de semelhanças e nem tampouco identitárias, muito menos tem a pretensão de desvelar o que já estaria posto como realidade preexistente.

Guiiei-me, assim, pelo campo das sensibilidades provocadas nos encontros das vidas que ali se colocavam em processo e sintonia no plano de forças de afetos e afetações, aquém às fórmulas/formas/fôrmis estáveis; pois o cartógrafo é aquele que nos entre-lugares da pesquisa busca estratégias que sustentem “[...] a vida em seu movimento de expansão” (ROLNIK, 2016, p. 70); onde a abertura para elaboração dos relatos de si são elementos de (des)construção de sentidos e identidades, remetendo, por fim, “[...] à política de escrita da pesquisa e ao compromisso ético das ações locais que ela poderá doravante sustentar, concorrendo para a criação de um mundo comum e heterogêneo” (KASTRUP e PASSOS, 2013, p. 277).

Segui, portanto, construindo conexões e pontes necessárias, pois tendo em conta o intuito da tese em apresentar as experiências de corpos de cis-homens que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos queers no contexto brasileiro, a prática da pesquisa cartográfica possibilitou em sua dimensão ética/política/estética, a (cri)ação de estratégias e linguagens múltiplas e as mais variadas, que corroboraram para dar linguagem às dinâmicas dos fluxos-movimentos que se efetuaram e que se inscreveram no próprio ato de pesquisar. Por isso, não segui nenhuma espécie de protocolo normalizado, normatizado e estruturado; decidi ir pelo caminho do rigor, da atenção atenta às mutações da/na cartografia, de abertura a tal sensibilidade.

Doravante, a pesquisa cartográfica foi e é um experimentar, tanto no processo de pesquisar como no seu registro, pois os mesmos são agenciados por fluxos que “[...] ora secam, ora congelam ou transbordam, ora se conjugam ou se afastam” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.60), que ao operar na tecedura do plano de imanência do desejo¹⁹, a cartografia não coletou

¹⁸Jacques Rancière apresenta o conceito de “partilha do sensível”, ao se referir ao limiar entre política e estética, no que tange a importância das maneiras de fazer procedimentos, atividades, etc; onde o autor afirma que a partilha do sensível diz respeito a um “[...] sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas” (RANCIÈRE, 2005, p. 15).

¹⁹ Deleuze e Guattari (1992) conceituam o plano de imanência, sendo: [...] o mais íntimo no pensamento, todavia o fora absoluto. Um fora mais longínquo que todo mundo exterior, porque ele é um dentro mais profundo que todo dentro interior: é a imanência, “a intimidade como fora, o exterior tornado intrusão que sufoca e a inversão de um outro (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p.79). Ou seja, é o movimento da vida e suas vivências, o próprio movimento de desterritorialização, acontecimento constante.

dados a serem analisados – no sentido de interpretá-los – acompanhou redes coletivas de sensibilidades, traços e/ou linhas que compuseram esse mesmo plano na sua transversalidade e atualização (PASSOS e BARROS, 2009).

Creio, então, que a implicação ética da pesquisa cartográfica, corrobora com a intencionalidade ética/política/estética dessa expedição, isso porque, ao possibilitar “[...] as novas linguagens em função daquilo que pede o contexto em que se encontra” (SILVA, 2018, p. 39), a pesquisa cartográfica na sua elaboração/acontecimento favorece o encontro com as zonas de intensidades, que pode ser uma imagem, uma citação, uma provocação ou um excerto; nos lançando ao que escapa, ao que pulsa, ou seja, à diferença se afirmando enquanto potência. Uma grande riqueza de detalhes e sensibilidades que não estão dissociadas umas das outras, muito pelo contrário, são (dis)posições fronteiriças das zonas de forças que a cartografia possibilita mapear, enquanto proposta de ferramenta metodológica-inventiva.

Cabe dizer, que ao apostar na cartografia como “ferramenta-processo-criação” de investigação, em consonância com os estudos que me propus acompanhar, estudos e perspectivas *queers*, criam-se espaços de aparecimento que atribuem significativamente elementos para (re)pensarmos a importância das vozes e experiências não autorizadas e não legitimadas pelos estratagemas de saber/poder, encontrando e forjando ao mesmo tempo, um conjunto de alianças e ligações que ousam contrabandear vitalidades, afetos e informações situadas das paisagens psicossociais e seus modos de subjetivação em suas singularidades. Assim, nessa tentativa indisciplinar metodológica, apostei, ao longo da tese, na (cri)ação e compartilhamento de elementos díspares (imagens, tipografias, mapa rizomático, fotografias, linguagens, diários, blogs, plataformas, catálogo, *QR code*...) que de algum modo propiciassem acesso ao gesto ético/político/estético embrionário de invenção e abertura as linhas-fluxos dessa cartografia, pois,

Seja qual for esse algo, o que conta é que ele carregue consigo a pulsão intensiva dos novos modos de ver e sentir – que se produziram na teia de relações entre os corpos e que habitam cada um deles singularmente –, de modo a torná-los sensíveis. Em outras palavras, o que importa é transduzir o afeto ou emoção vital, com suas respectivas qualidades intensivas, em uma experiência sensível – seja pela via do gesto, da palavra etc. –, e que esta se inscreva na superfície do mundo, gerando desvios em sua arquitetura atual (ROLNIK, 2019, p. 61).

Nessa ótica, servi-me do recurso de relatos de histórias de vidas produzidas pelo manejo cartográfico de entrevistas²⁰, que se tornaram, ao longo do processo, ferramentas/meios de acompanhar as marcas das experiências cotidianas de corpos de homens-cis que se percebem e/ou se nomeiam enquanto *queers*. Entrevistas estas que possibilitaram colocar em discussão, as formas como *outrE* é constituídE e percebídE, onde a “[...] diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito” (LOURO, 2001, p. 550); de maneira a friccionar os silenciamentos e recusas de outras possibilidades de produção de saberes que deflagram os lugares hegemônicos *cisheteronormativos* da produção de conhecimento, reconhecendo, assim, o emaranhado de corpos e vozes que de maneira colaborativa e coletiva, acionam e provocam implicações éticas/políticas/estéticas de se saber-fazer pesquisa.

Nessa direção, questões norteadoras (Anexo 01) foram elaboradas, servindo como fio disparador no processo de montagem, realização e manejo das entrevistas como experiências compartilhadas, pois as mesmas apresentam caráter semi-estruturado e característica colaborativa, visando, assim, o engajamento dos *colaboradores* e o protagonismo dos relatos. Nesse sentido, “[...] dizemos que a entrevista não é um procedimento para coleta de dados, mas sim para a “colheita” de relatos que ela mesma cultiva. Portanto, o diálogo precisa ser modulado, manejado atentamente (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 307).

Por fim, movido por esses direcionamentos, ao transitar e habitar os territórios da pesquisa os quais apresentarei a seguir, realizei ao longo do percurso, 10 entrevistas que, posteriormente, passaram por dois processos específicos: processo de transcrição e textualização; onde as transcrições objetivaram a passagem da gravação na sua íntegra, sendo encaminhadas, posteriormente, para seus respectivos narradores, de forma a colaborarem com a feitura da fidedignidade da mesma, por meio de inserções e/ou exclusões de conteúdos e falas que considerassem pertinentes para seus relatos e a textualização no processo de retirada de pausas, vícios de linguagem para tornar a leitura mais fluida e dinâmica.

Por acreditar que a pesquisa, principalmente, a pesquisa cartográfica, tem como prerrogativa um afetar e ser afetado, apostei na invenção de im/possíveis saídas de um lugar de saber-fazer pesquisa e escrita, mesmo em se tratando de uma pesquisa acadêmica de

²⁰ Para Tedesco; Sade; Caliman (2013), ao abordarem a entrevista na pesquisa cartográfica, afirmam que não existe uma entrevista cartográfica, mas sim uma maneira de manusear cartograficamente a entrevista. Pois, “[...] a eficácia da entrevista na pesquisa dos processos está estreitamente ligada ao “*ethos* cartográfico” que seria praticado, não apenas na entrevista, mas em toda a pesquisa, desde a construção inicial do campo problemático à narrativa utilizada no relatório final” (p. 301).

doutoramento, com suas exigências e regras normativas; pois os cruzamentos dessa cartografia provocaram em mim desestabilizações do lugar que agora ocupo enquanto pesquisador/narrador dessa investigação e desse campo que atuo. Ousaria afirmar, portanto que, ao longo do caminho, fui percebendo que não existia dados a serem construídos, categorizados e analisados, dentro dos moldes dos paradigmas científicos hegemônicos; o que havia intensivamente eram experiências encarnadas que tentavam não se deixarem capturar, por mais um, de tantos outros esquemas de pesquisas e estudos que os viam como meros objetos de investigação. Mesmo tendo convicção de que essa nunca foi a intenção dessa tese e muito menos, da minha pessoa em particular, senti-me, por vezes, neutralizado diante dessas (re)existências.

Portanto, são nesses deslocamentos e dobras, ao qual me encontrei, que, então, busquei rastros, pistas, vozes e elementos, etc., que corroborassem nesse exercício de invenção e sensibilidade, pois já nos lembrava Judith Butler (2018, p. 79) que o “[...] termo queer não designa identidade, mas aliança, e é bom termo para ser invocado quando fazemos alianças difíceis e imprevisíveis na luta por justiça social, política e economia”; e aqui, nesse caso específico, por vidas e corpos que tensionam narrativa-performaticamente os seus não-lugares, mediante uma ética contestatória da cisheteronormatividade, bem como do caráter denso e fixo das metodologias acadêmicas “[...]que no permiten, ni com mucho esfuerzo, pervertir esas lógicas anquilosadas que performan la validez, científica o institucional, a partir de la repetición” (ROJAS, 2012, p. 1).

Em um movimento de montagem e desmontagem, dos im/possíveis meios de “análise”, desenhei caminhos que possibilitariam acessar as múltiplas experiências contadas, a partir do campo de afetações que estas experiências provocavam ética/política/esteticamente em meu corpo, fazendo-o vibrar enquanto corpo dissidente e desejante. Adotei critérios de uma prática-pesquisa de me deixar acontecer e afetar pelos territórios da pesquisa e por esses relatos narrados pelos colaboradores em nossas entrevistas, com intuito de apresentar, de maneira situada, os movimentos das linhas-fluxos de forças que emergiam intempestivamente nesses encontros e acontecimentos, ao revisitar suas histórias, para quem sabe dar linguagem para as inquietudes, provocações, desconcertos, rupturas, dissensos e/ou para as capturas que se materializavam nesse coletivo de forças.

Nesses sentido, seria um grande equívoco da minha parte, considerar apenas o dito nas entrevistas pelos colaboradores protagonistas dessa cartografia no espaço-tempo que foram realizadas, como “único” meio de perceber seus modos de subjetivação/singularização, sem levar em consideração o conjunto dos enunciados situados, dentro da atual geografia do

presente, em relação às discussões e problematizações que abarcam a temática referida nessa cartografia; que, sem sombras de dúvidas, possibilitaram ou não, as falas proferidas nas dez entrevistas que compõem o campo rizomático dessa investigação. Afinal, como já dizia Michel Foucault (1996), todo discurso é desprovido de neutralidade, pois o mesmo tem sempre sua objetividade e funcionalidade, agenciando, assim, efeitos e sentidos nos modos de vidas, ou seja, encontram-se, constantemente, produzindo modos de existência.

Nessa tentativa de operar ampliações no/do mundo e, porque não dizer, do/no estatuto da própria escrita-pesquisa, ousei provocativamente também criar alianças teóricas-conceituais que me fizessem companhia e me guiassem nesse percurso, sendo, em sua maioria, referências/ferramentas bibliográficas que, em um momento ou outro da minha vida, excitaram meu desejo a desbravar outras im/possibilidades de existência, sendo algumas delas, a Filosofia, Antropologia, Sociologia e a própria Psicologia. Logo, meu diálogo se faz com autorIEs da Filosofia da Diferença, com feministas/antropólogas pós-estruturalistas e outrEs pesquisadorIEs nacionais e estrangeirEs dos estudos e perspectivas quæers e da Psicologia; ao mesmo tempo que “*hackeando*” tantos outros espaços e plataformas de informações, atrevo a reconhecer e privilegiar vozes até, então, não legitimadas. Nessas companhias, um tanto quanto, clandestinas...me lancei sem vacilar.

Não estou sozinho e não me coloco sozinho, mesmo que seja eu, o corpo aqui e agora permitido, a falar, a pensar e a escrever; porém, o corpo aqui “emprestado” para esse processo, traz consigo as multidões das narrativas de outros corpos que, por vezes, não são autorizados a falar e/ou se fazerem presentes em determinados espaços e, porque não dizer, dentro da própria academia. Por isso, não me atrevo a considerá-los como meros “objetos da pesquisa”.

Não ousou chamá-los de simples participantes da pesquisa. Isso porque, eles não buscam ser assimilados e reconhecidos desse lugar, preferem escorregar pelas bordas dos moldes estáveis dos paradigmas científicos dominantes e suas categorias; querem sim, contrabandear vitalidades, afetos, contra-condutas indisciplinadas errantes por onde transitam e habitam. Ouso chamá-los, então, de colaboradores, já que no processo de construção das entrevistas/relatos, contribuíram diretamente na sua reedição de suas entrevistas, para manterem sua fidedignidade e detalhes; pois, sem sombra de dúvidas, seus relatos são os disparadores dessa cartografia.

De forma alguma, essa postura que tomo ao tecer essas linhas, aqui e agora, não é de desmerecimento e desqualificação desses corpos e suas existências, muito pelo contrário, é uma tentativa de inventar outras éticas da percepção/sensação e de exterioridades que subvertam os jogos de interesses intelectuais, de nomear e produzir inscrições racionais sobre/para os corpos. Tentativa implicada em privilegiar experiências e vozes não legitimadas, “[...] hackeando os

tímpanos da escuta científica para fazer passar, por eles, ruídos até então ignorados” (MOMBAÇA, 2016, p. 345).

É nessa encruzilhada que me coloco e me encontro, forçando o pensamento a pensar, de maneira a não generalizar, e muito menos interpretar, encontrando brechas para inventar estratégias, quiçá antimétodos, que minimamente rompam com essa lógica dominante da própria produção de conhecimento, que necessita de respaldo e certa autoridade teórico-metodológica, para ser considerada interessante, fidedigna, quando não, aprovada como uma suposta verdade sobre determinada realidade.

Uma vez que, penso ser de extrema relevância, mostrar mesmo que suscintamente, os rastros desse percurso, já que não tenho a intenção e nem a pretensão de nessa tese e/ou em outro lugar, dizer e/ou nomear o que pode e não pode ser considerado, menos ou mais *queer*, pelo contrário, ousou buscar linguagens para compartilhar experiências, na tentativa de dar ouvidos e maior visibilidade às vozes e expressividades dos corpos que transitam por esses entre-lugares, provocados por essa perspectiva e suas afetações.

Portanto, recorro à apropriação e expropriação de estratégias éticas/políticas/estéticas que possibilitem narrar os fluxos, seus movimentos, suas sensibilidades micropolíticas contadas por experiências encarnadas; servindo-me, assim, nessa expedição “científica”, das mais diversas fontes e operadores conceituais “[...] incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas”(ROLNIK, 2016, p. 65), que funcionem nesse momento situado, como canais im/possíveis de efetuação, expressão e manifestação de outros possíveis. É um exercício processual de responsabilidade e comprometimento que assumo, frente às violências não somente de caráter social, mas também teóricas e acadêmicas, que mesmo não resultando em atos violentos, acabam se tornando cúmplices da objetificação dos corpos e decaimento do desejo enquanto potência de acontecer.

Apostando, portanto, nas aberturas inesperadas da investigação cartográfica, o desenho dessa tese se dá em cinco *pARTEs*, sendo estas, possibilidades para tantas outras entradas e saídas, para outros encontros e (des)conexões; onde discorri aqui nessa primeira *pARTE*, o meu despir-se frente às paisagens psicossociais que se colocaram à minha frente, enquanto pesquisador-cartógrafo, agenciando, assim, outras escritas sobre/para meu corpo e, conseqüentemente, para a escrita dessa tese; bem como meu encontro inicial com os estudos e perspectivas *queer*, seus efeitos no meu corpo e, também, minha história, além das companhias que elegi para me acompanhar ao longo desse processo de investigação. Nas *pARTEs* que se sucedem, apresento na segunda *pARTE* desse mapeamento, uma cartografia preliminar em forma de quatro diários, onde narro meu encontro com os universos *queer* dessa pesquisa

(Catálogo Performance *Queer*, a Cidade *Queer* e o Projeto *Queer*), que culminaram em inquietações e provocações que, indubitavelmente, levaram meu corpo a lançar-se no campo intempestivo da experiência do sensível, de abertura para outros mundos e que, posteriormente, me propiciaram encontrar os 10 colaboradores protagonistas dessa tese.

Seguidamente, na terceira **pARTE** desse aventurar-se, apresento os colaboradores protagonistas dessa pesquisa, a partir dos encontros presenciais e virtuais que possibilitaram a elaboração dos relatos produzidos pelas experiências cotidianas de corpos de homens-cis que se experimentam e/ou se nomeiam enquanto corpos *queers* no cenário brasileiro, mediante questões norteadoras (Anexo 01) que orientaram a condução das entrevistas semiestruturadas. Dou continuidade, ensaiando o reconhecimento das linhas rizomáticas que esses coletivos de forças promoveram, enquanto efeito (afetação) no meu corpo-cartógrafo, inaugurando a partir daí os traços-fluxos desse mapa cartográfico, na tentativa, quem sabe, de sinalizar pistas que ajudem a ampliar a percepção, no que as experiências desses corpos têm a nos dizer do/no contemporâneo mediante suas experiências, sendo criada, assim, a quarta **pARTE** dessa cartografia, mediante a pergunta gerativa desse mapeamento: “*Que outros modos de existência as narrativas queers afirmam e efetuam enquanto im/possíveis na contemporaneidade?*”, que corroboram com o objetivo geral dessa tese de cartografar as experiências cotidianas de corpos de homens-cis que se experimentam e/ou se nomeiam enquanto corpos *queers* no cenário brasileiro.

Por fim, mas com aberturas para outras múltiplas saídas e desfechos, apresento, na quinta **pARTE**, as considerações sobre todo esse aventurar-me, sinalizando apenas o fim de uma escrita, que tinha datas e prazos pré-estabelecidos. Porém, o campo de afetações e sensibilizações desse caminhar continua pedindo para serem escritos na/pela vida que, não se encerra aqui, mas que intensa e, exaustivamente, pede passagem. Fica, então, um convite gentil e atrevido: dispa-se! Tenha apenas um olhar atento e as entranhas abertas para absorver os detalhes, as brisas, os cansaços, as velocidades, as pausas e as incertezas desses fenômenos psicossociais que se colocaram à frente...quem sabe o inesperado aconteça.



TRANSGRESSOR

2. ENTRE ESTRANHEZAS, MOVIMENTOS E APOSTAS: RASTROS DE UMA CARTOGRAFIA EM DEVIR

O que procuro aqui é narrar as paisagens psicossociais desse rizoma, que em seus movimentos de ir e vir, deslocamentos, atravessamentos e fluxos, desenham-se como um mapa em/na vida, rabiscando, rasgando, dobrando e desdobrando em atos, interações, gestos e relacionamentos, os modos de me inscrever e escrever (n)esse processo. Trata-se, portanto, nessa *PARTE* de “[...] uma “escritura-performativa”, indisciplinar, por ser uma estrutura mais dinâmica e menos rígida, embora não descompromissada...” (LÍRIO, 2020, p. 25), pois se faz como cartografia “preliminar”, como “porta-aberta” para os encontros com as narrativas e das afetações que emergem dos diálogos e (des)conexões entre teorias, pesquisa e sensibilidades e que, sem sombras de dúvidas, marcaram e marcam meu corpo... e, por isso, aciono no aqui-agora, as experiências desses (des)caminhos com a intenção de que outres possam me acompanhar aos universos *queers* dessa experiência.

2.1 Diário um – o Projeto *Queer* e suas inusitadas subversões/afetações sobre meu corpo²¹

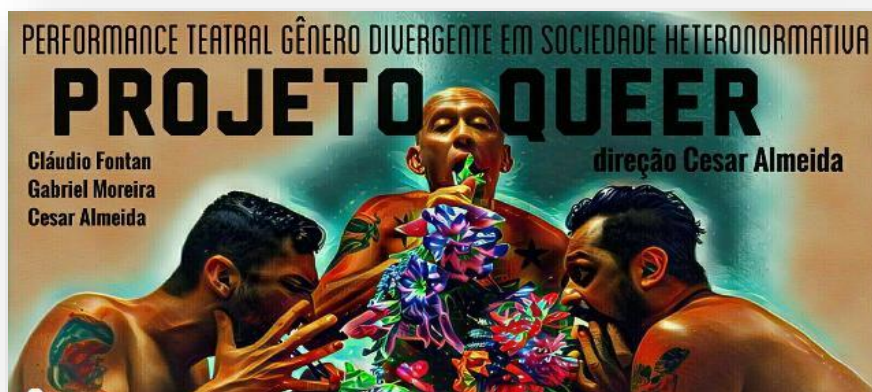


Fig. 01 – Imagem do Cartaz virtual de divulgação do Projeto *Queer*

O caminhar errante e nômade pelo qual me pus, tem início no *hall* de espera do mini auditório do Teatro Guaíra, na cidade de Curitiba-PR. É noite de espetáculo! Antes mesmo das cortinas se abrirem, um corpo se coloca em meio ao público, pedindo que não entrem, pois, a entrada naquele espaço, também será uma experimentação. Entrar e tomar seus lugares não é

²¹ A experiência aqui narrada, juntamente com diálogos e apropriações teóricas, se configurou posteriormente em capítulo de livro, presente na obra “*O Teatro Rainha de 2 Cabeças*” publicado pelo idealizador e diretor do Projeto Queer, César Almeida em 2019.

uma mera “escolha” de cada pessoa que veio naquela noite de 20 de agosto de 2018 para assistir aquela peça teatral, pelo contrário, cada fileira demarcará os corpos em suas “caixinhas” identitárias de privilégios, pertencimentos e exclusões.

Na primeira fileira, sentaram os homens brancos heterossexuais. Na segunda fileira, as mulheres brancas heterossexuais. Na terceira fileira, mulheres e homens negros heterossexuais. Na quarta fileira em diante, corpos abjetos, ou seja, todo o povo *queer* – segundo as orientações dirigidas ao público ali presente. Tal processo “demarcatório” de lugares preestabelecidos, de acordo com suas identidades de gênero, já fazia emergir certos burburinhos de expectativa a respeito do que poderia vir a partir dali; pois a estranheza já se fazia perceptível na inquietação do público, frente à proposta imagética provocadora do cenário que os idealizadores do **Projeto *Queer*** imaginaram e que aos poucos ia-se materializando, performaticamente, no palco com as narrativas de seus três integrantes, incitando em quem ali estava certo deslocamento do pensando e do olhar, um mergulho em outras dimensões éticas/políticas/estéticas, ao se fecharem as portas do mini auditório.

Chegou a hora, abrem-se as cortinas e o cenário subversivo, transgressor e inventivo toma conta dos olhares, ao mesmo tempo que se ouve do palco: *“É assim que a sociedade nos trata. Essa sociedade impiedosa e cheia de privilégios. Agora podem ficar à vontade e sentar no lugar que quiserem, somente lembrem-se sempre do quão cruel é nossa sociedade heteronormativa ...”*, referindo-se à experimentação inicial.



Fig. 02 e 03 – Imagem da peça/manifesto Projeto *Queer*

Aos poucos, as narrativas vão ganhando outros contornos, (des)construindo em seus movimentos de desejos e expressividades, por meio de músicas de autorias próprias e

irreverentes, de estéticas não convencionais, excêntricas e perturbadoras, de testemunhos pessoais, desarranjando e subvertendo noções e expectativas, um convite reivindicatório a alianças potentes no combate aguerrido contra a cisheteronormatividade. Narrativas que ao ouvi-las apresentam forças inquietantes, em cada uma delas, colocando em xeque minha maneira de pensar, perceber, sentir e agir – minha própria existência; pois mesmo que anteriormente tivesse algum contato com a “materialização” dos pressupostos teóricos-metodológicos-epistemológicos dos estudos e perspectivas queer, aquele momento naquela noite estava criando outras linhas de afetações sobre/para meu corpo.

Eram movimentos que ganhavam formas, materializando-se ao longo do espetáculo-manifesto, junto com depoimentos pessoais sobre experiências vividas pelos integrantes em situações reais de LGBTfobias, abusos na infância, agressões, preconceitos, humilhações etc; testemunhos que silenciavam todEs. Outras vezes, narrativas que traziam questionamentos a respeito das próprias exclusões e LGBTfobias que ainda existem dentro do grande “corpo/guarda-chuva” queer, que busca englobar as múltiplas expressividades dissidentes.

Aos poucos, eu me sentia como sendo devorado “antropofagicamente”, como se algo invadissem meu corpo em suas entranhas em um processo de desobjetivação e desintoxicação dos ares nefastos e tóxicos da cisheteronormatividade que, por vezes, paralisavam meu próprio corpo diante da vida; pois as histórias narradas me faziam visitar minhas próprias lembranças de homem-cis, não-branco, bicha em uma cidade do interior paranaense. Lembranças dolorosas, ao mesmo tempo o incansável desejo de romper os aprisionamentos que permiti ser cúmplice ao longo da minha história; na tentativa de me sentir pertencente, amado, desejado... me fez sentir alguém no mundo.

Contudo, ao perceber naquelas narrativas pistas de outros im/possíveis de existência e, por vezes, muito mais interessantes na atual geografia do presente, mas não desatrelada das marcas vivenciais da vida, outros horizontes se desenhavam à minha frente. Visto que, aqueles corpos tensionavam alguns lugares-existências do meu próprio repertório subjetivo existencial, me fazendo, em um primeiro momento, subjetivamente me reapropriar de lugares existências-subjetivos que me negaram, como as feminilidades potentes que me atravessam, como as experiências com o corpo fora das estratificações dos marcadores sociais de diferenças que me atravessam e me dão inteligibilidade/ininteligibilidade no cotidiano das minhas relações de ser/estar no mundo. Linhas de afetações que, rizomaticamente, iam criando fissuras, “portas-abertas” para repensar e re-significar os não-lugares identitários que não permitiram dar passagem durante minha história de vida, impossibilitando-me imaginar outras experiências im/possíveis de vida.

Era como se o campo teórico-intelectual, o qual havia me debruçado há tanto tempo, estivesse naquele momento ganhando outras formas, fazendo-se perceber de outros lugares, pois aqueles corpos reverberavam, de maneira encarnada, práticas de vidas inventivas que, ao se permitirem reinventar, resistem. Mostrando sem receio, mas com ousadia, as multidões im/possíveis que os habitam e que podem também nos habitar.



Música **“Binarismo já Morreu”**, de autoria do Projeto *Queer*:

*“[...] Binarismo já morreu,
Heteronormatividade is dead,
Mesmo que você esteja vivo papai
Não vai conseguir segurar as leis
que aprendeu naquele livro
que começa com a letra b*

Refrão: B de bola, b de bunda, b de bosta, b de buceta”



Música **“Criança viada”**, de autoria do Projeto *Queer*:

*Criança viada eu fui,
Criança viada tu foste,
Criança viada ele foi,
Criança viada nós fomos,
Criança viada vós fostes,
Criança viada eles foram...*

*Eu sei o quanto sofreu criança...
A humanidade também sofre
Pois todos têm que vestir o papel
Todos sofrem pra ser o que não são
Todos sofrem pra fazer a sociedade feliz.
A sociedade dos hipócritas felizes*

*Criança viada
Só leva porrada
Fica toda quebrada
toda quebrada,
até parar de ser viada...
Ai papai,
Ai papai...*



Fig. 04, 05 e 06

Imagens dos integrantes da peça/manifesto Projeto *Queer*

Foram esses gestos éticos/políticos/estéticos para com a vida, que insurgiam não somente nas imagens (des)construídas, mas também nas letras das músicas autorais do seu

repertório que colocam em xeque, as convenções sociais-morais que visam o controle, normalização e naturalização dos corpos. Letras subversivas não somente no que diz respeito à problematização da cisheteronorma, mas também transgressoras ao falarem cu, buceta, pau, merda, bunda, etc. Subversiva ao trazer, de maneira paródica, o uso dessas palavras para questionar a moral religiosa, o bolsonarismo, as lógicas binárias, a censura nas artes²², a violência contra Butler no Brasil²³, etc.

Assim, fui percebendo em cada ato, em cada testemunho feito pelos três integrantes desse teatro-manifesto, a intencionalidade radical do Projeto *Queer*, em questionar e transgredir a cisheteronormatividade, por meio do embaralhamento dos gêneros e seus signos, colocando-se em confronto direto a tudo e todEs que aprisionam as múltiplas expressividades de existência; seja por meio da criação e reinvenção de uma estética “monstruosa”, ou de letras que brincam, denunciando os aprisionamentos dos corpos e suas potências.

Foram 50 minutos de (des)composições e deslocamentos do im/possível, pois fui percebendo que as roupas e adereços utilizados no espetáculo estavam dentro de convenções sociais, consideradas, nomeadas e pertencentes exclusivamente ao universo feminino, vi que essa apropriação tinha a intenção de desmistificar os discursos e seus enunciados que generificam os corpos, obrigando-os a um conjunto de atos repetitivos das interpelações imperativas da norma binária; pois como afirmou o idealizador e diretor desse projeto, em uma conversa que tivemos no lançamento inicial da proposta em 2018, onde estava naquele momento buscando artistas *queers* nas redes sociais que se interessassem em compor o elenco do espetáculo, que o mesmo tinha por objetivo, “[...] *refletir o momento histórico da população LGBTQIA+, pois acredito que nossas conquistas ainda não são suficientes para garantir alguma segurança à nossa população. Acredito na arte como instrumento de empoderamento do cidadão que através da manifestação de sua sexualidade vai quebrando os códigos binaristas*”.

Creio que, se as intenções provocadoras e provocativas da peça-manifesto teatral eram acionar as percepções, sensações, pensamentos dos corpos que ali estavam, o que posso dizer

²²Aconteceu em 2017, atos de censura, se podemos assim dizer, onde alguns museus brasileiros, que teriam a exposição de arte denominada "Queermuseu - Cartografias da Diferença da Arte Brasileira", foram censurados. Os motivos para tal censura partiu do questionamento por parte de certa sociedade de que aquilo não seria arte, mas agressão a símbolos religiosos, incitação à pedofilia, zoofilia, etc. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1917269-apos-protesto-mostra-com-tematica-lgbt-em-porto-alegre-e-cancelada.shtml>

²³A filósofa americana, Judith Butler, em sua vinda ao Brasil em 2017, após alguns protestos de movimentos ultraconservadores, relacionados a sua presença em um eventona Unifesp, acabou sofrendo ataques no aeroporto de Congonhas (RJ) antes de embarcar. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/11/filosofa-judith-butler-e-agredida-em-congonhas-antes-de-deixar-sao-paulo.html>

com toda certeza, que me senti seduzido intempestivamente e ao mesmo tempo desafiado, pois tal experiência naquela noite curitibana intensificaram as inquietudes que existiam já há algum tempo no meu corpo em relação às indagações do que pode um corpo; começando a partir desse encontro potente de subjetividades, arte e subversões, o desejo de me lançar na experiência, já que não saí de lá da mesma forma que entrei. Aqueles corpos me *queerizaram!!!*

2.2 Diário dois – os NÃO RECOMENDADOS à sociedade – Catálogo Performance *Queer* no Brasil

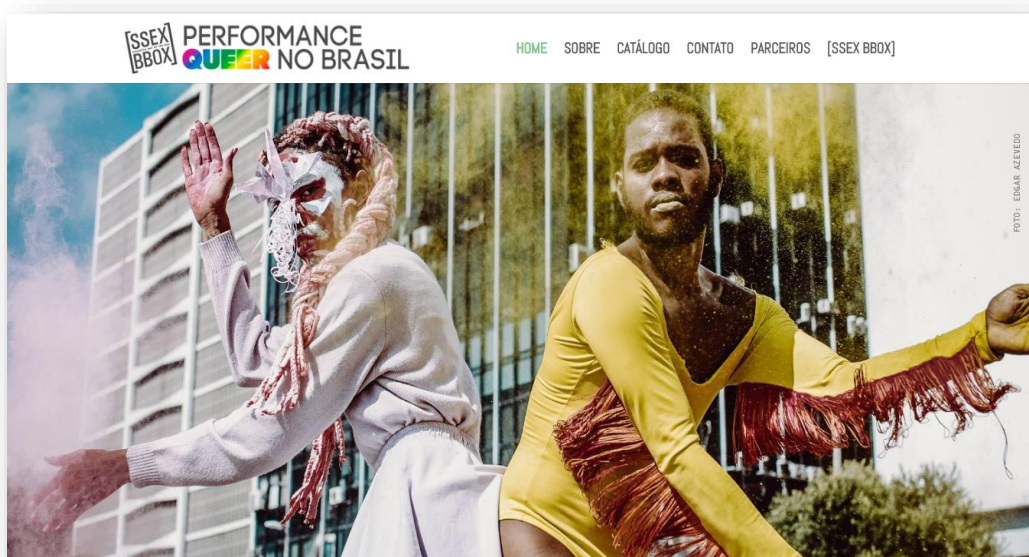


Fig. 07 – Imagem da *Homepage* oficial do Performance *Queer* no Brasil

A cartografia desse território da pesquisa foi se desenhando a partir das pistas que eu havia sinalizado nos rastros finais da minha dissertação de mestrado²⁴, onde tive durante o processo de investigação, a oportunidade de estar presente no 22º Festival Mix Brasil em São Paulo no ano de 2014. Assim, recorri novamente às plataformas *on-line* do Mix Brasil, para tentar buscar caminhos que me levassem a encontrar homens-cis que se nomeassem e/ou se expressassem a partir de corpos *queers* no contexto brasileiro. Isto porque, ao acompanhar, posteriormente, as outras edições do Festival Mix Brasil, percebi que eles haviam feito parceria com o [SSEX BBOX] Brasil, que já vinha desenvolvendo anualmente a Conferência [SSEX BBOX] com toda uma infraestrutura e propostas voltadas às discussões de gêneros,

²⁴ Dissertação de mestrado intitulada: *Imagens, sensações e afetos: as personagens gays nos curtas-metragens brasileiros exibidos no Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade*. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/133965?show=full>

sexualidades, corpos, identidades, perpassadas pelas propostas e proposições queers. Caracterizando-se como “[...] um projeto de justiça social que busca oferecer perspectivas plurais sobre sexualidade e gênero a partir do relato das experiências de pensadorxs, educadorxs, ativistas, artistas e outras pessoas que vivem, aprendem e amam ‘fora da caixa’. Tem como temas principais a diversidade sexual e de gênero, o sex positive e promove ações nas cidades de São Paulo, São Francisco, Berlim e Barcelona”²⁵ que acabou ao longo dos anos ganhando outras amplitudes.

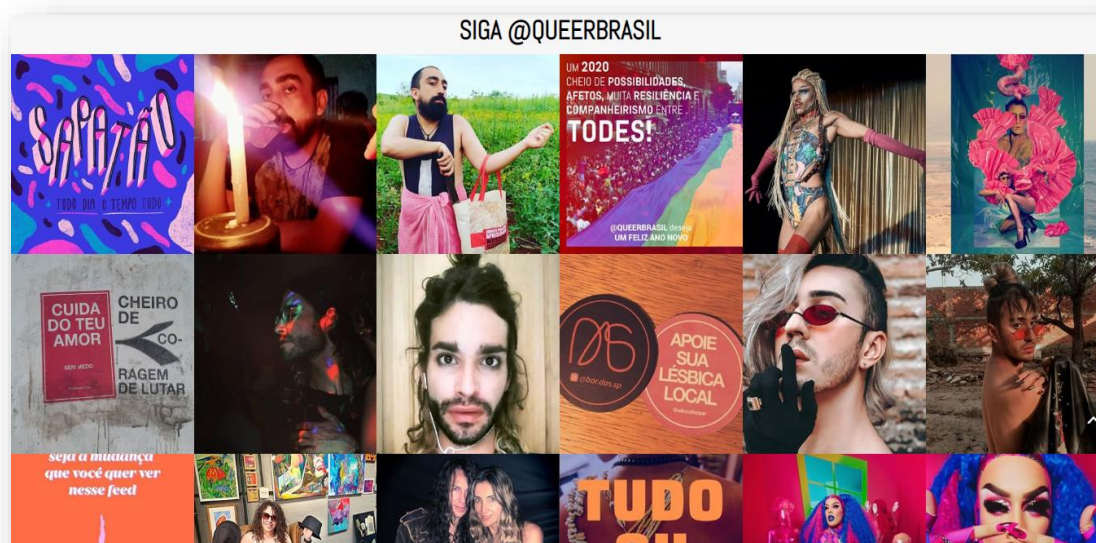


Fig. 08 – Imagem da *Homepage* oficial do Performance *Queer* no Brasil

Comecei um processo de me aventurar pela *homepage*, cartografando as possibilidades que ela teria, diante do meu objetivo naquele momento. Ao mesmo tempo que os encontros com aquele espaço virtual traziam uma pluralidade de imagens, fotos, manifestos, textos, testemunhos e vivências, etc., que já acionavam em mim outras sensibilidades, era um território desconhecido para mim, visto que minha experiência com o queer, estava muito mais no campo da teoria, de poucos contatos e visualidades de outras im/possibilidades plurais de existência.

Segui o mapeamento desse espaço, que nas suas ramificações direcionaram a um dos projetos do [SSEX BBOX] Brasil, que é o **Catálogo Performance Queer no Brasil**, que segundo sua *homepage*: “[...] tem por objetivo o mapeamento da performance artística queers no cenário brasileiro. O centro das atenções se volta para a performance artística que se ancora exclusivamente na exposição do corpo em ato de performance queer. Entendemos que

²⁵ Essa descrição se encontrava na *homepage* antes da sua nova configuração, quando acessado o referido link (<http://www.ssexbbox.com/>) no ano de 2017.

*existem muitos artistas de todas as regiões do Brasil com importantes e diversos tipos de expressões e que muitas vezes não conhecidos pelo público em geral. Esse catálogo on-line visa o fomento e divulgação desses artistas aqui e no mundo”.*²⁶

De imediato, confesso, a sensação foi de certo alívio, ao me deparar com esse cenário vasto de possibilidades, contudo, ao ir me aventurando pouco a pouco por esse território habitado, exatamente por 130 corpos que se expressam e/ou se nomeiam desses entre-lugares de experiências queer, e que hoje faço parte compondo 131 (mas isso abordarei no último diário); que no catálogo acabam sendo alocados a partir das propostas artísticas que desenvolvem em seus trabalhos.

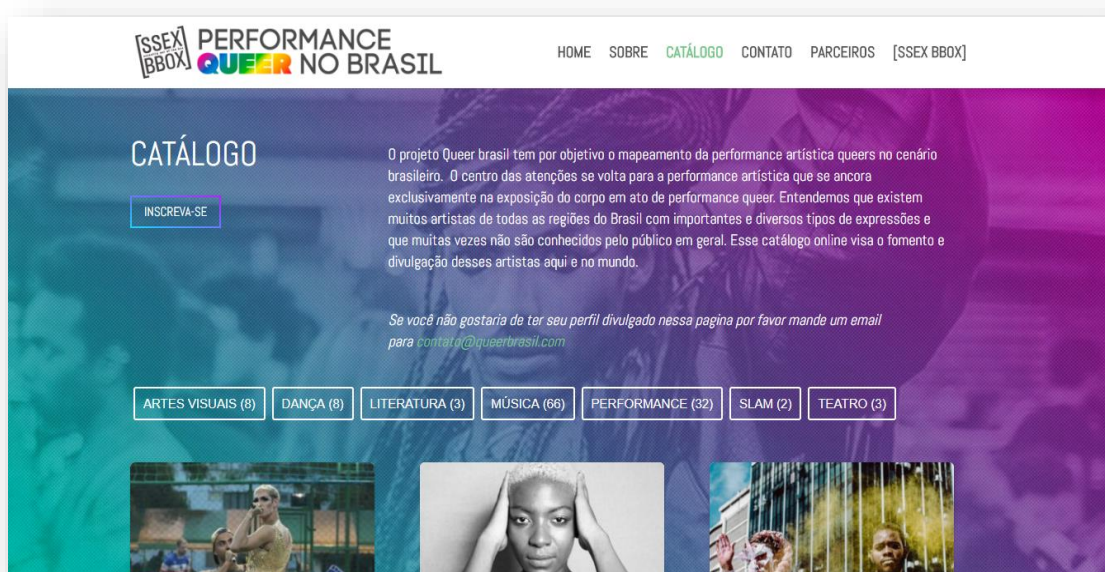


Fig. 09 – Imagem da *Homepage* oficial do Catálogo Performance *Queer* no Brasil

Nesse rastreamento, vou aos poucos me dando conta que, esse território virtual, além de apresentar sua proposta e objetivo bem específico, oferece em seu *layout* cinco abas divididas, especificamente, em campos de expressões artísticas (Artes visuais; Dança; Literatura; Música; Performance; Slam e Teatro); onde em cada um desses campos, fui encontrando o perfil artístico com descrição de atividade, contatos e imagem de corpos que ousam propor expressões artísticas que dialogam e/ou se aproximam de certas propostas queers.

Assim, esse contato, mesmo que de maneira virtual, ampliou os horizontes iniciais da investigação, exigindo uma postura atenta para decidir os rumos da pesquisa; pois em se

²⁶ Maiores informações sobre esse projeto podem ser acessadas na homepage específica do Catálogo. Disponível em: <https://www.queerbrasil.com/catalogo/>

tratando de uma cartografia, não posso negar o campo de afetações que ela agencia intempestivamente no meu corpo a partir dos encontros que emergiriam nesse rastreamento. Tais circunstâncias me fizeram pausar, refletir e pensar em um primeiro momento, se daria conta de trilhar por essas experiências tão ricas, intensas, singulares e diversas, nesse período delimitado de tempo para essa investigação; pois havia me deparado com uma pluralidade de expressões de gêneros, de experiências corporais e estéticas, de posicionamentos de lugares outros, que se faziam tão surreais ao cotidiano da minha existência de homem-cis e bicha.

Em um segundo momento, e acredito o mais importante na tomada de decisão, foi me questionar eticamente, a partir desse lugar que ocupo de um homem-cis, que não se nomeia e nem se expressa até o momento desses entre-lugares, que “propriedade” e “autoridade” teria eu para, minimamente, falar e propor diálogos com identidades e expressividades que não dizem respeito ao meu corpo, nem atravessam minha própria experiência de vida?

Movido, assim, por essas inquietudes éticas e políticas, percebi que uma das entradas possíveis para inventar saídas múltiplas para extrair outras realidades e alteridades, dentro do objetivo da cartografia que eu estava propondo, era correr o risco de apostar na criação de vizinhança, por meio da minha própria experiência de um homem-cis e bicha que se identifica com as proposições e propostas dos estudos e perspectivas queer. Com isso, decidi naquele momento da investigação, trazer a identidade de gênero como outra linha im/possível de transbordamentos e excessos no campo rizomático que estava propondo seguir, fazendo, assim, um recorte proposital e estratégico nessa cartografia, para, quem sabe, ao olhar para os horizontes im/possíveis das experiências de homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos queers no contexto brasileiro, vislumbrasse outras tonalidades, sensibilidades, texturas ao desenhar cartograficamente, o coletivo de forças que compõem suas narrativas.

Com um pouco mais de respiro, segui mapeando os rastros de onde parei, vasculhando o cenário do catálogo e os perfis que o compõem; entrando em contato de maneira virtual, ora por e-mail ou no próprio *Messenger* individual de cada pessoa que “sinalize” e/ou correspondesse a esse “campo amostral” que decidi traçar, mas levando em conta também os marcadores sociais de diferenças que, ao meu ver, agregariam, enriqueceriam e colaborariam para pensar as apropriações do queer de maneira situada e localizada no cenário brasileiro.

A cada contato, o inusitado acontecia, pois, certos corpos não se posicionavam mais desses entre-lugares do queer, mesmo que em um outro momento de suas transições de gêneros e/ou posicionamentos éticos/políticos/estéticos de suas vidas se nomeassem e ocupassem esse entre-lugar; agora seguiam por outras experiências, principalmente de uma não identificação com o queer. Tal cartografia ia-se fazendo, desfazendo, refazendo, tanto no campo das ideias,

intencionalidades, mas também no campo das sensações e percepções que meu corpo havia sido afetado pelos estudos e perspectivas *querer* e/ou estudos e perspectivas *querer*, visto que as proposições e as propostas teóricas-metodológicas e epistemológicas advindas desse lugar acadêmico, colocavam-se agora à minha frente, de maneira encarnada.

Posteriormente a esse mapeamento, tive a oportunidade de estar presente nos dias que estive na cidade de São Paulo capital, para realização das entrevistas que compõem essa tese, circular e conhecer de mais perto a Conferência Anual do [SSEX BBOX] Brasil realizada no *Red Bull Station* no ano de 2018. Apesar de ter sido um momento muito rápido, um fim de tarde, que conciliei com a correria dos agendamentos e encontros com os colaboradores dessa tese, pude perceber mais de perto como aconteciam as propostas desse evento.



Fig. 10 – Imagens da Conferência [SSEX BBOX]

Sem sombra de dúvidas, tais experiências, virtuais e presencial, ampliaram o horizonte do que eu mesmo considerava enquanto *querer* até aquele momento, exigindo do meu corpo movimentos de idas e vindas, deslocamentos que me faziam intuir a emergente necessidade de permitir essa encarnação/exercício do *querer* em mim; já que me sinto mais uma vez instigado a esse processo.

2.3. Diário três – Invadindo o Cidade *Queer*: dos centros para as periferias das existências plurais

O rastreamento anterior acabou me dando outras pistas de possíveis lugares que eu poderia me aventurar, na busca de encontrar homens-cis que se nomeassem e/ou se expressassem a partir de corpos *queers* no contexto nacional. No percurso cartográfico sinalizado no diário anterior e, movido a partir desse encontro, começo a refletir inquietamente sobre algumas questões que emergiram naquele momento, como: Por onde estariam circulando quem não faz parte desse universo virtual? As expressividades *queers* no contexto brasileiro estariam necessariamente todas conectadas ao contexto artístico? Que outros espaços existem enquanto operadores de acessibilidade e visibilidade das narrativas desses corpos?

Posteriormente, guiado por essas indagações e percorrendo o que se encontrava posto como cenário naquele momento, acabei encontrando dentro do próprio *website* do [SSEX BBOX] em uma das atividades realizadas na 3ª. Edição da Conferência [SSEX BBOX] & Mix Brasil no ano 2017, a imagem de divulgação da ‘Invasão da Cidade *Queer*’ que aconteceu durante a programação do evento.



Fig. 11 – Imagem da Divulgação da Invasão da Cidade *Queer*

Apesar de não me deparar com informações e detalhes mais precisos, a respeito do que realmente se tratava essa atividade, a imagem em si e o nome que se enunciava já me incitava o desejo de buscar de alguma forma de me inteirar desse entre-lugar. Dou início a uma nova empreitada de mapeamento, onde acabo chegando ao projeto **Cidade *Queer***²⁷, sendo esse um programa de atividades desenvolvidas nos anos de 2015/2016 em colaboração inicial com 23º Festival Mix Brasil com parceria e iniciativa da Lanchonete.org com a fundação Musagetes, que teve como objetivo “[...] abrir discussões sobre a possibilidade de vivência na cidade fora

²⁷Homepage do projeto Cidade *Queer* está disponível em: <http://www.cidadequeer.lanchonete.org/sobre-about/>

de uma lógica normativa e que expandam o próprio conceito queer, tendo São Paulo como perspectiva”.

Este projeto contou com diversEs artistEs, pesquisadorIEs, educadorIEs que contribuíram significativamente para realização do mesmo, sendo desenvolvido ao longo de suas atividades, a residência *Explode Residency* registrado em um minidocumentário²⁸ dirigido por Danila Bustamante, que aborda todo o processo de desenvolvimento dessas experiências, trocas, vivências, performances e alianças, etc.

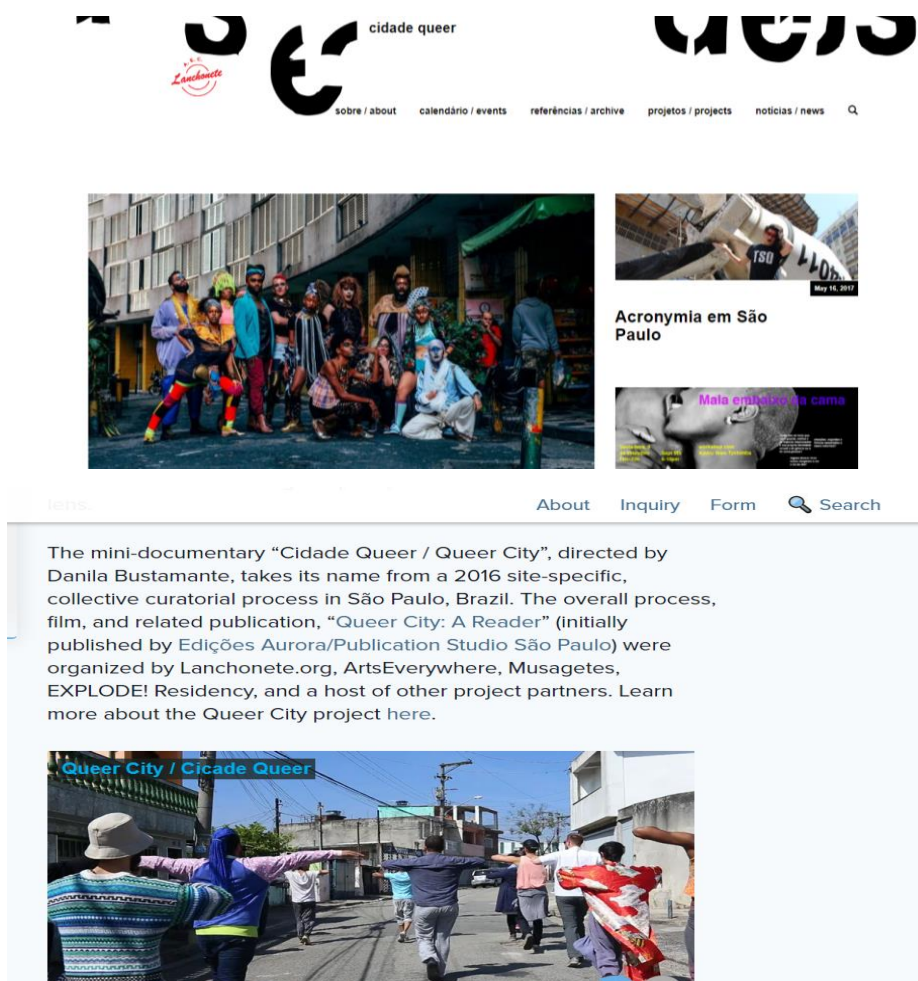


Fig. 12 – Imagem da *Homepage* do *Queer City Project*

Foi, então, que “mergulhei” de cabeça, posso assim dizer, nos 36m02segundos do minidocumentário, pois como meu mestrado contemplou o campo de curtas-metragens, ousei me aventurar nos detalhes presentes nos relatos, imagens, músicas e propostas que foram sendo expostas pelUs participantEs do Cidade *Queer*.

²⁸O documentário na sua íntegra se encontra disponível em: <https://artseverywhere.ca/2018/01/14/queer-city-film/>

Em um primeiro momento, o que me acionou a atenção, foi a proposta que tal projeto apresentava, que foi “[...] *abrir discussões sobre a possibilidade de vivência na cidade fora de uma lógica normativa e que expandam o próprio conceito queer, tendo São Paulo como perspectiva*”; dentro de uma perspectiva interseccional (classe social, raça/etnia, sexualidades, gêneros, etc.) para pensar os trânsitos, as ocupações e convivências em contextos urbanos, de corpos pretos, corpos que residem nas periferias, corpos não-binários, corpos transexuais, corpos femininos, etc., isso em uma combinação de corpos, como explícito na plataforma do projeto: “[...] *que ouvem, dançam, resistem, se manifestam e se tornam visíveis na nossa cidade contemporânea. Corpos que dançam os sons do funk, rap, samba, voguing, waacking, entre outros estilos sonoros de contestação, resistência e luta. Por meio de conversas, jantares, experiências e trocas, uma cidade busca discutir como vivemos, trabalhamos, compartilhamos e sobrevivemos às diferentes histórias e realidades LGBT + ... e como entendemos tudo isso por uma lente queer, interseccional e não normativa*”.

Assisti inúmeras vezes o minidocumentário, onde cada vez que parava diante dele, surgiam elementos contestatórios sobre/do queer em um contexto nacional que eu até aquele instante não fazia ideia; pois eram, de certo modo, cenário cotidiano de vidas reais que não estavam associadas diretamente a uma expressividade espetaculosa de palcos e/ou de produções artísticas em exposições e museus. Onde nos 11 dias de residência *Explode!*, foram trazidos pelUs residentIEs naquele espaço, diferentes problemas, realidades e vivências que atravessavam seus corpos em cada cotidiano distinto, mas que tinham em comum, as violências, as resistências e as alianças nesse contexto capitalista neoliberal cisheteronormativo de abuso da vida.

Tudo isso, aos poucos acabava também me trazendo lembranças de certa necessidade de espaços para também compartilhar minhas vivências, sofrimentos e resistências como pessoa pertencente à população LGBTQIA+, mas que, por inúmeras razões, não consegui encontrar e/ou me permitir adentrar esses espaços. Ora por ser um gay que prefere ser chamado de bicha e isso, de certo modo, era problema para os gays da minha cidade; ora, por ter um círculo social e afetivo muito mais dentro de espaços e circuitos heterossexuais que, mesmo havendo o respeito, o carinho e amizades, não poderiam perceber de uma maneira mais próxima, as realidades de ser/estar na abjeção, mesmo com todos os privilégios que meu corpo carrega de pertencer a uma família classe média-baixa, ter uma profissão, possuir ensino superior completo, mestrado e agora se encontrar nesse processo de doutoramento, que, de certo modo, me dão certa passabilidade que, para mim, já se configura um privilégio.

Todas essas inquietudes ganhavam amplitude reflexiva e crítica sobre minha própria narrativa, sobre minhas decisões éticas-políticas, mas também estéticas; pois desafiavam minha própria maneira de aparecimento nos espaços urbanos do meu dia a dia. Como seria a escrita da minha narrativa, se na minha adolescência, juventude e/ou início da minha vida adulta eu tivesse encarado o convívio com as fronteiras da cisheteronormatividade? Que outrEs de mim poderiam ter emergido nessas trocas de experiências e convivências com vidas abjetas que, diferente de mim, se recusavam silenciar frente às violências e tentativas de apagamento das suas existências?

Claro que eram questionamentos e inquietudes, que não traziam uma culpa e/ou julgamento sobre como fui escrevendo minha narrativa ao longo dos anos da minha história; eram mais do campo da provocação de pensar no presente-futuro, mediante essas paisagens psicossociais que se desenhavam à minha frente nessa cartografia. Um tempo depois desse mapeamento, algo inesperado aconteceu, em relação a me aventurar nesse projeto, que nesse primeiro momento, resumia-se ao acesso do minidocumentário.

Em 2020, com todos efeitos sombrios da pandemia da Covid-19, sendo um deles o isolamento social, que levou muitas pessoas para atividades remotas e a desenvolverem seus trabalhos via *meeting* e *lives*, tive a oportunidade de fazer pela plataforma *sympla*, o curso proposto pela fotógrafa, pesquisadora e artista Bella Tozini, intitulado: *O retrato queer com Bella Tozini*. Foram três encontros *on-line*, que abordavam um breve panorama da fotografia queer, trazendo diálogos e aproximações com o pensamento de Judith Butler, Glória Anzaldúa e Paul Preciado. Foi, nessa ocasião, em um desses encontros, ao compartilhar a cartografia que eu estava desenvolvendo e por onde pretendia fazer os rastreamentos, que Bella me falou da publicação em formato de livro do projeto Cidade *Queer*; pois ela tinha contato com algumas pessoas que estiveram presente na residência *Explode!*, e que contribuíram no projeto *Lacração*, idealizado e desenvolvido pela própria Bella no ano de 2016, resultando, posteriormente, em um livro contendo as narrativas, as experiências de pensar através da fotografia, o cenário de corpos LGBTQIA+ na cidade de Jundiaí e região.

Resolvi, então, a partir da novidade que Bella Tozini me trouxe, da publicação de um livro sobre as experiências proporcionadas pelo projeto Cidade *Queer*, lancei-me a procurar onde poderia adquirir o material; pois tinha certeza que ele, além de agregar elementos ao campo de investigação, também se tornaria outro lugar de referências para a escrita da tese. Depois de algum tempo, ao conseguir por meio do contato com um dos organizadores do Cidade *Queer*, via *messenger*, o livro tão esperado chegou!

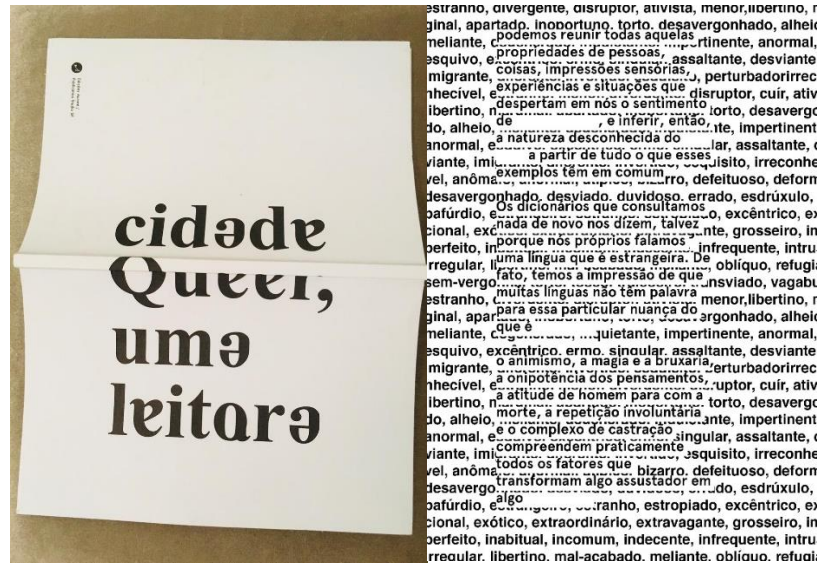


Fig. 13 e 14 – Imagens do livro *cidade queer, uma leitora*

O livro já apresentava em seu projeto gráfico, uma outra proposta de configuração, pois veio todo envolto em um pôster composto por diversas palavras análogas e frases que acabavam correspondendo as intenções plurais, deflagradoras de resistência presentes nos textos que fazem parte da obra. Assim, ao tomá-lo nas mãos, comecei uma leitura atenta em cada texto, partilhas, relatos, etc., que davam forma e certa materialidade com o que eu tinha assistido no minidocumentário; pois, agora, através de várias pessoas, seja do campo acadêmico, da militância/ativistas, de artistEs e colaboradorIESs, traziam-se discussões e diálogos teóricos sobre a experiência *queer* no contexto brasileiro, bem como uma ampla explicitação do que foi todo o desenvolvimento do projeto *Cidade Queer*.

As linhas, os parágrafos e as páginas que seguiam compondo diversas reflexões, tensões e discussões críticas, também se faziam transgressoras em um exercício proposto de subversão das tipografias de escrita utilizadas nos textos, que penso ser interessante ressaltar literalmente seus motivos.

[...] foram quatro encontros, de aproximadamente três horas cada, para discutir e estudar problemas em torno da ideia de desnortatização e *queer* na linguagem visual e escrita. O princípio mais importante do LGD²⁹ é não estabelecer novos paradigmas, ou seja, não achar que se resolve um problema criando uma nova estrutura, pois essa será tão normativa como/quanto a anterior. O primeiro eixo de discussão foi a possibilidade de tradução do *queer*. A partir do que encontramos no dicionário Oxford, remontamos à história do Brasil, buscando palavras vizinhas que poderiam ser análogicas à ideia de *queer*. O objetivo não era traduzir, mas gerar um universo léxico em torno do conceito. Assimilando que esse léxico é cambiante e que também é uma forma de escrevê-lo – *queer*, *cuir*, *kuir* –, Thiəgə Hərsən, ərtistə e progrəmədor, desenvolveu um plug-in que modifcə ə pələvrə *queer* (quando

²⁹ A sigla diz respeito ao Laboratório Gráfico Desviante, idealizado por Júlia Ayerbe e Laura Daviña.

elə əpəreçə em əlgumə páginə də internet) ə cədə ətuəlizəçəã pərə suəs vizinhəçəs. [...] Assim, foi questionado o que seria uma vogal queer, que funde “ə”, “e”, “á”, deixəndo em əbertə o gênero grəfədo, məs possibilitəndo leiturə (diferente do “x” ou do “@”, que brēcəm e descontinuəm o textə). [...] Como a proposição era não gerar uma normatividade, no processo de criação da vogal queer, optou-se por subverter tipogrəfias populəres e mässificədəs, ə Times New Romən e ə Ariəl, e nã desenvolver umə novə fəmilíə tipogrəfícə” (AYERBE, 2017, p. 162-164 – mudanças tipográficas da autora).

Todavia, essa proposta de escrita foi algo que me atravessou, incitando inquietudes para pensar de que forma poderia também falar de lugares do quəer, mediante uma linguagem que corroborasse com as intenções de deslocamentos, descentramento, transgressões da própria linguagem que se materializaria com meu ato de escrever/relatar os acontecimentos desse processo cartográfico. Por isso, decidi trazer, de maneira literal, as intenções de tal proposta presente no livro, pois, ao meu ver, essa subversão léxica era algo tanto da ordem do inventivo e inédito, quanto da transgressão, que até então eu não havia me deparado em todos os livros, textos, artigos e teses, etc., os quais me debrucei ao longo desse mapeamento.

Isso pode ser percebido, por exemplo, na foto acima da capa do livro, onde as palavras, **cidəde quəer, umə leiturə**, apresentam uma subversão na sua tipografia. Seguindo adiante, tive a experiência de ter contato com outrEs pensadorIEs do quəer, que apresentavam seus textos a partir do lugar situado do contexto brasileiro, das periferias, da linguagem pajubá, de pessoas que convivem com HIV, etc., dentro de contextos relacionados não somente à questão do quəer propriamente, mas também em uma reflexão crítica dos cenários urbanos que abarcam no seu espaço-social-estrutural-dinâmico esses corpos que são marginalizados, precarizados e subalternizados pela sociedade capitalista neoliberal cisheteronormativa.

Deparei-me, a cada página, com críticas referentes às apropriações acadêmicas demarcatórias de um determinado “jeito” quəer de ser; críticas à comunidade LGBTQIA+ que, para não mancharem seu suposto lugar de direitos, excluem tantos outros corpos que não permitem ser assimilados pela própria norma que os silenciam, violentam, invisibilizam e os matam! Além disso, apresenta, em alguns capítulos, as ideias iniciais, o processo e os efeitos do projeto *Cidade Queer*, dando maiores detalhes desse acontecimento que, resumidamente, era apresentado no minidocumentário ao qual me referi no início desse diário.

Fui aos poucos, então, percebendo outros circuitos e deslocamentos do quəer no contexto brasileiro, esse que não se limitava unicamente a problematizar as questões do sistema sexo/gênero/desejos/práticas sexuais, mas que amplia o escopo de discussões mediante vivências plurais de pessoas pretas, portadoras de deficiências, gordas, etc., em locais de periferias, longe dos centros urbanos da cidade; que traziam em seus corpos outras violências,

outras im/possibilidades, outras inteligibilidades, mas, acima de tudo, outros modos inventivos de combater e seguir existindo.

Não tem como negar que, tanto o minidocumentário como a leitura do livro, colocaram, de certo modo, a minha história como cis-homem, bicha, não-branco à minha frente; visto que algo estava se passando nesse processo que, como contágio, ganhava campo, proporções, dimensões que me levavam constantemente a (auto)provocações da minha vida enquanto ser vivente, que é marcada pela minha identidade de gênero, pelas minhas práticas sexuais, pela minha orientação de desejo, pela minha raça, pelos privilégios, pela passabilidade do meu corpo, mas também, pelas exclusões, sofrimentos e resistências.

2.4. Diário quatro – Acionando o sensível: (auto)provocações, experiências e (cri)ações de outras narrativas

Todos os (des)caminhos que a cartografia ia, aos poucos, me levando, ao mesmo tempo que se fazia acontecimento, seja nas andanças do caminhar de texto a texto, território a território, encontrava-me tomado pelas dimensões fluídas que as linhas dessa rede rizomática agenciavam, na medida que ganhava amplitude, terreno e força. Muitas vezes, buscava ingenuamente uma maneira de parar o tempo, de dar um espaço para a vida respirar diante de todos os acontecimentos desse processo. Tentativa, quem sabe, de permitir que a minha mente processasse as informações que chegavam e que meu corpo desse abertura e conta, das sensações, afetos e afetações pelos quais era tomado.

Eram mobilizações que se desdobram em (auto)provocações críticas sobre que lugar meu corpo ocupava ética/política/esteticamente ao longo do processo, tendo a certeza que o ato de cartografar não se encontra desvinculado da vida, da minha história, da narrativa que atrevo escrever de mim mesmo; pois seria eu mais um pesquisador a falar por outras experiências? – uma das minhas (auto)provocações. Mesmo que ao longo de toda a escrita e registro dessa investigação venha, às vezes, exaustivamente, investir em maneiras de criar vizinhanças, diálogos e aproximações que tensionem esses lugares descomprometidos e desencarnados de se fazer pesquisa, certo ruído seguia atravessando minha percepção, uma solicitação para ir um pouco mais além dos instrumentos teórico-metodológico e/ou conceituais.

De algum modo, o campo de afetações sinalizados nos encontros narrados nos diários anteriores, provocavam certas vibrações de uma outra ordem, que eu tinha lucidez que não era do campo das intelectualidades, mas que soprava em meus ouvidos agitando minhas entranhas a aventurar-me por outros caminhos, como o fez a maioria dos colaboradores dessa tese.

Precisei ir além das teorias, aceitando o convite inquietante da vida e, então, decidi mergulhar nas experiências im/possíveis no/com meu corpo.

Nesse mesmo instante em que tais inquietudes iam ganhando vida em mim, surgiu a oportunidade de em um simpósio internacional, onde futuramente eu apresentaria uma comunicação oral sobre essa pesquisa em andamento, de poder contribuir com suas atividades culturais, mediante a abertura de um edital organizado pelo próprio evento, para agregar à sua programação, propostas artísticas que dialogassem com o tema do evento e que, se aprovadas pelos organizadores, tal atividade e/ou proposta artística oferecida, estaria sendo contemplada nas atividades do evento. Foi aí que, intuitivamente, ousei pensar em propor algo no campo da fotografia, que reverberasse as propostas e objetivos da pesquisa com homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam como corpos quæers no contexto brasileiro.

Então, em uma conversa com Barbara Brunini, amiga e companheira de estudos, compartilhei o borbulhar de ideias, a respeito desse projeto e disse a mim mesmo: por que não! – Não imaginava eu, os efeitos na vida e na pesquisa de tudo isso. Dali em diante, comecei a fazer outra cartografia, buscando virtualmente ensaios fotográficos que ajudassem de alguma forma com a composição performativa e artística do ensaio fotográfico que eu pretendia realizar; vi muito de Linkiker, ensaios de drags, dos Dzi Croquettes, etc., que, aos poucos, agregavam elementos ao que eu tinha em mente para borrar e ficcionar os marcadores sociais de gêneros e sexualidades, já que meu corpo [cis] é lido pertencente ao gênero masculino.

Diante disso, fui atrás de algum profissional que toparia esse desafio, pois meu objetivo era pensar o corpo que vem nu ao mundo e que pelo sistema sexo/gênero/desejos/práticas sexuais acaba sendo marcado pelos atos de fala que o demarca em determinados lugares de existência e de experiência de si. Ao mesmo tempo, outro desafio se colocava presente, o de me montar! Nunca fui uma criança viada com interesses por vestir roupas consideradas do universo feminino e, também, nunca tinha usado nenhum tipo de maquiagem; ou seja, precisaria de ajuda nesse campo também. Nesse caso, dois profissionais se disponibilizam a contribuir com esse processo, depois de explicar o que estava querendo com tudo isso e que, caso o ensaio fosse aprovado como atividade cultural do evento, seus nomes estariam na divulgação do material que eu desenvolveria para o respectivo evento.

Como o objetivo do ensaio era uma tentativa de borrar e embaralhar as normas de gêneros e também as binaridades que compõem os corpos, eu pretendia misturar roupas, adereços e posturas que pudessem colocar em xeque os discursos cisheteronormativos sobre/para os corpos. Então, me propus vestir um corpete com cinta liga, um coturno de exército

e uma cueca box. Queria meu corpo masculino com um toque andrógeno através da cabeça totalmente raspada e o rosto maquiado.

Aos poucos, fui organizando tudo, marcando horário de maquiagem, dia para raspar totalmente a cabeça e o agendamento para realização das fotos. Nesse planejamento, algo inusitado aconteceu, tive que sair para comprar o corpete, pois as amigas que procurei não tinham e/ou o que tinham não serviam no meu corpo; assim tive que me aventurar em comprar. Então, numa manhã de sábado, sai pela cidade para tentar encontrar o tal corpete com cinta liga, para ver valores e se teriam do meu tamanho. Foi uma experiência interessante, porque ao entrar nas lojas de lingerie, perguntando se tinham o corpete, as vendedoras perguntavam o tamanho e se era para presente, porém para surpresas delas, eu explicava que era para mim e os motivos para compra; pois não queria nada tão caro, porque provavelmente não usaria depois. Não sei se pelo meu jeito já demonstrar (acredito eu) que sou bicha, não percebi que se assustavam com a ideia, ou por eu explicar os objetivos, achavam até interessante.

Confesso que não é um adereço barato, acabei visitando umas três lojas, para, finalmente, encontrar por um valor mais acessível. Interessante que nessa loja, na qual acabei adquirindo o corpete, tinha um casal heterossexual também sendo atendidos na loja, onde a mulher estava também comprando lingerie, e o rapaz que estava com ela achou meio estranho tudo aquilo, porque a moça que estava me atendendo sempre me dava outras possibilidades de cores e detalhes, ao mesmo tempo que eu entrava e saí do provador para provar e mostrar para a vendedora. Como nunca fui tão ousado e atrevido no meu jeito de vestir, fico mais dentro do legitimado enquanto “homenzinho”, nunca experienciei esses olhares sobre/para meu corpo em relação a esse tipo de experiência.

Depois de tudo pronto, chegou o dia do ensaio. Foi aproximadamente 1h30m de tempo gasto para me maquiarem, experiência única e interessante; inusitada, porque passar lápis no olho, rímel e colocar cílios não são coisas tão legais...rs e me incomodava um pouco, parecia que meus olhos estavam com um para-brisas; e todo o pó da maquiagem, a princípio, irritava um pouco meus olhos, que ficam lacrimejando. Conclusão, usar essa maquiagem todos os dias, como algumas expressividades de mulheridades fazem uso, não é para qualquer um não, demanda tempo e, posso dizer, esforço. Depois de maquiado e chegando o fotógrafo, expliquei para ele pessoalmente o que eu havia pensado das performances e o que eu gostaria de enfatizar com elas, pois nunca havia feito nenhum ensaio fotográfico e, por isso, precisaria que ele me dirigisse nas fotos.

Foram duas horas de ensaio, onde busquei performar as nuances entre masculino/feminino, as quais não imaginei que seriam tão complexos, seja na maneira de olhar

e na postura corporal que meu corpo aos poucos tomava forma; bem como dos lugares (repertório de lembranças e memórias) que eu resgatava naquele momento das feminilidades e masculinidades que tinham suas marcas na escrita da minha história. Estar de corpete não foi algo que teve efeito em mim, vamos dizer assim, tão marcante, ao contrário de ter que colocar uma calcinha para fazermos umas fotos. Buscar colocar meu pau dentro da calcinha, mas que não parecesse que eu o tivesse (pau), foi um desafio que me fez pensar nas pessoas trans e travestis, no que fazem para se sentirem “bem” com suas expressões de gêneros, e/ou para esconderem de si e de outrEs a identidade que não se sentem pertencentes.

Isso foi muito marcante para mim, pois pensar isso durante o ensaio, fez-me perceber como o corpo é fortemente marcado pelo binário, por discursos morais, sociais e religiosos que ditam o que devemos ser e como devemos estar. Apesar de, na minha infância e adolescência ter sido chamado e xingado de bichinha, viado, etc., muito mais do que nesse espaço-tempo da vida; performar e/ou expressar a feminilidade do/no meu corpo foi difícil. Ao mesmo tempo que expressar minha masculinidade também foi complexa, porque não tenho e nunca tive aquela masculinidade marcada por gestos fortes e posturas de macho. Posso afirmar que o ensaio foi um permitir-se naquele momento, construir e transitar por esse binário feminino/masculino que meu corpo poderia estar naquele momento, onde fui percebendo outros de mim mesmo. Onde no meu corpo de academia semanal, de dietas, de tatuagens ia ao mesmo tempo no olhar, nos gestos das mãos, das pernas, construindo possibilidades de se mostrar.

Como o ensaio tinha a proposta de mostrar que o corpo é apenas corpo, e que todo o resto são técnicas e dispositivos de generificação desse corpo, fiz algumas fotos nu, para mostrar essa construção. A nudez, para mim, depois de muitos anos não é problema, como já foi durante minha infância e adolescência. Então, ficar nu perto de outro homem, para mim é algo que não me constrange; mas também nunca tinha feito fotos pelado, era a primeira vez. Foi uma experiência de perceber meu corpo como um todo, na forma que ele está e do que ele é capaz. Ser olhado pela câmera é algo interessante, porque é um olhar que busca algo e que exige de você algo, e isso me fez perceber que no dia a dia é da mesma forma, os olhares esperam e exigem do nosso corpo inteligibilidade e coerência entre o sexo biológico que nascemos e os gêneros que nos é atribuído goela abaixo.

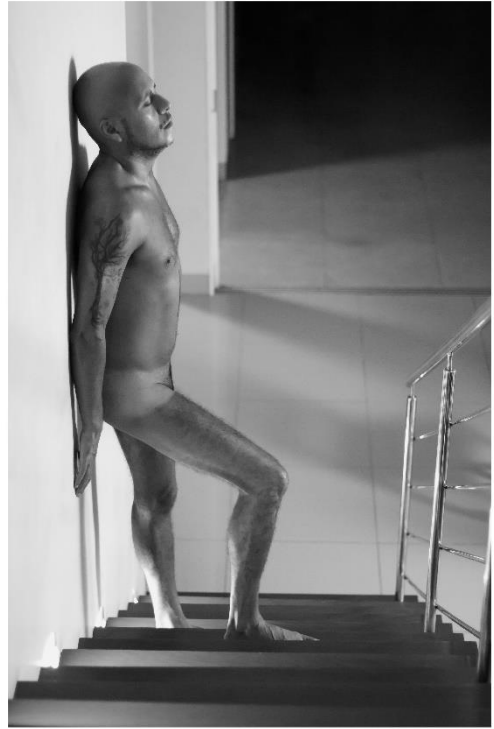
Porém, passado os dias, começo a perceber que, para mim, o impacto e/ou a intempestividade do ensaio sobre meu corpo, aconteceu e ainda acontece ao ver as imagens prontas do ensaio. Começo a perceber que a intencionalidade do ensaio de borrar as normas binárias sobre/para o corpo, acabaram nesse ensaio sendo escritas no meu próprio corpo, borrando também minha identidade. Foi um buscar em mim mesmo, ou nas

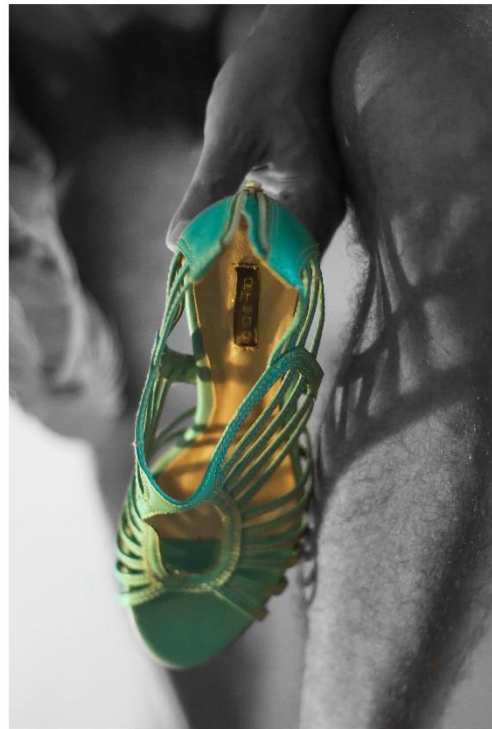
referências/representações que eu tenho, do que é feminino e masculino, seja como expressão corporal, facial, gestos e posturas, ou como queria que representasse tais expressões nas fotos. E, agora, começo a perceber, um pouco da teoria butleriana sobre performatividade, sobre os atos repetidos de gêneros que marcam nossos corpos, porque, nessa “busca” de expressar feminino/masculino, deparei-me, também, com os discursos e marcas sobre meu próprio corpo, recordando-me que na infância e adolescência, era uma luta pessoal para “tentar” performar o másculo, pois eu fui uma criança/adolescente bem mais afeminado que sou hoje. E, mesmo que eu não percebesse que isso poderia ser devido à minha orientação de desejo, a busca para corresponder ao que esperavam de mim (do meu corpo) em conformidade com meu sexo e gênero, fazia-me sofrer demais.

Sofrer porque para mim não havia problema algum, em me comportar/expressar daquela maneira, mas as humilhações, os discursos de verdade, os xingamentos, as exclusões fizeram com que eu, constantemente, tentasse performar o gênero masculino que me foi determinado. Então, durante o ensaio e pensando agora depois dele, que nessa tentativa de performar o feminino/masculino nas fotos, foi algo estranho e complicado, porque me deparei com os efeitos que vivenciei na pele, quando, de certo modo, meu corpo borrava as normas de gêneros, mesmo sem saber. Foi um permitir-me encontrar com outrEs im/possíveis em mim, dando vida, voz, expressão, sem pensar muito, mas deixando acontecer.

FAZENDO A LÔCA EM UMA GONGAÇÃO DOS GÊNEROS UM BAFÓ DE (RE)EXISTÊNCIA









Posteriormente, submeti esse ensaio que nomeei como: **“Fazendo a lôca em uma gongação dos gêneros um bafo de (re)existência”**, para o evento anteriormente mencionado, onde foi avaliado e aceito para compor as atividades do VI SIES – Simpósio Internacional em Educação Sexual: gêneros, sexualidades e diferenças – categorias de análise, (des)territórios de disputa, realizado na cidade de Maringá/PR em 2019; tendo, então, algumas fotos que juntamente com o fotógrafo Carlos Rodrigues, que realizou esse ensaio, foram escolhidas para estarem expostas no Atari Bar durante os dias que seguiam o evento na cidade.

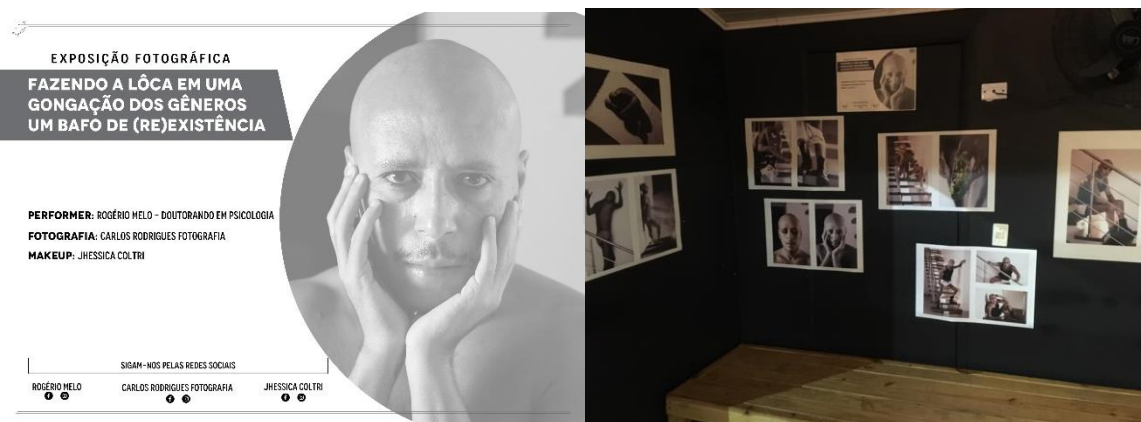


Fig. 15 e 16 – Imagens do Cartaz e da Exposição “Fazendo a Lôca” no Bar Atari

Não esperava tamanha repercussão, na própria chegada ao evento, pois as provocações repercutiram, conforme pontuado entre todos que faziam parte da organização, pois tinham visto o trabalho, quando o mesmo se encontrava em processo de avaliação pela equipe das atividades culturais. Assim, dei outro passo futuro com tais inquietações e como também, em julho/agosto do mesmo ano, estaria apresentando outro trabalho referente a minha pesquisa, na cidade de Mar del Plata/Argentina, submeti esse mesmo ensaio para ser avaliado para compor as exposições temáticas do evento.

Com sua aprovação, então, o ensaio da Lôca, pois foi assim que fui recebido na recepção do evento, ao confirmar minha presença no *hall* de inscrições, ganhou outras terras, estando exposta no Teatro *El Séptimo Fuego* na cidade de Mar del Plata, durante a semana do *XIV Jornadas Nacionales de Historia de las Mujeres y IX Congreso Iberoamericano de Estudios de Género*.



Fig. 17 – Imagem da Exposição “Fazendo a Lôca” no Teatro El Séptimo Fuego

As afetações das/pelas marcas do/no meu corpo me diziam o tempo inteiro, como se emitissem outros ruídos que poderiam ser mapeados e experimentados, que eu precisava dar um passo além, explorar um pouco mais. Assim, em meio a organização e planejamento da viagem para o congresso em Mar del Plata, já com outras sensações e percepções advindas da maioria das entrevistas já realizadas (descritas na próxima *pARTE* dessa cartografia), acabo colocando mais uma vez meu corpo em outro campo de experimentação, pois, pelo menos naquele momento, eu queria perceber que im/possíveis as aproximações com os estudos e perspectivas *queer*, poderiam agenciar para além desse binário feminino/masculino.

Era como se eu tivesse uma provocação inquietante na mente, que me fazia pensar se para expressar um corpo fora das normas de gêneros, eu fosse sempre “empurrado” para tensão entre esses marcadores de gêneros. Será que um corpo consegue expressar *outrEs* de si, sem precisar buscar no seu gênero oposto elementos para isso? – mais ou menos, era isso que naquele instante me (auto)provocava.

Foi nessa ocasião que entrei em contato com um colega psicólogo da cidade de Cascavel/PR, que tem um trabalho profissional com ensaios fotográficos, ao meu ver, bem diferenciados e que, de certa forma, vinha de encontro ao que eu buscava, pois, aos poucos, nessa pesquisa cartográfica, que ia se desenvolvendo de modo paralelo, mas no entre dessas minhas experimentações, percebi que a vida é processo, às vezes, em grandes proporções, outras em seus pequenos detalhes. Nenhum deles tem importância maior, apenas acontecem de maneiras diferentes, exigindo de nós sensibilidades para seus movimentos; foi o que busquei me permitir.

Posso assim dizer que, construir esse ensaio, desde o primeiro contato com Leandro Rodrigues (que hoje eu considero um irmão que a arte me concedeu), foi de certo modo criar

essa sensibilidade para os detalhes, para aquilo que poderia surgir, para os avessos. Com certeza foi romper com limites para que outros embriões de existência futuramente florescessem; pois a ideia do que eu queria, já existia em mente, faltava materializá-la dentro do trabalho que o fotógrafo já realizava com maestria.

Nosso primeiro encontro para explicar melhor minha ideia e construirmos juntos o caminho, durou horas a fio. Um bate papo intenso e interessante, que agenciavam em mim entre-lugares que faziam tempos que eu não visitava e/ou não fazia ideia das suas dimensões. Lembro como se fosse agora, as palavras, os gestos, a delicadeza e a profundidade do olhar desse profissional, que como uma câmera, conseguia me olhar de outro prisma, com outros focos. O mesmo aconteceu em nosso encontro para as fotos, um bom chá saboreado de uma conversa intensa, que, aos poucos, me desconstruía e construía novamente. Sem perceber, ou percebendo, naquele momento tenso que eu estava passando, de dias sem dormir e muitas lágrimas, devido aos revezes da vida, ele conseguiu ativar meu corpo para outras sensibilidades e gestos comigo mesmo, fazendo-o transitar por outros espaços, por outras potências, para outras fragilidades que começavam a circular em mim.

Poucas pessoas até hoje conseguiram essa façanha, me desnudar completamente. Não me encontrava mais diante de um fotógrafo, mas diante de uma “porta-aberta” naquele momento, onde eu poderia me colocar como quisesse; onde eu poderia expressar aquilo que eu nem fazia ideia que pudesse transitar pelo/no meu corpo. Meus medos, inseguranças, força, sentimentos, lutas, etc... o que pedisse passagem naquele instante. Sempre é inquietante (não vergonhoso), pelo menos para mim, ficar pelado na frente de outro cara, ainda mais se for heterossexual, e este sabendo que sou gay. Sempre há uma preocupação em causar constrangimento, de alguma forma, mas confesso, nunca me senti tão nu sem receio de estar pelado.

Foram horas incríveis de expressar o inaudito em mim, de buscar mediante um corpo construído por exercícios e dietas, o que ele poderia ir além dessa demarcação viril que se espera do corpo de um homem-cis. Desafiador todo o processo de construção desse corpo, de certo modo ciborgue, pensando aqui nas proposições de Donna Haraway (2000), porque por meio de uma construção estética construí o corpo que eu desejava, que se esforçou fisicamente para ser modelado por treinos intensos de academia e acompanhamentos de dietas, para torná-lo dentro dos padrões desejáveis e esperados, principalmente dentro de uma cultura gay assimilacionista e/ou de um padrão hétero de corpos masculinizados por imagens representacionais de virilidade; ou seja, corpos e vidas modeladas dentro de padrões que produzem e incitam constantemente o desejo pelo belo, pelo desejável. Mas o que é belo?

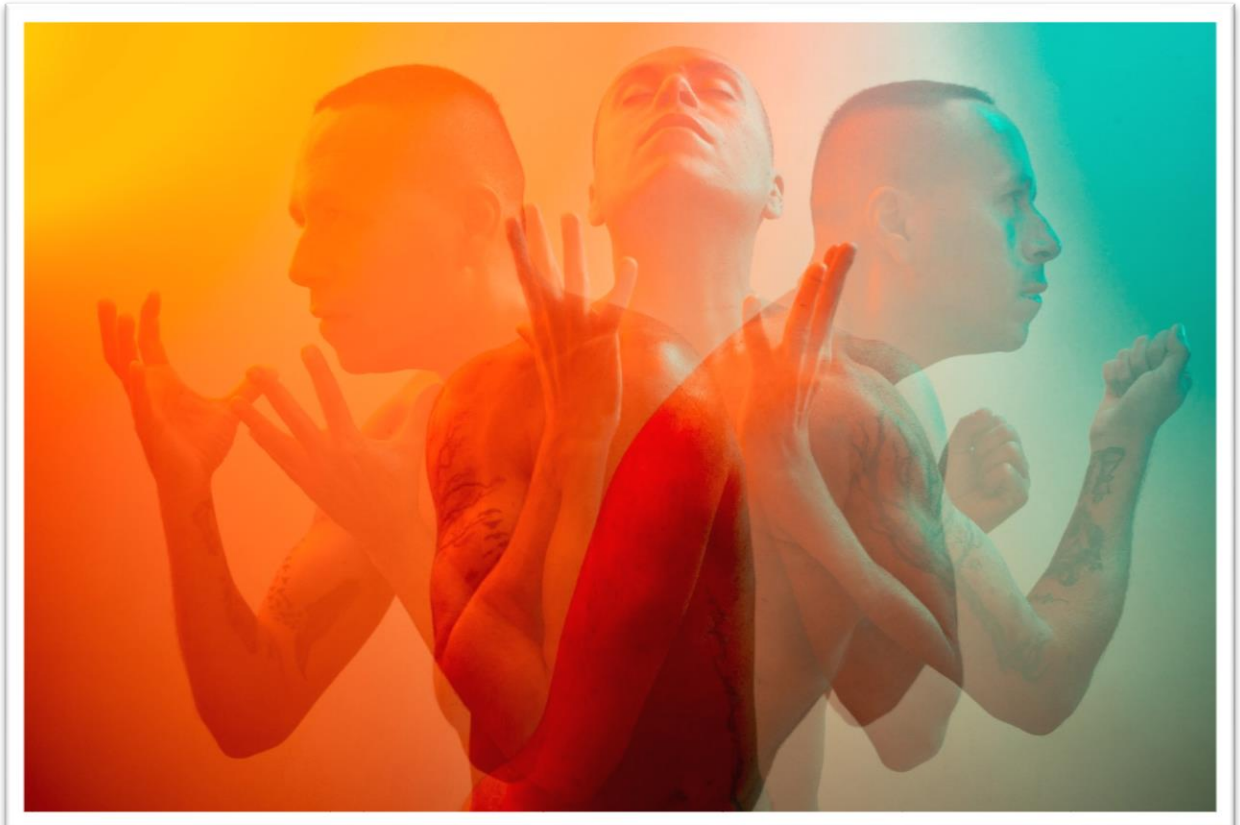
Não tinha o objetivo de, neste ensaio, criar o belo, de encontrar reconhecimento, pelo contrário, era uma tentativa de deixar fluir desse corpo sem nada, mas construído, os seus avessos, as suas outras vozes, os seus gritos, as suas forças e fragilidades, borrando os seus limites. Ao mesmo tempo, encarando outras dimensões im/possíveis de afetos em outras narrativas de si; criando linhas esquizos do corpo que pode se tornar o que se permitir, corpo que se lança sem referências, pois o que move é o encontro e seus devires.

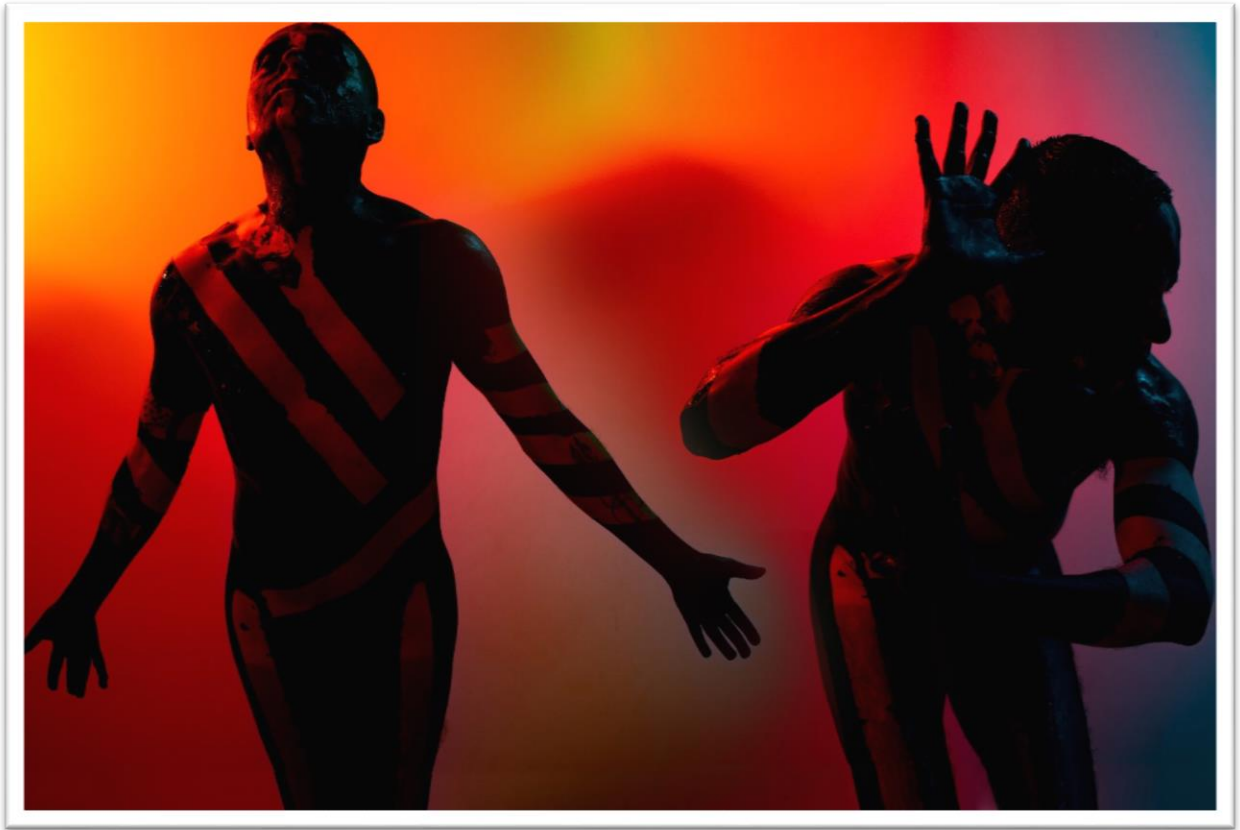
Com esse intuito, o fotógrafo não só se utilizou das técnicas de múltipla exposição e luzes de estúdio (flash com gelatinas coloridas), mas aceitou o que propus a ele, depois de várias pesquisas que fiz, antes do ensaio para ter algumas ideias, de pintarmos o meu corpo inteiro com tinta, com algumas faixas sem pintar, dando uma percepção de algo marcado; pois eu queria trazer, de algum modo, as marcas que o corpo sofre enquanto ser vivente que vai, aos poucos, sendo inserido dentro de categorias interseccionais de classe social, raça/etnia, gêneros, etc., por essa sociedade cisheteronormativa.

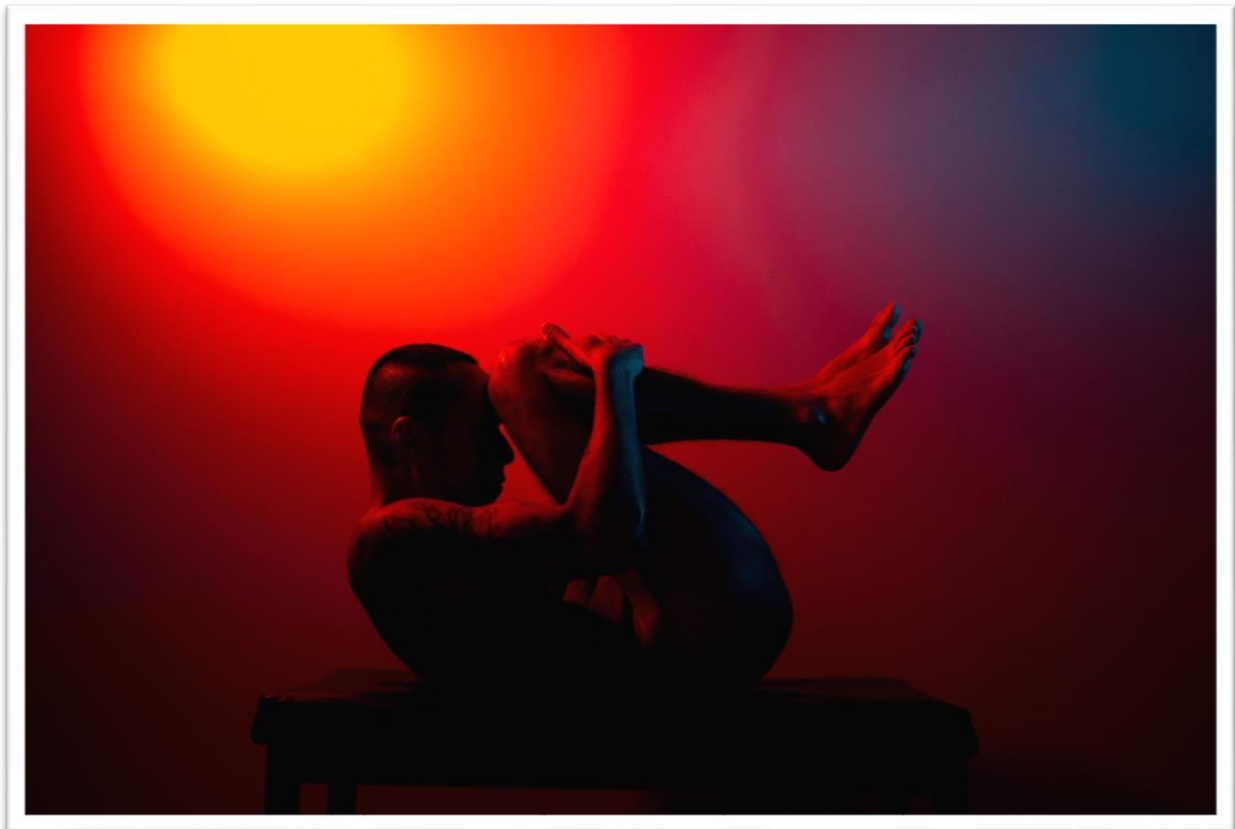
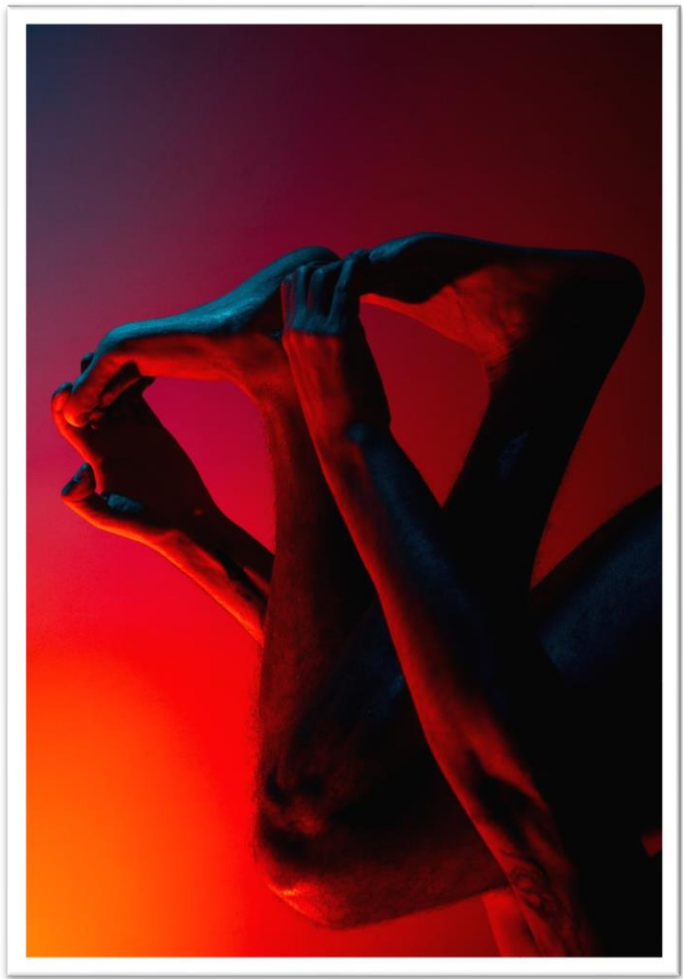
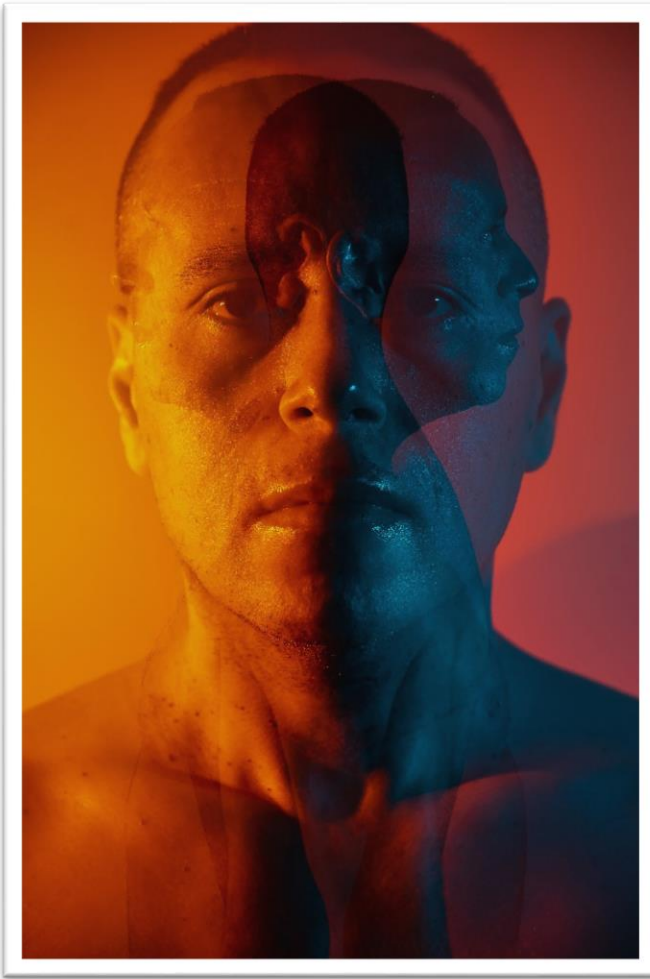
Queria expressar também essas marcas que silenciam, invisibilizam e enquadram a vida e nossa própria percepção de si mesmo. Com certeza, foi uma experiência única a cada flash, a cada direcionamento, a cada explicação, a cada palavra. Os gestos e movimentos capturados pela câmera de Leandro, não foram apenas fotos, mas foram se tornando ruídos não ouvidos dos avessos que habitam/transitam meu corpo, convocado a se expressar pelo encontro com o corpo desse fotógrafo que um curto-circuito gerou explosão!

AVESSOS INAUDITOS: OS OUTROS QUE ME HABITAM









Posterior ao ensaio, em outra aprovação de trabalhos para comunicação oral, atrevi oferecer à organização do evento, o ensaio para compor o espaço onde o evento aconteceria; já que nesse evento específico não teve programação cultural e editais de chamadas para propostas artísticas. Assim, depois de enviar a proposta e algumas fotos do ensaio, recebi o aceite para expô-las no *hall* de recepção do Congresso Internacional LGBTI+ na cidade de Curitiba/PR que aconteceu em novembro de 2019.

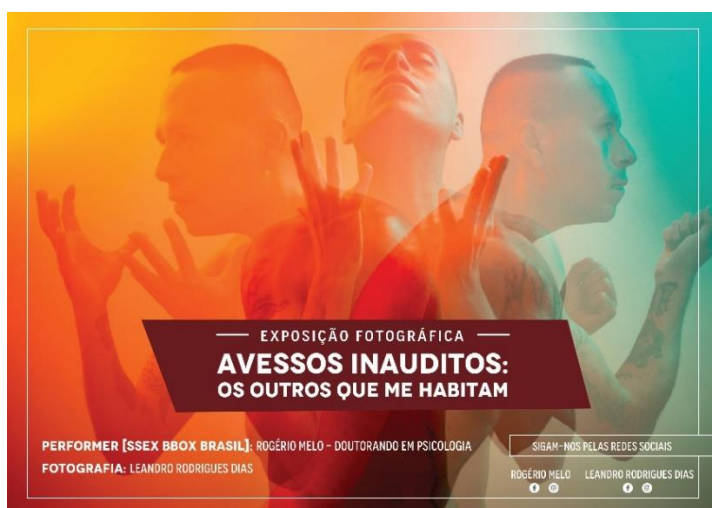


Fig. 18 – Imagem do cartaz de divulgação da Exposição “*Acessos Inauditos*”

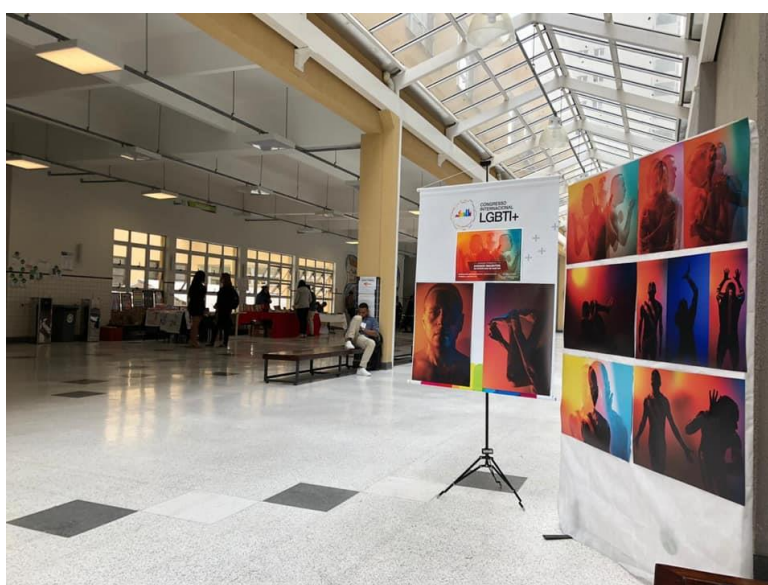


Fig. 19 – Imagem da Exposição “*Acessos Inauditos*”

Tal exposição do ensaio que atrevi chamar de “**Acessos inauditos: os outros que me habitam**”, por ter sido divulgado nas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) do evento, bem

como no meu próprio, acabaram chamando a atenção da plataforma virtual “Esquizografias”³⁰, que solicitaram que eu enviasse uma das fotos com um texto que reverberasse toda a proposta do ensaio. Foi onde, acabei escrevendo de outras formas o campo de afetação desse ensaio: “Expressar os afectos e as vozes inauditas do corpo é permitir-se transitar por territorialidades outras. É encontrar com o inabitado que nos habita, potencializando os entre-lugares que se desenham em constante devir, (re)criando fenômenos psicossociais singulare. É romper com as referências que nomeiam, estratificam e aprisionam o corpo em uma única identidade para, quem sabe, desterritorializar o “eu” que nos consome e aniquila.

Provocação de vida intempestiva e intensa, que convoca ao nomadismo, ao devir-mulher, devir-criança, devir-animal, devir-imperceptível... outramentos da existência. Urgem tempos de encontros potentes, de abertura aos acontecimentos que nos deslocam da representação, do reconhecimento, para linhas de fuga ativas e não reativas... linhas de invenção. Tempos de criar maneiras afirmativas da existência que nos questionam cotidianamente: Que força fala em mim? Hora de borrar as identidades, deixando fluir os movimentos intensivos de um Corpo sem Órgãos”.



Fig. 20 – Imagem da *Homepage* Esquizografias

Diante do exposto, esse campo de experimentação foi sinalizando, de certo modo, que aquela intuição (auto)provocativa anterior a tudo isso, de que algo estava necessariamente

³⁰ Página do *Facebook* disponível em: <https://www.facebook.com/esquizografias>

pedindo passagem nessa investigação, tinha seu “Q” de potência. Que a implicação que eu desejava ter ao longo da escrita, ela precisa, pelo menos para mim, passar pelo corpo, por uma vivência encarnada das/nas experiências.

Eu precisava “revelar” para mim em primeiro lugar, depois para outrEs, as dobras, as tonalidades e robustez de outras escritas de si que constroem outras alianças e rompem os limites. Foi o que aos poucos foi acontecendo e ainda o está, pois, depois de todo esse caminhar, novamente a vida intempestiva traz outras tonalidades e desafios, visto que essa experiência com a arte, não somente acionou, em meu corpo, a vibração intensiva frente aos anestesiamentos do presente, mas colocou meu corpo e minha experiência em lugares até então inimagináveis, em virtude de ser psicólogo e não artista.

Porém, diante de todo o ocorrido com as exposições, a convite dos organizadorIEs da plataforma do [SSEX BBOX] Brasil, responsáveis pela organização e disseminação da sua plataforma Catálogo Performance *Queer* no Brasil, que é um dos universos queers dessa cartografia, hoje faço parte como um dos artistas que compõem esse mesmo catálogo; ao lado de grandes artistas do cenário nacional/internacional, como Gloria Groove, Johnny Hooker, Liniker e Linn da Quebrada.

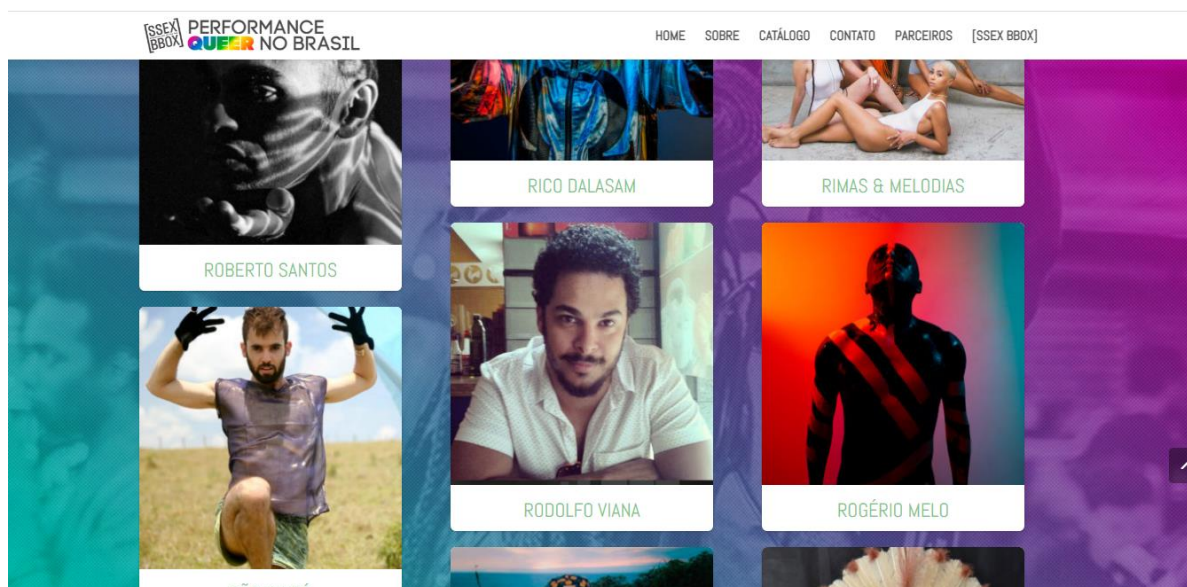


Fig. 21 – Imagem entre integrantes do Catálogo Performance *Queer* no Brasil

Ocupar esse lugar, ao mesmo tempo que abriu outras portas para levar os trabalhos e diálogos que venho já alguns anos desenvolvendo a respeito das questões de gêneros, sexualidades, identidades, processos de subjetivação, marcadores sociais de diferenças, etc., principalmente dentro do campo acadêmico, com pesquisas, textos, publicações, palestras, etc.;

também trouxe uma enorme responsabilidade, no sentido de apostar agora em uma escrita experimento, provocativa não somente no âmbito de uma escrita intelectual e/ou verbalizadas, mas em uma escrita outra de aparecimento do/no meu corpo que libera suas resistências e existências em transbordamentos éticos/políticos/estéticos de partilha do sensível, na tentativa de borrar e criar linhas de (re)existência à sociedade cisheteronormativa, fazendo, assim, uso de diferentes suportes: fotografia, portfólios, palestras e ações performáticas, como armas de combate a LGBTfobias e canais de passagem para vidas mais intensivas, como descrito na miniapresentação que elaborei para o Catálogo Performance *Queer* no Brasil do [SSEX BBOX].



Fig. 22 – Imagem do meu perfil no Catálogo Performance *Queer* no Brasil

Sei também, que tal aparecimento tem seu peso, seja através da publicação dos ensaios publicados nas redes sociais *Facebook* e *Instragam*, bem como em plataformas *on-line* do Clipping LGBT+³¹ e da Revista Lado A³² e, agora, me juntando aos 131 artistas que compõem o catálogo; pois meu corpo resolveu sair das trincheiras para ocupar meu lugar nessa guerra, onde “[...] Arte e produção de subjetividade são as minhas armas e, sem ingenuidade, é com elas que irei resistir e criar espaços de vida” (STUBS, 2019, p. 27).

A intenção de apresentação desses diários faz-se pertinente, ao se tratar de uma cartografia que acontece no mesmo instante que o pesquisador-cartógrafo se encontra provocado pelas inquietudes que o envolve, antes mesmo de adentrar as paisagens psicossociais que pretende aventurar-se. Inquietudes que atravessam e acionam seu corpo frente às forças que instigam seu pensamento a pensar. Assim, pretendi aqui, antes mesmo de apresentar o meu

³¹ Matéria sobre o ensaio *Avessos Inauditos: os outros que me habitam*, disponível em: <http://www.clippinglgbt.com.br/exposicao-fotografica-avessos-inauditos-os-outros-que-me-habitam/?fbclid=IwAR02j3q--HRWqxdDSA v9eSiBs5uljArgAXwBRvH4Caw9ib24XMOK1swEkhs>

³² Matéria sobre o ensaio *Fazendo a lôca em uma gongação dos gêneros: um bafo de (re)existência*. Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2019/08/noticias/ensaio-fotografico-queer-desmistifica-questoes-de-genero-e-heteronormatividade/>

encontro com os 10 colaboradores dessa cartografia, registrar e expressar o campo de afetações que ganhava amplitudes, dimensões e prolongamentos ao longo da investigação, pois não se findam, mas seguem compondo outras (des)composições e (des)conexões; se tornando aos poucos, linhas-fluxos do plano de imanência dessa cartografia que vai se fazendo ao acontecer. Plano esse como afirma Deleuze e Guattari (1992), que é o próprio movimento da vida e suas vivências, por isso é uma afirmação criadora da vida que se define unicamente por afetos e/ou potências, proliferando-se por contágios.

Esses diários, portanto, registram os movimentos de uma cartografia que já se faz também no meu corpo, criando, assim, enredamentos e outros desdobramentos, inerente ao exercício cartográfico que se expande em composições sempre inacabadas; mapeando, rabiscando e tateando “[...] sempre um novo acontecimento, uma nova trama, ou seja, a ensaiar um novo mapeamento” (LÍRIO, 2020, p. 80) e, porque não dizer, outros novos contágios.



RESTRAINTS

3. CORPOUTRAMENTOS³³: CONTRABANDEANDO ABJEÇÕES EM MEIO ÀS FRONTEIRAS DA CISHETERONORMATIVIDADE

*[...] Não olhe nos seus olhos. Não creia no seu coração
Não beba do seu copo. Não tenha compaixão
Diga não à aberração” (Não Recomendado – Caio Prado Ribeiro).*

Os trajetos e as linhas que aos poucos se desenham nessa cartografia, sem sombra de dúvidas, tornaram-se parte de mim, mobilizaram pensamentos, verdades, afetos, convicções, sonhos e minha própria história. Outra ética de vida foi se afirmando potência de criação, de resistência; não somente enquanto linhas de fuga, mas também como linhas de luta.

Foi dar um passo, ou melhor, se jogar no inesperado, para além de teorizações das realidades e de suas infinitas im/possibilidades. Deixar-me contagiar, colocando o corpo e a vida em meio às trincheiras levantadas da moralidade, do permitido, do aceitável, do mesmo, para quem sabe encontrar, além desses limites impostos, a força afirmativa e intempestiva da criação do im/possível.

Estrangeiro em outras terras, em outras vidas, em outras histórias... Mesmo que cronologicamente haja aqui um tempo de “início, meio e fim” de uma pesquisa, o turbilhão de intensidades provocadas pelas forças dos acontecimentos é contínuo, perpetuando outras tramas de fluxos e multiplicidades.

... AGOSTO DE 2018

Malas prontas, entrevistas pré-agendadas, equipamentos organizados, ansiedade a mil... Era hora de aventurar-me! Foram oito dias na capital paranaense, Curitiba, onde me fiz presente na última apresentação da peça teatral manifesto **Projeto Queer**, sendo um dos três universos queers dessa cartografia, conforme mencionado anteriormente. O convite foi feito pelo próprio diretor da companhia de teatro e dança Rainha de 2 Cabeças, César Almeida, para, posteriormente, agendarmos as entrevistas com os integrantes do espetáculo, durante aquele período que eu estaria na capital. Aproveitando que me faria presente naqueles dias em Curitiba,

³³Apropriei-me aqui de um conceito apresentado na conta do *instagram* ‘Esquizo-Grafias’, onde traz o texto corpOutramentos, sendo esse “[...] corpo repleto de diversos corpos que me atravessam e me constituem. Corpo copulado em outros, em encontros com corporeidades que nos fazem sair do lugar-comum. Fuga do que nos arrasta a esgueirar-se na identidade, no fato, na estrutura [...] coexistência de povoamentos nômades” (Esquizografias). Disponível em: <https://instagram.com/esquizografias?igshid=1tdoppi8vf7xc>

deixei pré-agendado outras entrevistas, com integrantes dos dois outros universos queers dessa investigação, **Cidade Queer** e **Catálogo Performance Queer no Brasil**, que residiam também na capital paranaense. Nessa incursão dentro das possibilidades e prévio planejamento, mas também de imprevistos, foi possível realizar 03 das 04 entrevistas previstas para esse momento, sendo a quarta realizada *on-line* via *Skype* em outra ocasião.

... SETEMBRO DE 2018

Embarco para São Paulo, levando na bagagem a inquietude do que encontraria pela frente, pois a experiência anterior na capital paranaense, ainda se fazia acontecimento intensivo em meu corpo. Nos oito dias, entre congestionamentos, longas distâncias, horas e horas em Uber, metrô, apreciei momentos singulares, principalmente no contexto da arte; fazendo-me presente no espetáculo musical do ‘Dzi Bando’ no Teatro Augusta, na abertura da exposição ‘Um homem bateu em minha porta’ na Galeria Verve, além de transitar pelo *Red Bull Amaphiko*, local onde estava acontecendo a 4ª. Edição da Conferência [SSEX BBOX], que também compõe os universos dessa pesquisa. Nesses dias, tive a oportunidade de realizar algumas das entrevistas pré-agendadas, sendo 03 entrevistas das 05 entrevistas para esse período, onde também, por imprevistos, tive que agendar outro momento *on-line* para realização das outras restantes.

... DEZEMBRO DE 2019

Um longo período se passou, desde meu primeiro encontro com as vidas que aqui trago em cena³⁴. Ouvir seus relatos novamente, trouxeram à memória os detalhes de onde nos encontramos, dos espaços que circulamos para melhor realizar nossas entrevistas; mas muito mais, das alegrias, das superações, das dores, dos enfrentamentos, das resistências e lutas que essas margens encarnadas/incorporadas narravam sobre si e suas histórias. Corpos e vidas disruptivas que relatam as diferenças não autorizadas a ocuparem determinados espaços; abjeções que são postas fora, mas que ao falar suas experiências perfuram as fronteiras entre as margens e os centros, inventando outros territórios, para além da margem, percorrendo outras zonas marginais. Sigo, então, na abertura, para ser tomado mais uma, duas, três... vezes, por seus acontecimentos.

³⁴ Ressalto, que a cartografia dos encontros que se seguem, trazem em suas feições nomes fictícios dos seus narradores, onde procurei elaborá-los em correspondência aos trabalhos realizados pelos mesmos, ou pela narração de suas experiências aqui registradas; respondendo assim, ao sigilo/anonimato solicitado e explicitado no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e assinado pelos colabores dessa investigação, bem como por imagens cedidas pelos próprios colabores mediante assinatura de autorização de uso de imagens.

Colaboradores



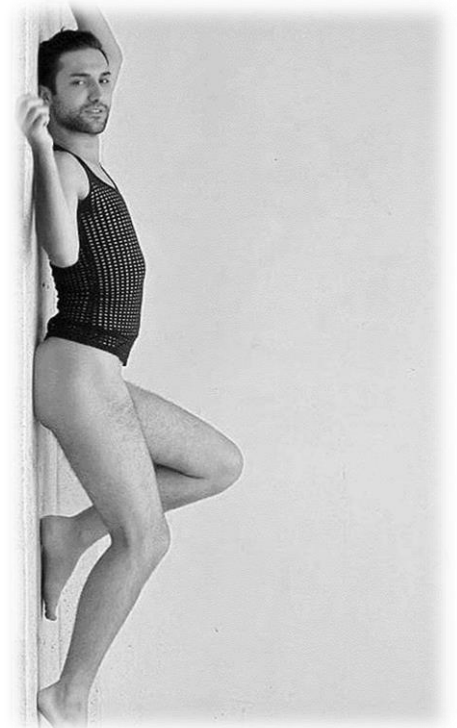
MOTUMBÁ



ANARQUISTA



FAUNO



ALEGORIA



*BICHA-PRETA-
AFEMINADA*



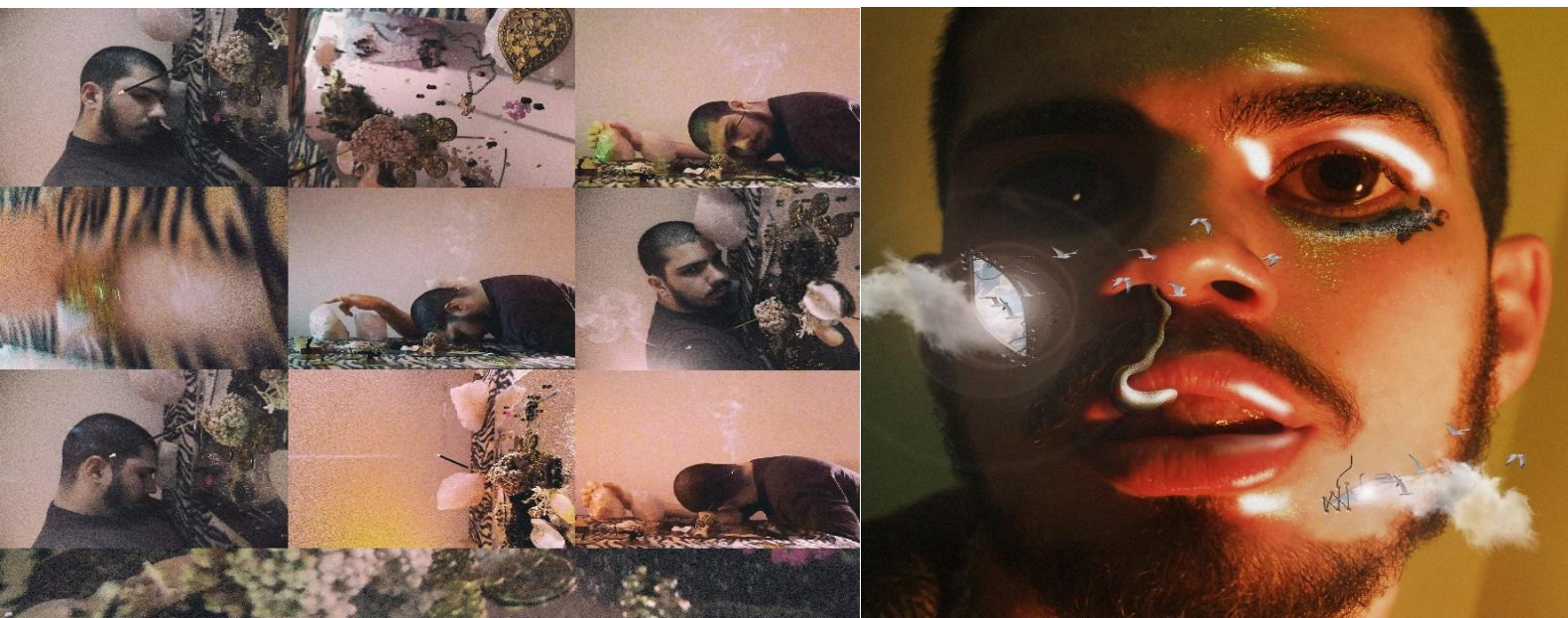
Uma criatura entre dois mundos: as experiências de **Ciborgue**

Ao longo desse percurso cartográfico, deparei-me com o perfil de Ciborgue entre os 67 integrantes que compõem atualmente o Catálogo Performance *Queer* no Brasil na área artística direcionada ao nicho musical. A descrição de seu trabalho, no catálogo, possibilitou, a princípio, uma ideia de por onde Ciborgue transita enquanto um corpo queer e do trabalho desenvolvido por ele. Nascido na Paraíba, desenvolve projeto de produtor musical e diretor de arte e mídia, criado através de sua persona digital [M.]

Através da produção/experimentação entre a música pop e eletrônica, Ciborgue apresenta material diversificado em diversos segmentos midiáticos, tanto na produção musical, bem como na criação de imagéticas que (des)compõem o comum, explorando, assim, a exposição de seu corpo queer, como ele mesmo se refere, para invenção e conexão com outros espaços e possibilidades de existência. Nos anos de 2016/2017, lançou seus dois EP, em 2016 o “Dust” e em 2017 “Zona”, além de outras produções autorais de trilhas sonoras para outras apresentações com temáticas queer.

«[...]sons e visuais que buscam a fuga do comum, abordando temáticas, como gênero, corpo, natureza e tecnologia. »

Catálogo Performance Queer Brasil



Embora tenha criado uma persona para suas expressividades artísticas, Ciborgue salienta que seus trabalhos não estão desconectados do seu cotidiano, mas são, sem sombras de dúvidas, expressões da sua existência, da sua maneira de perceber a si mesmo e se posicionar no mundo; via para expressar suas lutas, seus receios, suas atitudes frente ao conservadorismo, às imposições do sistema e a invenção de possíveis fugas/saídas que encontrou para se libertar.

Ao se reconhecer como um corpo queer, Ciborgue enfatiza que criar [M], já há quase 3-4 anos, foi crucial para experimentação da liberdade de outros possíveis, onde o estado de culpa não seria tão constante. Vindo de uma família conservadora em uma cidade do interior da Paraíba, atravessados por uma educação religiosa evangélica, Ciborgue não deixa de reconhecer seus privilégios de homem-cis, branco, com características masculinas; salientando assim, ao mesmo tempo seu lugar de “vítima” de um sistema LGBTfóbico, mas também, por vezes, um possível corpo-agressor frente a outras expressividades de vida LGBTQIA+.

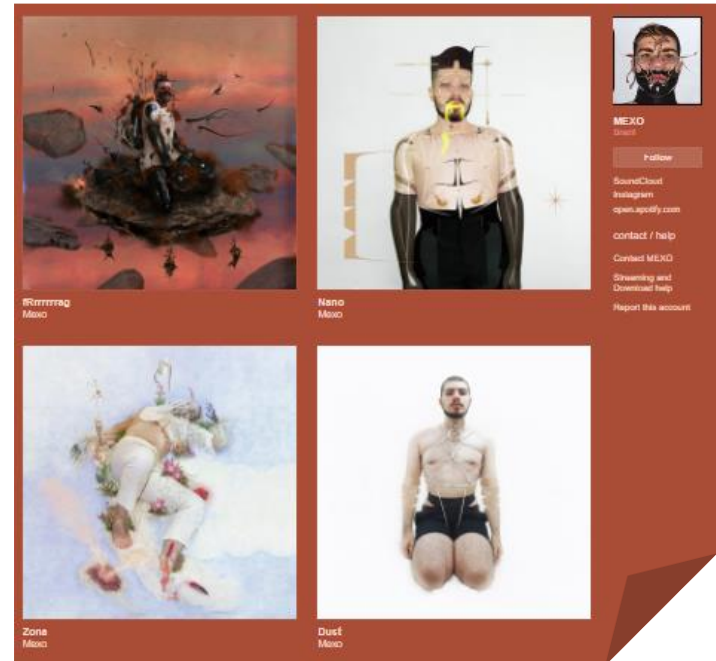


Figura 23 – Imagem do perfil de Ciborgue na plataforma Bancamp.



Para Ciborgue, transitar nessa brincadeira, como ele mesmo se refere, de ser ou não ser, de ter nome, não ter nome e/ou se nomear das maneiras que quiser, é performar seu corpo, de se impor, de trocar coisas de lugares e contagiar, como um vírus, outros universos. A criação de sua persona digital não toca unicamente as questões de gênero e sexualidades, vai além, trazendo para seus trabalhos e para sua vida, misturas de elementos da natureza, místicos, surreais; em um jogo de realidade e virtualidade, se fazendo um experimento corpóreo, muito mais que sexual, afirma Ciborgue.

[M] se torna realidade, quando Ciborgue se depara cotidianamente com suas amarras, com contextos sufocantes do seu dia a dia e com um “grito” de algo que o desafia a ir além das prisões que o sufoca. Essa trajetória e atitude diante da vida possibilita, segundo Ciborgue, novas alianças, novos contatos que agregam, não somente o campo artístico, mas trocas de experiências que possibilitam aos poucos, uma outra escrita de si e da sua história, como ele mesmo diz, um rabisco na tentativa de desenhar a própria vida.

Ao rastrear suas redes sociais e plataformas digitais que levam às suas produções musicais, pode-se constatar os elementos místicos, surreais e fantásticos a que Ciborgue se refere. Na composição de seus trabalhos, a presença de elementos digitais cria paisagens e incorporam, em seu corpo outras materialidades, tornando-se, assim, um experimento da/na vida, em conexões entre real e virtualidades.

«[...] era uma urgência oculta que eu sentia para criar alguma coisa, um tipo de experimento, ter um corpo extra para experimentar vontades não realizadas.»

Imagens criadas digitalmente no desenvolvimento dos seus trabalhos que, em uma mistura de realidade e virtualidades, nos levam a outros mundos, de realidades alternativas, de (des)construções do corpo e im/possíveis invenções de si.

«[...] um rabisco na minha tentativa de me desenhar na vida, em meio à busca para me entender. Ou como um espirro, como se, sem perceber, eu tivesse acumulado poeira demais e, sem ensaio algum, um dia eu espirrei.»



Palavras Sopros

Linhas de fuga/luta...

« [...] não consigo imaginar como seria minha vida hoje se eu não tivesse essas saídas, esses escapes, se eu não tivesse [M] para me libertar, digamos assim. »

« Eu performo tudo isso, me adequo a situações quando quero, mas estou sempre tentando achar um jeito de me impor, de contaminar meus universos, de trocar algumas coisas de lugar de vez em quando. »

Frente ao esgotamento do possível...

« [M] surgiu em um ponto crucial da minha vida, no qual eu estava começando a conquistar algumas liberdades, ele representa o desprendimento de Ciborgue de várias amarras, de situações e contextos sufocantes. »

Privilégios...

« Por outro lado, eu sou um corpo privilegiado, branco, eu tenho características masculinas, sou cis, então sempre tem esses dois pesos para serem pensados. Saber situar-me enquanto um corpo-vítima mas também um corpo-agressor é importante pra me reconhecer como um corpo queer e reconhecer, me misturar, ter empatia com outros corpos.»



Desbunde...

« Não é novidade saber que a gente sempre estive em situações de risco, e muito mais agora, mas estranhamente todo esse terror tem me dado coragem para aparecer mais dentro da minha casa, nos lugares que transito, de expressar mais os lados que tanto querem apagar em mim. »

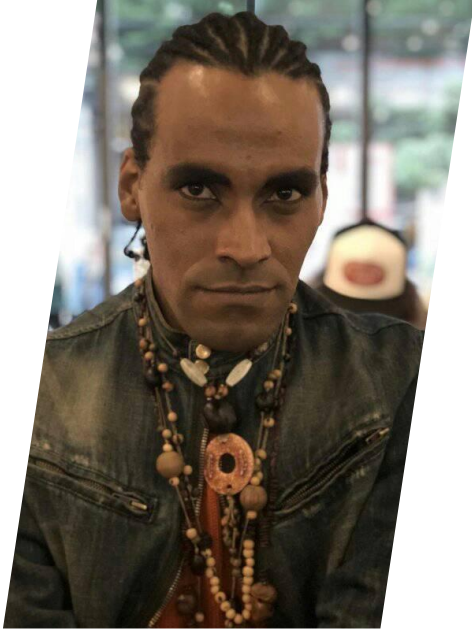
Queer...

« Na minha opinião, o queer no contexto brasileiro hoje é representado por todos esses movimentos de auto declaração de classe, de raça, de sexualidade, de fé, as políticas de valorização do lugar onde você existe, de aceitação do corpo que você nasceu, de mudança de hábitos tóxicos para o corpo/mente por hábitos saudáveis, de utilização das potências que suas particularidades guardam, tudo isso para mim é a mais poderosa resposta ao estado de medo no qual somos colocados diariamente no Brasil. »





Os levantes de resistência do corpo político da
Bichə-Prətə-Afeminədə



Ativista, integrante de vários movimentos sociais, como do coletivo Revolta da Lâmpada e do Grupo Cume. Fez parte no desenvolvimento da 1ª. Conferência [SSEX BBOX]/Mix Brasil e contribui no Projeto Lacração da fotógrafa Bella Tozini na cidade de Jundiaí/SP. Esteve presente na residência *Explode* do projeto Cidade *Queer*, tornando-se, assim, um dos colaboradores dessa cartografia.

Pelos trajetos que percorreu, ao longo da sua história e pelo seu engajamento militante, Bichə-Prətə-Afeminədə se reconhece como um corpo queer por se considerar uma figura em trânsito, em desobediência de gênero, em desobediência

aos padrões cisheteronormativos de existência que aprisionam a vida e as identidades. Exercício de experimentação e reconhecimento do próprio corpo para além de um padrão estético, organizado também, muitas vezes, por um pensamento acadêmico do/sobre o queer, mas que precisa ir além, abarcando cada vez mais as vivências marginais.

«[...] eu começo a perceber que o queer, ele supera e ele não cabe só no pensamento organizado e acadêmico. Ele tem história também que era das vivências pessoais, particulares e que não se repetem, então é esse o caminho.»



Diferente de outros colaboradores dessa cartografia, Bichê-Prêta-Afeminada não faz uso da arte como ferramenta e/ou meio de expressar sua luta, suas vivências e/ou sua experiência queer; seu posicionamento ético/político/estético diante da vida acontece no seu cotidiano, nos lugares que ocupa e transita; mesmo que, por vezes, espere-se do seu corpo e da sua identidade, certa performatividade por ocupar esse não-lugar da desobediência.

Para Bichê-Prêta-Afeminada, as desobediências aos padrões cisheteronormativos não podem ser pautadas dentro da criação de outras normas de conduta que estabeleçam hierarquizações de/sobre tais experiências e vivências singulares de/sobre cada corpo.

De acordo com Bichê-Prêta-Afeminada, faz-se necessário, cada vez mais, por parte de todEs, a tomada de consciência de que nos encontramos em guerra e que nossos corpos são corpos políticos; por isso, ao invés de exigirmos as mesmas performances de todEs, correndo o risco de tornar o queer uma identidade hegemônica, é urgente reconhecermos que não estamos no mesmo lugar para falar de gênero, identidades, etc.



Ao reconhecer os privilégios que seu corpo carrega, principalmente de poder transitar pelos espaços, comparado a outrEs corpos que não possuem tal passabilidade, Bichê-Prêta-Afeminada sinaliza a partir de toda sua caminhada militante e de aproximações com tantas outras pautas de discussões com outras minorias sociais, raciais e sexuais, a necessidade de diálogos e alianças que abarquem urgentemente todas as dissidências marginais em suas múltiplas expressividades.

É de extrema importância, portanto, abriremos caminhos possíveis para mais corpos inadequados, pontua Bichê-Prêta-Afeminada.

«[...] é esperado e desejável que eu leve essa identidade, essa desobediência de gênero nos espaços que eu frequento hoje; espaços de trabalho, espaços de conhecimento. Isso de certo modo é previsto quando eu chegar lá... as pessoas já preveem que eu vou estar com maquiagem, até se eu não tiver as pessoas questionam. »



Seu posicionamento provocador, indisciplinar, desobediente, queer se encontra constantemente em disputa e em uma (re)negociação constante com a vida e consigo mesmo, pois, para Bichə-Prətə-Afeminədə, a dissidência, a abjeção, o queer, ultrapassa a questão de gênero e sexualidades, indo ao encontro de tudo e todos que não se encaixam e resistem ao que está estabelecido enquanto padrão hegemônico, seja ele qual for.

Ao falar que a violência que vivenciamos no atual cenário nacional possa produzir certo silenciamento das resistências, das expressividades de lutas, Bichə-Prətə-Afeminədə afirma que é hora de fazermos alianças, de aproximações que possibilitem reconhecermos nossos lugares de privilégios e, a partir deles, desafiarmos esse sistema opressor.

Desobediência...

« [...] eu sempre repito essa questão da desobediência, porque é um desafio, é difícil porque você vai desobedecer e o que você vai colocar no lugar; não dá para criar o queer como um novo padrão, que aí a gente perde a noção desobediência. Então, eu não posso cobrar que você use as mesmas roupas que eu uso eu uso... »

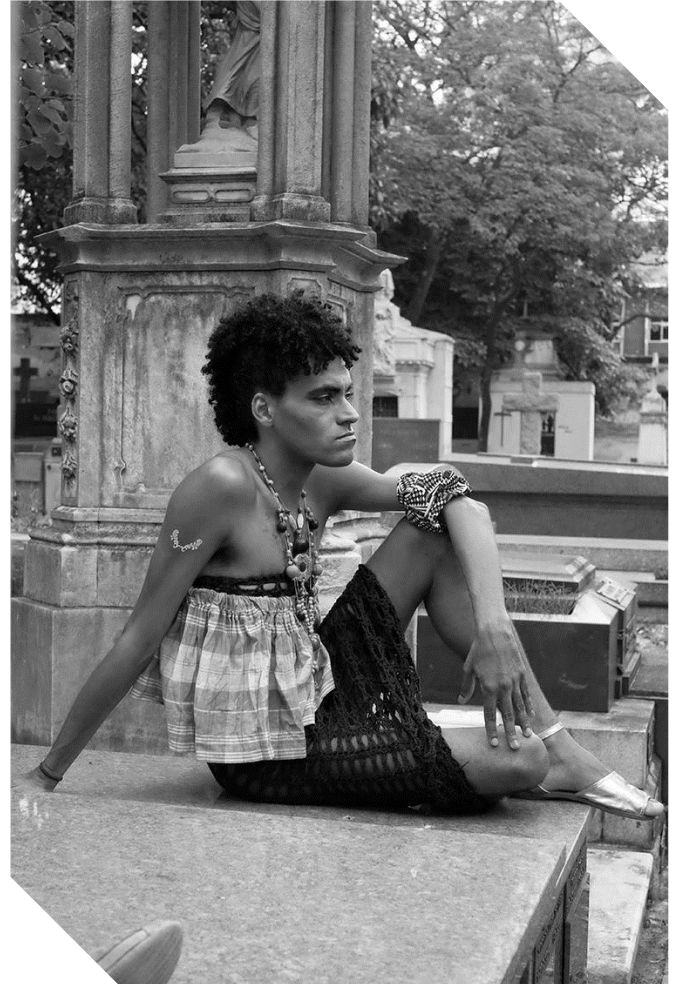
Para além...

« [...] o Grajaú que é um bairro pobre do extremo sul de São Paulo está produzindo essa cultura, mas essa cultura ela não se expressa na academia; eles não estão acessando a academia, eles estão produzindo. Quando você pensa a Linn da Quebrada, Jup do Bairro, são corpos e identidades queer, mas que não necessariamente fizeram essa formação; a Jup já era queer antes do termo ser colocado para ela e antes dela estar junto com a Linn, ela já era queer, ela já tinha um corpo que incomodava, um corpo expulso. »

Alianças...

« [...] é um momento muito oportuno porque nós estamos fazendo parcerias com grupos que não eram considerados parceiros. Eu nunca fui gordo, mas eu hoje sinto uma necessidade muito grande de estar do lado das pessoas gordas e lutar contra a gordofobia. De estar do lado das mulheres, estar do lado dos homens-trans, de me reposicionar e reconhecer privilégios que eu carrego; porque é

comum, bicha-preta-afeminada falar que não tem privilégios nenhum, não, eu guardo privilégios. »



Resistência encarnada...

« Não basta a gente fazer um debate seguro, como estamos fazendo agora, de muita concordância e não assumir que nós estamos em guerra; porque nossos corpos são corpos políticos que estão resistindo a uma maré conservadora, preconceituosa e que esse preconceito não afeta só LGBTs, pega negros, pega pessoas em situação de rua. »



Alegoriø: transitando entre os palcos e a vida acadêmica

Um dos integrantes da peça-manifesto Projeto *Queer*, Alegoriø reside na moradia estudantil da Universidade Federal do Estado do Paraná com mais 150 estudantes, onde, em meio aos estudos, encontrou nas artes (fotografia, escultura, desenho, teatro, etc.) lugar de expansão de ideias, de afetos e possibilidades de existência. Por vir de uma cidade interiorana, afirma ele, o encontro com outras vidas e outras experiências possibilitaram a desconstrução dos seus próprios preconceitos.

«[...] E você vai vendo o quão você é pequeno no mundo e o quão você tem que aprender muito ainda, então eu fui me desconstruindo.»

Ao falar de suas experiências, Alegoriø traz, fortemente, as dores vivenciadas na infância-adolescência, um pouco do testemunho/performance nas noites do espetáculo Projeto *Queer*. Cortes que costumam fechar, segundo ele, causados por uma sociedade cisheteronormativa, intolerante às diferenças e que, por vezes, nos causam medos e silenciamentos.

Frente aos percalços da vida, sente-se seguro em expressar-se através da criação, seja fazendo máscaras, roupas, desenhos, etc., o que o levou aos palcos do teatro, ainda dentro da faculdade. Mesmo em encenações de peças teatrais amadoras, a determinação estereotipada de papéis para seus personagens, começou a incomodar; ao mesmo tempo que vendo espetáculos um tanto quanto “marginais”, deslumbravam seus olhares.

«[...] A primeira vez que eu assisti eu era um adolescente, acho que eu tinha 17 anos e nem na faculdade estava ainda. Quando eu vi aquilo, eu falei meu, eu quero trabalhar com isso. Eu quero um dia poder trabalhar com o que eles estão fazendo.»



Alegoriã pontua que se encontra em um processo constante de mudança, colocando-se sempre aberto e atento a absorver o que as outras pessoas podem oferecer enquanto aprendizagem. Por ser uma pessoa bem reservada, afirma Alegoriã, as vivências com outras diferenças favoreceram a desconstrução de estereótipos que tinha sobre si mesmo e sobre outras formas de existência.



«Pessoas foram me desconstruindo.

Conhecer pessoas diferentes, viados bem viados, foram me transformando e me moldando... »



Em se tratando do queer, Alegoriã ressalta as contradições da atualidade, onde existem muitos manifestantes de internet, mas aqueles que colocam a cara à tapa nas ruas são poucos. E que, para ele, as bichas afeminadas que dão a cara à tapa são expressões queers, corpos queers que se manifestam na atualidade.

No campo das artes, Alegoriã aponta vários artistas que fazem esses tensionamentos e essas subversões queer que, do seu ponto de vista, são super pertinentes para o momento atual que estamos passando, como, por exemplo: Johnny Hooker, Liniker, etc.; dentre outros, como diretores e artistas que, segundo ele, saem do dito normal para transgredir os padrões. Isso é de extrema importância, em uma sociedade onde LGBTQIA+ morre todos os dias, por isso precisamos falar sobre, cantar sobre, atuar sobre, desenhar sobre... afirma Alegoriã.

Por isso, segundo ele, ficarmos atrás dos nossos laptops, nos nossos sofás apenas nas nossas redes sociais, não nos levaram a lugar nenhum. Tem seu peso, sim, mas precisamos colocar a cara na rua e dar a cara à tapa se queremos realmente mudança, porque, mesmo entre nós, por vezes, somos ridicularizados, humilhados e excluídos,

relata Alegoriã, ao falar dos preconceitos dentro da própria comunidade LGBTQIA+.

Ao falar de identidade, Alegoriã diz que não gosta de se rotular, que ao longo da vida, apesar de ser ainda jovem, percebe que passou por fases bem normativas que, segundo ele, tem um pouco a ver com as poucas vivências e as limitações de encontros com outras experiências de vida, por morar durante muito tempo na cidade do interior do Paraná, onde nasceu. As demarcações identitárias, portanto, começaram, de certa forma, causar sufocamento frente outros im/possíveis de existência, fazendo insurgir a coragem de se aventurar por outros caminhos.

Depara-se com outras experiências de vida e com propostas transgressoras da cisheteronormatividade, principalmente na arte, fez com que Alegoriã sonhasse com outras narrativas de si, tanto no campo das artes cênicas, como na própria experiência com a vida. Há, então, uma aposta, um gesto, uma partilha do sensível para com o alarme vital que “gritava” pedindo para se efetuar. E, na primeira oportunidade, Alegoriã lança-se no Projeto *Queer*, para ali, quem sabe, dar linguagem a outras escritas da própria história.



«Às vezes eu me sinto uma alegoria no meu curso, porque, viado é alegoria lá, quase não tem, mas você sabe, é os enrustidos. E daí falam tipo, a alegoria chegou.»

Marcadores Interseccionais...

« [...] a gente acaba aprendendo que existem lugares que você tem que se comportar de tal forma, que tem um protocolo social. Que você só pode expressar como você quer em determinadas situações, talvez por medo, por represarias, por inúmeros motivos. »

Transgressões...

« [...] o que eu sei sobre o queer é que, são pessoas que de certa forma tentam transgredir as ordens de normatização das coisas e, de certa forma, buscam ser elas mesmas, não ligando para os julgamentos. »

Armadilhas cisheteronormativas...

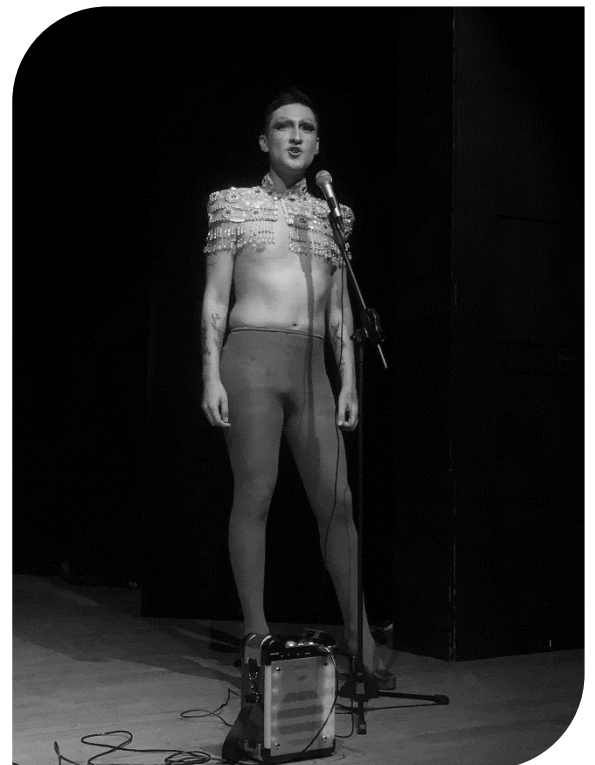
« [...]eu via muito era aquelas gays padrões, aí elas acham que estamos estigmatizando, ridicularizando o que é ser gay. Não, a gente só está mostrando uma vertente do que é ser gay, existem inúmeras sabe. É LGBTTIQ+ e vai o alfabeto inteiro. Talvez eles não tenham o discernimento total ainda, eles estejam presos nessa bolha deles, de achar que a gente está tentando representar o que eles são... »

Dando a cara a tapa...

« Quantas vidas mais, estão sendo perdidas porque a gente fica protestando no facebook, ao invés de sair e fazermos as coisas diferentes. Cantar sobre. Atuar sobre. Desenhar sobre. Falar sobre... »

Ética/Política de vida...

« [...] eu tento, mesmo com o pouco contato que tenho com esses estudos, conciliar aceitação e transgressão. »



O bonde do **Moleque** em suas liberdades de se experimentar



Com seus quase dois metros de altura e um sorriso escancarado, Moleque esbanja personalidade e atitude, assim foi nosso encontro inusitado. Chegou chegando, com sua jaqueta de couro preta, calça jeans, botas, seu cabelo *black-power* e um belo vestido estampado de amarelo, tensionando os padrões por onde passava. Diferentemente do que ocorreu com os outros colaboradores dessa cartografia, o contato com Moleque foi a partir do seu

perfil artístico/perfomer que se encontra no Catálogo Performance *Queer* e também em suas redes sociais.

Extrovertidamente, Moleque afirma se reconhecer como um corpo queer, tanto pelo seu posicionamento discursivo, quanto estético. Tais posicionamentos se efetuam no seu cotidiano, enquanto pessoa que paga suas contas, seus impostos e tem suas responsabilidades para com a sociedade; mas que não se limita aos padrões de existência impostos pela cisheteronormatividade.

«Eu busco, enquanto Moleque, me experimentar de várias maneiras, então eu vejo como o meu corpo é sim um corpo queer. Que fala já pela identidade, quando a pessoa me olha ela já acha que “uouu”. Ela já me olha e já fala “uouu” tá esse menino é diferente. Então sim, eu me vejo enquanto um indivíduo queer sim. »

As mudanças de perspectivas aconteceram, segundo Moleque, deram-se a partir da sua mudança para a capital paranaense, nascido em uma cidade pequena do interior, ressalta

que mesmo que tivesse esse “despontamento” para o universo queer, foi mediante os encontros com outros corpos, outras experiências e vivências, que aos poucos foi permitindo-se experimentar e identificar-se com outras possibilidades. Para Moleque, a vida pede esse gesto de liberdade para se experimentar, de não ficar mais preso aos padrões hegemônicos de “normalidade”. E, foi nesse percurso de experiências, que ao se permitir se vê hoje, como um indivíduo político, no simples ato de sair às ruas.

«[...] ir no mercado comprar um pão, de vestido, pegar um uber de vestido para eu vir até aqui nessa entrevista, causa um estranhamento e causa uma resistência, porque você quebra essa normatividade que você tem que estar padrão de como a sociedade imagina e projeta essa imagem na tua vida. »



Moleque pontua que politicamente expressa em seu trabalho musical, questões voltadas à população LGBTQIA+ e que isso é de extrema relevância, principalmente no campo das artes, para mostrar o trabalho sério que muitos artistas estão realizando em prol dessa luta diária que muitos de nós vivenciamos para existirmos e resistirmos. Por isso, para ele sua arte é atravessada pela sua própria existência.

Faz uso da música, de letras subversivas e irreverentes para expressar sua liberdade. Coreografias e ensaios fotográficos se tornam armas para tensionar as representações cisheteronormativas impostas sobre os corpos, fazendo de seu próprio corpo, lugar de “pesquisa”, conforme pontuou em nossa conversa. Afirma que arte se tornou sua válvula de escape e via de empoderamento, porque, para Moleque, fazer arte por si só, não o interessa.

Seus trabalhos circulam em várias plataformas digitais, onde traz, na maioria de suas composições, teor político de resistência; pois pontua que se ele mesmo não fizer essa resistência, ninguém o fará por ele.



Youtube



Spotify

Mesmo tendo conquistado certo espaço no meio artístico, Moleque relata que ser negro, LGBT e de origem pobre potencializa vários apontamentos, exclusões e sofrimentos; não somente no contexto social em que vivemos, mas também no cenário artístico onde desenvolve seu trabalho.

Formado em artes cênicas, pela Universidade Federal do Paraná, teve seu primeiro contato com o termo *queer*, ainda dentro da universidade e, de lá para cá, foi se apropriando dessa perspectiva de desconstrução da própria identidade. Mesmo assim reconhece seus privilégios, principalmente, de poder ter chegado à universidade e também ter contato com os

estudos *queers* que, para ele, é de suma importância na contemporaneidade.

« Eu vejo que o Moleque é o resultado dessa experimentação, que é um resultado que é inacabado. Que é um resultado que eu venho nessa transformação constante. Mas eu me identifico como um ser livre, um ser que se permite desavisar. »

Moleque não deixa passar os tempos sombrios que estamos vivendo, pontua, em sua fala, que precisamos resistir, que precisamos nos afirmar enquanto existência e não nos calarmos mais. Convoca-nos a deixarmos de ser coadjuvantes de nossas próprias vidas e assumirmos o protagonismo das nossas histórias.





Vida como obra de arte...

« [...] eu quero que o meu interior, que a minha mensagem seja tão forte quanto a minha imagem. Então, foi aí que eu decidi voltar minha arte mesmo, para a população LGBT, pois a grande maioria das minhas músicas são direcionadas ao questionamento, a militância e a resistência mesmo. »

Existimos e Resistimos...

« [...] a gente tem uma história, a gente tem uma resistência, a gente tem um cotidiano e a gente existe. »

Lugar de fala...

« Não tem como a pessoa branca falar o que uma pessoa negra vive. Não tem como uma pessoa hétero dizer o que uma pessoa gay vive, sabe ela não vive o que nós gay vivenciamos. Ela não vive o que

uma pessoa travesti, que é pior ainda, eu não vou me atrever a falar de uma vivência travesti porque eu não sou uma travesti... »

Da teoria para vida...

« O termo queer mesmo, eu fui ter dentro da universidade. Foi a partir desse momento, que eu vi a possibilidade de me pesquisar e experimentar; foi quando eu cheguei a esses estudos, que eu me percebi um indivíduo queer, pois antes eu achava: ah sou um menino gay, mas não me via como uma pessoa queer. Hoje eu me dou a liberdade de me pesquisar. »

Criando linhas...

« [...] Um ser que se permite viver, um corpo que é livre para ser o que ele é. Um ser livre como todo mundo deveria ser. Um ser que não se sente preso a padrões, a cobranças estéticas. Um ser livre para ser quem ele é. »

Por uma ética/política/estética...

« [...] o queer é você se posicionar contra isso. É você se posicionar enquanto diferente, enquanto ser que se senti livre, enquanto um ser que busca essa descoberta do que é viver, que a gente nunca vai saber. É você se posicionar diferente e resistir nessa diferença. É você correr contra esse caminho da heteronormatividade, contra o conservadorismo, contra tudo que é padrão. É você se posicionar livre. »



Nos embalos vivenciais de **DJ** e seus devires noturnos: entre Lôca, Tenda e Diana... outros desdobramentos

Natural do Ceará, aos seus 38 anos de idade, DJ afirma que por uma questão geracional de ser uma pessoa nascida na década de 80, a construção de sua identidade passou por dificuldades primeiramente em se assumir homossexual, ou seja, enquanto uma identidade gay, bicha, pois, em se tratando do queer – palavra/conceito – chega tardiamente, mesmo que a ideia, experiência tenha acontecido anteriormente, afirma ele.

Mesmo rompendo, aos poucos, com os armários que o aprisionavam, seja o armário para você, o armário para família, o armário para sociedade, DJ pontua que desde a adolescência se percebia como gay, mas foi na vivência da noite, principalmente frequentando a Lôca, que algumas inquietações emergiram em conversas e trocas de ideias. A vida noturna, de certo modo, sempre fez parte do seu cotidiano, pois durante o dia trabalha como arquiteto e à noite como DJ, como ele mesmo diz: “*eu sou um arquiteto/DJ e DJ/arquiteto*”.

«[...] a gente foi começando a ver que, apesar de sermos taxados igualmente como homossexuais, cada um vivia e enxergava as coisas de um jeito próprio. Assim, eu começava a me dissociar dele ao mesmo tempo que me aproximava através dessa separação. Nos unia o interesse de um pelo outro. E tanto para mim quanto para ele era uma descoberta de um outro universo gay/homossexual. »

Ao longo dessas vivências e conversas noturnas, a descoberta do universo gay/homossexual começa a instigar algumas provocações, principalmente em relação às experiências singularidades vividas por ele e naquele momento por seu amigo mais próximo.

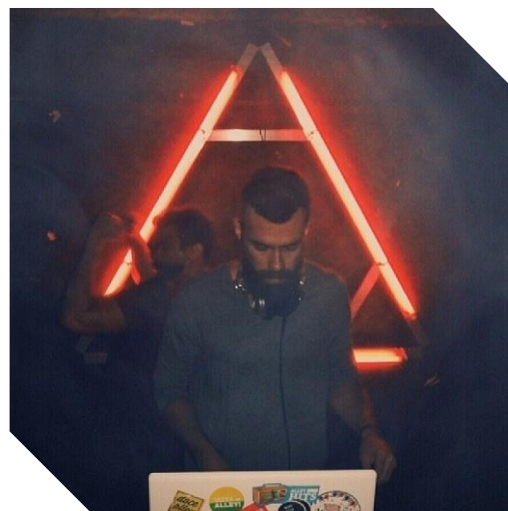


As questões em relação ao seu próprio corpo, tal rigidez que talvez tenha sido forjada ao longo dos anos, outros gestos que poderiam ser articulados, movimentos que se efetuariam de formas plurais, expressões que aconteceriam inusitadamente; pois DJ reconhece o privilégio de possuir certa passabilidade por ser homem-cis, branco de 1,94cm que de boca fechada apresenta uma passabilidade hétero.

Frente a esses limites que começam a provocá-lo, DJ aproxima-se do contexto das danças do *vogue* e do *waacking*, realizando três edições da festa Diana que, posteriormente, culminou em oficinas de dança e encontros de conversas e trocas. DJ pontua que foi nesses encontros que novas alianças e aproximações aconteceram, como, por exemplo, com a galera da Revolta da Lâmpada. Isso possibilitou, aos poucos, a inserção da perspectiva *queer* nos debates e em todo esse circuito.



« Comecei a me aproximar do queer como uma ferramenta capaz de questionar formatos. »



« Está claro que em termos identitários eu me movi. A partir de diversas ações e plataformas fui capaz de me produzir de outras maneiras. Hoje em dia, me encontro mais tranquilo com isso. Em algum momento acho que me cobrei muito.

Nos anos subsequentes, com aproximações com outros corpos, com outros movimentos e coletivos, DJ desenvolve mais um projeto de festa voltado ao público LGBTQIA+, a Tenda; com a ideia, como ele mesmo afirma, de fazer uma festa bem bicha. E é nesse trajeto de sua história que DJ foi convidado a participar de algumas atividades do projeto Cidade *Queer*, especificamente da residência *Explode*, que aconteceu durante dez dias na Vila Nova Iorque na cidade de São Paulo, da “Janta *Queer*” e do “Ataque *Queer*” que aconteceu

na Praça das Artes, também na cidade de São Paulo.

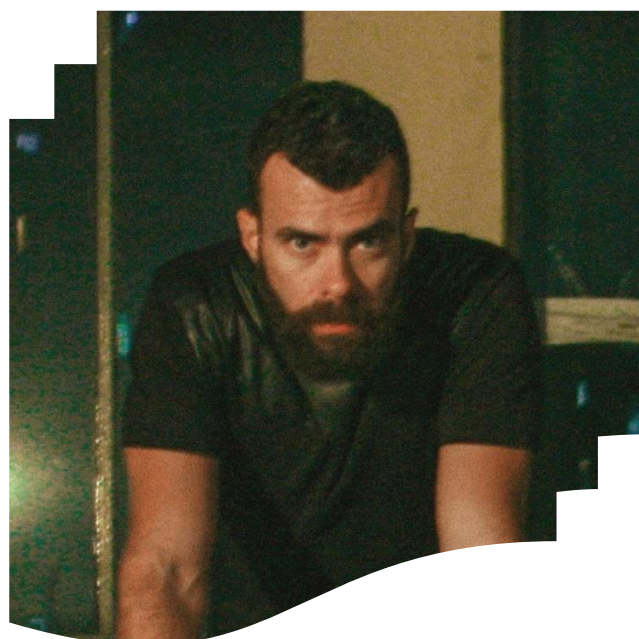
Ao trazer aos poucos suas vivências, experiências e trajetórias, DJ vai também se dando conta, pontua ele durante nossa conversa, de como, por vezes, naquele exato momento não nos damos conta dos efeitos dos acontecimentos, que os mesmos podem repercutir ao longo do próprio processo de maneira singular para cada pessoa. A experiência vivenciada nos dez dias de residência, foram marcantes, fortes e intensos, transformando suas percepções de si mesmo, abrindo espaços para outros gestos para com a vida.

Diferente de outros colaboradores dessa cartografia, DJ transita/expressa sua experiência quer fora do cenário artístico. As provocações da vida acabam se tornando “gritos” inquietos que abalam seu corpo, instigando-o ao movimento, ao sair do mesmo e lançar-se a outros gestos, a outras suavidades.

Para DJ, não há necessidade de assumir um compromisso identitário com nenhuma identidade, mas permitir-se vivenciar os incômodos, as perturbações, as desconstruções; sem negar o passado, sem negar sua história.



« Começo a aceitar minhas contradições, minhas limitações e coloco toda essa reflexão muito mais como um alerta, do que algo como uma agenda. »



Possíveis capturas...

« Aquilo que foi descoberta para mim, me parece que tenha ficado simplesmente enquadrado. Vale lembrar que eu estou falando mais de um queer da vivência, da rua, da noite, eu não estou falando de teoria queer, eu não estou falando das pesquisas acadêmicas. »

« Não posso dizer que domino a teoria queer, de jeito nenhum, mas gosto de aspectos de comportamento que parecem nascer desses novos entendimentos. A estranheza como potência é um deles. Acho que as pessoas pegaram isso muito bem. Mas talvez tudo já tenha sido empacotado, aparado e limitado. Não o queer propriamente dito, falo das respostas a todo esse novo pensamento. »



E o futuro...

« [...] tivemos pose, pinta e muita lacração. Tudo isso pode fazer parte desse viver queer. Mas fico me perguntando, qual é o pós disso tudo? Qual será o "pós-close"?

Outramentos...

« [...] hoje eu posso ser o homem que a professora solicita, mas amanhã eu posso ser a bicha ou qualquer outra coisa. »

As garras da cisheteronormatividade...

« Não posso dizer que o meu processo foi igual ao do meu irmão que é hétero. Eu passei por dificuldades nessa socialização. Então, de algum modo, eu fui socializado enquanto bicha, porque o nome que me deram foi de bicha, foi de viado. »

Devires...

« [...] o queer chega em mim para dizer que está tudo bem em ser quem você quiser ser, sem precisar assumir um compromisso eterno com essas identidades que você vai produzindo para si mesmo. »

Deslocamentos...

« Posso dizer que não foi uma experiência leve. Foi muito intensa na verdade. Por ser de classe média, branco e muito pouco atento naquele momento a várias questões (principalmente as de cunho racial), entrei em contato com dores que não tinha notícia da existência. Acho que tem um DJ antes da residência e outro depois da experiência. »



As peripécias do espetaculoso Fəuno



Nos conhecemos na última noite de espetáculo da peça-manifesto Projeto *Queer* no mini auditório do Teatro Guaíra na cidade de Curitiba-PR. Infelizmente, devido à correria, nossa entrevista aconteceu de maneira virtual meses depois.

Fəuno, formado em Artes Cênicas, relata que ao longo dessa sua trajetória de formação, foi percebendo de uma maneira ou de outra, principalmente pelos apontamentos feitos pelos colegas e professoras da época em relação ao trabalho artístico que realizava, mesmo de forma acadêmica ainda, que a linguagem e estética que utilizava era demarcada como uma linguagem como uma “estética gay”; pois

naquele momento, ainda não se falava no termo *queer* e/ou nos estudos *queer*.

« Eu indo atrás para entender o que era tudo isso e de onde vinha; o porquê de as pessoas ficarem me apontando como um trabalho gay. »

Ao longo desse processo de descobertas, Fəuno faz aproximações com outros artistas que se apropriam do *queer* para proporem um trabalho de arte dissidente no cenário artístico nacional e internacional. Com isso, seu repertório ganha uma outra amplitude, tanto no campo das artes, mas também no âmbito pessoal, naquilo que se propunha perceber enquanto uma estética de si; o que o intrigava a partir dos apontamentos feitos sobre seu trabalho.

No início, relata Fəuno, foi um caminho difícil – referindo-se ao *queer* – porque tinham poucos materiais, poucos textos e o que tinham era na língua inglesa, que, de certo modo, dificultava um pouco. Diferentemente do que acontece hoje, com a amplitude de textos, artigos, vídeos, livros, etc., que abordam esse termo e essas discussões, pontua ele.

« [...] se eu estava no teatro eu era bailarino demais, era gay demais, se eu estava na dança eu era ator demais, era gay demais, então... »

Em uma sociedade onde o limite é imposto aos corpos e as identidades, Fæuna diz que seu corpo sempre foi um corpo do incômodo; mesmo dentro do cenário artístico. O excesso, ser alguém “espetaculoso”, como ele mesmo se nomeia, sempre causou estranhamentos, incômodos, enquadramentos e apontamentos sobre/para sua pessoa. Que nos lugares por onde transitava e/ou transita, espera(va)-se uma identidade demarcada por representações pre-estabelecidas socialmente.

« [...] até esse lugar foi complicado, porque é como se você fosse sempre tirado da turminha, você vai sendo tirado das turminhas. Tipo, ah você é ator, ah não, mas você não é muito ator né, você tem alguma coisa estranha, vai para cá. Ah você é bailarino, ah você não é tão bailarino assim, ah você é estranho, vai para cá ... »



Por se considerar uma pessoa extremamente espetaculosa, Fæuna afirma que seu dia a dia não está desvinculado da vida real. Os tensionamentos, provocações, estranhamentos que busca apresentar em suas personagens, seja no palco e/ou nas ruas, também faz parte da narrativa que faz de si mesmo no seu cotidiano e que, por isso, se considera um corpo queer.



Para Fəuno, precisamos lutar cada vez por maior visibilidade de uma arte que propicie questionamentos, provocações e traga para o público em seus diferentes contextos, as experiências e as vidas que existem e resistem nesse país preconceituoso e que,

segundo ele, finge aceitar a população LGBTQIA+.

« [...] eu sempre fui atrás desse termo queer de alguma forma, por causa de apontamentos que me faziam. Só que nessa peça eu acho que eu consegui... eu cheguei nesse lugar que tipo Ok!!

Estranhamentos e incômodos...

« O meu corpo sempre, de alguma forma, incomodava as pessoas, mesmo sendo alto, branco, dentro de um padrão, sei lá que padrão é esse, mas, mesmo assim, a minha atitude performática com a vida, minha atitude como ser humano, o jeito de falar/andar sempre incomodou as pessoas assim, eu digo incomodou porque incomodava mesmo e sempre causou um certo estranhamento. »

Vida em processos...

« [...]eu acho que me percebo sim, como um corpo queer, mas ele foi acontecendo assim, como foi aparecendo, foi sendo descoberto como um processo. »

Um ser espetaculoso...

« [...] depois quando eu me descobri artista isso sim aumentou, proliferou e ficou exagerado e daí quando eu comecei a entender o que era isso, que tipo de arte, que tipo de lugar que eu estava, que tipo de marginalidade que é esse espaço, que pequeno que é esse lugar, daí as coisas foram se encaixando melhor. »

« Eu sou uma pessoa extremamente espetaculosa, como dizia na novela. Sou muito espetaculoso, então isso causa muitos problemas e também coisas boas.

« Às vezes, até os problemas são bons, mas eu vivo muito isso o tempo todo, eu sou realmente um ser que causa estranhamento nos outros e eu aprendi a conviver com isso de uma forma... »

Inquietudes...

« Porque, as pessoas perguntam, ah, você faz uma arte hétero? Né!! Não escuta as pessoas perguntarem para outra pessoa, ah, você faz uma arte hétero; agora quando um gay faz arte, ah, por que você faz uma arte só gay, sabe. »





Um pouco de vogue pelo/no corpo
de **Punker**

*« [...] minha vida já é fora da norma, a
minha forma de me expressar, de ser
um artista é fora da norma. »*

Em meio à cartografia do projeto Cidade *Queer*, fui apresentado por alguns dos integrantes que fizeram parte de sua realização, ao contato de Punker. Ele que esteve presente em atividades realizadas pelos organizadores do projeto, como da “*Explode! Residency*” e do “Ataque! ” Todos realizados na região periférica da cidade de São Paulo no ano de 2016.

Dançarino, pesquisador, professor, coreógrafo de danças urbanas, performer da noite paulistana e especializado nas danças *vogue* e *waacking*, Punker cria alianças com o projeto Cidade *Queer* a convite dos organizadores para ampliação de discussões relacionadas ao cenário da comunidade ballroom e vogue. Uma das intenções dos organizadores era finalizar o projeto Cidade *Queer* com uma *ball*, que acabou acontecendo na Praça das Artes em 10 de setembro de 2016.



Antes mesmo das aproximações, trabalhos, parcerias e posteriores laços de amizade depois da sua imersão no Cidade *Queer*, Punker pontua que já vinha discutindo e usando o termo *queer*, mesmo que aqui no Brasil seu significado ainda não faça muito sentido para algumas pessoas. Foi nos dias de residência, nas trocas e discussões dentro do projeto, onde ele teve uma problematização mais profunda sobre o significado do termo e da teoria *queer* propriamente dita.

*« [...] acho que depois desses
encontros, depois dessas descobertas
de possibilidades, isso me ajudou em
algumas questões, principalmente em
relação a posicionamentos... »*



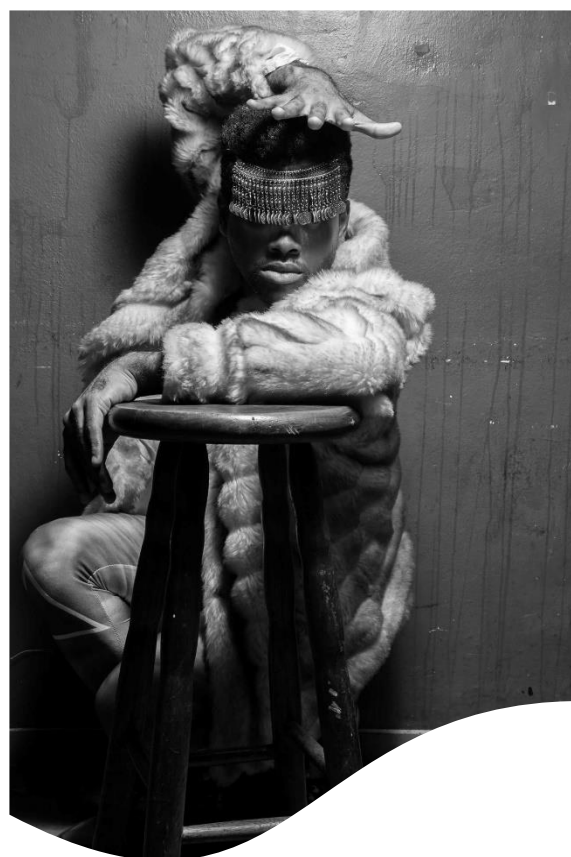
As conexões entre o trabalho e a vida, começam a ganhar outras perspectivas, outras intensidades, outras amplitudes depois dessas discussões, apropriações e vivências, afirma Punker.

« Por isso que talvez se eu não tivesse feito parte desse projeto e estado conectado com essas pessoas, talvez não estaria aqui hoje fazendo essa entrevista. Então, todos os projetos vão juntando e me ajudando a construir mais minha carreira e automaticamente a minha vida. »

Para ele, tanto a dança *vogue* e *waacking*, trazem um poder muito forte e já vem de um seguimento das questões referentes às sexualidades; por isso, aos poucos Punker

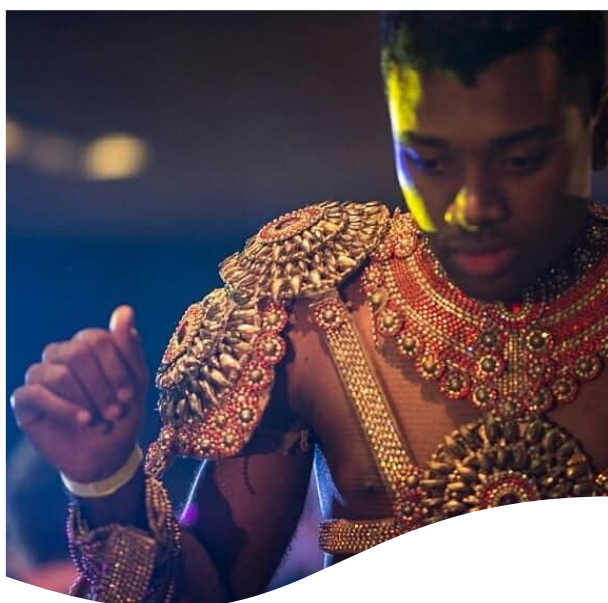
com as apropriações com o *queer*, consegue ampliar suas perspectivas de trabalho, abrindo caminho para outras percepções sobre/para vida e uma outra narrativa de si.

Punker ressalta que uma das questões que, aos poucos, foi dando conta ao longo do processo, de maneira muito forte, diz respeito à questão das bichas pretas. Ele comenta, por exemplo, que percebe os privilégios que seu namorado possui mesmo sendo de família negra, mas sendo reconhecido dentro de um recorte de pessoa parda; experiência que Punker pontua não acontecer em sua história, pois, desde criança, foi demarcado seu lugar enquanto negro.



A maneira de lidar com os diferentes enquadramentos, demarcações identitárias, exclusões e normatividades, seja no campo social e/ou familiar e pessoal, tornaram-se menos complexos, aponta Punker, a partir do momento que essas conexões apontadas durante todo esse trajeto das danças, projeto Cidade *Queer* e tudo que veio depois, trouxeram de certo modo um “empoderamento” para a vida.

« [...] o posicionamento ele acaba ficando um pouco mais amplo, o entendimento e esse empoderamento mesmo da fala, porque aí eu me sinto mais empoderado mesmo, quando eu digo sobre alguma coisa, quando sou convidado para dar uma entrevista ou a falar sobre algo, é a partir desse empoderamento. »



Punker considera sua arte, bem como seu gesto para com a vida, uma resistência. Não se permite fazer nada que não faça sentido para ele. Nesse seu círculo entre arte e vida, vida e arte, percebe seu entorno direcionado para comunidade *ballroom*, para o projeto da Amem que já tem um recorte específico para pessoas negras e LGBTQIA+.



Em relação ao *queer*, Punker diz, pela experiência que teve quando esteve em Nova York, que nós aqui no Brasil, diferentemente de lá, por vezes, associamos o *queer* a uma performance, figura, estética específica, relacionada a certo entendimento do que se tem sobre o *queer*; levando à suposição de um corpo enquanto *queer* ou não; esquecendo, segundo ele, que existem muitas atitudes e posicionamentos que são *queer* e, aqui, não conseguimos ver isso.



Outras possibilidades de resistência...

« [...] se formos pensar, de como algumas pessoas vivem ou se posicionam de uma maneira não normativa, fora da normatividade. Então, quando você pensa o que é viver fora da normatividade, você pode ter vários recortes, podem ter várias formas. »

« [...] a partir do momento que você tem pessoas que se posicionam radicalmente, que vão além dessa normatividade, que tentam repensar no dia a dia todo o seu ciclo social, essa pessoa está dentro de uma questão queer. »

Capturas...

« [...] acaba ficando meio que, ah, essa pessoa é mais queer que a outra, isso é mais queer que outra questão que é menos queer. »

Prudência...

« [...] eu fico muito confuso, pensando muitas coisas, para tomar cuidado também para eu não cair nesse lance de somente da figura ou da performatividade do queer, para pensar muito mais além desse significado. »

Ética/Política/Estética de vida...

« [...] entendendo todo esse caso do queer, eu me encaixo sim, dentro dessa significação do nome queer. Primeiro por ser uma bicha preta, por me encontrar dentro desse recorte, sendo um homem-cis-gay e que utilizo de ferramentas e movimentações também, posicionamentos e estéticas fora da normatividade. »

Queerizações im/possíveis...

« [...] vai para além de você performar ou de você se vestir, de ter uma figura que foge a essa normatividade. Porque você não necessariamente precisa ter essa figura queer, essa figura fora da norma; mas você pode viver, você pode ter um posicionamento político, você pode ter uma escolha social que pode estar dentro desse significado do queer. »



O não-assimilacionismo do **Anarquista**: entre privilégios, silenciamentos e dificuldades.

Nosso encontro aconteceu às vésperas da exposição “*Um homem bateu em minha porta*” que aconteceu na Verve Galeria na cidade de São Paulo, e foi ali mesmo o espaço para nosso encontro e conversa. Tive o prazer de estar na abertura da exposição, conhecer de perto suas obras e suas propostas de trabalho, bem como, circular em meio ao público que transitam no entorno às suas problematizações éticas/políticas/estéticas.



« [...]eu não pude negar toda teoria queer quando eu me deparei com o queer. »



Anarquista acredita no **queer** e as intersecções negras e feministas como instrumentos/meios de humanização e visibilização dos corpos subalternizados no cenário da Arte. Ao se reconhecer não-assimilacionista e anarquista, pontua que é uma questão política se colocar ao lado dos corpos marginalizados; mesmo sendo um homem branco, cisgênero, gay, com todos os seus privilégios, diferentemente de outros corpos **queers**.

Apesar de possuir certa passabilidade social, Anarquista fala das tensões e dificuldades, por também fazer parte da margem, pois afirma não pertencer à construção de significado de “homem” que espera segundo a matriz de intelegibilidade cisheteronormativa.

« A partir do momento que eu faço parte da margem, apesar de ter privilégios de homossexual branco, eu também não pertencço a construção daquilo que significa homem para a sociedade heterossexual... »



Ao falar do seu pertencimento à margem, Anærquistø traz a questão da classe social e da própria descoberta da sexualidade; relacionando, também, à questão geracional em todo esse processo. Tais marcadores sociais interseccionais, segundo ele, provocaram e, por vezes, ainda provocam, certos silenciamentos e dificuldades na sua vida pessoal e artística.

A busca por entendimento, aceitação e saber qual o seu lugar no mundo, devido à pouca referência que havia em relação às homossexualidades, pontua Anærquistø, levaram-o a circular por vários espaços e seu trabalho com a arte também possibilitou a ampliação de sua percepção de si e da vida.

« Eu tive que descobrir qual era o meu lugar no mundo e o que fazer com esse sentimento que eu tenho por outros homens e esse tesão todo que eu tenho... »

Anærquistø já escreveu para o Mix Brasil, especificamente para a Revista Junior, recentemente escrevia para o *Hornet*. Desenvolve alguns trabalhos voltados para mídia social gay, além de todo o trabalho artístico que vem, ao longo dos anos, mesmo com muita dificuldade, caminhando e apostando em na construção de uma arte que não está desvinculada de seu posicionamento político e militante.





« O queer atravessa meu trabalho, porque me atravessa, pois é uma questão que me atinge diretamente. Fora do espaço artístico, eu tenho esses posicionamentos também, através do ativismo político, participar de protesto, pois sempre que posso eu trago questões políticas para as exposições e além também, ativismo anarquista. »



Apesar do seu trabalho ter como foco o corpo masculino, principalmente essa sua última pesquisa, *Anarquistə*, mediante as aproximações, identificações, diálogos e conexões entre queer, anarquismo e vida, busca fragilizar essa figura masculina e suas representações imagéticas no campo social; colocando, assim, o corpo do homem em lugares e situações incomuns. Os tensionamentos entre fragilidades e vulnerabilidades que traz em suas obras, marcadas pela presença de corpos com deficiências, corpos submissos, etc., abarcam, segundo ele, a necessidade de trazer para visibilidade há presença de imagens de corpos invisíveis socialmente.

Segundo *Anarquistə*, ele está em um espaço privilegiado, que é a Artes Visuais e, por isso, ao fazer parte do Catálogo Performance *Queer*, precisa utilizar desse privilégio para tensionar esses espaços e questionar onde estão estes corpos nesses espaços, sejam enquanto sujeitos, mas também enquanto produtores de arte.

Lugar de privilégios e rupturas...

« [...] eu estou em um lugar privilegiado entre os corpos queers, eu sou um homem branco, cisgênero, gay e, eu me encaixo no queer a partir do momento que a gente percebe o queer como uma perspectiva de empoderamento não assimilacionista da cultura heterossexual. »

Posicionamentos...

« [...] eu tomo para mim com uma questão política eu me colocar do lado dos marginalizados ao invés de usufruir dos meus privilégios e tapar os olhos para essa questão do empoderamento de outros corpos, gêneros e sexualidades. Eu prefiro ficar do lado das travestis do que dos homens héteros. »

Um pouco de Desbunde...

« Eu vejo muita gente que gosta muito do meu trabalho e se incomoda um pouco ou bastante com meu posicionamento político claro e evidente. »

« Talvez o Anarquista depois do queer, seja um Anarquista mais consciente sobre esse se colocar no mundo, esse papel político no mundo sabe... Creio que o Anarquista depois do queer, é um Anarquista mais provocador como pessoa. »



Alianças...

« [...] eu não me coloco do lado somente dos corpos oprimidos pelo gênero e pela sexualidade, eu me coloco ao lado dos corpos oprimidos pela pobreza, pelas fronteiras, pelas guerras, pelo capitalismo, pelas questões colonialistas e eu quero explicitar essa questão que eu não me coloco só no queer é no anarco-queer. »

Tensionamentos...

« [...] O queer ele entrou na minha vida também como um posicionamento em relação a minha própria sexualidade, que eu acho interessante e acho importante eu me colocar como um pensador sobre isso, porque eu fui obrigado a pensar sobre minha sexualidade, coisa que não acontece com os heterossexuais. »



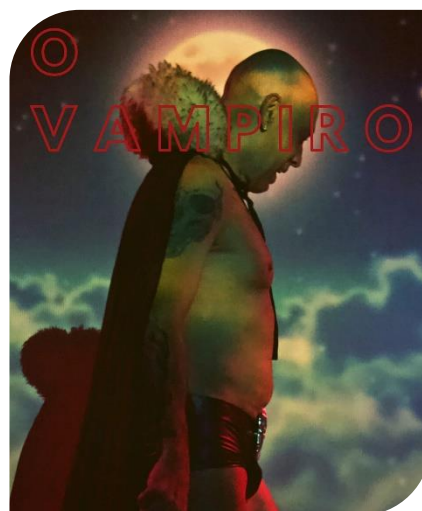
Vãmpiro e seu grito de guerra contra todo binarismo: basta!

Diretor da companhia de teatro Rainha de 2 Cabeças, com uma carreira artística de mais de 35 anos calcada na temática quæer, Vãmpiro afirma que ao longo desse trajeto foi percebendo, não somente a mudança dos termos e das nomenclaturas referentes à comunidade LGBTQIA+, mas também como a cultura quæer foi aos poucos adentrando outros espaços além do espaço demarcado da marginalidade, para se fazer presente, por exemplo, dentro das instituições acadêmicas.

Mesmo depois de tantos anos trabalhando, trazendo para o palco a temática referente às questões de gênero, sexualidades e identidades dissidentes, Vãmpiro percebe, ainda, a necessidade que se existe na

contemporaneidade, de nos afirmarmos enquanto diferença e resistência.

Para ele, é necessário, diante do atual cenário nacional e pelo que se apresenta de um possível futuro, iniciarmos um processo de reafirmação social das diferenças, frente à onda reacionária que tentar destruir os mínimos direitos conquistados por nós aos longos desses anos. Esse foi um dos disparadores para a peça-manifesto, Projeto *Queer*, idealizado e dirigido por ele; onde também atua como um dos integrantes.



« Vejo que realmente a arte sempre foi a minha religião, sempre foi o meu lugar de ser quem eu sou, meu lugar de fala. Foi através da arte que eu me libertei, que eu consegui respirar nesse mundo podre, porque senão eu não teria suportado. »

Vømpiro fala das dificuldades ao se afirmar enquanto quæer, enquanto diferença em sociedade onde o diferente é excluído, é agredido, é morto. As dificuldades e sofrimentos em assumir-se para a família e têr que abandoná-la para viver seu grande amor. As exclusões, os silenciamentos em meio ao cenário artístico, onde também se estabelecem padrões de conduta, de comportamentos e até na maneira de vestimentas para eventuais premiações.

Ao mesmo tempo, Vømpiro afirma fortemente, que a arte o salvou, que foi nela que sua vida encontrou outro respiro em meio às tormentas, em meio ao sufocamento, em meio ao caos. Para ele, a arte foi a maneira pela qual encontrou um jeito possível de mostrar um mundo diferente, uma maneira de expor e tentar, quem sabe, mudar as coisas.

Apesar das dificuldades e de todo o contexto reacionário da atualidade, Vømpiro não deixa de enfatizar que também estamos vivendo um momento histórico, onde os corpos não estão se permitindo mais essa submissão passiva às normas sociais impostas pela heteronormatividade.



Segundo ele, hoje em dia, os corpos reivindicam muito mais esse não-binarismo no seu cotidiano, pois não ficam mais presos às normas de gêneros como acontecia nas gerações passadas e isso gera de certo modo, uma violência compatível com esses tensionamentos e visibilidades.

« Acho que a ideia de fazer esse espetáculo é porque cada vez que eu penso que, realmente já não é necessário mais se discutir a questão, eu percebo que cada vez mais a gente está necessitado de afirmar, de ocupar o espaço na sociedade. »



« [...] qual é esse dono da verdade que essas pessoas acham que tem? Ataques que para mim soam como bárbaros. Cadê a civilidade, a gente não conquistou nada com essa civilização toda! Esses fatores vão me deixando mal e eu preciso contrapor, eu preciso contrapor essa força; ela não pode ser dominante, ela não pode achar que ela é o absoluto. »

Ao falar da sua trajetória no teatro e suas experiências pessoais, ressalta que não pode

se calar frente à homofobia, a transfobias, às violências sofridas por tantos outros corpos que, de alguma forma, também o atingem, mesmo que indiretamente; por isso, sua arte se torna arma de luta/guerra nessa batalha incerta contra o abuso da vida. Vəmpero, enfatiza a necessidade urgente de não nos calarmos e ocuparmos os espaços de maneira real, de não nos invisibilizarmos mais, de tentarmos dar uma basta nessa onda conservadora que nos assola.

Apesar do cenário histórico ser outro, falando sobre a época que vivenciou na ditadura militar, Vəmpero diz que não podemos nos deixar capturar pelo conservadorismo atual, que tudo isso não pode minar nossa existência e nossa resistência. Investir em um caminho/processo de permitir-se a liberdade de ser, de fluidez, de gozar a vida rompendo com estereótipos de comportamento binário, isso é um gesto de vida queer.





Queer...

« [...]uma questão de permitir-se liberdade para ser, sem ficar se policiando pelos estereótipos de comportamento binário. Essa é a questão primordial assim do queer que é despreocupar-se com gênero; ser simplesmente homem quando você quiser, mulher quando quiser, neutro quando quiser. Fluidez. Gozar a sua vida como você quiser sem se preocupar com esse patriarcado tolo que insiste em não morrer. Romper com binarismo e essa é a nossa bandeira. »

« Como eu falava lá no espetáculo ontem, desde a minha infância, eu me reconheço como queer, nunca achei meu lugar nesse sistema binário. Então, eu nunca consegui me conformar com esse binarismo. »

Provocações...

« Vejo que é necessário novamente começar um processo de reafirmação social, porque as forças contrárias, as forças reacionárias têm crescido muito nos últimos anos. Inclusive no meio das artes, inclusive na relação artista e poder, artista e políticas culturais; a gente tem perdido território. »

Lutas e Revoluções...

« “Projeto Queer” vem dessa minha constatação de que é preciso mais do que nunca reafirmar a questão da linguagem LGBTQIA+. »

« Eu tenho compromisso com a vida que está aí, com minha vida e com a vida que está no meu entorno, então eu tenho que fazer, eu não sei se é uma espécie de luta sem armas. »

« Nesses pequenos atos cotidianos, quer dizer, nem tão pequenos, porque você romper com a família não é nada fácil e pequeno, são pequenas revoluções. »

Esgotamento do possível...

« Acho muito frustrante você perceber que você está sendo esmagado e você não está gritando, entende. Jamais conseguiria suportar, porque acho que através da minha arte eu estou gritando para o mundo que está tudo errado e que alguma coisa tem que ser mudada e que alguma coisa está se quebrando e que alguma coisa vai surgir daí. »



Os incômodos na/da vida e no/do corpo de **Motumbé**: Explode-sões!

Co-fundador da *Explode! Plataforma*, que aborda, pesquisa e vivencia noções de gênero, classe e raça, a partir de práticas artísticas e culturais percebidas como periféricas, Motumbé foi um dos organizadores e integrantes do projeto Cidade *Queer*, realizado no ano de 2016. Graduado em Comunicação Social e pós-graduado em gestão de mídias digitais, atuando na elaboração e execução de diversos projetos e oficinas de empreendedorismo, inovação social e tecnologia para jovens de baixa renda. Também é curador e produtor, com trabalhos e pesquisas voltadas para comunicação, política, gênero e redes digitais.



A partir dos deslocamentos na sua vida pessoal, enquanto um homem cisgênero, negro, gay, mas que escapa às perspectivas que se espera enquanto performance, mesmo estando à margem, começa a inquietar-se com tais imposições identitárias e pensar nas possibilidades que este corpo teria de ser no mundo, ampliando, assim, o entendimento sobre seu próprio corpo e gestos para com a vida e seu entorno.

Motumbé consegue perceber que essas inquietudes e provocações da vida o levaram por trajetos que o aproximaram aos poucos, do que hoje se denominam estudos *queers*. Mesmo com as discussões em relação ao uso da grafia inglesa da palavra *queer* e, por vezes, fazendo uma transliteração da palavra para “*cuir*” ou “*kuir*”, Motumbé diz que, nesse processo, o que se mostra importante para ele foi que o *queer*, no seu entendimento, trouxe essa possibilidade de atravessamento e questionamento desse corpo.

« [...] dentro do queer e dentro de um queer na América Latina, dos países do Sul, eu acho que ele amplia de alguma forma o entendimento sobre meu corpo e sobre as perspectivas do que é ser gay e negro, dentro da performance que é esperada do meu corpo. »



Suas redes de afinidades, círculos de amizades, redes de apoio, circuitos de pessoas contribuíram para essa aproximação com as discussões políticas queer, pois Motumbé não se vê como um ativista e sentia a necessidade de estar envolvido de maneira mais afínca em certas discussões que atravessavam também seus questionamentos e inquietudes pessoais. Isso o levou a engajar-se e aceitar o convite para organização e desenvolvimento das

atividades do projeto *Cidade Queer*, juntamente com a Lanchonete.org.

Suas conexões e diálogos com as perspectivas queer tem início com textos em meados de 2014/2015, mas também tem seus atravessamentos a partir do contato com rappers gays, rappers trans e/ou rappers feministas que estavam discutindo questões de gênero, bem como mulheres discutindo feminismo mediante essa perspectiva.

Referindo, especificamente, aos deslocamentos que o queer provocou e ainda provoca na sua vida, Motumbé diz que, a princípio, tem muito a ver com sua própria saída do armário. Por ser de uma outra geração, onde, de certo modo, era um processo meio que solitário, sem muitas referências, diferente dos dias atuais; pois basicamente o que se tinha era muito mais algo voltado a um referencial voltado à pornografia, do que livros e debates sobre esse assunto de visibilidade LGBTQIA+.

As experiências eram muito demarcadas, mesmo no meio dissidente, pontua Motumbé, que delimita até hoje os papéis, os comportamentos e até as práticas sexuais desejadas e esperadas para cada corpo. É como se tivesse um manual que ditasse a maneira que deveríamos nos portar, como se tudo fosse tão controlado e rígido, como existisse um cronograma a ser seguido, até no próprio ato sexual.

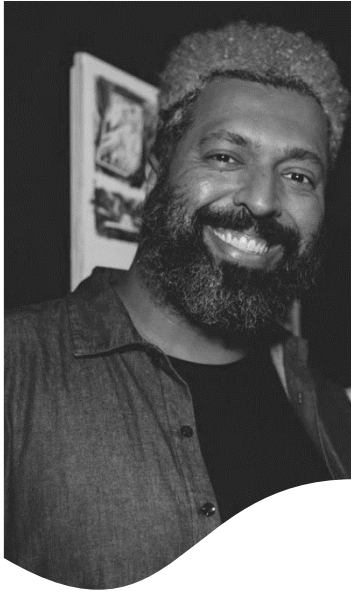
« Tem uma certa repressão de movimentos, como a coreografia de um homem não se permite certos movimentos, permite outros e tudo mais, e isso de alguma forma acaba sendo limitado. »

Essas inquietudes com a questão da identidade e do que se espera dela, também

são atravessadas pela questão racial e pela questão de ser um corpo fora do padrão esperado, pois, como diz Motumbé, com grande gargalhada, possui um corpo grande. Tais marcadores interseccionais, não somente demarcam suas experiências com a vida e suas relações, mas passam a ser percebidas por de outro prisma quando Motumbé vai aos poucos se conectando com outras éticas/políticas/estéticas de vida.

Ao longo do caminho e depois do projeto Cidade *Queer*, Motumbé diz que surge M.J, a partir de um apelido de amigos, mas que acaba virando um gesto performático de vida. Pode-se dizer que M.J é esse processo de desconstrução, potencialização e resistência de Motumbé, apesar de um não estar desassociado do outro.





Pensando o queer...

« [...]corpo que teoricamente é inclassificável, justamente porque traz outras dimensões de fóruns que são íntimos e são estruturais ao mesmo tempo, ainda há a necessidade desse lugar de posicionamento e classificação no sentido de uma marcação social do lugar que me atinge, do lugar que me afeta, e que se talvez eu não me posicione, se eu não me denomino de alguma forma eu acabo perdendo espaços e perdendo o direito de discutir meu corpo na sociedade. »

« [...] pensando sobre o queer no contexto brasileiro hoje, eu acho que na discussão, ele ainda é uma coisa limitada a certos circuitos, não é tão amplo. Eu vejo que quem não está conectado de alguma forma com a discussão, eu vejo que ainda não dominam o vocabulário e às vezes eu acho que é uma questão de vocabulário. »

Gestos para com a vida...

« Me posicionar no mundo a partir de um ponto que tensionam certos lugares e que me dá essa potência, que me dá energia para fazer isso. E acho que esse processo me ajudou a isso, a me localizar, me entender; me deu mais potência, clareza na fala, assim, é um outro lugar. »

Alianças...

« E no final das contas, eu me aproximei de uma rede de pessoas que se identificam queer ou transgêneras, porque faz parte desse circuito, onde se não há propriamente uma discussão sobre isso, mas é o lugar de discutir sobre o que se implica esses corpos no dia a dia. »

Vivências plurais...

« No contexto brasileiro, na vivência, eu acho que ela é mais ampla do que a denominação dá, eu acho que a gente vive mais possibilidades no corpo e nessa vivência do corpo para fora dos centros, que é muito mais complexa e que é bonito por ser complexa. »

Angústia...

« [...] esse incômodo começa a surgir dessa limitação disso e o que isso estava me trazendo, porque isso de alguma forma me gerava uma certa angústia de falar por que eu não posso ir mais ali, por que eu tenho que cumprir esse papel. »

Ao entrar em contato com os acontecimentos, intensidades e movimentos, trazidos singularmente por cada experiência relatada pelos colaboradores em suas aproximações e distanciamentos, desenham-se as linhas do mapa rizomático dessa cartografia, bem como o coletivo de forças que agenciam esses corpos em suas dimensões éticas/políticas/estéticas.

Nesse sentido, as p**ARTE**s que se fazem acontecer logo adiante, não se materializam e nem se configuram enquanto enquadramentos em categorias de análise, mas atrevem-se em direcionar o olhar aos agenciamentos que constituem esses territórios existenciais, ao mesmo tempo que, promover o acesso aos traços de (des)conexões desses rizomas a partir das “[...] interferências recíprocas entre as múltiplas vozes que, ao resistirem à totalização num sentido único, criam dizeres como linhas de devir a serem acompanhadas” (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 313); pois, em se tratando da cartografia, “[...] Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 2016, p.65).

Assim, as linhas desse rizoma se (re)fazem pelos fluxos em movimentos, de maneira local e situacional, sendo que os mesmos, podem ser percebidos, recompostos, acompanhados e desenhados de diferentes e múltiplas formas, mediante a inspiração e abertura para seu campo de afetações. Pois,

[...] o rizoma, não tem princípio nem fim, mas meio; não é arborescente, não tem raiz, é órfã. É encontro. É uma espécie de bate-papo entre internautas: só se entra pelo meio. Neste sentido, a variação contínua, a escrita como puro devir, desterritorializa as dualidades, as oposições pertinentes, para, por meio da vibração das palavras e do estremecimento das regras, provocar, no sentido também de vomitar, uma cheia, uma inundação, uma libertinagem, profusões de signos úmidos, secos, irrigados e, assim, abrir alas para uma língua desviante que fia e engendra um sentido novo, inédito: uma escrita por vir (LINS, 2019, s/p.).

Portanto, ousar apenas, mediante um exercício de aproximações subjetivas e distanciamentos objetivos, ir tecendo esse rizoma em suas processualidades, na tentativa de lançar uma centelha de luz sobre essas experiências que vão além, do visível e do dizível, mas que intuo dizer que trazem coragem, beleza e inventividade nos relatos que escrevem sobre/para si e seus corpos. Nessa trilha, a convocação é: deixe de lado seu repertório representacional, seus sistemas de valores e siga comigo como corpo clandestinE, estrangeirEs em outras terras, em busca de outros encontros, experiências... eis, então, o múltiplo que se anuncia.

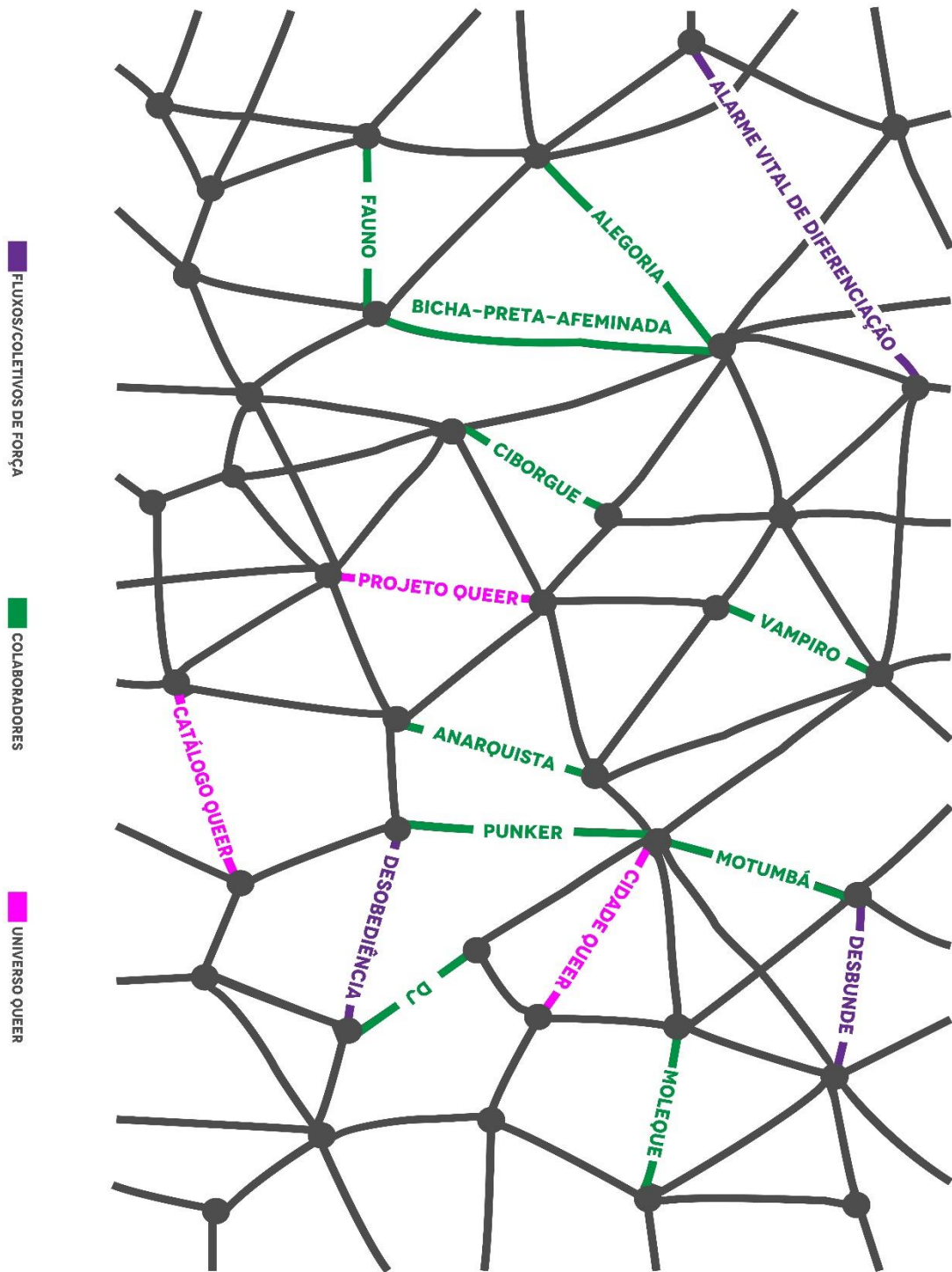


Fig. 24 – Imagem do Rizoma cartográfico da pesquisa

DESIGN IS THE



4. EXERCÍCIO DO SENSÍVEL: AS (CRI)AÇÕES MARGINAIS DE LINHAS PERIFÉRICAS DE SUBJETIVAÇÕES

*“A linguagem, efetivamente, não é apenas o lugar das formas. É a própria vida”
(quais palavras, urgência – Francisco Mallmann).*

Há aqui uma aposta, um arriscar-se, uma experiência, talvez, quem sabe, uma proposta ética/política/estética de reconhecer as intensidades da vida, provocadas e desviadas e tensionadas e retorcidas e contraditórias e... do jeito queer de acontecer. Um exercício entre a prudência e a coragem, onde as conexões entre ambas possibilitem instalar-se nos terrenos existenciais dos encontros, inventando, assim, um exercício do sensível.

Não existe nenhuma fórmula/forma/fôrma para esta invenção, mas uma intencionalidade de abertura permanente às sensibilidades dos acontecimentos; (cri)ações marginais que possam, talvez, contrabandear linhas-fluxos de invenções e expressões de subjetivações, afirmando, assim, suas potências e diferenças. Ouso, portanto, inventar estratégias de reconhecimento da variação e transição contínua na força de existir de um corpo e na sua potência de agir, ou seja, no seu plano de deixar-se afetar e ser afetado.

Por isso, não há aqui uma tentativa de interpretação, de avaliação e muito menos de julgamento desses modos de existência, mediante inventários legitimados pelos gabaritos que disponho, mas quem sabe testemunhar modos contrastantes e inusitados de vidas que reclamam o direito de existir sempre em processo. Não há, portanto, a intenção de teorização dessas experiências em sistemas significantes redutores da vida, em mecanismos de codificação da existência para tentar explicar, lidar, suportar e/ou entender as expressões e conexões do desejo em suas multiplicidades; mesmo que para dar língua a tais fluxos de forças que narrarei, tenha sido necessário dialogar com conceitos e teorias, mas sem perder de vista que se trata, sim, de uma abertura para o inesperado, indeterminado e incerto.

Assim, a composição rizomática da paisagem psicossocial desses modos de existência, desenham-se pelas conexões, atravessamentos, afetações, estratificações e alianças, agenciando, assim, ramificações que se espalham, se proliferam e se multiplicam em linhas-fluxos de emaranhados movimentos que, por sua vez, “[...] traçam *mapas* que podem ser cartografados” (SANTOS, 2016, p. 77), pois “[...] ler um mapa é cartografá-lo” (Ibidem). Nesse sentido, tento reconhecer aqui os fluxos de forças que foram compondo os territórios-existências dos corpos em seus relatos, evocando a insurgência de outra percepção, de outra

sensibilização e outra relação consigo mesmo e com o mundo. É um arriscar-se, pois a escrita se torna política, uma negociação e renegociação com a demanda acadêmica que me é exigida, frente aos processos psicossociais e existenciais que exigem outros posicionamentos éticos e estéticos para o reconhecimento e afirmação das diferenças; pois são linhas periféricas de subjetivações que fissuram o centro da cisheteronormatividade, emergindo da margem para subverter os mecanismos de codificação da vida.

Diante disso, ao acompanhar, transitar e habitar essas paisagens psicossociais vou ousadamente desenhando e apresentando, a partir desse momento, as linhas que esses coletivos de forças promoveram, enquanto efeito (afetação) no meu corpo-cartógrafo, inaugurando, a partir daí, os traços desse mapa, na tentativa, quem sabe, de sinalizar pistas que ajudem a perceber e a pensar, no que as experiências desses corpos têm a nos mostrar, nos provocar, nos dizer do contemporâneo mediante suas vivências, experiências e histórias.

4.1 Linha do ~~–alarme-vital-de-diferenciação–~~

Nessa cartografia do presente, trago como uma de suas linhas, aquela que atrevo nomear de linha do ~~–alarme-vital-de-diferenciação–~~. A mesma se agenciou no acompanhar os movimentos, as intensidades, as propagações e as durações do vivido pelas experiências dos corpos de homens-cis que se nomeiam e/ou se expressam como corpos queers, trouxeram enquanto colaboradores para essa cartografia. Percebi que se enunciava, em um primeiro momento, nos encontros e discussões agenciados durante cada entrevista, uma “pausa” e uma mudança de direcionamento da vida frente a vivências e experiências que deslocavam, não somente o pensamento, mas também o corpo e a existência; como se fosse um fluxo intensivo que mobilizasse aquele espaço-tempo da/na vida pedindo passagem para se efetuar.

Foi esse fluxo de força que, de certo modo, mobilizou meu corpo enquanto ser vivente, um bloco de intensidades que emergiu e que em mim reverberou intempestivamente, o qual quero chamar atenção ao acompanharmos os seus entrelaçamentos e interlocuções, pois fui percebendo no acompanhar esses processos e histórias de vidas, que parece haver certa emergência de algo, de alguma coisa que tensiona a existência frente aos aprisionamentos violentos dos mecanismos sociais que desaceleram as forças vitais da vida em formas conhecidas e reconhecidas (inteligibilidade social); que, no seu cotidiano, em certo momento, traz uma sensação de sufocamento, de “afogamento” existencial. Como se em nós, algo e/ou alguma coisa, grita-se! Um instante que mobiliza nosso corpo de ser vivente, onde, em primeiro

momento, nos damos conta apenas de que, as realidades em que nos encontramos estão, de certo modo, causando uma turbulência, um mal-estar.

Porém, ao mesmo tempo em que não percebemos o real motivo dessa inquietude, dessa possível desestabilização que nos fragiliza e nos acomete, as “saídas” ou as maneiras que lidamos com esse suposto desassossego, com essa turbulência, já se encontram capturadas e impregnadas de significações do nosso repertório subjetivo representacional, das experiências que vivenciamos ao longo da vida, do estado do acontecido em nós. Infelizmente, não fomos/somos “educadEs e ensinadEs” a prezarmos os incômodos, a darmos a devida atenção àquilo que mobiliza nossa fragilidade e, desse caos, extrairmos forças para vida perseverar intensamente. Mas, então, o que seria isso que num instante nos mobiliza?

Foi essa provocação provocativa que abalou meu corpo, pois as histórias de vidas trazidas nas entrevistas fizeram-me intuir que existe algo que não somente delimita a vida, certa imposição dos limites im/possíveis às experiências de seres viventes que somos, mas que também nos marcam subjetivamente ao longo da existência, conforme aponta algumas das palavras sopros de certos colaboradores dessa cartografia.



« [...] a gente acaba aprendendo que existem lugares que você tem que se comportar de tal forma, que tem um protocolo social. Que você só pode expressar como você quer em determinadas situações, talvez por medo, por represálias, por inúmeros motivos”. » (Alegariø).

« [...] esse incômodo começa a surgir dessa limitação disso e o que isso estava me trazendo, porque isso de alguma forma me gerava uma certa angústia de falar por que eu não posso ir mais ali, por que eu tenho que cumprir esse papel”. » (Matumbô).



« Não posso dizer que o meu processo foi igual ao do meu irmão que é hétero. Eu passei por dificuldades nessa socialização. Então, de algum modo, eu fui socializado enquanto bicha, porque o nome que me deram foi de bicha, foi de viado”. » (DJ).

As falas destacam, certos lugares demarcatórios de limites e/ou imposições sobre/para os corpos, mas também o incômodo gerado pelo aprisionamento da vida em experiências e identidades estratificadoras, separando-a da sua potência inventiva de acontecer. Mesmo que as

histórias de vidas sejam experienciadas em suas singulares, os atravessamentos dos mecanismos sociais que, de algum modo, “sufocam” a existência são vivenciados de inúmeras formas pelos colaboradores, mostrando, assim, os efeitos dessas forças angustiantes e opressoras que, de uma maneira ou de outra, determinam não somente a inteligibilidade social sobre/para seus corpos, como também a própria escrita de si³⁵ a partir dos agenciamentos dos processos de subjetivação vigentes; mas que no emaranhado das suas conexões apresentam fluxos de deslocamentos, irrupções e brechas.

Isso, de certo modo, dá-nos indícios de possíveis tensionamentos que nos sinalizam pistas para pensarmos nos caminhos im/possíveis para desviarmos a potência afirmativa da vida de seu destino esmagador, ao se deparar com o esgotamento do possível. Por isso, para tais fins, precisamos primeiro situar o contexto no qual estamos e, cotidianamente, existimos, ou seja, dentro de um regime capitalista neoliberal de uma sociedade cisheteronormativa, pois, “[...] A cada regime, a cada contexto histórico, a cada tipo de sociedade corresponde um modo de funcionamento da subjetividade. É a subjetividade, o que dá a carne, a consistência a esse regime” (ROLNIK, 2019, s/p).

Regime esse, conforme sinaliza a autora supracitada, configura-se por violências reativas, tanto no campo das micropolíticas (política molecular), aquela que se encontra no campo da ordem, da estrutura, da segmentaridade, da essência, das estratificações que delimitam sujeitos, sistemas referenciais, objetos e representações, definida de linha dura, fixa e codificada; como das macropolíticas (política molar) que se configura por aquela que se dá no campo das multiplicidades, dos fluxos, das desordens, das intensidades, das sensações e das transições, denominada como linha decodificada, móvel, desterritorializada, ou seja,

Se a base da economia capitalista é a exploração da força de trabalho e da cooperação intrínseca à produção para delas extrair mais-valia, tal operação - que podemos chamar de "cafetinagem" para lhe dar um nome que diga mais

³⁵ A escrita de si, um conceito abordado tardiamente por Michel Foucault, diz respeito de acordo com o método arqueológico-genealógico foucaultiano, a um modo de subjetivação, ou seja, a um modo de relação consigo mesmo (técnicas de si). Práticas estas que para o autor, “[...] permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de se transformarem a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (FOUCAULT, 2014a, p. 36). Assim, segundo a cartografia proposta por Michel Foucault, o exercício das práticas de si (dos jogos entre conhecer e cuidar), expressariam na maneira da escrita de si uma resolução ética e estética enquanto agenciador de poder “subjetivador” que a escrita representa. Como salienta Foucault, a escrita de si tem caráter de subjetivação, enquanto um “protocolo de experimentação”, ou seja, “[...] o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” (*quicquid lectione collectum est, stills redigat in corpus*). E, este corpo, há que entendê-lo, não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, apossou-se delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças de sangue” (in vires, in sanguinem). Ela se transforma, no próprio escritor, num princípio de ação racional” (FOUCAULT, 2009, p.143).

precisamente a frequência de vibração de seus efeitos em nossos corpos - foi mudando de figura com as transfigurações do regime ao longo dos cinco séculos que nos separam de sua origem. Em sua nova versão, é da própria vida que o capital se apropria; mais precisamente, de sua potência de criação e transformação na emergência mesma de seu impulso - ou seja, sua essência germinativa -, bem como da cooperação da qual tal potência depende para que se efetue em sua singularidade. A força vital de criação e cooperação é assim canalizada pelo regime para que construa um mundo segundo seus desígnios. Em outras palavras, em sua nova versão é a própria pulsão de criação individual e coletiva de novas formas de existência, suas funções, seus códigos e suas representações que o capital explora, fazendo dela seu motor. Disso decorre que a fonte da qual o regime extrai sua força não é mais apenas econômica, mas também intrínseca e indissociavelmente cultural e subjetiva - para não dizer ontológica -, o que lhe confere um poder perverso mais amplo, mais sutil e mais difícil de combater (ROLNIK, 2019, p. 32).

Nesse sentido, as estratégias de captura das subjetividades e suas singularidades, sendo essas matérias-primas para os modos de produção dominantes, agenciam-se, capilarmente, tecendo redes de delírios de “verdades” para amansar e acalmar, quem sabe, essa turbulência e esse mal-estar, provocados pela extração da força vital do desejo, enquanto potência de acontecer. Delírios esses que, por vezes, levam-nos a acreditar, agir, perceber, desejar e a pensar unicamente a partir do que nos foi estabelecido e determinado enquanto possível, agenciando em nós, atos de submissão, escravidão e dependência das condições existenciais dadas, mediante a produção e legitimação de identidades naturalizadas, normalizadas e serializadas pelo sistema sexo/gênero/desejos/práticas sexuais.

Seguindo essa lógica de raciocínio, as políticas identitárias produzidas pelos modos de produção vigentes impõem constantemente, ora sutilmente, ora de maneira avassaladora, critérios morais e sistemas de valores que favorecem ou não, a existência social de certo modo de vida. Tais pressupostos se mostram perceptíveis na palavra sopro de DJ, ao relatar as dificuldades encontradas no seu processo de socialização comparado ao do seu irmão, referindo-se às questões de gêneros e sexualidades, pois como afirmou, desde sempre a inteligibilidade e a nomeação que foi atribuída para seu corpo, para sua identidade foi de viado, de bicha, ou seja, de um corpo fora da norma; enquanto que seu irmão, sendo hétero estava “correspondendo”, de certo modo, ao determinado pelo regime de valores vigentes.

Como já dizia Judith Butler, sobre a performatividade do gênero, mas no qual acredito que possa ser ampliada para todas as dimensões de produção de subjetividades e sua corporificação em uma identidade que, “[...] trata-se da imposição psicossocial e da inculcação lenta das normas. Elas chegam quando mal podemos esperá-las e seguem conosco, animando e estruturando nossas próprias formas de capacidade de resposta” (BUTLER, 2018, p. 38).

Desse modo, para que certo modo de vida possa aparecer e se manter, enquanto existência possível socialmente, a mesma deve se guiar por certos “protocolos”, por precondições que a legitima e a reconhece vida passível de ser vivida, como nos mostrou a fala de Alegoria, ao relatar que ao longo da existência vamos percebendo que existe um certo protocolo social a ser ensinado, aprendido e seguido; que algumas atitudes, gestos e/ou comportamentos só podem ser expressados em alguns espaços e outros não. E o mais interessante, nos enunciados apresentados por Alegoria, é que a estratégia utilizada nesse processo, é a coerção, o medo, a represália; principalmente se pensarmos que somos um dos países que mais matam LGBTQIA+ no mundo, sem levarmos em consideração o índice de casos de LGBTfobias diários.

Nessa perspectiva, os dispositivos sociais (de discursos, saberes e práticas) agenciam, solidificam e impõem um verdadeiro “governo das subjetividades”. Um governo que gere a produção de identidades, mediante um sistema que opera a serviço da administração, manutenção e distribuição de privilégios, recompensas, precariedades e subalternidades. Assim, a fixação de uma determinada identidade como norma, implica no estabelecimento de critérios a partir dos quais as outras expressividades de existência serão avaliadas (SILVA, 2009).

Essas proposições nos sinalizam que, nos deparamos constantemente com o *de-ver* de guiar as nossas relações, nossos afetos, nossa sensibilidade, a vida, por uma bússola moral que aponta unicamente para os sistemas de valores dominantes que, aos poucos, vamos assimilando e, posteriormente, nos identificando para nos sentirmos e fazermos, aparentemente, pertencentes e reconhecidos nesse espaço-tempo. Confrontos sinalizados pelas experiências de vida dos colaboradores da pesquisa, ao relatarem suas vivências cotidianas frente às demarcações sociais e subjetivas agenciadas sobre/para seus corpos pelos regimes dominantes e modos de produção vigentes.

Isso nos mostra que, infelizmente, os modos de produção capitalista neoliberal cisheteronormativo em suas estratégias biopolíticas de controle, regulamentação e gestão da vida (FOUCAULT, 1988), entorpecem o corpo-vibrátil em nós, levando-nos a buscar incessantemente um modelo ideal a ser conquistado no espelho social, com a promessa de aceitação, realização, autonomia e felicidade. Por isso, a ideia e/ou a pretensão, mesmo que temporariamente, que nos levassem a investir e inventar saídas inéditas para o acontecido em nós, fugindo, quem sabe, da extração da força vital do desejo, se tornaria insuportável, pois teríamos mais dores em abandonar nossos privilégios e reconhecimentos, do que nos aventurarmos no exercício ético de construção de uma real autonomia.

Portanto, quem perde é a vida cujo fluxo fica travado, quando ela não é concreta e irreversivelmente interrompida pelo extermínio, em nome de uma configuração de mundo tomada como a verdade, configuração que, por supô-la absoluta, se quer conservar. É o mundo do consenso: mundo fusional sem alteridade, sem resistência, sem criação – em suma, sem vida. Assim completa-se a estratégia de denegação da crueldade: a produção imaginária de um mundo idealizado, sem paradoxo – e, portanto, sem turbulência, sem sofrimento e sem o esforço conjugado de criação e de resistência –, alucinação que se projeta no futuro. É esta a política de desejo que está na base dos fundamentalismos de toda espécie, sejam eles de direita, de esquerda ou de centro (ROLNIK, 2003, p. 6).

Entre sucessivas transmutações, estamos situadEs em meio a esse jogo estratégico biopolítico das relações de poder, onde ao mesmo tempo que se estabelecem formas de dominação sobre/para os corpos, mediante os limites impostos às identidades, criam-se imaginários coletivos da produção de um “eu” que controlam e organizam as experiências, reduzindo-as ao primado do sempre-igual; demarcando, assim, suas únicas possibilidades de existência. São estratégias que determinam o que pode e o que não pode no espelho social, desqualificando, rebaixando e colocando à margem tudo e todEs que fogem às determinações do imperativo moral cisheternormativo dominante. Seguimos a experiência da vida, então, sempre em constante busca de correspondermos aos sistemas de valores que, de certo modo, nos “garantem” pertencimento e reconhecimento; tornando aos poucos e, processualmente, inaudível o áudio do *–alarme-vital-de-diferenciação–* em nós, a experiência da vida enquanto composição inédita de outras percepções, sentimentos e pensamentos, etc.

Há aqui, conforme afirma Stubs (2019, p. 88), um sequestro da nossa vitalidade social, onde “[...] O possível reitera uma realidade sem futuro que não envolve um processo criativo capaz de re-significar formas, ideias, conceitos e processos. Ele está preso às formas instituídas do real, sendo mais estático e acabado do que inventivo e ousado”. Esse aprisionamento instituído, podemos assim dizer, agencia-se mediante a essencialização, naturalização e fixação identitária que “[...] reprimem, excluem, negam, interditam outras possibilidades de posição de sujeito/a” (PERES et al., 2014, p.115).

Instala-se no campo do possível, um impossível como limite, como muro, como obstáculo para a germinação de devires e suas zonas de passagens, reduzindo as experiências a um modo sedentário de existir, ou seja, àquele modo que aceita e legitima plenamente, os limites de uma identidade acabada e fixa. Portanto, as narrativas que produzimos de nós mesmEs, da nossa história de vida, guiam-se e pautam-se, a partir da hierarquização e categorização social representacional de quem devemos ser, em uma rede de elementos que visam sustentar os regimes de verdades vigentes; não apenas delimitando direitos,

acessibilidades, estabelecendo privilégios e subalternidades, mas, inclusive, capturando e rebaixando a nossa percepção e sensação, unicamente, a uma lógica interpretativa da vida.

Tais proposições e fatos nos provocam a pensar que a inteligibilidade do mundo e de si, se encontra engendrada por sistemas simbólicos de representações que operam na tentativa de organizar hierarquicamente as multiplicidades, suas expressividades e singularidades, ligando os corpos a identidades fixas, imutáveis e estáveis; aspirando, assim, a legitimação de uma suposta essência. Em outras palavras,

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2009, p. 17).

Por essa via, ao pensarmos nos posicionamentos que temos no cotidiano da vida e como percebemos os acontecimentos que nos acometem, ao mesmo tempo as percepções sobre o próprio corpo, suas capacidades, fragilidades, potencialidades, as turbulências provocadas pelo simples fato de existir, notamos que estes se encontram delimitados por códigos redutores da vida e filtrados por essa invenção ficcional sobre/para certa identidade que “possuímos” no contexto social-existencial. Os determinantes identitários e, aqui, destacamos os marcadores sociais de diferenças (classe social, gêneros, raça/etnia, idade, deficiências, etc.), não somente aprisionam os im/possíveis modos de existência e suas singularidades, mas estabelecem perversamente e arbitrariamente, um mau-jeito com a vida, a partir de uma matriz de inteligibilidade, audibilidade e sensibilidade cerceada por estes marcadores binários que nos localizam, nos posicionam e nos dão, ou não, certo pertencimento social, econômico, cultural, político, etc.

Nesse sentido, ao considerar as proposições e discussões apresentadas pelos estudos feministas interseccionais em relação aos marcadores sociais de diferenças (RODRIGUES, 2013; HIRATA, 2014; CRENSHAW, 2002; NOGUEIRA, 2011), aproprio-me da perspectiva que estes nos possibilitam, não somente pensarmos nos esquemas de hierarquização das identidades, mas também, em como esses eixos de subordinação agenciam ao longo da

existência, aprisionamentos da nossa maneira de encarar a vida. Tudo isso vem nos atolando ética/política/esteticamente em juízos de valores que orientam e afetam de diferentes formas, as experiências, as subjetividades, as relações, ou seja, o nosso jeito de ser/estar no mundo. Isso ocorre ao percebermos que tanto os processos de subjetivação e a constituição de uma política identitária se encontram agenciados e compostos pelas diferentes intersecções produzidas por estes marcadores sociais que se comportam de forma móvel e contextual.

Existem, então, por uma articulação movediça desses eixos, dessas linhas subjetivas que operam binariamente privilégios e subordinações, reconhecimentos e reprovações, pertencimentos e exclusões, dependendo do espaço-tempo que esses marcadores ocupam, a criação de um imaginário social essencialista, tanto no âmbito coletivo, como privado, que alimenta e sustenta a permanência existencial-subjetiva do nosso corpo em certas categorias identitárias interseccionais: gênero, raça/etnia, sexualidade, classe social, idade, estado civil, regionalidade e deficiências, etc.

São essas demarcações identitárias que, processualmente, vão ao mesmo tempo produzindo e legitimando, as narrativas sobre/para os corpos, mediante categorias interseccionais impostas na feitura de uma identidade pronta e acabada; na qual nos identificamos e narramos a nossa existência, a partir da posição que ocupamos, rizomaticamente, na paisagem psicossocial da geografia do presente. Portanto, percebe-se que ao nos localizarmos subjetivamente e socialmente em determinadas categorias interseccionais que se articulam por um emaranhado de (des)conexões e, nos espaços que esses eixos ocupam no imaginário social coletivo e privado, acabamos, por vezes, nos conformando e nos apropriando dessas narratividades, assumindo seu posicionamento ético/político/estético naturalizante, que coloca a experiência subjetiva em determinada ordem; aquela que, de maneira fascista e trapaceira, nos leva a crer nos limites intransponíveis da realidade, seja de caráter econômico, cultural, social, relacional e subjetivo, etc. (PUAR, 2013).

Aqui, portanto, se estabelecem sobre/para os modos de existência, um olhar, uma percepção, um repertório de interpretação do mundo, dU outrE e de si, a partir apenas de territórios subjetivos elaborados, inventados e gestados pelos regimes de verdades do capitalismo neoliberal cisheteronormativo, como podemos notar ao acompanhar alguns dos relatos singulares dos colaboradores dessa pesquisa, onde ao falarem de/sobre si, expressam suas experiências e vivências de posicionamentos distintos, assumindo ao mesmo tempo os privilégios de estarem alocados dentro de determinados marcadores sociais (cisgeneridade e branquitude), mas também as vulnerabilidades, os apagamentos, as invisibilidades e precarizações por transitarem, concomitantemente, por outros eixos interseccionais de

diferenças, como exemplo, orientações de desejos e outras expressividades de masculinidades, como podemos perceber em algumas palavras sopros que se assemelham:

« A partir do momento que eu faço parte da margem, apesar de ter privilégios de homem-cis branco, eu também não pertencço a construção daquilo que significa homem para a sociedade heterossexual... Eu tive que descobrir qual era o meu lugar no mundo e o que fazer com esse sentimento que eu tenho por outros homens e esse tesão todo que eu tenho... » (Anarquist@).

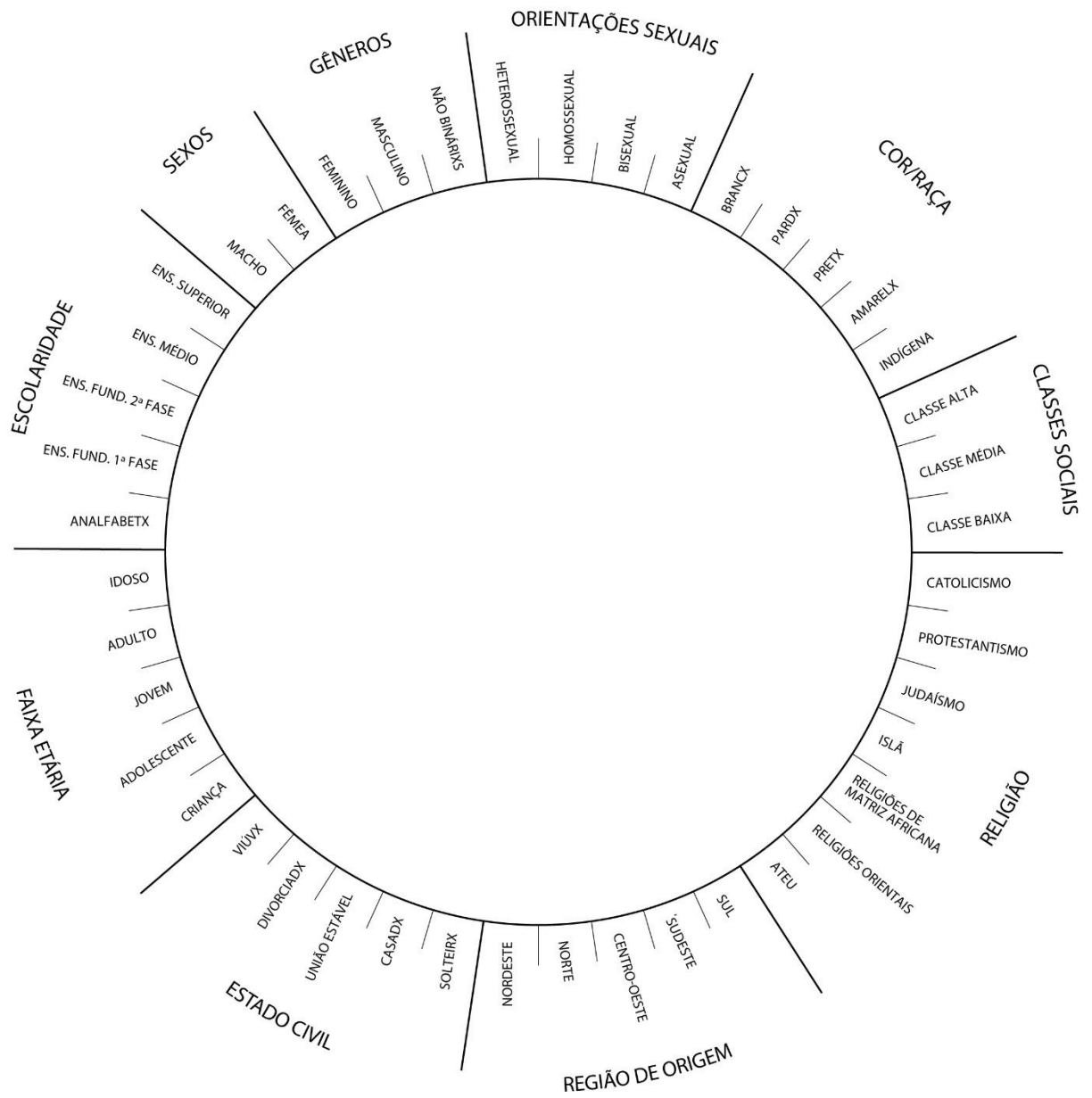


« O meu corpo sempre, de alguma forma incomodava as pessoas, mesmo sendo alto, branco, dentro de um padrão, sei lá que padrão é esse, mas mesmo assim, a minha atitude performática com a vida, minha atitude como ser humano, o jeito de falar/andar sempre incomodou as pessoas assim, eu digo incomodou porque incomodava mesmo e sempre causou um certo estranhamento. » (F@una).

Tanto Anarquist@ quanto F@una explicitam em seus relatos, os enredamentos dessa trama rizomática de agenciamentos identitários dos marcadores sociais de diferenças em seus eixos de subordinação que, de certo modo, orientam nossa maneira de perceber as realidades e, principalmente, os corpos, bem como a narrativa que apresentamos de nós mesmEs ao mundo e a outrEs. Por isso, provocado por essas falas e em uma tentativa de proporcionar uma possível visualização das complexas conexões e desconexões desses eixos de subordinação, trago, em cena, para corroborar com a discussão, o instrumento denominado “mapa interseccional”³⁶, elaborado com a intenção de demonstrar graficamente a composição rizomática das categorias interseccionais.

Mapa este, onde se torna mais perceptível visualizarmos como os diferentes marcadores sociais de diferenças se cruzam e se conectam, possibilitando-nos pensar nos processos de subjetivação agenciados em uma política situacional e de localização, oferecendo, assim, elementos para problematizarmos a materialidade dessas subjetividades nos corpos, ou seja, na produção de identidades prontas com repertórios subjetivos pré-determinados que delimitam suas experiências como viventes.

³⁶Ferramenta desenvolvida em parceria com o psicólogo Ronaldo Adriano Alves dos Santos e, com a psicóloga Cláudia Lopes Perpétuo, para apresentação do seminário sobre Racismos, Psicologia e Interseccionalidades, na disciplina “Cartografias das Produções de Gêneros: processos psicossociais, políticos e culturais” da Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita-Filho” – UNESP/Assis-SP.



Figuras 25 – Imagem do Mapa Interseccional

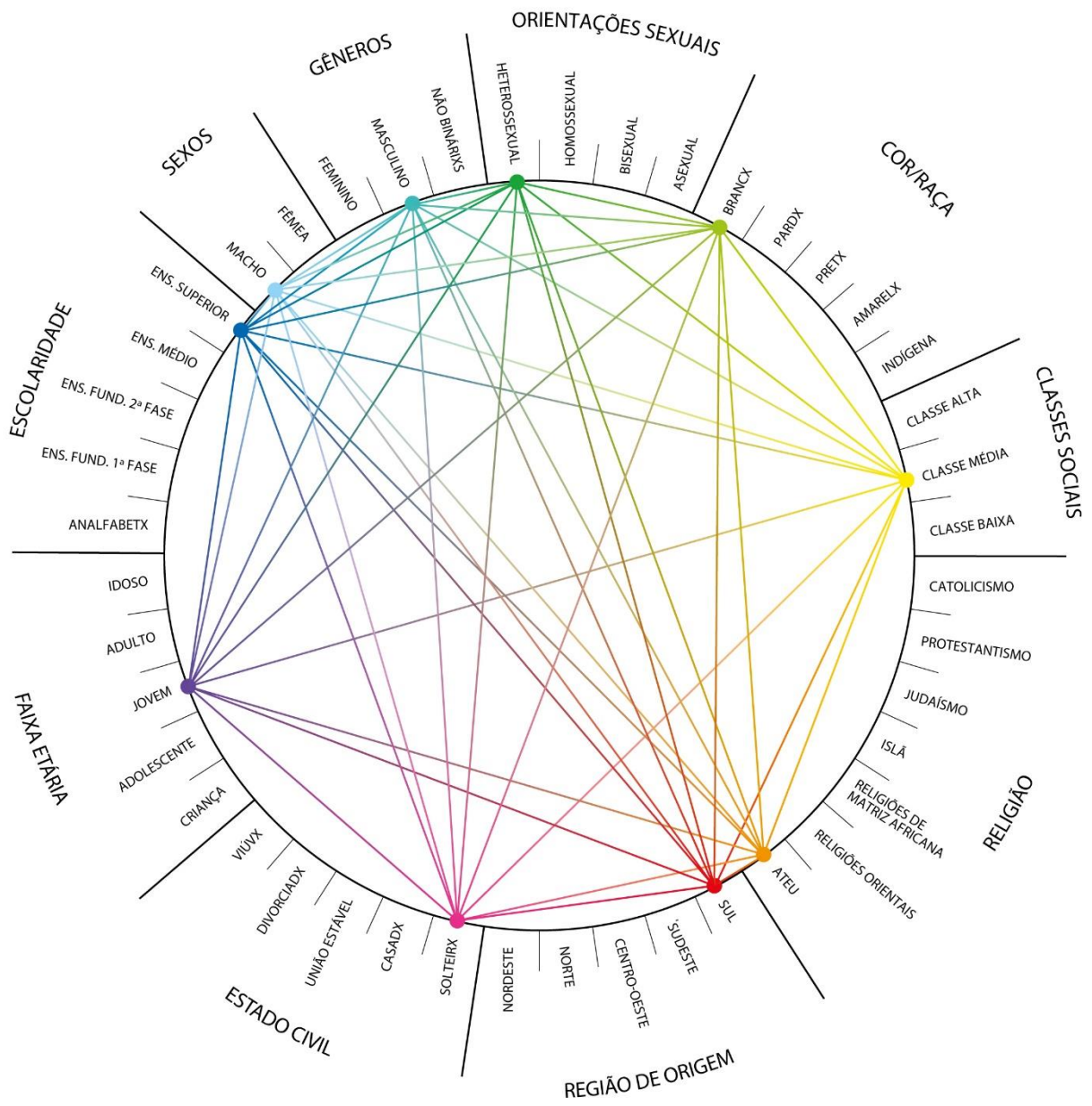


Figura 26 – Imagens do Exemplo de preenchimento do Mapa Interseccional

Contudo, é primordial perceber que, muito embora a imagem do mapa aqui referido seja estática, as intersecções de suas linhas acontecem de maneira móvel; pois é fundamental considerarmos as interseccionalidades, a partir de suas relações com os espaços-tempos que as contextualizam e que, por sua vez, encontram-se em constante mutação, assim como as representações produzidas pelos seus eixos de subordinação.

Deste modo, as linhas de conexões entre estes marcadores sociais possibilitam-nos uma leitura cartográfica da composição do mapa interseccional, tendo como ponto de partida qualquer um dos eixos nele apresentado; emergindo, assim, suas variações, estratificações, os possíveis privilégios e subordinações produzidos e localizados em cada um dos seus eixos identitários que, nos seus interstícios, geram e retroalimentam a inteligibilidade sobre/para as identidades no seu contexto social e individual. De forma alguma a apresentação e utilização dessa ferramenta na ampliação das proposições e questionamentos aqui referidos têm a pretensão de englobar e produzir pressupostos totalizantes sobre as subjetividades e as identidades, até porque não foi esse o objetivo da construção de tal instrumento; pois sua composição é aberta a alterações e inserções, mostrando, assim, propositalmente, sua incompletude e inacabamentos frente à complexidade processual dos marcadores sociais de diferença.

Por outro lado, creio que essa ferramenta nos fornece elementos e pistas provocativas para pensarmos no que temos problematizado até o momento, nos agenciamentos coletivos de subjetivação que orientam e organizam os modos de existência, sejam na sua percepção, sensação e produção de desejo, tornando, assim, mais perceptível mediante sua demonstração gráfica, a afirmação de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995):

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 13).

São essas linhas subjetivas interseccionais que, desde muito cedo, vão dando a cor, o tom, a materialidade, o contorno às im/possibilidades de viver e agir; agenciando a instalação das condições ilusoriamente necessárias, para uma vida ser reconhecida como possível de ser vivida. Neste sentido, a posição/lugar que o corpo ocupa, ao mesmo tempo em que é produzido nesses eixos interseccionais, não somente direciona a narrativa que ele deve seguir ao longo da vida, mas também, atola suas experiências em uma interioridade encapsulada em imagens simbólicas representacionais de quem podemos e devemos ser; pois são essas linhas

interseccionais identitárias que, ao longo da vida, dão elementos para construção e manutenção do repertório subjetivo existencial que nos orienta.

Portanto, um corpo agenciado pelas linhas subjetivas dos eixos de subordinação que o estabelece como sendo, por exemplo, homem-cis, branco, heterossexual, classe alta, ensino superior; não somente se apropriará de certo reconhecimento social, a partir da inteligibilidade sobre/para essa identidade, mas também, terá introjetado subjetivamente, ao longo da sua existência, o repertório de experiências im/possíveis para esse corpo, mediante as representações identitárias que o demarcam em cada eixo de subordinação que o compõem.

Diferentemente, podemos pensar e perceber, de um corpo agenciado pelos eixos interseccionais de subordinação, como homem-cis, negro, homossexual, classe baixa, nordestino, semianalfabeto; a inteligibilidade sobre sua identidade é outra, impossibilitando, por vezes, seu acesso à garantia de emprego, saúde, ainda, sem falar de todas as agressões, violências e exclusões que será acometido, a partir do lugar que ocupa nesses eixos interseccionais que, rizomaticamente, produz e “define” sua identidade e, muitas vezes, a própria percepção que tem de si mesmo. Mesmo que ambos tenham a cisgeneridade como privilégio, frente a todas as opressões, exclusões e não passabilidade que corpos trans (transsexuais e travestis) vivenciam, ao ocupar ou não outros eixos interseccionais podem ou não agenciar outras tantas opressões, silenciamentos e precarizações do corpo e da vida.

Tais pressupostos podem ser constatados nas histórias de vidas dos colaboradores dessa cartografia, onde reconhecem os privilégios que ocupam por serem homem-cis e, alguns ainda com os privilégios da branquitude, que possibilitam certo pertencimento social; mas que, por transitarem também por outros diferentes marcadores interseccionais, relatam os apontamentos, silenciamentos, invisibilidades, opressões, etc., vivenciados por seus corpos não corresponderem, por exemplo, ao padrão de masculinidade esperada, por serem bichas, viados, quæers, afeminados, pretos, gordos, etc. Isso nos leva a intuir, a complexidade rizomática das conexões que envolvem os agenciamentos dos processos de subjetivação sobre/para os corpos, mediante os lugares que ocupamos em cada um desses eixos interseccionais (PUAR, 2013), a qual tentei demonstrar na figura do mapa interseccional.

Contudo, a vida, em sua potência de afirmação, encontra meios de nos alertar sobre esses modos trapaceiros da máquina social, que nos aprisionam enquanto existência; pois sua vontade de perseverar intensamente provoca, instiga, violenta, invade e inquieta, mesmo os modos mais rebaixados em sua força de acontecer. É a vida pedindo passagem para suas multiplicidades, para o novo, para a afirmação do inédito em nós que, ao se encontrar interdita

e afastada do seu ato de criação, ao se deparar com o esgotamento do possível, dispara o seu – *alarme-vital-de-diferenciação*–.

É o corpo-vibrátil solicitando autorização para se afirmar como outro im/possível, diante dos limites impostos pelo capitalismo neoliberal cisheternormativo contemporâneo, exercício e gesto para com a vida que fui percebendo aos poucos ao acompanhar essas histórias e experiências de vida, como na vida de *Motumbá* que, ao se perceber “sufocado” pelas demarcações identitárias sobre/para seu corpo, se dá conta de alguma forma de certo incômodo, certa turbulência, algo provocativo e urgente que movimenta sua realidade de ser vivente, como apresentado anteriormente em suas *palavras sopros*. Ou, como na história de Ciborgue que ao criar *[M]*, percebe que ele surge como um espirro, como uma necessidade, como um gesto urgente que a vida estava solicitando frente às turbulências da vida:

«[...] era uma urgência oculta que eu sentia para criar alguma coisa, um tipo de experimento, ter um corpo extra para experimentar vontades não realizadas. »
(Ciborgue).



Mesmo diante de relatos tão singulares, aos poucos, vou me dando conta que tal alarme, ao ser disparado, tem a intenção de “despertar” esse outro corpo em nós, o corpo da sensação, da percepção, da experiência que se encontra em coma, silenciado e, por estar “anestesiado” em delírios de representações e interpretações, não se dá conta que é a vida que aí está gritando, sinalizando o seu abuso, seu sufocamento e a extração da sua força vital. Aqui, faço uma apropriação e ampliação das discussões e proposições da escritora e psicanalista Suely Rolnik, abordados principalmente em seu livro *‘Esferas da insurreição: nota para uma vida não cafetinada’* (2018), onde a autora problematiza o abuso da vida pelas políticas de subjetivação vigentes de alianças de forças neoliberais, conservadoras e coloniais, na produção de processos de opressão, apropriação e captura subjetiva da força vital de nós seres viventes. Apontando assim, as insurreições que a vida enquanto potência de acontecer, sinaliza, grita e convoca outros gestos para consigo mesmE e com a própria existência.

Contudo, penso que esse “grito”, esse alarme vital que a autora discorre em seu trabalho, também se faz no processo, não somente de luta e sufocamento da expropriação da força vital da vida, mas também, pela sua convocação em acontecer-se diferenciando, outrando,

agenciando alteridades; por isso a ampliação do próprio conceito de alarme vital, para *alarme-vital-de-diferenciação*.

É como se a vida, na tentativa de romper com esses processos de esgotamento de si, produzisse uma espécie de turbulência, de mal-estar, de desestabilização, que disparasse em nós esse alarme afirmativo e brutal, levando-nos a acessar nossa fragilidade de viventes, colocando-nos, portanto, em movimentos que possam redirecionar nossa força vital (o desejo) ao exercício ético de perseverar e se efetuar. Isso se daria, conforme pondera o filósofo Luiz Fuganti em sua palestra sobre '*Corpo em Devir*'³⁷, por um investimento das forças autoritárias e fascistas, em desqualificar e ofuscar os tensionamentos e intensificações que compõem a própria existência, introjetando, assim, uma constante busca por compensações e por pequenos prazeres imediatos. Pois,

[...] Na medida mesma em que nós perdemos a capacidade de acontecer, nós não sabemos mais qual a fonte ou o motor do nosso desejo, nós não sabemos qual é a fonte ou motor do movimento do corpo, das velocidades, das lentidões, das modificações que atravessam o corpo, de um corpo intensivo, de um corpo afetivo, de um corpo que vive na ponta do espaço, digamos, assim, que toca com sua pele física o próprio ser do sentir, o próprio percepto do perceber, o ser ciente do sensível, diria, talvez Merleau Ponty, nessa medida o corpo perde a sua fonte, a sua fonte não só material, mas como a sua maneira própria de se auto sustentar, de se auto modificar, de se auto regular, de se modificar a si mesmo e as coisas modificadas que resultam dessa própria efetuação [...] (FUGANTI, 2007, s/p.).

Podemos, assim, afirmar que a vida em suas intensidades e multiplicidades é precarizada em seu próprio ato de acontecer, de se efetuar para além das condições e dos limites ilusórios inventados pelos modos dominantes de produção e subjetivação. Embora a vida reivindique outro direcionamento, outra postura, outros possíveis, por vezes, nos tornamos cúmplices desse modo rebaixado de existência. Não culpados, mas cúmplices, no sentido de não acreditarmos mais na nossa força de redirecionar a vida, o próprio pensar, o agir, o sentir, o relacionar-se consigo e com outrem; tornando-se mais prático e, não quer dizer que seja mais fácil, seguir os dias com pequenas compensações, rumo ao ideal tutelado na (des)esperança em um futuro melhor e unicamente possível. Seguimos, então, comprando narrativas que nos sirvam, que nos alimentem e nos autorizem, por meio de idealidades, espiritualidades e moralidades, na busca constante das recompensas exteriores que nos empoderam através do olhar de outra pessoa, de alguém que nos faça existir.

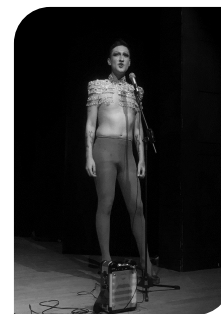
³⁷Palestra para o Ciclo sobre Arte e Poder no CCSP, disponível em: http://escolanomade.org/2016/02/11/corpo-em-devir-palestra-transcrita-2/?fbclid=IwAR0sYgEu45pkKqzAE_6Ziiq8IUyj5XMxI7oiOK-w3XbsPFUOkWZCNcJ_heQ

Entretanto, em oposição a esse direcionamento moral da vida, segundo delimitações do que pode e não pode um corpo, mediante a legitimação de uma identidade acabada e pré-determinada, chamo a atenção mais uma vez para as histórias aqui apresentadas, que também nos sinalizam pistas de outros caminhos im/possíveis, quando o *–alarme-vital-de-diferenciação–* é disparado em nós. São posicionamentos éticos/políticos/estéticos que tensionam esses lugares instituídos por lógicas representacionais de si, dU outrE e do mundo; fazendo, então, emergir questionamentos, incertezas sobre essas estratégias de extração da vida, que defendem e estabelecem um único possível e um único real. Isso foi se mostrando aos poucos nesse desenhar cartográfico, onde a fala de DJ e Motumbá me soou instigante e interessante nesse processo, ao relatar suas experiências como corpos dissidentes, mas que, em certo momento, passam a questionar esses mesmos não-lugares, movidos pelas inquietações intensivas das suas vivências, como demonstrei na pARTE três dessa cartografia.

Corpos que ao se depararem com o esgotamento do possível, nessa busca de um ideal que nos seus interstícios, sufoca e pesa a vida, sejam pelas demarcações interseccionais e subjetivas de classe social, raças/etnias, sexualidades e gêneros, etc., que predeterminam as identidades e seu repertório existencial subjetivo, colocam-se nos entre-lugares da cisheternorma do capitalismo neoliberal, na tentativa de inventar, quem sabe, outras maneiras de pensar, agir, sentir, etc., que “[...] por mais frágeis que sejam, têm essa potência de perturbar a ordem do real [...]”, pois, “[...] O que era real deixa de ser e o que ainda não era torna-se” (LAPOUJADE, 2017, p. 71); uma vez que, o alarme disparado em seus corpos, ao ser acionado, mobiliza seu corpo-vibrátil direcionando, assim, sua força de atuação e efetuação para uma nova perspectiva que confunde e invade a ordem de determinado plano/modo de existência, deslocando e borrando, o centro gravitacional da instauração de supostos altares de verdades sobre/para suas vidas e corpos.

Há uma abertura, uma percepção atenta para aquilo que está provocando o mal-estar, causando as turbulências, pedindo passagem para acontecer; e podemos pensar, talvez, que esses gestos para com a vida se efetuem mediante o encontro com outros modos e experiências de existência que sinalizavam outras vias, outros horizontes, outras terras a serem transitadas e habitadas. Encontros estes que possibilitam ampliações do repertório subjetivo existencial, alargando-o para tantas outras conexões im/possíveis, não mais delimitado unicamente pelos determinantes interseccionais que, até então, eram seu único guia subjetivo para as experiências da vida; pois vou me dando conta dessas pistas, nas experiências relatas dos colaboradores dessa cartografia, que acabam se assemelhando, como no caso de Alegria, DJ e Ciborgue.

« Eu vim de uma região mais afastada, do interior do Paraná, e daí quando vim para estudar na capital, o ensino médio, que foi aqui na frente inclusive, no Colégio Estadual do Paraná, meu mundo já se abriu. Pois, eu tive mais contato com arte, com a fotografia, com escultura, desenho e, daí eu já fui moldando a minha mente; mas percebo que ela expandiu totalmente quando eu vim morar aqui na casa, depois que eu passei na faculdade. Aqui você acaba conhecendo pessoas de inúmeros lugares do Brasil e até fora do Brasil, porque tem bastante estrangeiros residindo aqui também. E você vai vendo o quão você é pequeno no mundo, e o quão você tem que aprender muito ainda, então eu fui me desconstruindo. (Alegaria).



« Nos dias de residência, pouco problematizamos o termo queer. Toda a experiência estava centrada nas questões dos corpos LGBT periféricos. Tratamos mais de vivências do que de teorias. Posso dizer que não foi uma experiência leve. Foi muito intensa na verdade. Por ser de classe média, branco e muito pouco atento naquele momento a várias questões (principalmente as de cunho racial), entrei em contato com dores que não tinha notícia da existência. Acho que tem um DJ antes da residência e outro depois da experiência. Até posso dizer que precisei de um tempo maior de elaboração após aqueles dias na Vila Nova Iorque. » (DJ).

« [M] nasceu em meio a minha existência e convivência tanto na internet quanto na universidade, isso me trouxe uma rede de contatos que eu não tinha antes, eu meio que despotencializei a minha vida na minha cidade, com minha família, para me misturar a outras realidades que foram importantíssimas para me revelar novas formas de se colocar no mundo. » (Ciborgue).



O que foi narrado por esses colaboradores demonstram o processo de desterritorialização que os encontros propiciaram mediante outras afetações em suas vidas, tanto na maneira de perceberem realidades distantes de suas vivências, como inquietações que se tornaram pontes, fio condutor de outras (de)composições de seus corpos. Posicionamentos éticos e políticos diante de si e da vida, onde, ao perceberem o aprisionamento sufocante da existência, empenham-se em produzir e inventar outras zonas e territórios para afirmação da diferença; buscando criar conexões, alianças, vizinhanças com outros corpos capazes de tensionarem e, quem sabe, anularem os efeitos dos agenciamentos coletivos representacionais do sistema cisheteronormativo capitalista neoliberal, sobre si e seu entorno.

Essa estratégia, ou melhor, essa decisão ética/política diante da vida mostra-se como outro im/possível, quando nos afastamos de uma lógica de inteligibilidade pautada e fundada em identidades prontas e marcadas por limites e percebemos que “[...] nenhuma finalidade

genética, ninguna competencia general de una lengua adulta dominante constituirá jamás referencia totalizante para las performances particulares” (GUATTARI, 2013, p.231).

Ao invés de responderem à mobilização desse mal-estar, dessa turbulência, a partir, unicamente, do repertório subjetivo determinante de certa identidade, parece-me que tais corpos conseguem ultrapassar esses aprisionamentos, ressignificando, assim, suas experiências, suas histórias, suas narrativas. O caos, as desestabilizações, as inquietudes do peso da vida frente ao seu esgotamento vital, ao invés de se tornar trampolim para introjeções de “alívios” imediatos e compensações anestésicas, o investimento das forças ainda existentes, aparentemente, são orientadas para fazer desses acontecimentos e mobilizações, alimento e combustível para reinvenção de si. As determinações começam a dar espaço às indeterminações, ao incerto, ao provisório; abertura para linhas de composições de outros lugares e saídas para esse sufocamento identitário, fazendo germinar conexões com outros campos de experiências, mediante processos de desterritorialização dos limites impostos sobre/para os corpos e suas identidades.

O ser moral, orientado por essa bússola macro-micropolítica de abuso da vida, de promoção de desigualdades, de julgamentos e culpabilizações, começa a ser interrogado, questionado, pois os efeitos paralisantes dos agenciamentos que o produzem são agora encarados com uma coragem ética de atitudes insurgentes que se apropriam, estrategicamente, dos bons e maus encontros, não mais para mergulhar em prazeres efêmeros e imediatos, muito menos fugir das turbulências da vida; pelo contrário, são, agora, corpos que fazem dos acontecimentos vias possíveis para que a existência possa, enfim, respirar de forma intensiva.

Podemos intuir, mediante as *palavras sopros*, que (des)compõem essa primeira linha-fluxo desse rastreamento, que ao acompanhar as experiências dos homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos *queers* no cenário brasileiro, protagonistas dessa pesquisa, pudessem nos sinalizar outros meios de orientarmos a vida nesse esgotamento do real, não mais por essa bússola moral cisheteronormativa, mas por uma bússola ética que nos orienta às zonas desabitadas, desocupadas, territórios provisórios, aos desertos povoados dos limiares de outros *im/* possíveis, para uma emancipação da vida na sua mais bela forma, a de se efetuar, conservar e perseverar se diferenciando; “[...] porque la vida es un estado de devenir o diferenciación constante, de cambio y metamorfosis, el estado libre y salvaje de la diferencia pura” (RODRÍGUEZ e GIORGI, 2007, p. 20). É tocar outros horizontes, correndo os riscos necessários para romper com as determinações desses marcadores sociais que nos subjetivam em um único repertório existencial, criando ilusões de um *im/*possível que não pudesse ser tocado.

Um aventurar-se na escrita de outras histórias de si e do mundo, mediante, primeiramente de um posicionamento de resistência ao que é imposto, contudo, fazendo desse enfrentamento, combustível, alimento e um bom uso para compor outros im/possíveis da vida, onde, no lugar do julgamento e da culpa, existe outro gesto para com a vida, um distanciamento necessário, uma ética do cuidado, uma solidão povoada, que no vazio e no silêncio buscam perceber as multiplicidades inquietas da vida que pedem passagem, atenção, ao mesmo tempo em que ferozmente gritam, esbravejam por um basta à sua extração.

« *Eu vejo que o Moleque é o resultado dessa experimentação, que é um resultado que é inacabado. Que é um resultado que eu venho nessa transformação constante. Mas eu me identifico como um ser livre, um ser que se permite pesquisar. Um ser que se permite viver, um corpo que é livre para ser o que ele é. Um ser livre como todo mundo deveria ser. Um ser que não se sente preso a padrões, a cobranças estéticas. Um ser livre para ser quem ele é.* » (Moleque).



« *Eu me perguntava se, caso não tivesse sido reprimido em certas circunstâncias da minha vida, que tipo de corpo eu teria, que tipo de movimento seria capaz de articular [...] Está claro que em termos identitários eu me movi. A partir de diversas ações e plataformas fui capaz de me produzir de outras maneiras.* » (DJ).

Por isso, a ideia e/ou concepção de uma vida em harmonia e de um ideal de completude, cai aqui por terra, porque a existência, em si, não é um marasmo, é povoada de devires que no processo vital da vida, tensionam, chacoalham, perfuram, na tentativa de criar brechas para suas germinações, traço comum, apresentado nas falas de Moleque e DJ ao falarem dos deslocamentos, rupturas e outramentos que, aos poucos, foram se permitindo frente ao –**alarme-vital-de-diferenciação**– que em algum instante os provocava.

É a vida em sua diferenciação que, como a semente no solo, vai perfurando incessantemente a terra com suas forças, até encontrar com a superfície e aí respirar, efetuando-se na sua beleza e esplendor. Portanto, a instauração da existência não é de forma alguma pacífica, pelo contrário, é avassaladora, onde a “catástrofe” se torna necessária para superação e conversão dos limites e suas imposições (LAPOUJADE, 2017). É o –**alarme-vital-de-diferenciação**– que, em meio aos “ruídos” dos limites identitários do inteligível, audível, visível

e perceptível provoca desestabilizações, incômodos para deslocar o corpo dessas “vibrações” parasitas que o esvaziam da sua potência de acontecer.

Todavia, a maneira pela qual os corpos lidam com essas “turbulências”, mesmo aqueles que conseguem perceber esse clamor da vida de forma afirmativa, acontecem singularmente, pois, a invenção e construção de outros modos de existência no seu cotidiano, vão tomando materialidade a partir das aberturas e consentimentos que cada corpo vai se permitindo na criação de outras narrativas de/para si. Tornam-se, assim, contra-narrativas, sendo aquelas que descontroem e/ou se opõem a um senso predominante (GOMES, 2011), aquelas que ultrapassam o campo do autorizado, para agora sim, se tornar singularmente, protagonista da própria história; pondo fim a um mundo, abrindo-se a outros mundos de experimentações, invenções e trânsitos, pois, como afirma Donna Haraway (2000, p. 40): “[...] o limite é uma ilusão de ótica”.

Nessa linha do rizoma e no acompanhar seus movimentos, durações, fluxos e pausas, penso que as experiências dos colaboradores desse mapa cartográfico nos forçam a reconhecer a necessidade urgente para um gesto mais atento às vozes inauditas da força vital afirmativa e criadora da vida, que provoca o corpo a transitar por outras territorialidades, ao disparar, em nós, o que ousei nomear de *–alarme vital de diferenciação–*. Esse alarme provocativo da vida intempestiva e intensa, que convida ao nomadismo, aos devires, as alteridades que querem se efetuar em diferenciação. Uma mobilização da existência que, ao se deparar com o esgotamento do real, convoca a um encontro com o inabitado que nos habita, na tentativa de romper com referências que nomeiam, estratificam e aprisionam o corpo em uma única identidade, para, quem sabe, desterritorializar o “eu” que nos aprisiona, consome e aniquila.

Sendo assim, as experiências que estamos juntEs acompanhando, ao produzirem outras escritas de si, se fazem composições de contra-narrativas, nos sinalizando à possibilidade de abertura aos acontecimentos intensivos que nos deslocam da representação identitária, do nosso único repertório subjetivo existencial; para que, a partir de uma postura ética/política/estética frente às turbulências e mal-estares da existência, possamos criar outras maneiras afirmativas e inventivas de narrar a própria vida como obra de arte.

4.2 A *–de-so-be-di-ên-cia–* na feitura de linhas de fuga/luta: disrupções por vidas im/possíveis de serem vividas

Os avizinhamentos que experiencio nos encontros com as narrativas sempre acabam sendo algo inusitado, uma vez que as afetações em mim dependem da abertura que naquele espaço-tempo da existência me encontro; pois, sem sombra de dúvidas, o mapa cartográfico também está e se faz processualmente no meu corpo ao rastrear esses processos. Por isso, não posso negar também que as apropriações teóricas que vou fazendo ao longo dessa cartografia, não tenham seus efeitos na minha percepção dos diagramas de forças que vão compondo essa investigação, mesmo que eu busque, às vezes, exaustivamente, um jeito de deslocamento da razão para um campo da intuição e sensação.

Assim, ao permitir me encontrar mais uma vez com as narrativas descritas na construção e sinalizações dessa tese, lendo e rememorando cada um dos encontros que proporcionaram suas materializações, acabo sendo lançado aos entre-lugares, às fronteiras da cisheteronormatividade; digo isso, porque provocam em mim certa “desintoxicação”, um curto-circuito nas forças que agenciaram e agenciam os processos de subjetivação e singularização do meu próprio corpo como ser vivente.

É o inesperado, o incerto, o (des)organizado de outras maneiras de existir que tensionam as estruturas e regimes de verdades que me atravessaram ao longo da minha história e que, de uma forma ou de outra, fazem-se elementos da narrativa que escrevo de mim mesmo até o momento. Portanto, os movimentos que me deslocam desse lugar da norma, da representação e, porque não dizer, muitas vezes do academicismo intelectual, é o que ensaio nomear de segunda linha, a linha da *–de-so-be-di-ên-cia–*, a qual trarei nessa grafia quando se tratar da linha-fluxo que inauguro nesse momento, sendo que em outras circunstâncias da escrita a apresentarei na sua formatação/escrita usual; pois não se trata apenas de uma decisão estética, mas de um investimento no processo inaugural dos/nos acontecimentos que aqui se afirmam.

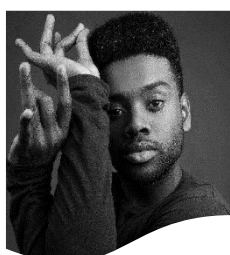
Creio que essa é uma das linhas-fluxos que mobilizaram intempestivamente meus movimentos, ao acompanhar as experiências relatadas pelos homens-cis que se nomeiam e/ou se expressam enquanto corpos quæers no cenário brasileiro nessa incursão que estou aventurando-me, simplesmente pela provocação inquietante que produziu em meu corpo. Ao habitar nesses territórios narrativos, esse movimento entre as intensidades e seus vetores de efetuação, não é algo que se percebe tão explicitamente visível, mas que se encontra nos borramentos e tensionamentos das normas estabelecidas pelos modos de produção vigentes sobre/para cada um dos colaboradores dessa investigação.

Ao mesmo tempo, a feitura de desobedecer se faz singular e inédita em cada história, em cada experiência de enfrentamentos, posicionamentos e, também, silenciamentos. Algo nesse plano rizomático de imanência estava tocando meu corpo-vibrátil, convocando-o para uma atenção atenta (KASTRUP, 2015) aos limiares de certa partilha do sensível que, inicialmente, certas palavras sopros apontavam.



« *Eu performo tudo isso, me adequo a situações quando quero, mas estou sempre tentando achar um jeito de me impor, de contaminar meus universos, de trocar algumas coisas de lugar de vez em quando.* » (Cibargue).

« [...] *ir ao mercado comprar um pão, de vestido, pegar um uber de vestido para eu vir até aqui nessa entrevista, causa um estranhamento e causa uma resistência, porque você quebra essa normatividade que você tem que estar padrão de como a sociedade imagina e projeta essa imagem na tua vida.* » (Moleque).



« [...] *entendendo todo esse caso do queer, eu me encaixo sim, dentro dessa significação do nome queer. Primeiro por ser uma bicha preta, por me encontrar dentro desse recorte, sendo um homem-cis-gay e que utilizo de ferramentas e movimentações também, posicionamentos e estéticas fora da normatividade.* » (Punker).

« *Nesses pequenos atos cotidianos, quer dizer, nem tão pequenos, porque você romper com a família não é nada fácil e pequeno, são pequenas revoluções.* » (Vampira).



Intuo, portanto, impulsionado, inicialmente, pelas palavras sopros de Cibargue, Moleque, Punker e Punker, que essas experiências as quais prossigo cartografando, possam nos dar pistas de certo tipo de relação que estes corpos, ao ouvirem a provocação do *alarme-vital-de-diferenciação*-, inventam implicações micropolíticas de perseveração da vida em todas as suas dimensões, lançando-se a outros processos de experimentações de si e do mundo. Tais posturas de enfrentamento e de (re)existência diante das realidades, em suas estratégias de lidar, não somente com o esgotamento do possível e seus sufocamentos, mas também com tudo que

envolve a vida de corpos dissidentes à cisheteronormatividade, demonstram as im/possíveis saídas e escapes, quando não cedemos à vontade das forças do sistema capitalista neoliberal cisheteronormativo de conservação das formas de existência.

Neste sentido, ousou considerar a *–de-sa-be-di-ên-cia–* como feitura, nessa geografia do presente, pois não envolve apenas uma mera decisão, mas um posicionamento afirmativo ético/político/estético de vida em todas as suas dimensões, pausas, durações e seguimentos. E, por isso, acredito que a mobilização provocada sobre meu corpo, para acompanhar essa linha que se agenciou pelas experiências de vida dos colaboradores da pesquisa, configurou-se em um processo de desobjetivação do meu próprio repertório subjetivo existencial, enraizado nas binaridades morais e moralizantes de bem/mal, certo/errado, pode/não pode, virtude/pecado, etc.; para me permitir encontrar linguagem para as políticas de descontrole, para as linhas de fuga/luta que essas histórias fazem acontecer.

Creio, portanto, que para seguir adiante precisei me apropriar dessa feitura da *–de-sa-be-di-ên-cia–*, deixando que esse fluxo intensivo de força me atravessasse abalando e transgredindo as molaridades estruturantes da minha história, para que, minimamente, a escrita dos efeitos desse entre-lugar partisse de um devir ético e não um dever.

Digo isso porque pode parecer óbvio, ao se tratar de relatos de corpos de homens-cis que se nomeiam e/ou se expressam enquanto corpos queers no contexto brasileiro, principalmente, para aqueles que já tenham conhecimento básico dos estudos e perspectivas queers, deduzir que desobedecer encontra-se implícito nas estratégias subversivas e transgressoras do queer; e que, por isso, problematizar e inaugurar essa linha de afetação seria, de certo modo, como diz um ditado popular, chover no molhado. Mas, como mencionei, para seguir me aventurando nesse acompanhar os agenciamentos dessa cartografia, precisei me apropriar dessa linha, por isso sigo desobedecendo essa suposta lógica interpretativa sobre/do queer e intuo pensar nela e, a partir dela, como outras utopias im/possíveis; pois, como nos sinaliza Deleuze e Guattari (2000), o rizoma de uma cartografia é atravessado por inúmeras linhas que nas suas (des)conexões agenciam múltiplas entradas-saídas e, por isso, aposto no reconhecimento e rastreamento dessa abertura outra em desobedecer.

Em um primeiro movimento, penso ser interessante rememorarmos o significado do vocábulo desobediência que, do ponto de vista etimológico, ao recorrermos a um dicionário qualquer, teremos seu significado relacionado como: insubordinação, ausência de obediência, etc.; e como palavras semelhantes por exemplo: indisciplina, rebeldia, infração... e que, de certo modo, seja de forma escrita, pronunciada e/ou ouvida, esse vocábulo imediatamente nos leva a

intuirmos e associarmos a algo negativo que precisa, de alguma forma, ser controlado, disciplinado, organizado, punido e, porque não dizer, passível de ser exterminado.

Somos subjetivadEs a considerarmos a desobediência, desde muito cedo, como um ato do campo da desordem, que direta e indiretamente pode provocar desestabilizações na ordem social e nas estruturas que organizam e sistematizam a sociedade e suas relações; pois somos educadEs desde a tenra infância a não desobedecermos às hierarquias, pessoas mais velhas, nossos pais, etc. É como se o combate à desobediência e desobedientes se tornasse uma palavra de ordem, uma política de controle que assume papel importante e necessário em todos os âmbitos sociais.

Nesse sentido, penso que as proposições levantadas por Michel Foucault (1979/1987/1988) sobre as relações de poder e a sociedade disciplinar se fazem pertinentes, onde ele propõe o poder como coextensivo ao campo social, ou seja, não se encontra nas mãos de umE indivíduoE e nem pertencente a uma determinada instituição; ele, o poder, materializa-se em relações estratégicas que articulam e agenciam as coisas e pessoas. São relações de forças, que, segundo o autor supracitado, materializam-se em práticas políticas de gestão da vida (biopolíticas) situadas, locais e não globais, que, em determinado espaço-tempo, envolvem mecanismos de regulação do coletivo que objetivam a produção de corpos dóceis, mediante articulações e agenciamentos de processos de subjetivação que se apropriam do desejo enquanto potência de acontecer para retroalimentar os modos de produção vigentes. Em outras palavras, o poder se encontra na ordem do coletivo através de atos e ações que legitimam e garantam a lógica capitalista neoliberal cisheteronormativa de produção, através de dispositivos que higienizam, naturalizam, normatizam e aprisionam os corpos, os desejos e prazeres em instâncias estratificadas de ações regulatórias de registros binários.

Ao mesmo tempo, fazendo uma bricolagem com proposições deleuzeanas sobre poder, recorro às problematizações de Gilles Deleuze (1986/2004) que, influenciado pelos filósofos Nietzsche, Espinosa e Foucault, afirma que o poder se configura por relações de forças que estão sempre em movimentação apresentando, assim, um dinamismo, por isso ressalta o filósofo que, os jogos de forças não são estáticos, mas movimentos de forças ativas e forças reativas; onde “[...] as forças ativas são primárias, de ação, dominação e subjugação, enquanto as forças reativas são secundárias, de reação, adaptação e regulação” (HUR, 2016, p. 174). Podemos, então, perceber que as forças geram duas maneiras distintas de poder: um poder afirmativo de criação, da produção do desejo enquanto criador e um poder negativo, que agencia um desejo de capturar e dominar; sendo que ambas as forças estão diretamente dirigidas e relacionadas ao poder sobre/para os corpos.

Por isso, nesse diálogo entre pensadores, Deleuze (2002) vai propor, principalmente a partir dos estudos de Espinosa, o poder como potência, mediante um novo modelo de corpo, não mais como substância, mas pensar o corpo pela perspectiva das suas relações de afetações, da sua abertura de afetar e ser afetado por outros corpos; onde tal encontro pode agenciar composições e decomposições da/na sua potência de acontecer. Portanto, o poder aqui não está relacionado unicamente a ordem do negativo, mas também da afirmação, criação e inventividade; pois para o autor existir é uma potência (DELEUZE, 1968), enquanto que “[...] a subjetividade é um processo” (DELEUZE, 2001, p. 127).

Contudo, tal filósofo dá um passo adiante, para além do par de afetar e ser afetado, apresentando um terceiro movimento, o poder de resistir, que, para ele, se configura pelo potencial da força, que se encontra além desses dois vetores (afetar e afetar-se), refere-se, então, às singularidades, que não se deixam capturar e regularizar, mas que resiste às relações de forças.

Os pontos de resistência como irreduzíveis às relações de poder e tendo a estranha propriedade de voltar contra o poder aquilo pelo qual o poder faz seu objeto, ou seja, aquilo que o poder pretendeu controlar. O ponto de resistência é algo incontrolável no objeto do poder. Portanto, esse algo incontrolável no objeto de poder é primeiro em relação ao poder (DELEUZE, 2014, p. 407).

Seguindo essa lógica de um corpo se “definir” pelo seu poder de afetar e ser afetado, mas que também resiste às relações de forças, nos deparamos constantemente com os cruzamentos das movimentações dessas linhas que se articulam, conectam-se e se desconectam nesse processo; criando fissuras, quebras, mas também estruturas, anestesiamientos e rebaixamentos. Visto que,

[...] o poder de resistir torna-se vida quando o poder torna-se biopoder, isto é, poder sobre a vida. Então a vida, a resistência, é o que escapa, o que traça linhas de fuga frente aos mecanismos disciplinares e de controle do biopoder. Então é o poder de resistir que traça linhas de singularização frente às relações de força instituídas e normalizadoras. Portanto, o poder de resistir é diretamente relacionado à criação e à vida, é o que vai em direção contrária das forças de captura e de morte. Vida que se insurge contra a disciplinarização e o controle do biopoder (HUR, 2016, p. 188).

Partindo de tais pressupostos preliminares, que já foram amplamente problematizados em tantos outros estudos, pesquisas e publicações, quero dar um passo adiante e me ater a tatear um segundo movimento, que me provocou e despertou interesse como estratégia, não somente de enfrentamento às normatizações e naturalizações que despotencializam a existência, mas

como dispositivo inventivo e criativo de outros modos de vida, que intuo ser a força afirmativa da *–de-so-be-di-ên-cia–*.

Para tanto, torna-se necessário um exercício de rachar o visível, o dizível, o audível, fissurar as realidades para extrair (cri)ações; isso talvez aconteça, quando ousamos tensionar as estruturas, decepcionar as expectativas, fracassar as determinações e debochar das imposições sobre nossos corpos. E, parece-me, acompanhando os colaboradores e suas experiências, que esse exercício pode ser percebido na apropriação do que nomeamos/chamamos contemporaneamente de *queer*, pois, ao relatarem suas vivências como corpos dissidentes à cisheteronormatividade, demonstram que ao mesmo tempo que buscam resistir às imposições sobre/para seus corpos em identidades e, concomitantemente, em experiências estratificadoras e limitadoras, agenciam a invenção de políticas de subjetivação que desobedecem ao que se é pré-determinado para suas vidas.

Tal *–de-so-be-di-ên-cia–*, na sua feitura, causa estranhamento borrando, estremecendo e deslocando a inteligibilidade a respeito de seus corpos, como percebido nas histórias de vida de Moleque, Bichê-Prêta-Afeminada e Fãuno, ao mencionarem suas vivências cotidianas e, nelas, como suas identidades são percebidas socialmente, ao transitarem por espaços que esperam que seus corpos/identidades correspondam às oposições binárias de identidades fixas e coerentes. Isso corrobora com o que se diz, “entende” e se pretende com/sobre o *queer*, esse tensionamento e enfrentamento ao sistema cisheteronormativo, mediante uma política de descontrole que, ao resistirem aos padrões hegemônicos, possibilitam aos corpos transitarem por lugares outros, para além da norma, pelas fronteiras, ao assumirem para si, esses mesmos lugares como terreno férteis para exercerem (cri)ações de outramentos, como sinalizam as palavras sopros de outros colaboradores, nesse caso, DJ e Matumbá:

« [...] o *queer* chega em mim para dizer que está tudo bem em ser quem você quiser ser, sem precisar assumir um compromisso eterno com essas identidades que você vai produzindo para si mesmo. » (DJ).



« [...] dentro do *queer* e dentro de um *queer* na América Latina, dos países do Sul, eu acho que ele amplia de alguma forma o entendimento sobre meu corpo e sobre as perspectivas do que é ser gay e negro, dentro da performance que é esperada do meu corpo. » (Matumbá).

As experiências dos colaboradores mostram um caminho inverso e contraditório dentro da lógica dos modos de produção capitalistas neoliberais, que alimentam e retroalimentam incessantemente o desejo para almejarmos a suposta “liberdade” de escolha que nos levem ao controle, à organização dos afetos, à aquisição de privilégios e à tão sonhada felicidade; mediante a assimilação paulatina dos regimes de verdades hegemônicos. Portanto, é preciso produzir quedas, agenciando políticas de descontroles que ao mesmo tempo que guerrilham, também criam outros territórios, outras realidades; pois, estamos em guerra!

Ao longo desse rastreamento que sigo caminhando, vou percebendo que essas histórias de vidas vêm denunciar essa guerra explícita sobre/para os corpos, contra as vidas que fogem, escapam e desobedecem a lógica dominante, as armadilhas ideológicas que nos fazem acreditar que tudo concorre para a ordem e progresso da sociedade-nação, na tentativa de silenciamento e apagamento dos levantes de resistência que se colocam à frente de suas estratégias biopolíticas de gestão da vida em prol dos seus próprios privilégios. Isso fica mais explícito nos relatos de Vampiro e Bichə-Prətə-Afeminədə, que nos chamam a atenção para o momento contrarrevolucionário que está posto na atual geografia do presente. Para estes colaboradores, não podemos negar essa realidade que aflige a vida de todEs aquelUs que, de uma forma outra, se posicionam contra essa onda expropriadora e abusiva da vida.



« Não basta a gente fazer um debate seguro, como estamos fazendo agora, de muita concordância e não assumir que nós estamos em guerra; porque nossos corpos são corpos políticos que estão resistindo a uma maré conservadora, preconceituosa e que esse preconceito não afeta só LGBTs, pega negros, pega pessoas em situação de rua. » (Bichə-Prətə-Afeminədə).

« Vejo que é necessário novamente começar um processo de reafirmação social, porque as forças contrárias, as forças reacionárias têm crescido muito nos últimos anos. Inclusive no meio das artes, inclusive na relação artista e poder, artista e políticas culturais; a gente tem perdido território. » (Vampiro).



Mesmo que tais relatos nos mostrem sinais de um exercício ético/político de percepção e enfrentamento crítico da realidade, não podemos negar que, por vezes, tal estratégia nefasta cisheteronormativa consegue incutir mesmo naquelUs que resistem à ideia de que precisamos seguir com cautela, acreditando naquelUs que nos representam. Existe, então, certa

romantização da realidade, dos atos necropolíticos e fascistas que assolam as relações sociais, em todas as suas esferas, onde algumas vidas se tornam passíveis de morte, de aniquilação e outras que merecem viver. Infelizmente, as políticas de controle e gestoras da vida (as biopolíticas), agem sorrateiramente uma vez que,

[...] somos, como corpos, vulneráveis aos outros e às instituições, e essa vulnerabilidade constitui um aspecto da modalidade social por meio do qual os corpos persistem. A questão da *minha* ou *sua* vulnerabilidade nos implica em uma questão política mais ampla sobre igualdade e desigualdade, uma vez que a vulnerabilidade pode ser projetada e negada (categorias psicológicas), mas também explorada e manipulada (categorias sociais e econômicas) no curso da produção e da naturalização das formas de desigualdade social. É esse o significado da distribuição desigual da vulnerabilidade (BUTLER, 2018, p. 231 – grifos da autora).

Assim, a *–de-so-be-di-ên-cia–* que emerge nas/das experiências que aqui estamos acompanhando, deflagra na geografia do presente, as violências explícitas e implícitas, não somente ao que se refere às LGBTfobias, mas também a todas aquelas que, de algum modo, rebaixam a vida de ser vivente, a uma desumanidade e às múltiplas precariedades que podem, a qualquer momento, nos tornar simplesmente descartáveis. Há uma denúncia das violências que os corpos experienciam nos posicionamentos que ocupam ao se deslocarem, rizomaticamente, pelos marcadores sociais de diferenças que demarcam, hierarquizam e delimitam suas vidas; seja na ordem dos gêneros, das sexualidades, das raças/etnias, das classes sociais, das deficiências, dos prazeres, etc.

Por isso, a *–de-so-be-di-ên-cia–*, para alguns corpos, e aqui, para os colaboradores dessa cartografia, faz-se necessária, faz-se emergente, insurge como arma de guerra, porque, para algumas vidas, não existe a possibilidade de romantizar as realidades, pelo contrário, pela afirmação de suas diferenças, o dedo acusatório moral do enquadramento binário cisheteronormativo é apontado constante e incessantemente dizendo: “Fique no seu lugar! Não polua! Não contamine! Desapareça!” (GRUNVALD, 2017, p. 23); imputando, assim, feroz e violentamente, o golpe da opressão, da não garantia de direitos, da abjeção, da precariedade e da morte.

É fundamental demarcar, então, que, para tais corpos, a relação constante com a vida e/ou, podemos pensar, com uma sobrevivida, encontra-se permeada por inúmeras violências, pelo fato de não se colocarem à disposição da organização disciplinadora e controladora dos gestos, dos comportamentos, das expressividades, da dinâmica social capitalista neoliberal. Dado que,

O problema, no entanto, se complica quando desumanização não é um processo de autodeterminação, de autodeformação, de habitar fora dessa norma que é tão cis-heterocentrada, quanto racista e especista. Quando essa desumanização é, ao contrário, resultado de uma negação da humanidade que nada tem de voluntária, mas que é forçada, violenta e que desconsidera a humanidade de alguém apenas para colocá-lo num campo de risco que os direitos humanos, encarnação ocidental do acesso à justiça, não conseguem alcançar (GRUNVALD, 2017, p. 28).

Levando isso em consideração, as estratégias de combate à precarização da vida e as suas múltiplas violações, não podem ser pensadas e articuladas unicamente dentro da esfera de negociações pacíficas, como eu particularmente sempre ouço falar, de ir pela margem, de um não enfrentamento direto; como se fosse possível, em uma guerra, não nos colocarmos frente a frente com o inimigo. Para alguns corpos, de repente, essa ocupação estratégica pode ser possível, devido aos lugares privilegiados que ocupam, e não me refiro aqui, unicamente, aos lugares dentro de instituições e/ou cargos, mas privilégios conquistados e possíveis, dentro da hierarquização interseccional que seus corpos se encontram e se fazem, garantindo legitimidade e passabilidade desejada. Infelizmente, outros milhares de corpos não possuem o privilégio de estratégias de resistência e enfrentamentos às precarizações da vida e às violências contra ela, de maneira não violenta, como algumas retóricas tentam impor como único projeto possível no campo social coletivo.

São lutas, combates diários para tentarem sobreviver frente às violências do Estado, às precariedades que as colocam à mercê do acaso, sejam nas ruas, na comunidade local, nos espaços sociais e até em suas próprias moradias; onde a segurança, por vezes, acaba sendo uma mera sorte.

[...] a não violência deve ser buscada onde quer que seja possível. Mas é urgente colocar que há situações nas quais ela não é uma opção. A prerrogativa da não violência é apenas para alguns. Uma pessoa branca de classe média vive uma vida que a permite colocar a questão da não violência como legítima. Mas quando se trata de pessoas negras, pobres, de periferia, que não se adequam aos modelos aceitos socialmente de comportamento de gênero, etc., será mesmo que elas têm opção de não serem violentas? Dá para responder apenas com palavras e ideias, em suma, com não violência, quando se aponta uma arma para você, quando se usa de cassetete para violentar seu corpo simplesmente por ele existir, quando se aplicam golpes a você o tempo inteiro e tanto por parte de pessoas que se acreditam justiceirxs do bem quanto por parte do próprio Estado e de sua truculenta polícia? Está na hora de pensarmos a quem serve o discurso da não violência e quem tem o privilégio de colocá-lo como possível e mesmo prioritário! Queria te emprestar meus olhos e minhas memórias para que você pudesse ver as coisas que tenho visto nas últimas manifestações! Muitas atitudes não violentas por parte dos manifestantes que ganham em troca violência gratuita por parte da polícia! (GRUNVALD, 2017, p.29).

Sem sombra de dúvidas, o combate também se faz desigual, porque mesmo em atos pacíficos de resistência e de reivindicações, vidas são empurradas rumo ao limite da sociabilidade, por forças da violência discursiva, da brutalidade física e de ideologias de silenciamentos e apagamentos das diferenças, ou seja, nossos corpos são violentamente inscritos a uma não-existência. Se assim nos encontramos, em meio a jogos de forças que elegem que a vida é possível de ser vivida, o viver e o agir encontram-se conectados e a maneira que cada corpo encara esse projeto capitalista neoliberal cisheteronormativo se mostra na feitura da sua própria narrativa no/pelo corpo, pois é nele que os estilhaços, as balas perdidas, a não imunização, a negação de direitos, as asfixias, os sangramentos e o esquecimento, atingem!

[...] O campo de batalha onde dançamos essa guerra é o corpo. E se trata – não tenham dúvida – de uma guerra contra o corpo – na medida em que o corpo (todo o corpo) é sempre já corpo-colônia: terra invadida e ocupada pelas forças da colonialidade, do capitalismo necropolítico e biopolítico distópico, do racismo antinegro e das supremacias branca e cisgênera. Esses sistemas operacionais marcadores da diferença e organizadores da alteridade que, pela força da reprodução de seu domínio sobre as formas do mundo, implicam-se com mais ou menos violência nos processos de formação de quaisquer corpos que sejam operados sob sua vigília (MOMBAÇA, 2017, p. 18).

É nesse cenário caótico e devastador, que as sociedades vêm a largos passos desenhando seu presente-futuro e, claro, pensando no contexto nacional brasileiro, a partir do golpe de 2016, isso tem se materializado de maneira inimaginável, tanto nas ações estratégicas do estado-nação, mas também nas relações sociais cotidianas; onde as violências, sejam elas discursivas, psicológicas e/ou físicas, ganharam certa legitimidade possível para se manter a suposta ordem e progresso da nação; para conter e dizimar todEs que, de um modo ou de outro, não compactuam e denunciam, essa lógica fascista de “democracia” que tentam nos fazer engolir goela abaixo.

Contudo, por nos encontrarmos em meio a essa tenebrosa turbulência de realidades, acabamos ficando, por vezes, anestesiadEs diante dos fatos, diante da vida e de um horizonte outro de futuro. Por estarmos como coadjuvantes e/ou como protagonistas desse/nesse processo, não percebemos os entre-lugares da norma, pois seguimos focando nosso olhar e nossas ações em lugares que minimamente “garantam” segurança, reconhecimento, pertencimento, um lugar ao sol em meio às tempestades do presente; mesmo que isso demande certa assimilação dos regimes de verdades impostos para que tenhamos uma vida possível de ser vivida. Nessa trama de relações, a *–de-sa-be-di-ên-cia–* aqui como afirmação e (cri)ação

de outros futuros, não tem lugar, pelo contrário, batalha-se contra ela, pois à nossa concepção, ela nos levaria por caminhos e lugares indesejados; nos situaria em posicionamentos de enfrentamentos, de ocupação, de incertezas, de descontrole e inseguranças.

Há de se considerar que, ao mesmo tempo que o esgotamento do possível nos sufoque e as estratégias fascistas necropolíticas nos devorem, ainda assim, almejamos estabilidade, *status* e sermos convidadEs para as festas... não nos permitimos tocar pelo inusitado e intempestivo que nos leve a acreditar novamente no mundo. Nossos atos estão automatizados para uma micropolítica reativa e não para gestos inventivos de uma micropolítica ativa de afirmação da existência, pois,

[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

Tais distopias do presente podem ser deflagradas, se abriremos nossas percepções para além do que é dizível e visível, fazendo o corpo-vibrátil em nós, vibrar, criando aberturas para outras sensações de gestos para com a vida que, necessariamente, não são da ordem pacífica e nem apaziguadoras, mas feitura de *—de-so-be-di-ên-cia—* monstruosas em nós e através de nós. Digo isso, porque essa linha agencia ao mesmo tempo, tramas rizomáticas de fuga e luta que, ao serem apropriadas e gestadas como embriões de vida, produzem no corpo projetos de rompimentos com tudo aquilo e aquelUs que rebaixam a existência; dando espaço à germinação de outros territórios subjetivos de ser/estar no mundo. Isso não acontece, mesmo que queiramos, de forma não agressiva, pois as rupturas e desterritorializações necessárias para (cri)ação de outrEs em/de nós, se faz combate cotidiano contra as marcas imputadas e introjetadas ao longo da nossa história.

Reconheço, portanto, que os diagramas de forças das histórias de vida que acompanho, não somente deflagram as violências, os anestesiamentos dos corpos, mas afirmam a (cri)ação de pistas, de estratégias, de posicionamentos éticos/políticos/estéticos de utopias im/possíveis para retomarmos a autonomia da existência e escrevermos outras narrativas de/para si. Há, então, ao contrário, de alguns outros seres vivos que preferem a torpes apaziguadora de um enredo fílmico de em busca da felicidade, aquelUs que se apropriam das injúrias, dos deboches,

das insinuações, dos xingamentos, arbitrariamente imputados sobre si, para transgredir e subverter as lógicas e as engrenagens dos modos de produção capitalistas neoliberais cisheteronormativos, com suas alteridades monstruosas.

« Talvez o Anarquista depois do queer, seja um Anarquista mais consciente sobre esse se colocar no mundo, esse papel político no mundo sabe... Creio que o Anarquista depois do queer, é um Anarquista mais provocador como pessoa. » (Anarquistø).



« [...] eu sempre fui atrás desse termo queer de alguma forma, por causa de apontamentos que me faziam. Só que nessa peça eu acho que eu consegui... eu cheguei nesse lugar que tipo Ok!! (Fəuno).

« Começo a aceitar minhas contradições, minhas limitações e coloco toda essa reflexão muito mais como um alerta, do que algo como uma agenda [...] hoje eu posso ser o homem que a professora solicita, mas amanhã eu posso ser a bicha ou qualquer outra coisa. » (DJ).



É uma tomada pelo chifre, do lugar da monstruosidade (abjeção) que são alocadas suas vidas e seus corpos, por não corresponderem aos sistemas normalizadores e naturalizantes hegemônicos; tentativa de colapsar e esvaziar todo e qualquer determinismo binário e identitário. Agora, as acusações sobre seus corpos se tornam apropriações para luta, para a guerra, na feitura de lugares de *–de-so-be-di-ên-cia–*, afirmativa de potência, onde ao existirem, afirmando-se devassos, esquisitos, quæers, atravessam as comunidades, as cidades, os locais públicos e privados por onde passam,

[...] Como uma onda devastadora que começa a tomar o asfalto e a destruir a orla para devolver a terra à própria terra. A mostra que atravessa isso aqui move esse tipo de força e assombra – em suas passagens – as filas do tornar-se. Não chega a formar um eu, uma entidade internamente coerente capaz de governar a si e as cenas de alteridade em que se engaja. Muito pelo contrário, a operação da mostra que atravessa isso aqui é deformar, desfigurar e problematizar indefinidamente as condições de possibilidade de um sujeito qualquer que seja (MOMBAÇA, 2017, p. 17).

(Des)compõem-se, então, os centros e as margens de um suposto “eu” definidor das experiências, para que através dos deslocamentos ininteligíveis desses corpos monstruosos, inadequados, impróprios, desobedientes, queers, as limitações impostas deem lugares para outras percepções, sensações, experiências, perspectivas e projetos de vida. Por isso, ao mesmo tempo que a *–de-so-be-di-ên-cia–* na sua feitura agencia linhas de fuga que, no aqui agora desse mapeamento, ousa tatear, também produzem nessa trama de (des)conexões linhas de luta que se encontram rizomaticamente nessa rede de intensidades.

Torna-se, pois, indispensável nesse instante para prosseguir, sinalizar as reverberações que me atravessam das proposições deleuzeguattarianas sobre as linhas de fuga, onde, a partir da concepção dos diagramas rizomáticos de forças, os filósofos Deleuze e Guattari (1996), propõem que estes são compostos por três linhas responsáveis pelos seus movimentos de velocidades, lentidão e duração (linhas de segmentaridade rígida, linhas de segmentaridade flexível e linhas de fuga); sendo essa última, que aqui ousa tatear, as linhas que não apresentam uma segmentaridade e nem um princípio de estrutura interna, mas aquelas que possibilitam aberturas para o novo e para indeterminações. É através delas que se instauram novas suavidades, onde há a fomentação de revoluções, de outras realidades im/possíveis, de outros mundos.

Ensaio pensar que os modos de vida que aqui se apresentam insurgem, intempestivamente, nas realidades situadas de suas existências, claro, de maneiras únicas e singulares, mas que, nos seus interstícios, criam apropriações afirmativas das suas diferenças, instaurando, assim, revoluções no/pelo corpo. São gestos para com a vida de outros lugares impensáveis, inéditos em suas expressividades éticas/políticas/estéticas, que ao mesmo tempo que deslocam seus corpos do lugar da norma, a deflagram tensionando sua suposta essência.

Linhas de fuga que desorganizam as políticas de controle interseccionais sobre/para os corpos, projetos de fuga para tudo aquilo que, de alguma maneira, delimita suas im/possibilidades, roubando suas capacidades de acontecer diferenciando-se; exercícios de negociações e renegociações diante da vida e com ela, na tentativa de criar “[...] *una experimentación em contacto con lo real*” (GUATTARI, 2013, p. 207). O território existencial aqui se faz ao mesmo tempo que as ações, são frutos de embriões de uma potência estética do sentir e do criar, ao mesmo tempo de um agir ético/político de ser/estar no mundo (des)compondo as realidades, os mundos e a si próprio.

Penso que tais corpos, intuitivamente e, porque não dizer, movidos violentamente pela dinâmica social vigente, são levados a desbravar outros im/possíveis de lidar com o esgotamento do possível, com as violências imputadas sobre suas vidas, na tentativa de

encontrar respiro, em meio às tormentas cotidianas, de liberar os fluxos desejantes que se encontram entorpecidos, anestesiados, silenciados como seres viventes. É um mergulhar no caos, nos mal-estares da existência, como mencionado na primeira linha dessa cartografia, é um abrir-se/afetar-se pelo ~~–alarme–vital–de–diferenciação–~~. Existe, portanto, certa coragem ousada e atrevida em se permitir gestos de apropriação da potência vital de criação de outras narrativas de/para si, que “[...] diferentemente das receitas de felicidades instantâneas e do *feel good*, a condição de possibilidade de resistência micropolítica é “sustentar o mal-estar” que gera processos de subjetivação a introdução de uma diferença, uma ruptura, uma mudança” (ROLNIK, 2019, p. 17).

Percebo, assim, que existe nessa aposta vital da vida que grita passagem, um enfrentamento que intenta sempre provocar acontecimentos no plano de forças, que produzam crises, rupturas, desestabilizações em si e de si, ao mesmo tempo que inaugura, cada umE a suE própria maneira, o próprio modo de existência. Ou seja, tais posicionamentos e gestos com a vida, insurgem em atos encarnados de reapropriação do direito de existir, inaugurando, assim,

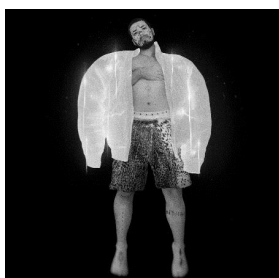
[...] um outro modo de perceber e enfrentar as políticas de dominação. Enfrentamento que inaugura algo na recusa do que nos é dado. Recusa que convoca a invenção de outros modos de resistir e existir e vê a liberdade não como o fim da dominação, mas como um contínuo processo de recusa daquilo que quiseram nos fazer crer que éramos, afim de abrir brechas na experimentação de outros (muitos) modos de existir, pensar e agir – novos modos de subjetivação (COIMBRA e ABREU, 2018, p. 1104)

Nesse sentido, as linhas de fuga que se agenciam no cotidiano dessas vidas produzem acontecimentos disruptivos que, ao contrário da assimilação à norma para conquista de direitos, debocham de forma escrachada das escalas ontológicas, sabotando todo processo de sujeição identitária cisheteronormativa. Aqui, a abjeção, a injúria, a vergonha, o dedo acusatório do julgamento, acabam se tornando alimentos para inventar outras estratégias de encarar a vida e a si mesmE; há uma inversão da lógica, onde o que se é considerado mecanismos de ofensas, determinações, enquadramentos, alocando alguns corpos à margem da sociabilidade, são tomados agora como ferramentas-armas de guerra, fazendo tais interpelações sobre/para nossos corpos funcionarem a nosso favor, afirmando nelas/por elas, a potência da diferenciação.

É como se tais vidas encontrassem o fluxo intensivo, a partir do grito do ~~–alarme–vital–de–diferenciação–~~, para (cri)ações de projetos éticos/políticos/estéticos de vida, não mais permeados por uma passividade e/ou por uma luta reativa, mas de uma ~~–de-so-be-di-ên-cia–~~ feroz, transgressora e singular para se afirmarem e narrarem suas vidas fora da norma, pois, ao se apropriarem das realidades opressoras experienciadas em suas histórias, não as excluindo e

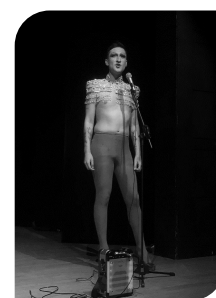
nem retrocedendo aos desejos de seus opressores, invocam uma ética afirmativa da existência, onde transmutam a inércia em força e coragem.

Percebo esses gestos de força e coragem, quando esses homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos quæers no cenário brasileiro, ao relatarem suas angústias, dores, sofrimentos, silenciamentos e medos, mostram, ao mesmo tempo, atitudes e posicionamentos insurgentes face às violências contra a vida, contra às diferentes dinâmicas de expropriação da sua força vital, investindo em transfigurações que lhe permitam, quem sabe, direcionar e retomar à potência criadora da existência; um pouco do que percebi nos enunciados que emergiram do relato de Cibargue e Alegoriã, por exemplo.



« Não é novidade saber que a gente sempre esteve em situações de risco, e muito mais agora, mas estranhamente todo esse terror tem me dado coragem para aparecer mais dentro da minha casa, nos lugares que transito, de expressar mais os lados que tanto querem apagar em mim. » (Cibargue).

« [...] eu tento, mesmo com o pouco contato que tenho com esses estudos, conciliar aceitação e transgressão. » (Alegoriã).



Creio, então, que tais gestos reverberam, de alguma forma, as palavras deleuze-guattarianas que afirmam que tal ética do cuidado, “[...] trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 222). Há um colapso de/em si, onde não há garantias, não há segurança, não há “sucesso”, dentro dos moldes capitalistas neoliberais cisheteronormativos, ou seja, não há recompensas; existe sim um inadequar-se indisciplinadamente que ao abalar e perturbar os pilares das estruturas sociais, tentam resgatar a anarquia/caos extraordinário da vida, oferecendo maneiras mais inventivas, cooperativas e intensas de estar no mundo. Isso ocorre não de maneira “fantasiosa” de imaginar outros lugares, mas em um investimento (cri)ativo de imaginar outras alternativas existentes para este sistema capitalista neoliberal cisheteronormativo hegemônico.

Por isso, assumo que não é fácil dar linguagem para esse campo intensivo de potência, as experiências são únicas e inéditas nos acontecimentos; e tatear acompanhá-las, exige uma atenção constante e exaustiva, pois, por vezes, acabo me deixando capturar por uma lógica interpretativa que foge a toda proposta ética e política dessa tese. Todavia, sigo na tentativa de dar pistas das afetações e seus efeitos em mim, arriscando afastar-me das disputas que parecem tão importantes para o campo teórico-metodológico acadêmico e investir mais intuitivamente nas tramas rizomáticas da cartografia que se desenha.

Essa *–de-so-be-di-ên-cia–*, que se faz acontecendo nessa escrita, já são efeitos desse mapeamento, que provocou a necessidade de desviar-se e perder-se sempre que houvesse uma propensão à captura pelos modelos intelectuais hegemônicos de fazer pesquisa e produção de conhecimento; pois, mais do que dialogar com saberes outros que contribuam teoricamente na produção de outros saberes, penso que esse diálogo não pode se tornar o cerne dessa cartografia, mas ferramenta possível no momento para a expressão dos fluxos-intensivos desse mapear. São justamente esses momentos de coragem de pausar, forçando o pensamento à inversão e recusa, que creio ser interessante para seguir, deixando-se fazer nessa linha da *–de-so-be-di-ên-cia–*, pois como sinaliza Halberstam (2020):

Se quisermos fazer a virada antissocial na teoria queer, devemos estar dispostos a nos afastarmos da zona de conforto da troca cortês, a fim de acolher uma negatividade política verdadeira, que desta vez prometa falhar, bagunçar, foder, ser exagerada, rebelde e mal humorada, gerar ressentimento, rebater falar o que se pensa, perturbar, assassinar, chocar e aniquilar (HALBERSTAM, 2020, p. 161).

Logo, estou bastante convicto de que a ininteligibilidade é tão mais rica, mais interessante do que as lógicas estratificantes da inteligibilidade que limita, por vezes, as experiências outras dos lugares fronteiros da norma; pois se há nessas experiências algo que me desloca intempestivamente, são os “[...] modos improváveis de contornar o incontornável do poder” (MOMBAÇA, 2017, p. 18).

É o potencial perturbador, subversivo, transgressor desses mundos marginais, dessas vidas que assumem (cri)ações constantes de negociações e renegociações consigo mesmEs e com o seu entorno, sendo que essa decisão política para com a vida, não acontece de maneira pacífica, calma e tranquila; as rupturas que se fazem ao longo do processo, seja com os laços familiares, com a empregabilidade, com a não passabilidade de poder circular e ocupar os espaços/lugares, são vetores intensivos de extrema agressividade para com esses corpos que reivindicam “[...] conceitos como vazio, futilidade, limitação, ineficiência, esterilidade,

improdutividade...” (HALBERSTAM, 2020, p. 161) como modos de crítica subversiva e transgressora das totalidades, legitimidades e respeitabilidades hegemônicas cisheteronormativas.

Ao mesmo tempo que ao recusarem as políticas interseccionais identitárias como verdades absolutas sobre/para seus corpos e identidades, apropriando-se, então, da *–de-so-be-di-ên-cia–* aos gêneros, aos investimentos embranquecedores racistas, as inscrições compulsórias de classes e aos códigos fóbicos velados em práticas de submissão e exclusão, assumem para si, que os lugares do inadequar-se desobedecendo é onde a vida intensiva pulsa e vibra frente à torpes zumbificadora dos processos de subjetivação contemporâneos. Assim, não existe uma suposta idealização de outrE “sujeitE”, um outro corpo alternativo, mas de um cruzamento coexistente de forças da/na vida que atravessam as sensações, percepções e o pensamento, tangenciando passagens disruptivas das identidades que continuam sempre em processos, em devires. Dessa forma,

[...] em vez de dizer que sou monstra porque sou negra, porque sou bicha e porque sou desobediente de gênero, digo que sou atravessada por uma passagem monstruosa que cria condições para que eu desvie dos investimentos embranquecedores, heteroterroristas e normativos de gênero contra a minha vida. A monstra que atravessa isso aqui mora, portanto, no “apesar de”. Ela opera na quebra e não na elaboração de figuras alternativas do sujeito (MOMBAÇA, 2017, p. 19).

Nessa esfera da experiência da *–de-so-be-di-ên-cia–*, intuo talvez que essa não-existência onde, tais corpos são empurrados, faz-se existir, afirmativamente, ao se posicionar, não como salvadora e/ou heroína das distopias do presente-futuro, mas ao se permitir tornar-se força de fracassar os lugares bem-sucedidos do poder, explorando a inversão da norma para reconhecer outras experiências, outros encontros, outras sensações e, porque não dizer, reconhecer até mesmo outros saberes. Desfruta-se positivamente dessa condição dissidente, marginal, monstruosa que seus corpos foram alocados, em uma aposta inventiva de (cri)ação de outramentos de si; há, portanto, certa curvatura das linhas de fuga/luta na feitura da *–de-so-be-di-ên-cia–*, que, ao invés de efetuarem um encontro linear entre as forças, voltam-se sobre si mesmas, afetando-se, transpondo os seus limiares na produção de outras (de)composições.

Logo, considero esse agenciamento rizomático como ato ético/político/estético, gesto que vai de encontro ao grito do *–alarme-vital-de-diferenciação–* mediante uma *–de-so-be-di-ên-cia–* afirmativa da vida, pois provoca esse outrar-se, ou seja, esse processo que engendra o ser vivente a se tornar capaz de inventar-se em constantes devires, rompendo com todos os

modelos identitários; um “[...] diferenciar-se da pretensão ao idêntico, ao mesmo, à fixidez das formas, onde a multiplicidade de *ser* pode, enfim, afirmar-se em uma existência que vai *sendo*: uno e múltiplo, ao mesmo tempo” (COIMBRA e ABREU, 2013, p. 1103).

Por isso, intuo que tal *–de-so-be-di-ên-cia–* não problematiza só os modos de vida do presente-futuro, mas também as ações e gestos nesse horizonte político, econômico, cultural, social do nosso espaço-tempo; através de “[...] uma maneira radicalmente diferente de se conceber as contestações, as revoltas e a ideia de revolução” (Ibidem, p. 1104).

Entretanto, mesmo que algumas entrevistas, como de Vêmpero, sinalizem ao longo de suas falas certo “cansaço” frente às batalhas cotidianas, dando pistas também de certa imersão em uma suposta “neutralidade” por parte de outros corpos, que preferem o não enfrentamento ou a feitura da *–de-so-be-di-ên-cia–*, para manterem uma vida (e aqui trago em caixa alta e entre aspas), “POSSÍVEL DE SER VIVIDA”; outros relatos, como de Bichø-Prætø-Afeminæda e de DJ, deflagram que esse projeto individual/coletivo só retroalimenta o próprio sistema capitalista neoliberal cisheteronormativo, fortalecendo suas estratégias de limitação da experiência reduzida ao “sujeito”, aumentando, assim, suas precaridades, diminuindo sua potência de acontecer e, concomitantemente, submetendo a vida a respostas *prêt-à-porter* com a garantia de privilégios e abundância.

Em vista disso, não podemos perder de vista, mesmo na tentativa de “garantir” tranquilidade e estabilidade momentânea nos nossos dias, as expressivas palavras deflagradoras de Paul B. Preciado no prólogo do livro *“Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada”* de Suely Rolnik, onde Paul nos recorda logo na abertura, referindo-se aos textos que compõem o livro que,

[...] o que estamos vivendo não é um processo natural, mas uma fase a mais de uma guerra que não cessou: a mesma guerra que levou à capitalização das áreas de preservação de terras indígenas, ao confinamento e ao extermínio de todos os corpos cujos modos de conhecimento ou afecção desafiavam a ordem disciplinar, à destruição dos saberes populares em benefício da capitalização científica, à caça às bruxas, à captura de corpos humanos para serem convertidos em máquinas vivas da plantação colonial; a mesma guerra na qual lutaram os revolucionários do Haiti, as cidadãs da França, os proletários da Comuna, aquela guerra que fez surgir a praia sob os paralelepípedos das ruas de Paris em 1968, a guerra dos soropositivos, das profissionais do sexo e das trans no final do século XX, a guerra do exílio e da migração...” (PRECIADO, 2018, p. 11-12).

Todavia, ressalto que não tenho a pretensão de julgar tais modos de vida, que de um modo ou de outro, seguem seus dias gastando a maior parte do tempo para corresponder e

responder à sua identidade normativa, até porque, cada umE sabe a dor e a alegria de ser quem é, ou deveria saber; mas não posso deixar de problematizar os lugares que ocupamos enquanto seres vivos, melhor, como seres políticos. E, por isso, atrevi grafar a frase: “possível de ser vivida” em caixa alta e entre aspas, para forçar o pensamento a pensar: quais tipos de sujeição e/ou de assimilação aos regimes de verdades hegemônicos, realmente nos garantem uma vida possível de ser vivida? Que vida seria essa? Voltarmos para os armários? Nos silenciarmos? Criarmos bolhas de proteção mediante a apropriação e a construção de uma historinha representacional de família tradicional brasileira, bela, recatada e do lar?

Infelizmente, somos levadEs a acreditar em um tipo de existência que não tem nada a ver com a vida intensiva, com o que a vida pode; ao mesmo tempo que se incute em nós, a ideia de uma sociedade democrática do consenso. Esquecemos, ou queremos não lembrar, na maioria das vezes, que a existência e a coexistência com o cosmo, com humano, não-humano, com planeta, com a natureza, com o centro, com as margens, etc., nada tem de pacífico, pelo contrário, existir é do campo do desassossego, dos movimentos, dos abalos e, por isso, a utópica democracia deve ser pautada no dissenso que, na sua materialidade, gere alianças em prol dos múltiplos modos de ser/estar no mundo.

É possível, quem sabe, que a inauguração de uma *–de-so-be-di-ên-cia–* afirmativa mobilizada e entrecruzada nas/pelas experiências dos corpos desses homens-cis que se nomeiam e/ou se expressam enquanto corpos queers, sinalizem para o presente-futuro, a entrada “[...] em um mundo no qual a solidez dos corpos, a clareza dos contornos e a fixidez das imagens se dissipam, dando lugar a verbos que afetam todos os modos de existência: aparecer, desaparecer, reaparecer” (LAPOUJADE, 2017, p.117). Para isso, faz-se necessário um combate contra o covarde em nós, contra nossa cumplicidade, por vezes “neutra”, de aceitação dos mecanismos de codificações sociais que nos encaixotam nas caixas de representações identitárias; pois não podemos negligenciar que a axiomática do capitalismo neoliberal cisheteronormativo, modula, não somente as condutas, mas também as subjetividades.

Assim, enquanto as estratégias do poder pretendem estabelecer consensos silenciadores das múltiplas formas de existência e suas narrativas, as ações da/na *–de-so-be-di-ên-cia–* faz a não-existência aparecer e ser percebida como interlocutores do dissenso, contra as artimanhas hegemônicas consensuais. Tais pressupostos reverberam em mim, nesse aqui-agora, as fortes palavras da poeta, pensadora americana e feminista negra Audre Lorde no seu ensaio, “*A transformação do silêncio em linguagem e em ação*”, publicado exclusivamente em 2019 pela

The Intercept Brasil³⁸; onde Lorde faz alguns alertas provocativos sobre o silêncio e a ação, os quais me apropriro de alguns recortes que, ao meu ver, contribuem e dialogam com as inquietações aqui trazidas até o momento.

[...] *Passei a acreditar, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências.* Estou aqui de pé como uma poeta lésbica negra, e o significado de tudo isso se reflete no fato de que ainda estou viva, e poderia não estar. [...] Ao tomar uma obrigatória e fundamental consciência da minha mortalidade, e do que eu desejava e queria para a minha vida, por mais curta que ela pudesse ser, prioridades e omissões ganharam relevância sob uma luz impiedosa, e *o que mais me trouxe arrependimento foram os meus silêncios.* Do que é que eu tinha medo? Eu temia que questionar ou me manifestar de acordo com as minhas crenças resultasse em dor ou morte. Mas todas somos feridas de tantas maneiras, o tempo todo, e a dor ou se modifica ou passa. A morte, por outro lado, é o silêncio definitivo. [...] Eu ia morrer, mais cedo ou mais tarde, tendo ou não me manifestado. *Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você.* [...] Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio? [...] *Em nome do silêncio, cada uma de nós evoca a expressão de seu próprio medo – o medo do desprezo, da censura ou de algum julgamento, do reconhecimento, do desafio, da aniquilação.* Mas, acima de tudo, penso que tememos a visibilidade sem a qual não vivemos verdadeiramente. [...] *Porque a máquina vai tentar nos reduzir a pó de qualquer maneira, quer falemos, quer não.* Podemos ficar eternamente caladas pelos cantos enquanto nossas irmãs e nós somos diminuídas, enquanto nossos filhos são corrompidos e destruídos, enquanto nossa terra é envenenada; **podemos ficar caladas a salvo nos nossos cantos, de bico fechado, e ainda assim nosso medo não será menor...** (LORDE, 2019, s/p. – grifos nossos).

Esse posicionamento de Audre Lorde de uma recusa ao silêncio, afirmando que os nossos silenciamentos não nos protegerão, conecta-se com as problematizações que apresentei como inquietações dos lugares que ocupamos nessa guerra contra nossos corpos. Da covardia e cumplicidade que muitas vezes minam nossos pensamentos, atos e gestos, levando-nos a crer em uma suposta ideia de que nada podemos fazer, alocando-nos, passivamente, em uma neutralidade que nos “garanta” certa segurança. Interessante pensarmos, que a recusa ao silêncio, transmutando em ação de fala àquilo que em nós grita ética/política/esteticamente, consegue não somente trazer lucidez para narrativa de nós mesmEs, mas ao mesmo tempo tem a força de provocar alianças com tantos outros corpos que ocupam singularmente os mesmos postos de batalha.

³⁸ O ensaio na sua íntegra se encontra disponível em: https://theintercept.com/2019/11/27/audre-lorde-ensaio-irma-outsider/?fbclid=IwAR2eam6n0tEVC8Ds4i1B7TXRkSHcPIYbwkbEC_mvYJnXZwNxxAJ0Uo5FM34

Isso ecoa fortemente nas narrativas dos corpos de homens-cis que se nomeiam e/ou se expressam enquanto corpos *queers* nessa cartografia, pois ao relatarem suas vivências e, por vezes, suas lutas cotidianas frente às LGBTfobias, ao racismo estrutural, aos impedimentos e constrangimentos por serem quem são, não negam o medo e o receio de perderem a vida, principalmente diante do cenário nacional que se mostrava tenebroso na época das entrevistas e que acabou infelizmente ganhando proporções avassaladoras com o atual governo; porém, mesmo assim, tais corpos seguem buscando estratégias (linhas de fuga) para seguirem escrevendo outras narrativas de si, ao mesmo tempo que ao tomarem a não-existência para si se apropriam da força de suas alteridades (linha de luta) para sobreviverem “[...] a boca do dragão que chamamos de américa...” – digo, que se chama Brasil – parafraseando Lorde (2019, s/p.).

Seguem, então, criando ruídos nos discursos dominantes, hackeamentos do/no sistema para confundir as codificações representacionais estruturantes, manifestando, assim, em alto e bom tom, suas indignações, suas críticas e dissensos, compartilhando suas experiências insurgentes e contagiantes; por isso, ao se proporem à feitura da *–de-so-be-di-ên-cia–*, ousam quebrar o silêncio “[...] exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida” (BUTLER, 2018, p. 33). Tais pensamentos e proposições me remeteram ao “*Pequeno Manual de Sobrevivência Anarco-Queer*”, produzido por um dos colaboradores dessa cartografia em um dos seus trabalhos; onde ao mesmo tempo que faz uma crítica ao assimilacionismo de certas identidades gays, propõe estratégias, que penso eu, são propostas de enfretamentos e resistências à tirania opressora que tenta nos reduzir e esmagar, como explicitado fortemente por Audre Lorde.



Figura 27 – Imagem do Pequeno manual de sobrevivência Anarco-Queer

Mesmo que tal manual esteja, especificamente, dirigindo-se criticamente às identidades gays assimilacionista, intuo que as propostas subversivas apresentadas nele, compactuam com os diálogos que estou aqui ensaiando fazer, para pensarmos nesse gesto de apropriação do lugar da não existência na feitura de uma ~~–de-so-be-di-ên-cia–~~ que se atreve a quebrar o silêncio, ousando inadequar-se, reconhecendo, ao mesmo tempo, seu lugar de privilégios como armas estratégicas no combate, não de uma única luta, mas de todas as guerras a favor da vida.

Assim, do meu ponto de vista, as palavras expressivas de Audre Lorde, relatando sua experiência frente à quebra e recusa do silêncio, bem como as dicas transgressoras do pequeno manual acima, sinalizam pistas de que nesse combate, ao ter-se lucidez que ele está acontecendo, agencia-se, então, entre os corpos em suas pluralidades e singularidades, independente das opressões que se encontram submetidos e/ou das precariedades que estão alocados, certas alianças que se materializam e ganham potência, quando o silenciamento e a cumplicidade com o sistema dá lugar às implicações muito maiores do que nosso próprio umbigo.

Aqui, resgato as afirmações de Butler (2018) para reforçar esse lugar ético necessário de forjar conexões, vizinhanças e alianças, ao percebermos que nossa vida faz parte de uma rede rizomática de outras tantas vidas e realidades.

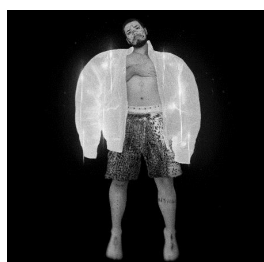
Uma vez que a vida é entendida como igualmente valiosa e interdependente, certas formulações éticas resultam daí. Em *Quadros de guerra* sugeri que mesmo que a minha vida não seja destruída na guerra, alguma parte da minha vida é destruída na guerra quando outras vidas e processos vivos são destruídos. Como isso acontece? Uma vez que outras vidas, entendidas como parte da vida que está além de mim, são uma condição de quem eu sou, a minha vida não pode fazer nenhuma reivindicação exclusiva sobre a vida, e a minha própria vida não é todas as outras vidas, nem pode ser. Em outras palavras, estar vivo já é estar conectado com o que é vivo, não apenas além de mim mesmo, mas além da minha humanidade, e nenhum ser e nenhum humano pode viver sem essa conexão com uma rede biológica de vida que ultrapassa o domínio do animal humano (BUTLER, 2018, p. 50-51- grifos da autora).

Ao contrário dos discursos e enunciados imagéticos que tentam dissimular essa realidade de ser vivente, de que cada vida traz um “nós” junto às experiências acompanhadas aqui, reverberam as palavras citadas anteriormente por Audre Lorde, bem como, as propostas do *Pequeno Manual de Sobrevivência Anarco-Queer*, de que esse “nós” se materializam em atores políticos de ações privadas/coletivas, que passam a encarar outros caminhos de reivindicação de uma vida im/possível de ser vivida, produzindo, indisciplinadamente, uma rachadura na esfera do aparecimento social, onde tal fissura não pode existir “[...] sem uma

aliança crítica formada entre os desconsiderados e os inelegíveis – os precários – a fim de estabelecer novas formas de aparecimento que busquem superar essa forma diferencial de poder” (Ibidem, p. 58).

Alianças estas que não somente tensionam os lugares hegemônicos do capitalismo neoliberal cisheteronormativo, mediante recusa declarada e deflagradora de uma incessante busca por uma felicidade a qualquer preço; mas marcam um investimento de forças em projetos de vida que agreguem todEs, sejam imigrantes, bichas pretas, drogaditas, ursos gordos masoquistas, prostitutas, drag queens, travestis, lésbicas chicanas, deficientes BDSM, mulheres trans negras, homens trans e HIV positivos etc...

« [...] eu não me coloco do lado somente dos corpos oprimidos pelo gênero e pela sexualidade, eu me coloco ao lado dos corpos oprimidos pela pobreza, pelas fronteiras, pelas guerras, pelo capitalismo, pelas questões colonialistas e eu quero explicitar essa questão que eu não me coloco só no queer é no anarco-queer. » (Anærquistø).



« Na minha opinião, o queer no contexto brasileiro hoje é representado por todos esses movimentos de auto declaração de classe, de raça, de sexualidade, de fé, as políticas de valorização do lugar onde você existe, de aceitação do corpo que você nasceu, de mudança de hábitos tóxicos para o corpo/mente por hábitos saudáveis, de utilização das potências que suas particularidades guardam, tudo isso para mim é a mais poderosa resposta ao estado de medo no qual somos colocados diariamente no Brasil. » (Ciborgue).

« [...] é um momento muito oportuno porque nós estamos fazendo parcerias com grupos que não eram considerados parceiros. Eu nunca fui gordo, mas eu hoje sinto uma necessidade muito grande de estar do lado das pessoas gordas e lutar contra a gordofobia. De estar do lado das mulheres, estar do lado dos homens-trans, de me reposicionar e reconhecer privilégios que eu carrego; porque é comum, bicha-preta-afeminada falar que não tem privilégios nenhum, não, eu guardo privilégios. » (Bichø-Prætø-Afeminødø).



Esses relatos evidenciam outras paisagens e perspectivas da vida coletiva que vai se desenhando, roubando a cena, constituindo-se em devir, com intuito de restaurar a geografia do presente-futuro, de modo que voltemos a acreditar no mundo, a partir da produção de embriões de uma política revolucionária, uma política do descontrole, da inadequação que não tem a pretensão objetiva e de acreditar unicamente em representatividades partidárias institucionalizadas para tutelar nossas histórias narradas no/pelo corpo; mas que criem aberturas

a alianças que propiciem “[...] germinação dos embriões de mundos que ressoaram entre corpos e os levaram a unir-se, produzindo um ninho para o nascimento de outros modos de existência e suas respectivas cartografias” (ROLNIK, 2019, P. 142), embriões para um exercício da vida enquanto potência de invenção afirmativa de si mediante reapropriações coletivas do direito a uma vida possível de ser vivida.

Diante do exposto, penso que a feitura de uma *–de-so-be-di-ên-cia–* afirmativa nas suas linhas de fuga/luta faz-se urgente, como afirma Halberstam, referindo-se ao cenário estadunidense, o qual penso ser apropriado para expor, de maneira situada e local, os ares sinistros do desgoverno brasileiro e seus efeitos tóxicos no contexto social.

[...] em tempo em que lealdade à nação com frequência significa aquiescência inquestionável em relação tanto à brutalidade da agressão descontrolada da agressão descontrolada das forças militares estadunidenses quanto às ideologias de liberdade e democracia utilizadas para justificar tal violência política, traição e deslealdade são parte do arsenal de um discurso e dinâmica de oposição (HALBERSTAM, 2020, 221).

–De-so-be-di-ên-cia– esta, que não se encontra desatrelada de políticas de alianças que gestam tentativas árduas, conflitantes, dissensuais de levar em consideração, não apenas lutas individuais e seus esforços, mas que se avizinha às outras precariedades que atingem multidões de outros corpos, como nos apontaram anteriormente os enunciados das *palavras sopros* de Ciborgue, Bichê-Prêtê-Afeminadê e Anærquistê. Alianças estratégicas de germes de irrupções revolucionárias e provocativas que buscam deslocar, mesmo que, temporariamente, as tiranias necropolíticas e fascistas que abusam da vida para retroalimentar seus interesses.

Há, então, certa reapropriação coletiva das potências de (cri)ação que nas suas (des)conexões agenciam outros movimentos, reflexões e posicionamentos; que ao mesmo tempo que aparecem, também desaparecem, ressurgindo de outras formas e em lugares inéditos, produzindo outros sentidos, outras cartografias, levantes de resistência distintos dos que as antecederam. Como sinaliza Suely Rolink, referindo-se às ressonâncias e sinergias produzidas por esse movimento revolucionário de corpos, que ao tomarem a voz em alto e bom som, como penso ser os *colaboradores* dessa cartografia, que estes

[...] criam as condições para a formação de um corpo coletivo comum cuja potência de invenção, agindo em direções singulares e variáveis, possa refrear o poder das forças que prevalecem em outras constelações – aquelas que se compõem de corpos que tentam cafetinar a pulsão vital alheia ou que se entregam a sua cafetinagem. Com essas sinergias, abrem-se caminhos, para desviar tal potência de seu destino destruidor (ROLNIK, 2018, p. 39).

Enredar-se, portanto, nessa escrita ensaística cartográfica, a respeito da feitura de uma – *de-so-be-di-ên-cia*– afirmativa em seus linhas de fuga/luta, muito mais um mapeamento de provocações, do que respostas e/ou algo a encerrar outras possíveis entradas e rascunhos; ainda que não descompromissados com a intensidade provocadora e provocativa das reverberações de afetos que se foram constituindo no campo de afetações com as experiências dos nossos colaboradores.

Dessa forma, invisto nos rompimentos e conexões que possam aparecer, desaparecer e ressurgir, a partir de outros lugares de experimentações e ferramentas teóricas-metodológicas, para dar outras múltiplas línguas para o que move intempestivamente as sensações, as escutas, os olhares, o corpo e a vida nesse atrevimento corajoso e ousado em –*de-so-be-de-cer*–. Todavia, partilho, que a feitura dessa linha ainda reverbera, fortemente, em minhas entranhas, deslocando meu pensamento a pensar em outras aberturas im/possíveis e proposições para aventurar-me, para me ater sobre os movimentos, as durações, as pausas, os inacabamentos mobilizadores pelas vozes, pelos saberes e fazeres da –*de-so-be-di-ên-cia*– para, quem sabe, propor pistas de outros caminhos; melhor, tensionamentos do caminho que estamos.

Contudo, me atendo no possível do aqui-agora, do que meu corpo consegue dar conta nessa mobilização intensa e criadora da/na minha narrativa. Admito, como enunciei no início desse ensaio que, para registrar os fluxos-forças desse/nesse processo, exigiu um exercício de me dobrar nessa linha, de permitir que suas disrupções me invadissem. Isso tomou-me, de maneira feroz e agressiva, porque como mencionei no decorrer desse ensaio, que a apropriação e a feitura da –*de-so-be-di-ên-cia*– provoca rompimentos, não somente com a norma, mas também com aqueles que, decididamente, querem se manter nesse lugar; e, comigo, não está sendo diferente.

Esses rompimentos vêm acontecendo, de maneira declarada e, por vezes, implícita nos meus afastamentos; porém, também percebo os distanciamentos que emergem a partir do momento que decidi fazer-me experimentar desse lugar de não-existência que me alocaram; reconhecendo os privilégios que tenho e tentando fazer deles ferramentas e armas de guerra contra todo abuso da vida. Tais levantes de resistência e (cri)ações me impulsionaram a decidir pela recusa ao silêncio, por um investimento em outros projetos da escrita da minha própria narrativa, porque, como afirmou Audre Lorde (2019, s/p) e, propositalmente, trago novamente aqui sua fala: “[...] e o que mais me trouxe arrependimento foram os meus silêncios”; porque sem sombras de dúvidas, posso declarar no aqui-agora que, os meus silêncios não me protegeram.

4.3 O *–des-bun-de–* e as iridescências encarnadas na/pela vida: o queer nosso de cada dia nos dai hoje!

As (de)composições desse processo sempre aberto ao inacabamento pelos vetores de forças que agenciam suas linhas e fluxos nessa cartografia, expandem e instauram outras atualizações desse campo permeado por movimentos, acontecimentos, compartilhamentos e, principalmente, vida; sendo esta, força intempestiva de caos, tensões, (cri)ações e atos. Por isso, sigo mais uma vez, dialogando, tateando mapeamentos, (auto)provocando-me a ir um pouco mais além, investindo, assim, em uma terceira linha desse rizoma, o qual a chamo de linha do *–des-bun-de–*.

Outra vez me aproprio de uma palavra para tentar dar língua para esse fluxo intensivo de forças que atravessam as vivências dos colaboradores dessa pesquisa, provocando em mim, um processo que se desdobra em experiências, por vezes, opostas, mas que intento aproximações e conexões; sendo elas, primeiro da ordem de um lugar de discurso conceitual-teórico e, do outro, um exercício de aproximação encarnada com as práticas éticas/políticas/estéticas das experiências relatadas por esses homens-cis que se nomeiam e/ou se expressam enquanto corpos queers no contexto brasileiro.

Explico, a palavra *desbunde* (do verbo *desbundar*), de acordo com um dicionário etimológico *online*, apresenta vários significados e sentidos, dentre os quais, aproprio-me daquele que remete “a adoção de estilo de vida devasso ou que afronta os padrões convencionais da nossa sociedade”³⁹. Contudo, é de extrema importância ressaltar que, historicamente dentro do contexto brasileiro, a palavra *desbunde* tem sua importância política e cultural, principalmente nos meados da década de 70, dentro da produção da contracultura⁴⁰ no Brasil; onde

[...] Imbuídos de um viés político libertário, artistas e intelectuais fizeram de suas expressões culturais, no amplo espectro das artes, e ressalvadas as singularidades, meios que veicularam discursos contra formas de culturas que se pretendiam moralmente normativas e potencialmente autoritárias ao corpo e às corporalidades (BONONI, 2018, p. 77).

³⁹ Referências à palavra *desbunde*, disponível online no Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=KOLv>

⁴⁰ Para maiores detalhes e aprofundamento sobre esse fenômeno tão importante no contexto histórico brasileiro, vale a leitura de Edécio Mostaço (2016) e de Heloísa Buarque de Hollanda (1980), que analisam e identificam de forma acurada tal fenômeno brasileiro, apontando assim as vicissitudes do fenômeno *desbunde* que “[...] cresceu, deixando marcas em toda uma geração da população” (MOSTAÇO, 2016, p. 183).

Configura-se, assim, uma cultura política que se fez evidenciar em uma série de manifestações visuais e estéticas, nos mais variados campos da cultura, expressões de corporalidades e do corpo, portadores de transgressões culturais aos regimes da Ditadura Militar daquela época. Emergiu, então, “[...] estéticas marginais, tropicais, de guerrilha, conceituais, da violência, da agressão, pós-tropicais, entre outras, que procuraram resistir culturalmente aos autoritarismos no campo da cultura” (Ibidem, p. 78). Portanto, o desbunde, naquele momento nomeava um fenômeno de ruptura e subversão social no processo histórico, fazendo-se um ato, uma ação de transformação cultural, onde “desbundar deve ser entendido como o desvincular com os preceitos e explicações morais e universais aos quais se estavam mergulhados os filtros individuais de interpretação do mundo (p. 80). O desbunde, então, faz da arte um fenômeno político, que através da linguagem no campo da esfera pública, ganha evidência no mundo social, mediante a partilha do sensível. É, portanto, um conceito que abarca as ideias de underground, marginalia, tropicalismo, pós-tropicalismo, tropicália, contracultura, dentre outras tantas designações.

Intuo que tal sentido da palavra, além da sua historicidade cultural e política no contexto brasileiro, reverberam, as sinalizações feitas na linha anterior dessa cartografia e que, no aqui-agora, quero explorar suas desdobras na feitura provocativa de outras (de)composições. Pois, tenho investido, pelo menos tentado, nesse campo de afetações, perceber o que de “inédito” emerge dos/nos relatos dessas vidas; pois, desde as apropriações feitas, primeiramente, por pessoas presentes nas instituições acadêmicas, das proposições e problematizações estadunidenses sobre/do *queer*, em meados dos anos 90, muitos estudos, pesquisas, publicações, etc., vem sendo disseminados dentro e fora dos corredores acadêmicos, ganhando, também, outros contornos e outras formas nos espaços coletivos, públicos e privados nas múltiplas regiões do território brasileiro.

Também, é de meu conhecimento, mesmo que não seja de maneira tão afinsa, pois mesmo com algumas leituras realizadas ao longo desse processo de doutoramento, não foi um território conceitual, político e ético, que me apropriei com mais insistência, referente às problematizações e reivindicações por parte de corpos que fazem uma crítica de colonial ao uso semântico de tal palavra, como afirma o antropólogo viado nordestino Vi Grunvald ao se referir à chegada do *queer* em solo acadêmico brasileiro.

No Brasil, de forma diferente, os sentidos da *queer* começaram a florescer antes nos corredores das universidades do que nos espaços de luta do ativismo ou nos becos sujos e secretos onde corpos e práticas dissidentes se fazem regra e não exceção. Com isso, a palavra, já feita sinônimo da teoria que leva seu

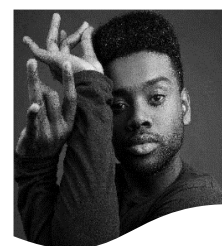
nome, chega aqui com ares de sofisticação, de um pensamento revolucionário do Norte civilizado, de gente que entende das coisas e produz teorias que devemos reproduzir – nós, pensadores tupiniquis que somos (GRUNVALD, 2018, p. 24).

Tais proposições são amplamente discutidas, dialogadas e reverberadas por tantos outros corpos, fora e dentro das instituições acadêmicas⁴¹, como mencionado anteriormente, que questionam o uso e a apropriação da palavra em inglês, *queer*, para outros contextos geopolíticos que, nas suas especificidades plurais, não abarcariam o peso subversivo e transgressor e nem alcance ético-político que se propõem com a apropriação inversa dessa palavra de injúria e acusação; por se tornar por aqui, coisa de pessoas descoladEs e desconstruídEs, como ouvimos por aí. Tensões, inquietudes, provocações, deduções que são trazidas nos enunciados das entrevistas com os colaboradoreS, ao serem questionados a respeito do *queer* no contexto brasileiro e sua respectiva apropriação.



« *Eu até tenho umas questões ainda, porque é sempre uma controversa, é sempre contraditório na verdade, quando a gente pensa *queer* e a princípio vem uma crítica em relação: “ah, mas o *queer* é lugar muito teórico, o *queer* é muito acadêmico, o *queer* não sei o quê”. E mesmo com a tradução da palavra, com a transliteração da palavra, enfim quando a palavra ela sai da sua grafia do inglês e as pessoas começam a adaptar com o “*cuir*” ou “*kuir*”. E porque isso também revela que existe de alguma forma isso ajuda a traduzir essas possibilidades, assim, ajuda a colocá-la no mundo.* » (Motumbé).

« *Quando eu fui com uma galera para Nova York, a gente entendeu que quando a gente vê o nome *queer*, quando a gente se refere ao *queer* faz muito mais sentido lá, é que aqui estamos fazendo esse exercício, por isso acho que é mais complexo, mas lá faz muito mais sentido quando você usa o nome *queer* sabe. Até algumas pessoas falam, que não usam o *queer* porque é muito academicista, mas mesmo assim, quando você vê o nome *queer* conectado, você consegue visualizar muito melhor. Eu não sei explicar muito direito sabe.* » (Punkør).



Essas tensões, tanto intelectuais como vivenciais, partem de apropriações teóricas e também ético-políticas dos estudos pós-coloniais e/ou de coloniais⁴², que enfatizam e deflagram uma geopolítica do conhecimento que, segundo o autor supracitado anteriormente, “[...] nos faz acreditar na existência de centros de produção legítima de teorias, assim como de periferias ou margens que apenas as reproduzem” (Ibidem, p. 25). Comungo de tais discussões, ao mesmo

⁴¹ Deixo aqui algumas referências, dentre tantas que ampliam profundamente essa discussão: Lanuza e Carrasco (2015); Mignolo (2003); Mombaça (2016); Pelúcio (2012); Pereira (2012/2015); Perra (2014); Viteri, Serrado e Vidal-Ortiz (2011).

⁴² Para enveredar-se por tais proposições críticas, seguem alguns rastreamentos/pistas intelectuais: Lugones (2014); Maldonado-Torres (2016); Miranda e Riasco (2016); Messeder (2020); Mezzadra (2008); Mignolo (2003); Quijano (2001/2002); Rago (2013/2015).

tempo que penso provocativamente que, por vezes, tais pressupostos podem acabar deixando escapar as iridescências encarnadas das experiências *queers*. Bom, o que quero dizer com isso?

Em primeiro lugar, pactuo com as proposições ampliadas de Nascimento (2020, p.270), ao se referir ao fenômeno da iridescência como, “[...] um lugar de enunciação ontológica, epistemológica, cosmológica, ético-política e poética [...] que remete a diversidade, diferença, pluralidade, deslocamento, coexistência, variedade, difusão e propagação de movimentos de abertura, de convergências e divergências” (Ibidem). Sendo a iridescência, palavra que provém do grego íris que significa luz; referindo-se então, “[...] a um fenômeno óptico que faz certos tipos de superfícies refletirem as cores do arco-íris” (Ibidem).

Assim, busco, como proposto por Nascimento (2020), fazer um deslocamento do sentido semântico da palavra, para intuir outras aplicabilidades da iridescência, pensando, então, como esse fenômeno de luz e, aqui, atrevo-me a criar vizinhança com a recusa ao silêncio na feitura da linha da *—de-sa-be-di-ên-cia—*, que nas negociações e renegociações consigo e com a vida, bem como nas aberturas para afetar-se, afetar e resistir, produzem *—des-bun-de—* de forças (cores) plurais-singulares da abjeção; que não podem ser percebidas pela análise de um único feixe de cor, mas somente pelos entrecruzamentos entre as múltiplas dimensões dos/nos seus acontecimentos. Coexistências que não findam e nem se instalam em extremos e/ou em pontos fixos, referentes e seguros, mas que se atrevem a fazer fluxos disruptivos no meio, nas encruzilhadas da vida e nas alianças que insurgem desse/nesse processo.

Nesse sentido, mesmo reconhecendo os levantes teóricos-metodológicos e vivenciais que vem se posicionando a respeito da persistência na utilização da palavra *queer*, tentando propor outras configurações/terminologias que ressaltem e/ou façam emergir o “[...] explosivo contexto sexo-político que envolve “*queer*”- como palavra, identidade e movimento sexo-político...” (LEAL, 2018, p. 35) dentro de um contexto geopolítico situado transfronteiriço; fazendo-se a criação e utilização de terminologias como, *Kuir*, *Cuir*, etc., como mencionado anteriormente nas *palavras sopros*; alerta que, mesmo existindo certo investimento em pensar e propor o *queer*, partindo de um contexto de leituras e escritas sudacas de recepção do *queer* na América Latina, debruço-me, ousadamente, mais uma vez na linha *—de-sa-be-di-ên-cia—* para fracassar/decepcionar as expectativas em sentir-me no *de-ver* de evocar tais proposições como necessárias nesse rastreamento do aqui-agora.

Tomo esse decisão ética-política, primeiro por apostar em outros devires que intuo serem mais sensíveis para com o diálogo proposto aqui e que percebo emanar das/nas experiências dos *colaboradores* dessa investigação; em segundo e, aqui, em forma de provocação, percebo muitas das pessoas que se debruçam a falar tão incisivamente sobre

estudos decoloniais e pós-coloniais, seguem alimentando seus currículos lattes com mestrados, doutorados e/ou pós-doutorados sanduíches em países eurocentrados; ou como tenho visto em suas redes sociais, na maioria das vezes, seus posts são compartilhamentos de textos e pensamentos unicamente na língua inglesa, produzidos nos seus *iPads* e viralizados por seus *iPhones*. Interessante, já que nas retóricas de suas falas, arguições e textos intelectuais-acadêmicos, o oposto se faz acontecer... só estou provocando! Mas que abre precedentes para outras inquietações que emergiram ao longo desse mapeamento que futuramente quero apresentar.

Todavia, há quem pense que essa minha decisão possa ser uma estratégia para fugir do combate, das tensões que tais pressupostos promovem na contemporaneidade, até porque, como sinalizado na introdução dessa pesquisa cartográfica, o desenhar desses rizomas acontecem, utilizando-se da palavra *queer*, como a conheci, fazendo sim uma conexão/diálogo com os marcadores sociais de diferenças que, do meu ponto de vista, conectam as experiências *queer* de maneira situada e localizada em suas singularidades e expressividades, tanto em um contexto geopolítico como transfronteiriço.

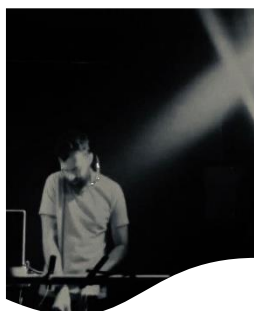
Contudo, afirmo que aprendi no corpo e na vida, a decidir pelas lutas que devo travar e, sem sombra de dúvidas, elas precisam passar pelo/no corpo, onde sigo assumindo os riscos de experimentar as teorias, não dando respostas e nem receitas, mas lançando inquietudes e questões provisórias. Digo isto porque, ao me ater sobre os agenciamentos da linha do *—des-bun-de—*, ressaltando as iridescências desse/nesse processo, percebo que este não é marcado apenas por um discurso teórico, intelectual, verbal ou de utopias de um futuro outro; há uma materialidade no corpo, encarnações em atos, gestos, sensibilidades, percepções de outras maneiras de *ENCAR (n) AR (n) A VIDA* no aqui-agora do presente-futuro.

Existe não somente uma extrapolação do campo teórico, mas um deslocar-se (en)carne e osso, pois mesmo que algumas histórias de vida dos colaboradores tragam um conhecimento teórico mais afimco do/sobre o *queer*, são em seus corpos, na/pela experiência, que a transmutação subversiva deslocam as realidades, pois, é nessa narrativa encarnada de si que se revela “[...] as lutas transformadas em conquistas, os sítios permanentes em espaços transitórios, as marcas de seu corpo e o seu próprio corpo como marco histórico, ético-epistemológico de seu ser” (OLIVEIRA, 2020, p. 330), como pude perceber na força dos enunciados das palavras sopros de *Moleque*, *Anarquista* e *DJ*.



« O termo queer mesmo, eu fui ter dentro da universidade. Foi a partir desse momento, que eu vi a possibilidade de me pesquisar e experimentar; foi quando eu cheguei a esses estudos, que eu me percebi um indivíduo queer, pois antes eu achava: ah sou um menino gay, mas não me via como uma pessoa queer. Hoje eu me dou a liberdade de me pesquisar. » (Moleque).

« [...] O queer entrou na minha vida também como um posicionamento em relação a minha própria sexualidade, que eu acho interessante e acho importante eu me colocar como um pensador sobre isso, porque eu fui obrigado a pensar sobre minha sexualidade, coisa que não acontece com os heterossexuais. » (Anarquista).



« Comecei a me aproximar do queer como uma ferramenta capaz de questionar formatos. » (DJ).

Esses fragmentos nos remetem às belas e fortes proposições de Parpinelli (2015, p. 36) que ao falar sobre seu corpo-experiência, que se faz acontecendo, deixando de ser “[...] vestígio para ganhar carne e sensação” onde este mesmo corpo se percebe enquanto “[...] híbrido e que não se quer anestesiado, que busca ativar a vibratibilidade da carne ao acionar sua capacidade de afetar e ser afetado”; sinalizam pistas de que tais narrativas encarnadas acontecem, fazendo-se mediante deslocamentos, não somente do pensamento, mas de um desterritorializar subjetivo-existencial que ganha outras dimensões de aberturas de si para o mundo.

São corpos que se colocam no palco da vida mostrando, mesmo para aqueles que se negam a ver, “[...] pontos de vista, que nunca podem ser conhecidos de antemão, que prometem alguma coisa extraordinária, isto é, conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados por eixos de dominação” (HARAWAY, 1995, p. 24). Afinal, os relatos ao ativarem em seus corpos as encarnações das suas experiências, tensionam e deslocam a centralidade unívoca e fundadora do “sujeito” identitário, desbancando através das experiências consigo

mesmo e com o mundo, toda lógica imposta pelos limites demarcatórios de codificações representacionais de/para si.

Nesse sentido, o arcabouço teórico-metodológico que possa acenar em meio a essa trajetória e atravessar essas dimensões da vida, não se resume a meras explicações, interpelações, nomeações, interpretações e possibilidades, pois as extrapola; (des)construindo, ao mesmo tempo as próprias teorias, saberes e sensibilidades em carne-pele-ossos de experiências encarnadas no cotidiano singular de seus modos de ser/estar no mundo; promovendo mediante um comprometimento ético e uma responsabilidade crítica com a vida, embriões de autonomia para fazerem de/nos seus corpos “[...] palco de práticas de liberdade que exploram a dimensão múltipla e sensível que não se prende a essências, nem tampouco a referências identitárias” (PARPINELLI, 2015, p. 38).

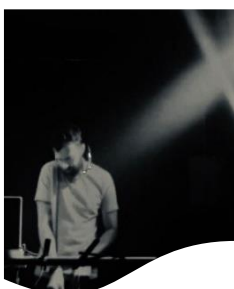
Práticas de liberdade, visível na entrevista de Molêque, quando o mesmo se refere ao seu corpo-experiência, corpo de uma pesquisa constante de/em si mesmo, que se encontra sempre em um processo inacabado, de “[...] *um ser que não se sente preso a padrões, a cobranças estéticas. Um ser livre para ser quem ele é*”. Ou, na trajetória de Ciborgue, que ao falar dos deslocamentos da vida em seus trânsitos, rompimentos e capturas, a (cri)ação de [M] possibilitou esse exercício de liberdade, de certa autonomia na invenção de ser quem quiser ser: “[...] *eu nem sempre sou Ciborgue, nem [M], às vezes eu não tenho nome, às vezes eu tenho outros nomes...*”.

Assim vemos à construção de encarnações viscerais dos acontecimentos, das alteridades que se entrecruzam em um mesmo corpo, reapropriando-se do seu lugar de protagonista de suas experiências, nascendo e morrendo a cada abertura para as iridescências que ganham outras gradações de tons, forças e gestos para com a vida. Corpos que ao perceberem o grito vibrátil do *–alarme-vital-de-diferenciação–*, respondendo e correspondendo a ele mediante posicionamentos éticos/políticos/estéticos corajosos, frente aos abusos para com a vida, ou seja, por meio da (cri)ação de uma *–de-sa-be-di-ên-cia–* afirmativa de fuga/luta, atrevem-se em si mesmos para fazerem-se outros, num constante processo de deslocamentos entre múltiplos fazer-se, desfazer-se e refazer-se.

Invoca-se, portanto, um *–des-bun-de–* encarnado no cotidiano de suas existências e não, meramente, uma produção de retóricas *cool* para ganharem seguidores nas redes sociais e/ou adentrar os universos *mix* tão disputados em circuitos alternativos das dissidências sexuais, de gêneros, etc. É na carne que as densidades desse “desbundar” atravessa, com todos os seus efeitos potencializadores, mas também com todos os perigos que esse não-lugar traz ao se afirmar, positivamente, frente às opressões capitalistas neoliberais cisheteronormativas e seus

fiéis adeptos opressores. Para tais corpos, o futuro acontece com os dissensos do presente, com as denúncias e deflagrações desse sistema que pleiteia incansavelmente manter seus privilégios à custa do silenciamento das dororidades⁴³ que nos seus entre-lugares, também, transbordam vidas intensivas.

Logo, percebo que as experiências desses homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos *queers* no contexto brasileiro, ao agenciarem os vetores de forças presentes nessa linha, que chamo de *–des-bun-de–*, neutralizam debochadamente o lugar desencarnado da apropriação intelectual-academicista-taxonômica e *cool* no uso da palavra *queer*, bem como das interações advindas das perspectivas e propostas teóricas e experienciais que suas iridescências podem fazer germinar. Visto que, é encar (n) ando as suas próprias fragilidades e precariedades encravadas em seus corpos, sem se tornarem vítimas passivas e anestesiadas diante da vida, que reinventam o seu aqui-agora, vomitando ética/política/esteticamente as potências silenciadas há muito tempo, como percebi nos enunciados de algumas *palavras sopros* dos *colaboradores*.



« Começo a aceitar minhas contradições, minhas limitações e coloco toda essa reflexão muito mais como um alerta, do que algo como uma agenda. » (DJ).

« Eu vejo muita gente que gosta muito do meu trabalho e se incomoda um pouco ou bastante com meu posicionamento político claro e evidente. » (Anarquista).



« Eu tenho compromisso com a vida que está aí, com minha vida e com a vida que está no meu entorno, então eu tenho que fazer, eu não sei se é uma espécie de luta sem armas. » (Vampiro).

⁴³ Conceito apresentado por Vilma Piedade (2017), que se refere às dores compartilhadas por mulheres pretas diante de uma sociedade patriarcal, racista, sexista, generificadas que exclui e silencia mulheres, principalmente as pretas. E aqui, amplio para pensarmos as dororidades de todas as minorias sexuais, raciais e sociais em meio às violências sobre seus corpos nesse processo de precarização e abuso da vida.

« Me posicionar no mundo a partir de um ponto que tensionam certos lugares e que me dá essa potência, que me dá energia para fazer isso. E acho que esse processo me ajudou a isso, a me localizar, me entender; me deu mais potência, clareza na fala, assim, é um outro lugar. » (Matumbó).



Podemos vislumbrar nos enunciados dos relatos, que o *–des-bun-de–* encarnado parte de tentativas de ecoar a voz sufocada da vida, de um misto de tensões, gratidões, perdas, negociações, mortes e renascimentos; ativados, por vezes, pelo encontro com articulações e interpelações teórico-metodológico provocadoras, provocativas, libertárias e agregadoras, mas que, de forma alguma, podem dar-se ao luxo e ao lixo, de se tomarem definidoras privilegiadas de tais processos e seus múltiplos agenciamentos; uma vez que tais corpos não limitam seus trânsitos e ocupações aos espaços acadêmicos, pois aventuram-se por circuitos plurais que existem no ponto-cego dos *best-sellers* oficiais; ao mesmo tempo que produzem uma narrativa encarnada da/na diferença, como pudemos acompanhar de maneira significativa nas falas que compõem a *PARTE* quatro dessa tese; que, de certo modo, reverberam as expressivas e fortes palavras de Audre Lorde (1979):

Aquelas de nós que estão fora do círculo da definição desta sociedade de mulheres aceitáveis, aquelas de nós que foram forjadas no calvário da diferença – aquelas de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas – sabem que sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. É aprender como estar sozinha, impopular e às vezes injuriada, e como criar causa comum com aquelas outras que se identificam como fora das estruturas a fim de definir e buscar um mundo no qual todas possamos florescer (LORDE, 1979, s/p).⁴⁴

Trago, portanto, essa fala inicial de Audre Lorde, que tem como título: “*Mulheres negras: As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre*”, por partir de uma crítica declarada, à pretensão de pensar qualquer discussão a respeito de teoria feminista sem examinar as múltiplas diferenças das mulheridades, sem contribuições efetivas desses corpos plurais; pois, para Lorde, isso seria um ato de pura arrogância acadêmica. Onde tal

⁴⁴ Texto disponibilizado pelo Portal Geledés em 2013, da leitura feita por Audre Lorde em uma conferência realizada no ano de 1979, onde o título do texto foi: “Mulheres negras: As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-dismantelar-a-casa-do-mestre/>

posicionamento adotado, mesmo por aqueles que se colocam em resistência ao sistema opressor fascista necropolítico, não favorece possibilidades genuínas de mudanças, onde apenas trocam-se as retóricas, porém, seguem-se reproduzindo as mesmas lógicas de dividir e dominar, negligenciando que “[...] as ferramentas do mestre não irão dismantelar a casa do mestre” (LORDE, 1979, s/p).

Assim, partindo dessas afirmações críticas e incisivas de Lorde, lanço-me, então, a intensificar tais provocações instauradas, fazendo uma transposição para os estudos e perspectivas *queer*, resgatando, então, a provocação que enunciei anteriormente, deixando em aberto naquele instante seu campo de interpelações; não com intuito de, aqui-agora, me debruçar sobre as discussões críticas do uso ou não uso do *queer* na língua estadunidense, pretendo continuar *hackeando* outros ruídos.

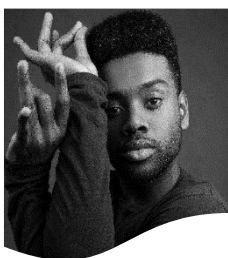
Nesse burlar, rasgar, fracassar as expectativas sobre os seguimentos dessa escrita cartográfica, instauro-me sobre os transbordamentos advindos desse *–des-bun-de–* encarnado que se faz conectado às críticas de um lugar definidor e delimitador das suas vidas e experiências no mundo. Do meu ponto de vista, tais posicionamentos éticos/políticos/estéticos, explodem certa captura interpretativa sobre os corpos *queers*, onde suas expressividades são pensadas e vistas pelo prisma de pressupostos e preposições teóricas que direta/indiretamente criam certo cânon do que é ser/estar *queer*; como se houvessem elegidos os 10 mandamentos necessários e que devem ser seguidos à risca para ser considerado *queer* e/ou em processos de *queerização* da vida. Parece que se forjaram regras, modelos, categorias, formas, (aqui me refiro de um ponto de vista da teoria e não da experiência), que pudessem legitimar um estado de corpo e vida como autenticamente *queer* e qual não o é; enfraquecendo, assim, seu potencial crítico e inventivo.

São inquietações e provocações que emergiram do encontro com as experiências das vidas dos colaboradores que sigo cartografando que, ao serem questionados sobre uma vivência *queer* e/ou experiência *queer*, apontam as controversas e tensões sobre/para esse não-lugar, além de certa expectativa que se coloca e/ou se idealiza sobre o que seria um corpo/vida *queer*.



«[...] é esperado e desejável que eu leve essa identidade, essa desobediência de gênero nos espaços que eu frequento hoje; espaços de trabalho, espaços de conhecimento. Isso de certo modo é previsto quando eu chegar lá... as pessoas já preveem que eu vou estar com maquiagem, até se eu não tiver as pessoas questionam. »
(Bichê-Prêtê-Afêminadê).

« Não posso dizer que domino a teoria queer, de jeito nenhum. Mas gosto de aspectos de comportamento que parecem nascer desses novos entendimentos. A estranheza como potência é um deles. Acho que as pessoas pegaram isso muito bem. Mas talvez tudo já tenha sido empacotado, aparado e limitado. Não o queer propriamente dito, falo das respostas a todo esse novo pensamento. » (DJ).



« [...] vai para além de você performar ou de você se vestir, de ter uma figura que foge essa normatividade. Porque você não necessariamente precisa ter essa figura queer, essa figura fora da norma; mas você pode viver, você pode ter um posicionamento político, você pode ter uma escolha social que podem estar dentro desse significado do queer [...] acaba ficando meio que, ah, essa pessoa é mais queer que a outra, isso é mais queer que outra questão que é menos queer. » (Punker).

As palavras sopros dão indícios, de certa imposição sobre os corpos, práticas e vidas dissidentes que se reconhecem e/ou se expressam com essa “[...] palavra, já feita sinônimo da teoria que leva seu nome...” (GRUNVALD, 2018, p.24). É como se os debates teóricos – tendo em vista que o *queer* floresce nos corredores das universidades – impusessem sobre/para os corpos *queer*, a necessidade de corresponder a certos padrões nessa resistência aos padrões, engraçado (com tom de deboche) e inquietante ao mesmo tempo; isso porque reverbera a crítica que Audre Lorde (1979) faz no texto explicitado anteriormente, claro que Lorde se situa criticamente dentro de um campo epistemológico-teórico feminista, mas que creio ser disparador provocativo-crítico no ensaio que faço aqui.

Ao meu ver, tal categorização do que é “mais *queer*” ou “menos *queer*”, como se houvesse um grau de medição e aferição que legitimasse isso, conforme também apontado nas provocações e falas dos relatos dessa tese, acabam, nos seus interstícios, silenciando as múltiplas vozes de expressividades inéditas e transgressoras, provocando também suas dororidades, que acabam sendo efeitos das violências acadêmicas-intelectuais produzidas por, pelo que chama Mombaça (2016, s/p.), uma elite teórica *queer* do Brasil, ao se referir “[...] à rede de teóricos de gênero e sexualidade consolidados, bem posicionados nos rankings formais de produção de conhecimento, empregados por universidades de renome, majoritariamente brancos e cisgênero”.

Não se trata, portanto, de negar ou ignorar as contribuições dos debates teóricos e as aberturas que o campo intelectual-acadêmico proporcionou e ainda promove a partir da

apropriação do *queer*, até porque, existem vários pesquisadores, estudiosos e grupos fortes de discussões que fazem o campo universitário e intelectual ganhar potência com a invenção de fissuras que subvertem as hierarquias hegemônicas dos corredores acadêmicos⁴⁵. Contudo, ao mesmo tempo, não se pode negligenciar certas tensões opressoras e injustas que se fazem ruídos polêmicos nesses dissensos entre teorias, vivências, expressividades e experiências, como problematiza e questiona Grunvald (2018):

O que dizer de viados, sapatões e travestis das periferias de nossas cidades que têm pouco ou nenhum contato com os modismos *queer* sustentados por roupas, adereços e palavras de ordem? Se a ética *queer*, que tem sido tão endeusada no cenário político e acadêmico nacional não conseguir incluí-los em suas reivindicações, não será isso um atestado de sua falência e inaplicabilidade a nossos próprios corpos e causas? É claro que não se trata de negar ou ignorar a teoria *queer* de forma total ou absoluta. Podemos e devemos nos valer dela – como, aliás, faço aqui a todo momento – na medida em que sirva a nossos propósitos, a nossas questões e as nossas lutas. Mas se nossos corpos, identidades e práticas tiverem que se curvar, se ajustar e se conformar àquilo que nos dita tal teoria e não ao contrário, então estaremos, mais uma vez, reproduzindo a colonialidade do pensamento, agora disfarçada de subversão libertadora (GRUNVALD, 2018, p. 27).

Ao mesmo tempo que esses questionamentos corroboram com os diálogos aqui estabelecidos entre as proposições críticas de Audre Lorde e Jota Mombaça, eles também reverberam as falas presentes nos relatos dos colaboradores dessa tese, ora de maneira explícita verbalmente, ora nas subversões que deslocam e borram os não-lugares do próprio *queer*, agenciando tantos outros “*queers*” im/possíveis. Tais ruídos, imperceptíveis, por vezes, levam-me, na atual geografia do presente, arriscar a dizer que se criou, de certo modo, um outro campo binário que vem se materializando sutil e perigosamente nesse cenário *queer*, se posso assim chamar.

É como se as estratégias de contra-poder/resistência estivessem reproduzindo de outras maneiras as mesmas primícias do que se combate, pois como pontua Deleuze (1990), ao se referir às artimanhas ardilosas do poder ao problematizar a transição da sociedade disciplinar para uma sociedade de controle, que não é tão simples e perceptível, o reconhecimento dos meandros nefastos da norma e seus ataques, porque de certo modo “[...] os anéis da serpente são ainda mais complicados que os buracos da toupeira” (p. 226), ou seja, os regimes de

da⁴⁵ Alguns desses grupos se articulam dentro e fora da universidade, promovendo discussões, eventos e divulgação de materiais em suas plataformas sociais, como por exemplo, o PsiCUqueer (Psicologias, Coletivos e Cultura Queer/UNESP-Assis-SP) do qual faço parte; o grupo NUDISEX (Núcleo de Pesquisas e Estudos em Diversidade Sexual da Universidade de Maringá/UEM-Paraná); o NuCuS (Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades da Universidade Federal da Bahia) dentre outros...

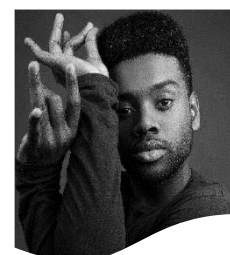
verdades são muito mais perspicazes e sorrateiros do que deduzimos, visto que adentram de maneira capilar os mais variados espaços, utilizando-se e se apropriando de múltiplas formas, máscaras e privilégios, agenciando outras retóricas que continuam a retroalimentar sutilmente a boca do dragão.

Esse outro possível binário que intuo e ousar sinalizar aqui, agencia-se, em dois polos, onde de um lado têm-se as proposições teóricas elaboradas e difundidas dentro e fora das instituições acadêmicas, por um agrupamento de “teóriQUEs quæers” que passam a descrever suas pesquisas e estudos, bem como seus posicionamentos políticos desse outro lugar, ou seja, do lugar de apropriação e difusão da chamada teoria quæer; ampliando, assim, o repertório de problematizações advindas, ao longo do século XX, em relação às críticas feitas às concepções clássicas de sujeito e identidade como algo pertencente a uma “essência humana”.

Isso repercute em novos diálogos e interlocuções que começam a abrir espaço para outras visibilidades de percepção das realidades e da própria concepção de mulher/homem, levantando incertezas sobre os regimes de verdades culturais, sociais, políticos, econômicos e sexuais sobre/para as identidades, visto que acaba propondo-se outros paradigmas epistemológicos para pensar os corpos dissidentes, subalternizados e precarizados que, de modo geral, ainda são percebidos e considerados dentro de categorias identitárias de pertencimento, (in)visibilidades e silenciamentos (BENETTI, 2013; LOURO, 2001/2012; PELÚCIO, 2014; PEREIRA, 2012).

E, por outro lado, às vezes de maneira paralela a isso, como podemos constatar nos relatos de alguns dos colaboradores dessa tese, estão as vidas que não se encontram situadas nesse espaço intelectual-acadêmico de uma apropriação do quæer e/ou da difusão os estudos e perspectivas quæer, mas que, singularmente, tensionam, subvertem, deslocam essa mesma epistemologia de “sujeito” identitário, nos/pelos seus corpos em outras aberturas para experiências encarnadas de/em si e das/nas realidades.

« [...]se formos pensar, de como algumas pessoas vivem ou se posicionam de uma maneira não normativa, fora da normatividade. Então, quando você pensa o que é viver fora da normatividade, você pode ter vários recortes, podem ter várias formas. » (Punker).





« [...] o Grajaú que é um bairro pobre do extremo sul de São Paulo está produzindo essa cultura, mas essa cultura não se expressa na academia; eles não estão acessando a academia, eles estão produzindo. Quando você pensa a Linn da Quebrada, Jup do Bairro, são corpos e identidades queer, mas que não necessariamente fizeram essa formação; a Jup já era queer antes do termo ser colocado para ela e antes dela estar junto com a Linn, ela já era queer, ela já tinha um corpo que incomodava, um corpo expulso. » (Bichø-Pretø-Afeminødø).

Seus *–des-bun-de–* (adoção de estilo de vida devasso ou que afronta os padrões convencionais da nossa sociedade) não se encontram centrados no campo da teoria, da eloquência intelectual, está na ordem de gestos sensíveis para com a existência plural das suas diferenças, ansiando por meios, lugares, formas de inventar no aqui-agora uma vida im/possível de ser vivida. São experiências que não precisaram se curvar, se valer, se ajustar e/ou se assimilar a um pensamento e/ou teoria para afirmarem suas diferenças, pois suas vidas, seus territórios, existências singulares e suas resistências já estavam acontecendo, mesmo antes da palavra ou dos estudos e perspectivas *queer* chegarem às nossas terras.

Partindo desses apontamentos, não consigo negligenciar os jogos de poderes que adentram capilarmente as relações, ora por nos encontrarmos em meio às disseminadas linhas discursivas e enunciativas de captura e encapsulamentos, que o próprio sistema, onde fazemos parte, produz nas/pelas suas curvas sorradeiras, mas objetivas sobre os processos de subjetivação e singularização; pois, como afirma Michel Foucault (1996), todo discurso apresenta, nos seus interstícios, uma funcionalidade e um objetivo, por isso não podem ser tomados da ordem do aleatório. Ora, por ainda desejarmos o lugar confortável dos privilégios e sermos reconhecidos, por vezes, como o “desconstruído” nos roles acadêmicos, por falar sobre temas do top 10 do *ranking* intelectual do momento, sem perder certo *glamour*, esquecemos que tais produções de saberes e suas retóricas deveriam “ser vistos como processos, e não propostas normativas para fenômenos isolados” (MARCUSCHI, 1986, p. 85).

Isso me traz à memória outros ruídos, falas e posicionamentos que tenho ouvido ao longo desse processo cartográfico e presenciado dentro e fora das instituições acadêmicas, onde o *queer* é considerado hipersexualizado, coisas de viado *cool*, que não quero que meu trabalho/pesquisa tenha uma “cara” *queer*; ao mesmo tempo que os pressupostos teóricos-metodológicos de seus textos, trabalhos e discursos se embasam por perspectivas *queer*; esquecendo, negligenciando, negando e silenciando vidas que se expressam desse não-lugar.

Parece, do meu ponto de vista, que somente alguns feixes de luz (iridescência) do/no *queer* são reconhecíveis, úteis, usáveis e interessantes, levando-me a uma regressão temporal

de um evento marcante para nós LGBTQIA+, que foi a Revolta de *Stonewall* em 1969 em Nova York, onde, em publicações posteriores (livros, artigos, post, etc.) sobre tal manifestação, acabou dando protagonismo à comunidade gay pelo ocorrido, negligenciando e invisibilizando as vozes e os corpos de quem se colocou realmente à frente naquela noite, as travestis, as drags e transexuais.

Faço essa ponte com o objetivo de denunciar, no aqui-agora, que esse jeitinho sorrateiro de colher os frutos daquilo que acho interessante do *queer*, acaba reproduzindo o mesmo processo de apagamento e silenciamento, ou pior, estamos deixando de fora dos corredores acadêmicos-teóricos-intelectuais, as vidas que (en)carne, pele e ossos colocaram e ainda colocam “o cu na cara e o corpinho no sol” para que hoje pudéssemos pensar e falar de um lugar dos estudos e perspectivas *queer*; já que o *queer* não se fez do centro para as margens, ao contrário, o *–des-bun-de–* aconteceu nas ruas, na vida, nos corpos, nas suas relações de ser/estar no mundo.

Não estou dizendo que todEs que trabalham, pesquisam, produzem, circulam e se posicionam do lugar de enfrentamento ao sistema cisheteronormativo têm a obrigação de se posicionar enquanto corpos *queers*, porém, o que esse *hackeamento* de ruídos disparam é um estado de alerta que evoca o pensamento a pensar de maneira crítica, ética e política; chamando atenção, sem sombra de dúvidas, a minha primeiro, pois esses ruídos chegam e perpassam meu corpo em um primeiro momento, para, então, externá-los, para as armadilhas ardilosas do poder. Como chegou-me as falas incisivas de Bichə-Prətə-Afeminədə e de Motumbá, um sinal de alerta dentro desse contexto que estamos aqui problematizando:

«[...] eu começo a perceber que o queer supera e ele não cabe só no pensamento organizado e acadêmico. Ele tem história também que era das vivências pessoais, particulares e que não se repetem, então é esse o caminho. »

(Bichə-Prətə-Afeminədə).



« [...] pensando sobre o queer no contexto brasileiro hoje, eu acho que na discussão, ele ainda é uma coisa limitada a certos circuitos, não é tão amplo. Eu vejo que quem não está conectado de alguma forma com a discussão, eu vejo que ainda não dominam o vocabulário e as vezes eu acho que é uma questão de vocabulário. » (Motumbá).

São afirmações, apontamentos, incômodos e, por vezes, provocações, que não se ousam tocar em alguns espaços, por parecerem algo da ordem da implicância, de mi-mi-mi, assuntos que não levarão a lugar algum, mas que se faz situada nos relatos dos colaboradores, ao deflagrarem esses dois polos, por vezes, paralelos (teoria e experiência) que, ao invés de agregar, desagrega, fragmenta, cria apagamentos e silenciamentos; bem como apontam, de maneira afetuosa, as alianças e vizinhanças construídas e em construção com tantos outros corpos que se posicionam de outros lugares da existência, mas que com suas implicações éticas-políticas se tornam fortes aliadEs e agregadorIEs nessa guerra contra ao fascismo necropolítico neoliberal; indo de encontro com o Grunvald (2018), chama-nos a atenção sobre esse “lugar” da implicância ao se tocar em determinados assuntos, especificamente nesse caso do *quæer*:

[...] é implicância num sentido bem preciso: não implicar com alguém, mas implicar alguém em algo que essa alguém não é, em algo que ela não consegue considerar a partir do corpo e da pessoa que é. E mesmo se autoimplicar naquilo que você nunca vai ser e bloquear, da maneira que for possível, aspectos fascistas daquilo que você também é (GRUVALD, 2018, p. 30).

Todavia, tais implicações explicitadas pelos colaboradores são aquelas que extrapolam os muros institucionais, as quatro paredes de salas de aula e/ou de congressos, simpósios, etc., que, mesmo propiciando contextos de discussões pertinentes nessa batalha, acabam, em alguns espaços, delimitando e excluindo as vozes e os próprios corpos encarnados desse *–des-bun-de–quæer*. Implicações da vida e na vida, que também se recusam ao silêncio e a utilização das armas/ferramentas do mestre para dismantelar a casa do mestre, como pontuada por Audre Lorde (1979), anteriormente nesse ensaio que aqui faço.

Mesmo que na contemporaneidade, principalmente no cenário das minorias sociais, sexuais e raciais, busca-se e/ou cogita-se não falar mais por aquela existência, mas um falar com (RIBEIRO, 2017), na tentativa de pôr fim à mediação feita por grupos e pessoas que apresentam certa passabilidade e ocupam certos privilégios que legitimam seu lugar de fala, frente ao silenciamento historicamente construído de corpos não reconhecidos e nem legitimados para falarem de si, das suas experiências, das violências e opressões que sofrem no seu cotidiano; ainda ficam algumas “pulgas críticas” atrás da orelha: esse falar com, seria com quais *–des-bun-de–*? Ou será que esse falar com, impõem adequações para que esse falar com aconteça?

São questionamentos críticos que emergem a partir dos apontamentos feitos nas entrevistas dessa investigação, que ao relatarem suas experiências, mas também exemplos de outras vidas que, como as suas, tiveram que lidar com impedimentos e constrangimentos.

Denunciam que tais violências não acontecem apenas espaços/lugares considerados como cisheteronormativos, mas situações reais desse tipo de enfrentamento acontecem mesmo em espaços considerados universos *queers* e/ou LGBTQIA+, ocorridos pela simples ininteligibilidade percebida em seus corpos, que transgredia, de múltiplas formas, certa passabilidade desejada e esperada naquele local; seja num campo de exigência de um lugar de percepção do que se é *queer*, e aí espera-se certa correspondência a esse “lugar” sempre do mesmo jeito, com a mesma (des)montagem, etc. – como demonstrado anteriormente na fala de *Bichə-Prətə-Afeminədə* –, ou de um lugar que as encar (n) ações do seu *–des-bun-de–* em todas as suas manifestações e expressividades plurais não podem aparecer, pois traria consequências e efeitos não desejados para o espaço e para quem se diz pretender falar, com e não por, com tais existências – também sinalizado pelo mesmo *coləborədor* – ao relatar os silenciamentos presenciados em espaços de debates e visibilidades LGBTQIA+.

É como se houvesse apenas uma aceitação e/ou pudesse circular apenas em alguns espaços, a “performatividade” das proposições, dos discursos, dos enunciados, das epistemologias a respeito do sistema sexo/gênero/desejos/práticas sexuais, mas negasse o direito de aparecer e acontecer os atos corporais performativos que esses corpos trazem de maneira encarnada com todo seu peso e força de subverterem as estruturas de poder hegemônico existente.

Parece que as proposições butlerianas – por vezes tão endeusadas – a respeito do que Butler (1990) nomeia de performatividade⁴⁶, ao fazer uma crítica às identidades, evitando o fundamentalismo das categorias, onde as identidades não seriam pré-datadas e sim formadas linguisticamente/discursivamente; “[...] levantando assim questões sobre a formação de identidade e da subjetividade, descrevendo os processos pelos quais nos tornamos sujeitos ao assumir as identidades/sexuadas/ “generificadas”/racializadas que são construídas para nós...” (SALIH, 2017, p. 10), não apresentassem seus transbordamentos e/ou não tivessem se materializados mediante uma análise/percepção dos atos corporais de vidas que já contestavam em si mesmas performativamente tudo isso, sem essa “nomeação” dada a partir de uma incorporação intelectual desses processos.

Dá-se a impressão, ao negar a circulação de corpos que trazem um *–des-bun-de–* encarnado em *–de-so-be-di-ên-cia–* afirmativa de fuga/luta, em espaços públicos e privados, e

⁴⁶ Para uma aproximação com as discussões e proposições desse conceito, amplamente exposto em vários estudos e textos, sugiro as publicações de Judith Butler: *Problemas de gênero: feminismo e inversão de identidade* (1990) e retomados pela própria filósofa posteriormente em *Corpos em alianças e a política das ruas – notas para uma teoria performativa de assembleia* (2018).

pior, em lugares considerados e/ou que levem o nome e proposta de se falar/pensar desse não-lugar identitário, que estamos presenciando a reprodução dominadora e excludente da opressão que barra, silencia e nega aos corpos abjetos, o direito de aparecer com todas as suas irreverências, estranhezas, manifestações e performances im/possíveis.

Tudo isso resulta em um dilema cruel e curioso: se os estudos e perspectivas *queer* trazem no seu arcabouço teórico de problematizações, a apresentação do *queer* de um lugar de transgressor, subversivo, estranho, etc. (LOURO, 2012/2001; MISKOLCI, 2011; PRECIADO, 2011; PEREIRA, 2012) e se as experiências desses homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos *queers* sinalizam que essa dimensão do *queer* acontece no/pelo corpo, por que será que, por vezes, tais corpos, suas narrativas e performances não podem ocupar os mesmos espaços-lugares que teorizam e falam sobre suas transgressões e subversões? Tudo isso deflagra certas “bolhas” que emergem também nesses universos de resistência, onde, mesmo em uma “tentativa” de falar com e não por determinada vida e experiência, ainda só alguns corpos são autorizados, tendo legitimidade para falar de si, enquanto outros não trazem a eloquência necessária para ocupar esse lugar de fala.

Onde estão as bichas pretas periféricas nesses espaços? As mulheres-trans que se prostituem? As sapatas gordas portadoras de deficiência? As travestis convivendo com HIV?

Não, esses *–des-bun-de–* plurais subversivos não apresentam *Know-hall* para falarem de suas vidas em determinados espaços, como afirmou certo “teórico *queer*” em um evento *queer* no SESC Pompéia – SP no ano de 2014, como sinalizou o colaborador DJ em nossa entrevista, e pior, penso eu, por vezes, não apresento nem o “*green card queer*” para circular e ocupar esses universos que se nomeiam um espaço de diálogo *queer*.⁴⁷

Acredito que os impedimentos e constrangimentos sofridos pelos colaboradores dessa cartografia, como no caso de Væmpiro, ao ser barrado na entrada de uma cerimônia de premiação no Teatro Guaíra, como na trajetória de Fæuno, os incômodos que seu corpo causava por ser espetaculoso demais, ou como no caso de Alegoriæ e os constrangimentos vivenciados ao longo da sua vida universitária, dentre outras experiências trazidas pelos outros colaboradores protagonistas dessa cartografia; bem como de outras vidas que mencionaram

⁴⁷ Vale dizer que, na banca de defesa dessa tese, a Dra. Amara Moira, mulher-trans, apontou fortemente a necessidade e a importância de trazermos para discussão as problemáticas, os silenciamentos e tantas invisibilidades às pessoas trans, no que tange a historicidade da chegada e apropriação do termo *queer* e, posteriormente, dos estudos e perspectivas *queer*, no território brasileiro. Sendo este termo, como já salientado nessa cartografia, que ganha seu espaço e circulação via corredores acadêmicos, mediante pesquisas, estudos e propostas de trabalhos coordenados e organizados por intelectuais cis; que, em certo momento, não consideravam e não abarcavam o uso do *queer* para pessoas trans e não-binárias. Por se tratar de um assunto de grande relevância, assumimos o compromisso junto à banca de defesa dessa tese, de escrevermos conjuntamente com Amara Moira, um artigo com o objetivo de problematizarmos e trazermos à discussão esse tensionamento no contexto brasileiro.

durante suas entrevistas, como de Jup do Bairro e de Leandrinha, citadas por Bichø-Prætø-Afeminødø que, em espaços que deveriam ser de diálogos e encontros potencializadores de alianças, também vivenciaram esse lugar de constrangimentos e impedimentos.

Todo esse contexto nos dão pistas críticas para pensarmos quais experiências quæers cabem dentro de uma interpelação e apropriação teórica quæer adotada por algumas pessoas em alguns lugares; pois intuo, que a linha do *–des-bun-de–* manifesta e torna evidente que alguns ruídos ainda andam inaudíveis nesse debate, visto que são esses corpos em suas vidas diárias e nas relações cotidianas consigo mesmEs e com outrEs que, ao assumirem encarnadamente essa linha, ao mesmo tempo que criam alianças, juntEs esbravejam em alto e bom tom o direito de viver e persistir, pois “[...] A gente combinamos de não morrer” (MOMBAÇA, 2018, s/p).

São posicionamentos que se colocam frente aos extermínios e gestos de violências com tantas outras existências, como fortemente diz o refrão da música “*AmarElo*” do rapper, cantor e compositor brasileiro Emicida, “[...] Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro. Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro...”; e, com certeza, esse ato-manifesto de incômodo e persistência gera provocações que exigem implicações estéticas e políticas de convivência na/pela vida de todEs, rompendo com pactos que, em nome de uma suposta defesa da vida e garantia de direitos, chutam tantos outros corpos para escanteio. E, nesse caso, pensando que implicar, evoca-se mediante uma decisão e postura ética de cuidado com a vida, ou seja, uma performatividade encarnada em atos/ações (estética-política), não somente na ordem do campo discursivo/linguístico, mas em práticas de uma revolução corporificadas. Ressalto, em primeiro lugar, que,

[...] a estética não é o dado não política da vida, mas justamente a borra de fundo de toda política em relação à qual devemos aprender a ler nosso destino político. Pelo termo estética referimo-nos não apenas ao reino do aparecer, nem somente ao que, no senso comum, definimos de aparência, mas ao imenso campo dos afetos, dos sentimentos, das emoções e, também, de tudo o que se refere à corporeidade: a sexualidade, a raça, o gênero, a idade, as formas da plasticidade corporal. Isso inclui a linguagem, por meio da qual apresentamos e representamos coisas e pessoa, seres inanimados e animados” (TIBURI, 2018, p. 12).

Por outro lado, as implicações encarnadas para essa performatividade política, ou seja, como atores políticos que somos desse/nesse processo, uma vez que de acordo com a filósofa supracitada, somos todEs, de alguma forma, tocadEs e afetadEs por ela; faz-se necessário pontuar que, a política,

[...] dada nos jogos de forças de intensidades diversas, produzidas justamente por afetações, por influências, por movimentos, pelos desejos dos corpos, do imaginário ao simbólico da linguagem, a política é o nosso *habitat*. Todo ambiente humano, seja real, seja virtual, é político. Falamos sobre isso nos tempos em que até o “fim da política” não deixa de ser uma questão política. Ela continua na forma de um vazio para muita gente que, sem saber, está envolta nela, ainda que a negando e reduzindo-a, muitas vezes, à política partidária e institucional, a política dos poderes estabelecidos. Há quem esqueça que o todo da vida é político. Precisamos saber que política é o todo da vida porque não se vive a vida humana como indivíduo ou espécie sem que estejamos relacionados uns aos outros e, inevitavelmente, às instituições. Política é, portanto, a própria ordem e as formas como ela se renova ou se repete. Mesmo aquela ordem que se apresenta como uma espécie de “antipolítica” – quando as relações institucionais, sociais e interpessoais estão desfaceladas – é política. Todas as relações se dão a partir de jogos de poder e são políticas (Ibidem, p.13).

Outrora, dando-nos conta dos processos de subjetivação que organizam a sociedade em uma realidade distópica de esquemas complexos que contornam as imagens, os corpos, os espaços públicos e privados, bem como a vida cotidiana, mediante forças necropolíticas de dominação, exploração e abuso da vida que vem aumentando gradativamente e consideravelmente seus meios de ação no atual cenário do presente-futuro; tais implicações se fazem necessárias, principalmente em espaços e entre pessoas que se dizem aliadEs e/ou assumem esse lugar de protesto e não aceitação dessa atmosfera tenebrosa contra a vida, que afeta todEs nós enquanto seres viventes.

Assim, não precisamos de um *quæer “prêt-à-porter”* pronto para se montar e desmontar, quando convém os seus próprios interesses, em razão de que os relatos agenciados nessa linha do *–des-bun-de* conclamam outros lugares de alianças e de aparecimentos, mediante exercício encarnado de organização do sensível, isto é, “[...] de dar a entender, de dar a ver, de construir a visibilidade e a inteligibilidade dos acontecimentos” (RANCIÈRE, 2010, s/p); pois tal organização invoca outras perspectivas de existências, aquelas que corrompem “[...] a racionalidade, por se insinuar no plano das sensações e da criação de outros espaços possíveis de experimentação de si e do mundo” (STUBS; TEIXEIRA-FILHO; GALINDO, 2020, p. 4).

« [...] eu acho que depois desses encontros, depois dessas descobertas de possibilidades, isso me ajudou em algumas questões, principalmente em relação a posicionamentos... » (Punker).



« [...]eu acho que me percebo sim, como um corpo queer, mas ele foi acontecendo assim, como foi aparecendo, foi sendo descoberto como um processo. » (Fãuno).



«Eu busco enquanto Moleque me experimentar de várias maneiras, então eu vejo como o meu corpo é sim um corpo queer. Que fala já pela identidade, quando a pessoa me olha ela já acha que “uouu”. Ela já me olha e já fala “uouu” tá esse menino é diferente. Então sim, eu me vejo enquanto um indivíduo queer sim. » (Moleque).

«[...] um rabisco na minha tentativa de me desenhar na vida, em meio a busca para me entender. Ou como um espirro, como se, sem perceber, eu tivesse acumulado poeira demais e, sem ensaio algum, um dia eu espirrei. » (Ciborgue).



Essa perspectiva ética/política/estética da/na experiência de si e de aberturas inesperadas para outros gestos para com a vida, de um corpo que sente e experimenta, vai se tornando mais explícita e contundente, ao fazerem de seus corpos canais de passagens de deslocamentos, de subversões, (des)construções e fluxos; criando sensibilidades e pensamentos sobre o que pode um corpo, mediante processos e experiências antropofágicas do próprio queer, seja devorando suas elaborações, discussões e alianças, para vomitarem performaticamente (re)existências aos desamparos políticos, aos estatutos demarcatórios de precarização da vida, manifestando, portanto, o direito a aparecerem.

E, mesmo que o objetivo dessa cartografia não tenha sido mapear “artistas queers” e nem curiosamente saber porque certos corpos se nomeiam do lugar da criação de certa “arte queer”⁴⁸, partindo de intuições e proposições que intentam pensar o campo das artes mediante um conjunto de artistas ou de obras aglutinadas em “[...] uma série de práticas estéticas,

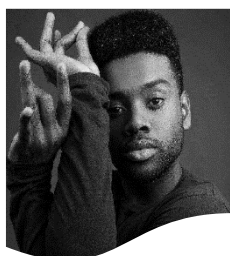
⁴⁸ A este respeito, sugiro (per)seguir alguns rastreamentos: Blanca (2017); Camargo (2017); Ferreira (2016); Halberstam (2020); Santos (2016).

políticas e teóricas que apostam na positivação da injúria” (SANTOS, 2016, s/p.), na tentativa de combater e deslocar o sistema hétero-centrado dominante na contemporaneidade; não posso negar e/ou deixar de explicitar que, para a grande maioria dos colaboradores dessa investigação, os transbordamentos do *queer*, dessa linha que ousei chamar de *–des-bun-de–*, se agenciam pela/na experiência de seus corpos com as sensibilidades provocativas e provocadoras da arte, como podemos observar lembrando algumas palavras sopros dessa cartografia:



« Vejo que realmente a arte sempre foi a minha religião, sempre foi o meu lugar de ser quem eu sou, meu lugar de fala. Foi através da arte que eu me libertei, que eu consegui respirar nesse mundo podre, porque senão eu não teria suportado. » (Vampiro).

« O *queer* atravessa meu trabalho, porque me atravessa, pois é uma questão que me atinge diretamente. Fora do espaço artístico, eu tenho esses posicionamentos também, através do ativismo político, participar de protesto, pois sempre que posso eu trago questões políticas para as exposições e além também, ativismo anarquista. » (Anarquista).



« [...] minha vida já é fora da norma, a minha forma de me expressar, de ser um artista é fora da norma. » (Punker).

« [...] eu quero que o meu interior, que a minha mensagem seja tão forte quanto a minha imagem. Então, foi aí que eu decidi voltar minha arte mesmo, para a população *LGBT*, pois a grande maioria das minhas músicas são direcionadas ao questionamento, à militância e à resistência mesmo. » (Moleque).



« [...] até agora só falei sobre imagens e esqueci do som, meu som reflete também a minha urgência pela expressão, minha fuga do sistema, das cobranças, reflete meu prazer de não precisar de classificações comuns como os gêneros musicais para poder construir uma linguagem, de não precisar de estúdios, tento abdicar sempre da aprovação alheia para não bloquear minhas formas de expressão. » (Cibargue).

« De certo modo, pensando nessas questões do queer, eu penso que ela atravessa totalmente a minha vida, porque eu fui sempre uma pessoa assim nas artes, se eu estava no teatro eu era bailarino demais, era gay demais; se eu estava na dança eu era ator demais, era gay demais, então... O meu corpo sempre, de alguma forma incomodava as pessoas... » (Føuno).



São corpos que investem em tentativas inventivas de si, para romper com as (de)limitações que se impõem sobre seus corpos, suas vidas e suas inúmeras aberturas para o real. Aspiram, a partir de uma experiência/pesquisa de/em si (cri)ações inesperadas de outros caminhos, mediante o esvaziamento da sua capacidade imaginativa, em um convite constante “[...] para inventar no mundo outras suavidades/sensibilidades, entendendo a ficção como exercício político para desmistificar as verdades absolutas que crivam nosso corpo e a própria realidade” (STUBS, 2019, p. 80), pois é um apostar “[...] no /im/possível como forma de ultrapassar um aparente esgotamento do presente e resignificar a vida (Ibidem). É um colocar-se em outras dimensões políticas/éticas/estéticas, onde a arte se torna dispositivo im/possível de criação e reinvenção da vida e de si mesmos.

Vidas errantes que narram no/pelo seus corpos, a inventividade crítica e combatente de intuir o que pode um corpo no seu fazer-se, desfazer-se e fazer-se nesses territórios de deslocamentos e (cri)ações onde, arte e a produção de si tornam-se armas para resistirem e produzirem outros espaços e gestos com a vida – parafraseando aqui Stubs (2019); pois essa conexão entre arte e subjetividades passam a ser segundo a autora, um lugar a ser percorrido e experienciado no espaço-tempo das existências, possibilitando encontros inusitados, potentes e inéditos nos seus acontecimentos.

São práticas/exercícios da linha *–des-bun-de–* que aspiram mais que conceituações e nomeações, mas intentam disseminar uma partilha/guerrilha do sensível (FERNANDES, 2020), agenciando em si e através de si a força disruptiva e potencializadora da invenção; tensionando, assim, os regimes de visibilidade e inteligibilidade que os regimes de poder em todas as suas ardilosas artimanhas tentam estabelecer, silenciando as iridescências das narrativas nas suas plurais formas de ser/estar no mundo. Assim, frente à eclosão de toda espécie de forças que objetiva a captura, não mais unicamente da força física do corpo, mas tem seus tentáculos voltados para os mananciais das forças intensivas da vida, para os germes revolucionários de afirmação das diferenças, desapropriando, assim, o corpo e a vida do que ela pode. As experiências ao longo dessa cartografia, sinalizam pistas de caminhos im/possíveis para reapropriação da dimensão sensível da existência, onde os embriões da pulsão vital de criação

germinam no seu campo de imanência “[...] de modo a direcioná-la à criação de modos de existência para aquilo que pede passagem” (ROLNILK, 2018, p. 33).

Portanto, há uma instalação, uma ocupação desses corpos no terreno das sensibilidades agenciadas nos processos de subjetivação/singularização, que ao meu ver são acionados mediante aproximações com o inusitado e dissensual presente no campo das artes, encontrando, assim, outros modos de olhar, de viver, de se relacionar e, principalmente, de interversões intempestivas nas realidades; pois integram-se na com-posição de outras paisagens mais implicadas com as intensificações da vida. Pois,

Por ter a priori uma relação inventiva e criativa com o mundo, a arte, seus objetos e elementos materiais, mesmo que às vezes, incompreendida pelo ineditismo ou complexidade que sintetiza, consegue criar uma via expressiva e um canal de comunicação desobstruído e descampado as representações. Esse fato possibilita a criação de um espaço-tempo único e propício para o compartilhamento e produção de experiências singulares (PARPINELLI, 2015, p. 195).

Dessa forma, tal campo de afetos e afetações proporcionado pela/na arte ganha contornos singulares e inéditos na tentativa corajosa e ousada de expressarem a linha do *–des-bun-de–*, mesmo que, para alguns colaboradores dessa cartografia, sua experiência com arte se dá pelo campo da experiência e não por uma formação e/ou um trabalho enquanto artista. Sendo que cada corpo é um mundo inédito e, por isso, nos seus processos de diferenciação e afirmação de si, cada um inventa à sua maneira, os seus próprios dispositivos e práticas de si para acionarem a dimensão sensível e intensiva da vida e/ou para se tornar instrumentos de guerra.

Enquanto algumES seguem pelo caminho da eloquência da teoria do *queer*, outros corpos se colocam no campo das experimentações, reafirmando e reinventando os não-lugares do *queer*, expandindo percepções e sensações em uma pesquisa de si, não mais encapsulando seus corpos em esferas identitárias da representação e muito menos correspondendo às interpelações desencarnadas de um campo teórico-intelectual, pois instalam seu *–des-bun-de–* no campo do sensível e da experiência encarnada de si, subvertendo e criando outras artes de viver.

Experiências de deixarem invadir-se pelas iridescências do *queer*, pelos seus fluídos transgressores, subversivos, estranhos, monstruosos, esquisitos, indisciplinados, desobedientes, transmutando em vias éticas/políticas/estéticas o fracasso do esperado/demarcado/delimitado para/de si. São gestos que ao deflagrarem no presente-futuro, por vezes, certos “endeusamentos” e bolhas templárias de certa teoria *queer*, com seus mandamentos a serem

seguidos e reverenciados, imaginam, sonham e ousam afirmar na/pela experiência encarnada, a não-verdade do *queer*, sua ficção, seu fantástico fracasso, as contradições e o seu não saber fazer (HALBERSTAM, 2020); acionados pela experiência do inédito, do incerto e do inesperado que temos que lidar enquanto seres vivos. Um pouco do olhar e da perspectiva que Motumbé nos traz sobre a questão do *queer* no Brasil, onde segundo ele, « *No contexto brasileiro, na vivência, eu acho que ela é mais ampla do que a denominação dá, eu acho que a gente vive mais possibilidades no corpo e nessa vivência do corpo para fora dos centros, que é muito mais complexa e que é bonito por ser complexa.* » (Motumbé).

É evidente que as pistas, provocações, críticas evocadas ao longo desse acompanhamento da linha *–des-bun-de–* não tentam ser um manual e/ou outro mandamento nas “igrejas *queers*”, mas que, em face aos diagramas de forças que no aqui-agora dessa escrita se agenciaram, entre linearidades e oscilações do pensar e dar língua aos afetos que emergiam nesse processo, ensaiei pelas afetações em mim provocadas pelas experiências compartilhadas dos deslocamentos entrecruzados de saberes, vozes e vivências que reverberam a experiência inédita e singular do/no *queer*, que se conecta a alianças improváveis, diálogos dissensuais, a vivências do *queer* de outras maneiras, pois o que tentei dar passagem com a linha *–des-bun-de–* é que essas vivências encarnadas do *queer* “[...] *ela acontece de outra forma, ela não acontece de um padrão que alguém traz e apresenta, ela acontece naturalmente através desses corpos que dançam, desses corpos que trabalham, que vão para cidade, que estão aí e, que se apresentam cada um de um jeito, cada um com seus desejos, cada um com suas vontades...*”⁴⁹.

Por fim, mas porque não ousar dizer, de início, não sei se consegui ter “sucesso” nesse processo, porque o meu corpo provocado pelo *–des-bun-de–* encarnado das experiências desses corpos de homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos *queers* no cenário brasileiro, nas suas iridescências singulares e na vida movente dos acontecimentos que tive que lidar, preferi e intento, a força de fracassar! Tensionado e sabotando, quem sabe, a idealização por respostas, por finais, por encerramentos, reverberando, assim, os inacabamentos, as processualidades, os trânsitos que ainda tangenciam as histórias de vidas que acompanhei e que continuam traçando suas linhas, seus fluxos, suas próprias escritas...

⁴⁹ Entrevista com os idealizadores do projeto Cidade *Queer* presente no minidocumentário dirigido por Danila Bustamante. Disponível em: <https://artseverywhere.ca/2018/01/14/queer-city-film/>



SUBVERSIVO

REVERBERAÇÕES E CONSIDERAÇÕES AINDA EM GESTOS DE EXPERIÊNCIAS...

Nesse ato de encerrar pelo menos os registros dessa cartografia, porque, ao meu ver, seus diagramas de forças, afetações, afetos podem ser acessados em outras tramas de encontros e aberturas na/pela vida que se faz acontecer sempre em devir; pensei em várias formas, im/possibilidades e estratégias que pudessem dar uma pitada de indisciplina nas linhas, parágrafos e considerações que seguem.

Pensei em deixar em branco as páginas dessa *pARTE*, apenas sinalizando o título, quem sabe, seguindo uma ideia de: “*Subversões Futuras*” ou algo do gênero...

Imaginei trazer a letra provocativa e inquietante de alguma música desviante que abarcasse os ruídos que insurgiram aos poucos durante esse rastreamento, como aquelas fortemente presentes no teatro-manifesto do **Projeto Queer...**

Planejei *hackear* ferramentas/programas que me ajudassem, de repente, a subverter o léxico das tipografias aqui utilizadas para descentrar o olhar e criar outras percepções, como feito no livro do projeto **Cidade Queer...**

Ensaiei uma lacração com fotografias/performances que trouxessem certa poética-visual queer, tornando-se, quem sabe, “porta-aberta” para (cri)ações de outras formas, outros contornos, outras sensibilidades im/possíveis, avizinhandome com o inusitado do **Catálogo Performance Queer no Brasil [SSEX BBOX]...**

No meio, em processo...
... decidi pelo **FRACASSO!**

Por se tratar de um mapa aberto e situado, tanto num tempo-espaço, bem como de corpos e vidas em movimento-trânsitos, as linhas que se inauguraram nessa cartografia por meio das experiências de corpos de homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos queers no cenário brasileiro, ~~–alarme-vital-de-diferenciação–~~ ~~–de-so-be-di-ên-cia–~~ ~~–des-bun-de–~~ em todas as suas (des)conexões, problematizações, proposições, críticas, alianças e recusas, podem ao mesmo tempo que apareceram, desaparecer e/ou perder sua intempestiva e intensa insurgência, frente ao inédito dos acontecimentos e de outras sensibilidades que se efetuam no caos da existência de nós seres viventes.

Creio que o que permanece, nesse entre-do-processo ainda em mapeamento transitório e performativo, de cartografar tais experiências cotidianas, é a inquietação que (des)orientou todo esse trajeto num constante fazer-se, refazer-se e fazer-se novamente: “*Como as experiências queers expressam e afirmam em/pelos seus corpos outros im/possíveis de existência na contemporaneidade?*”; para tentar perceber por esse fio condutor, os jogos de forças mais atuais nesses processos de subjetivação e singularização.

Inquietação que agenciou, a partir dos encontros e desencontros nesse processo cartográfico, pistas, ruídos, enunciados que me levaram a intuir, que a potência afirmativa das diferenças, das abjeções, do esquisito, dos estranhamentos, do intempestivo, faz-se acontecer, pedindo passagem para sua efetuação, a partir de gestos e posicionamentos éticos/políticos/estéticos frente aos sufocamentos da existência, aos abusos da vida e ao esgotamento do im/possível, provocados pelas demarcações identitárias interseccionais que im/possibilitam experiências e outras escritas de si e das realidades ao seu entorno. As palavras-sopros que produziram ruídos perceptíveis no mapeamento desse campo rizomático de experiências, sinalizaram que certa abertura sensível aos incômodos disruptivos *do – alarme-vital-de-diferenciação–* nessas vidas, situadas e agenciadas nas suas especificidades, efetuam-se na (criação) de uma *–de-so-be-di-ên-cia–* afirmativa de fuga e luta, acessando o desejo, enquanto potência de existir, diferenciando-se, expressar os movimentos intensivos e provocativos de um *–des-bun-de–* encarnado nas relações consigo mesmo, com outre e com o mundo.

Por outro lado, diante desses tempos sombrios que eclodiram no atual mundo globalizado, com toda espécie de forças que vão ganhando expansão capilar, devorando-nos lenta e violentamente, assumir as dimensões inusitadas de cada linha-fluxo aqui inaugurada, no mínimo é um ato corajoso, arriscado e, quem sabe necessário, nesse tempo de expropriação e precarização da vida. Ao pensar em certa necessidade de apropriação dessas dimensões, o digo no sentido de ir aonde a vida se encontra prisioneira para liberá-la, mesmo numa batalha incerta, conforme aponta Deleuze e Guattari (1992), em sua obra: *O que é a filosofia?*

O que se foi enunciando, portanto, nesses deslocamentos da/na vida, é que as estratégias encarnadas por esses corpos foram sendo construídas singularmente, seja de maneira anterior à chegada do termo *queer*, referindo-se à apropriação afirmativa do lugar da injúria, da nomeação vexatória e acusatória para se fazer arma de combate, tirando dos seus opressores, o poder e a autoridade de nomear suas vidas e experiências; e não por posterior contato único e exclusivo com as propostas teóricas-metodológicas dos estudos e perspectivas *queer*, mas sim, por um inventar-se outros na emergência vital de suas vidas que ganharam múltiplas dimensões,

tonalidades, forças e ressignificações com as contribuições e desdobras da popularização *queer* no território brasileiro.

Tendo em vista o exposto, intento deixar os desdobramentos desse processo, não como receitas para um presente-futuro de vitória sobre os sufocamentos e esgotamentos do im/possível ou diante dos abusos da vida provocados pelos modos de produção capitalista neoliberais *cisheteronormativos*; nem como “verdades” estabelecidas por percepções, sensações, *tateamentos*, “análises” que garantam algum tipo de resultado, de acordo com uma lista de diretrizes e filiações teóricas impositivas.

Logo, enredaram-se nesse desenho cartográfico, os entrecruzamentos entre as experiências e vivências dos *colaboradores* dessa pesquisa com a disposição de abertura do meu corpo-experiência em um instalar-se no *sensível*, criando articulações de linhas “[...] cujas extremidades jamais se tocam e os pontos descontínuos de contato são instáveis de tensão que põem em risco o trabalho do discurso” (ALCANTARA, 2011, p. 58); em tentativa de dar língua ao campo de afetações que pediam passagem no meu encontro com os ruídos/fluxos que emergiam nesse processo, sinalizando, assim, a força da magia do corpo-vibrátil que, ao acolher a vida e todos os seus movimentos, inventa antídotos para o veneno da captura *identitária zumbificadora*.

Nesse contexto, o que se mostrou aqui, nessa pesquisa cartográfica, é que as estratégias encarnadas por esses corpos foram sendo construídas singularmente, seja de maneira anterior à chegada do termo *queer*, referindo-se à apropriação afirmativa do lugar da *injúria*, da nomeação *vexatória* e *acusatória* para se fazer arma de combate, tirando dos seus opressores o poder e a autoridade de nomear suas vidas e experiências; e não por posterior contato único e exclusivo com as propostas teóricas-metodológicas dos estudos e perspectivas *queer*, mas sim, por um inventar-se outros na emergência vital de suas vidas que ganharam múltiplas dimensões, tonalidades, forças e ressignificações com as contribuições e desdobras da popularização *queer* no território brasileiro.

Um dos caminhos apontados como terreno fértil para germinação dessas outras sensibilidades, percepções e gestos para com a vida, bem como arma de guerra e resistência, foi o território da arte; esta como abertura para exploração de outros im/possíveis, que nas suas dobras e desdobras se faz força capaz de ativar o corpo-vibrátil, o *sensível* em nós, frente aos *anestesiamentos racionais*, *representacionais* da repetição do mesmo e dos aspectos *medulares* dos modos de *subjetivação* dominantes que tendem a conduzir e limitar as existências em suas im/possíveis experiências.

Cabe aqui um breve adendo a respeito da arte como ferramenta/campo de outros im/possíveis de experiências, que, mesmo não se tratando aqui de um rastreamento de experiências artísticas e/ou de “artistas quæers”, pois nem todos os colaboradores aqui cartografados são artistas e/ou estão envolvidos no cenário da arte; penso ser interessante ressaltar que esse território enquanto ficção ética/política/estética efetua-se de maneiras singulares para/em cada vida, como percebida em alguns dos relatos, onde frente ao esgotamento do im/possível de suas existências, o território da arte se faz “[...] arma política, ferramenta que reativa em nosso corpo/subjetividade, luxos crítico-inventivos capazes de instaurar realidades múltiplas, e entender o real em suas camadas complexas e disjuntivas”(SUTBS, 2019, p. 103).

Ao mesmo tempo, nota-se que, quando a intenção é o combate e a (re)existência às formas de desumanização, percebida como desconsideração e a destituição desonrada de outrE como pessoa digna de vida, as estratégias adotadas nesses ativismos encarnados de combate se fazem acontecer com diálogos, aproximações, ligações e alianças até improváveis que, por mais difíceis que sejam, se tornam necessárias e urgentes, mais do que regras gerais impostas por uma não implicação com a pluralidade de corpos que reivindicam incessantemente por uma vida possível de ser vivida.

Penso, portanto, que as experiências apresentadas aqui nessa tese, sinalizam que as iridescências inéditas das apropriações e/ou identificações do/com o quæer, por mais que teoricamente tentemos “defini-las”, “nomeá-las” e “identificá-las” na vida e nas suas múltiplas expressividades, dando língua às suas intensidades, escapam abruptamente, produzindo fissuras para corromper a vontade de conservação dos modos de existência, não cedendo, assim, às suas possíveis capturas. Desanestesiando as vulnerabilidades em forças, não negociando o inegociável, recusando o silêncio, ao mesmo tempo que se fazem aparecer e desaparecer, reaparecendo singularmente, acolhendo a falha, a bagunça, os improvisos, os dissensos para, quem sabe, não perder no aqui-agora de suas existências, a oportunidade de inadequarem-se ao apropriado e esperado (ROLNIK, 2018; HALBERSTAM, 2020).

Contudo, vale dizer que, em se tratando de uma pesquisa enviesada pelas experiências de homens-cis que se expressam e/ou se nomeiam enquanto corpos quæers, a mesma não transitou por outras experiências de vidas, como de corpos não-binárEs e/ou corpos trans, que podem de outras formas sinalizarem e inaugurar, quem sabe, outras linhas de potências e outros ruídos singulares intensivos das aproximações e apropriações do quæer em seus modos éticos/políticos/estéticos de ser/estar no mundo; abrindo, assim, precedentes para outros rastreamentos, outras vizinhanças e outras alianças.

Assim, ao acessar os deslocamentos proporcionados por tantas experiências, encontros, intensidades, rupturas e aproximações que essa cartografia acionou, ao me abrir para essas paisagens psicossociais intempestivas na atual geografia do presente, apenas posso recordar e registrar as intensidades que invadiram meu corpo-experiência nesse processo e que ainda ecoam na minha existência, não atropelando o tempo próprio da sua efetuação e invenção criadora.

Ser povoado por essas vidas, mesmo em territórios tão distintos e delimitados da pesquisa, por se encontrar apenas em três de tantos outros possíveis universos *queers* espalhados, inventados, pensados, ocupados por outros corpos que se experimentam e/ou se nomeiam desse entre-lugar do *queer*, encontro-me habitado pelas iridescências intensivas desses corpos. Tais experiências me levaram não somente a desobstruir o cômodo, o aceito, o familiar na/da minha vida, mas acessar a experiência do estranhamento, do inadequar-se, do deflagrar as complicitades que ainda persistiam em me silenciar.

Cada encontro, presencial ou virtual, cada gesto intempestivo que esses corpos apresentavam nos relatos das inquietações provocativas consigo mesmo, com as relações que (de)compõem suas vivências cotidianas, ativaram pouco a pouco certo exercício ético/político/estético que precisava no aqui-agora da minha narrativa se efetuar, lançando-me à experiência encarnada de gestos de apropriação da minha diferença enquanto força afirmativa e criadora (ética), levando-me a assumir um posicionamento político diante da vida e do caos da existência enquanto ser vivente, em uma negociação e renegociação com as realidades, ao mesmo tempo recusando-me a negociar o inegociável, para “garantir” suposta segurança e privilégios. Desafiaram-me a mergulhar em um exercício do sensível (estética), em um convite à invenção de outros processos de subjetivação e experimentação da/na vida.

Dessa maneira, tentei borrar, distorcer, deturpar os corolários conceituais de uma escrita neutra, imparcial, descomprometida e descorporificada que se materializam em contradições do que se pretende produzir, do que se produz e do que realmente se vive, assumindo, portanto, comprometimento visceral e desejante de “[...] mandar o mundo da meritocracia androcêntrica, racista, LGBTfóbica às favas, em sua derrocada...” (MESSEDER, 2020, p. 66), sabendo dos dilemas e riscos que estou correndo. Tal empreitada, ao mesmo tempo, não se situou em um arrebatamento alucinógeno de alienação do lugar que estou, enquanto psicólogo, pesquisador e docente, que decidi, em certo momento da vida, adentrar em um processo de doutoramento vinculado a um programa de pós-graduação em uma universidade pública; sabendo que esse espaço-lugar é atravessado, como a própria vida o é, por vias molares e moleculares, ou seja,

por mecanismos de captura, disciplinamento e controle, como por resistências, pontos de fuga e fluxos-intensivos de potência.

Por entre esses arranjos e diante dos inúmeros outros espaços-lugares que eu poderia desejar estar para dialogar, propor, problematizar as inquietações que atravessavam meu corpo, enquanto homem-cis, não-branco, bicha, que via disciplina acadêmica teve seu primeiro contato com o inusitado, estranho e transgressor do *queer*; decido habitar esse mesmo lugar instituído e instituinte como espaço para tais investimentos; apostando e acreditando que a instituição acadêmica, também pode-se fazer espaço-lugar de produção de saberes libertários, dissensuais, inventivos e provocativos. Se assim não o fosse, não faria sentido algum propor-me ocupá-lo indisciplinadamente.

Como mencionei na primeira *PARTE* dessa cartografia, não tive e não tenho a pretensão, de com este mapeamento, categorizar/dizer de alguma maneira, o que é mais ou menos *queer*. Pretendi, o contrário, tentar, quem sabe, mediante os fluxos-intensivos e seus elementos plurais, que nesses encontros e seus diagramas de forças aos poucos ganharam linguagem nesse processo rizomático, oferecer inquietações e provocações, “[...] de modo que cada pessoa que leia essas palavras possa encontrar ferramentas para que ela, ou ele ou *ile* leve adiante sua luta e sua resistência em seus próprios termos” (GRUNVALD, 2018, p. 30), pois, ao longo e durante esse rastreamento cartográfico, intuo que o *queer* e suas im/possíveis reverberações na existência efetuam-se em certo gesto ético diante da vida, que pode de inúmeras formas expressar seus transbordamentos nas dimensões políticas e estéticas assumidas/gestadas por cada corpo no seu cotidiano de vivências e relações.

Intuo, portanto, pensar o *queer*, como um entre tantos outros gérmenes da/na vida que ao mesmo tempo que podem fazer brotar atitudes e gestos revolucionários temporários, múltiplos e variáveis, também sinalizam e apontam “[...] para aquilo que a vida pede como condição para perseverar a cada vez que se vê debilitada por sua asfixia nos modos de existência vigentes e seus valores que, quando isto ocorre, perdem seu sentido” (ROLNIK, 2020, p134). Percepção essa que com o inédito da/na vida em suas múltiplas expressividades, pode se expandir, modificar-se, transmutar-se, sustentar seus diálogos e aproximações ou não; demonstrando talvez, que não há uma resposta autêntica, um único caminho, detentores de uma suposta verdade, nesse caso, a respeito do *queer*.

Há, quem sabe, gestos interessantes que nos levam supor, imaginar, transitar e permitir outras (de)composições com os estranhamentos, com os absurdos, com avizinhamentos e alianças que intempestivamente deslocam nosso repertório subjetivo existencial das verdades que supostamente buscamos incansavelmente para nós mesmos, pois, acompanhar as

experiências do dizer, considerando e retroalimentando os movimentos intensivos entre seus planos de expressão e conteúdo, possibilitam percepções provisórias como “respostas” im/possíveis no horizonte de eventos e acontecimentos que deflagram e enunciam as esferas de forças de determinadas realidades vividas nesse mundo.

Neste sentido, recuso-me permitir, que os gritos intempestivos do *–alarme-vital-de-diferenciação–*, sejam sufocados por protocolos e normativas de certa racionalidade técnica-científica que tentam me paralisar dizendo que a estratégia que aqui adotei e que percorreram toda essa cartografia, não tenha validade, por apresentar caráter muito subjetivo, parcial e pessoal (KILOMBA, 2016), não correspondendo ao *status quo* esperado, desejado e legitimado dentro de determinadas produções de saberes positivistas e reducionistas.

Abro mão de uma cumplicidade com o covarde em “nós”, reapropriando-me da coragem necessária para (cri)ação de uma *–de-so-be-di-ên-cia–* afirmativa de fuga/luta, que como onda avassaladora possa se tornar arma nessa guerra desigual, onde só algumas vidas importam, enquanto tantas outras são passíveis de morte. Ouso seguir gritando no/pelo corpo, recusando todo e qualquer silêncio, correndo os riscos da incompreensão, da censura, do julgamento, do desprezo... prefiro-os, ao invés de futuros arrependimentos possíveis em não falar, pois tenho a lucidez que meus silêncios não me salvarão dessa/nessa guerra violenta e desigual.

Nego compactuar com aproximações interesseiras e não interessantes do/sobre *queer*, que, em práticas e exercícios privilegiados desencarnados, elegem dentro de suas “bolhas” de pertencimentos, “mandamentos” e “endeusamentos” que devem ser comungados diariamente pelos fiéis seguidorIEs, diante dos altares erigidos como detentores de uma suposta “verdade” sobre o que é e deve ser *queer*; prefiro a excomunhão desses espaços possuídos “angelicamente” por prestígios e reconhecimentos, para me aliar às monstruosidades demoníacas ininteligíveis que acionam e provocam com seus “feitiços” e “bruxarias”, levantes de um *–des-bun-de–* encarnado, extrapolando os muros instituídos e institucionais, invadindo as paisagens psicossociais com suas iridescências plurais e infinitas.

Por fim, mas em inacabamentos... tendo em vista que, por mais interessante, agregadora, libertária, deflagradora e crítica que uma teoria possa ser e/ou se tornar, esta não tem a capacidade de captar as múltiplas iridescências que se (des)compõem interessantemente, as forças de escrita de experiências encarnadas nas efetuações de outras narrativas de si. Então, se alguém pretende saber o que defino enquanto *queer*, ainda prefiro fracassar em dar respostas, apenas sigo rastreando, aproximando, intuindo, experimentando, distanciando, aparecendo e desaparecendo nas suas fronteiras, nas bordas...

... são elas as mais interessantes, e não o que, fracamente posso nomear.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Clarissa Carvalho de. **Corpoalíngua: performance e esquizoanálise**. Curitiba, PR: CRV, 2011.

_____. **Corpoemaprocesso/teatro desessência**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

ALMEIDA, Gioni Caê. Manual para uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa, 2020. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa

AYERBE, Júlia. Laboratório gráfico desviante. In: **Cidade Queer, uma leitora**. São Paulo: Editora Aurora/ Publication Studio, 2017.

BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da teoria queer no brasil (1980 – 2013)**. 2013. 127 f. (Trabalho de Conclusão do Curso de História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. Disponível em: www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000019/000019b1.pdf

BLANCA, Rosa María. Exposições queer: Contextos mundiais e locais. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. v. 03, n. 03 - Set., 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/23653>

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira da Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>

BONONI, José Gustavo. **Resistência e transgressão: a potência política do desbunde nas expressões artísticas do grupo Teatro Oficina de São Paulo (1967 – 1972)**. 2018. 487 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/54869>

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

_____. **Corpos em alianças e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. (Trad. Fernanda S. Miguens). 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALBUCCI, Eduardo. Gênero, língua e representações do mundo. In: BERLUCCI, Pri; ZANELLA, Andrea. **Um guia para promover a linguagem inclusiva em português**, 2020. Disponível em: <https://diversitybbox.com/pt/um-guia-para-promover-a-linguagem-inclusiva-em-portugues>

CAMARGO, Clara Nobre de. **Arte queer no Brasil – 31ª e 32ª Bienais de São Paulo**. (Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharel em História da Arte) - Universidade Federal

de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2017, 113 f.
Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/49132>

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; ABREU, Ana Monteiro de. 1968 na França - 2013 no Brasil: Acontecimentos-Resistências. **Rev. Direito e Práx.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2018, p. 1100-1121. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000201100&script=sci_abstract&tlng=pt

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de Especialistas em aspectos da Discriminação racial Relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100011&script=sci_abstract&tlng=pt

DELEUZE, Gilles. **Spinoza et le problème de l'expression**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968.

_____. **Foucault** [1986]. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. (Trad. Peter Pál Pelbart). São Paulo: Editora 34, 1990.

_____. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. (Trad. Luiz B.L. Orlandi). São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **Espinoza**: Filosofia Prática [1981]. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **El poder**: curso sobre Foucault (Tomo 2) [1986]. Buenos Aires: Cactus, 2014.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1; (Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3; (Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE; Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. (Trad. Eloisa Araújo Ribeiro). São Paulo: Escuta, 1998.

FELIZARDO, Juliano Guimarães. **Estética Queer: experiência, subversão, multiplicidade e devir na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina. 2015, 85 f. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2856182

FERNANDES, Maria Esther. Imagem e olhar em pesquisa: para além do visível. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. VIII, n. 2, p.38-51, jul.-dez. 2011. Disponível em:

<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:a-E1M8-gwW4J:https://www.revosp.org/hospitalidade/article/download/468/480+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

FERNANDES, Thiago. **Após junho de 2013: coletivos estético-políticos na guerrilha do sensível**. Texto apresentado no Blog Nuvens em outubro de 2020. Disponível em: https://nuvemcritica.com/2020/10/03/apos-junho-de-2013-coletivos-estetico-politicos-na-guerrilha-do-sensivel/?fbclid=IwAR2gfN06wXF7TTMEg5WR8uEsxxdSnj-vOweVEyDt4qjTOL3Q1lhAkt1K_Y

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. (Trad. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. (Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **O que é um autor?** Lisboa: Ed. Veja, 2009.

_____. As técnicas de si". In: FOUCAULT, **Michel. Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. (Trad. Abner Chiquieri). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. p. 264-296.

FUGANTI, Luiz. **Corpo em devir. Ciclo Sobre Arte e Poder no CCSP** em junho de 2007. Disponível em: http://www.escolanomade.org/2016/02/11/corpo-em-devir-palestra-transcrita-2/?fbclid=IwAR0sYgEu45pkKqzAE_6Ziiq8IUYj5XMxi7oiOK-w3XbsPFUOkWZCNcJ_heQ

GOMES, Renato. Cordeiro. **Das margens, contranarrativas: um olhar a partir dos subúrbios do mundo**. **IPOTESI**, v.15, n.2, p. 13-19, jul./dez., 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/6-Das-margens.pdf>

GRUNVALD, Vitor. **Algumas reflexões pessoais sobre a descolonização do queer**. In: **cidøde Queer, umø leitorø**. São Paulo: Editora Aurora/ Publication Studio, 2017.

GUATTARI, Félix. **Líneas de fuga: por otro mundo de posibles**. 1ª. ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2013.

GUIMARÃE, Fabiane Fernandes. (Em)carne, osso e pesquisa: pesquisadora e o lugar de fala. In: MESSEDER, Sueli; NASCIMENTO, Clebemilton (Orgs.) **Pesquisador(a) encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências**. Salvador: EDUFBA, 2020.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. (Trad. Bhuvli Libanio). Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. UNICAMP, **Cadernos PAGU**, n.5, p.14, 1995.

_____. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomas Tadeu da. (Org.). **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979/87743>.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de Viagem: CPC, Vanguarda e Desbunde: 1960/70**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

HUR, Domenico. Uhng. Poder e potência em Deleuze: forças e resistência. **Mnemosine**, v.12, n. 1, p. 171-193, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321171839_Poder_e_potencia_em_Deleuze_forcas_e_resistencia

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia.; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

KASTRUP, Virginia.; PASSOS, Eduardo. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 391-414, maio/ago., 2013.

_____. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 263-280, maio/ago., 2013.

KILOMBA, Grada. **Quem pode falar?** (Trad. Anne Caroline Quiangala) [s.l.], 12 jan., 2016. Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/p/mapa-do-blog.html>

KUHN, Thomas Samuel. O que são revoluções científicas? In: KUHN, Thomas Samuel. **O caminho desde a estrutura**. São Paulo: Unesp, 2003.

LANUZA, Fernando Rodrigues.; CARRASCO, Raúl M. **Queer & Cuir: políticas de lo irreal**. 1ª. ed. México: Universidad Autónoma de Querétaro, 2015.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. (Trad. Hortencia Santos Lencastre). N-1 Edições, 2017.

LAU, Héilton Diego. O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não-binárias na língua portuguesa: a voz “del@s” ou “delxs”? não! a voz “delus”. **V SIES simpósio internacional em educação sexual saberes/trans/versais currículos identitários e pluralidades de gêneros**, Maringá, 2017. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3112.pdf>

LEAL, Bibi Campos. No olho do cu (ir) – queer: centro a margens de uma palavra desgastada. In: **Cidade Queer, uma leitora**. São Paulo: Editora Aurora/ Publication Studio, 2017.

LINS, Daniel. A escrita rizomática. **Revista Polichinello** n. 10 | Por Uma Escrita Rizomática. Disponível em: <http://clinicand.com/2019/07/29/a-escrita-rizomatica-por-daniel-lins/?fbclid=IwAR3Q32qjPhMyOPuOtW2L4LC2dM5xk0UhUgeVKmGu8fkQXeO3p0civyH4ec4>

LÍRIO, Vinícius Silva da. Rastros de uma poética em devir. In: LÍRIO, Vinícius Silva da. **Criar, performar, cartografar**: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinadas do teatro e da arte. 1ª. ed. Curitiba: Appris, 2020.

LORDE, Audre. Mulheres negras: As ferramentas do mestre nunca irão dismantlar a casa do mestre. (Trad. Renata). In: **Portal Geledés**, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-dismantelar-a-casa-do-mestre/>

_____. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. In: LARA, Bruna. Ensaio inédito da pensadora Audre Lorde. **The Intercept Brasil**, 2019. Disponível em: https://theintercept.com/2019/11/27/audre-lorde-ensaio-irma-outsider/?fbclid=IwAR2eam6n0tEVC8Ds4i1B7TXRKSHcPIYbwkbEC_mvYJnXZwNxxAJOUo5FM34

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a Educação. **Estudos Feministas**, v. 9, n.2, pp.541-553, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200012&script=sci_abstract&tlng=pt

_____. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. **Contemporânea**, v. 2, n. 2 p. 363-369 Jul.–Dez., 2012. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/87>

LUGARINHO, Mário César. **Al Berto, In Memoriam**, o Luso Princípio Queer. In: Literatura e Homoerotismo: I Encontro de Pesquisadores Universitários, 1999, Niterói. 1999.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. **Rev. Estud. Fem.** v.22, n. 3, Florianópolis set./dez., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinariedade e Decolonialidade. **Estado e Sociedade**, v. 31, n.1, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922016000100075&script=sci_arttext&tlng=pt

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MATTOS, Amana R; CIDADE, Maria Luiza R. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. **Revista Periódicus**, v.1, n.5, p. 132-153, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17181>

MIRANDA Claudia; RIASCO, Fanny Milena Quiñones. Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista. **Revista Educação em**

Foco, v. 21, n. 3, out. / dez., 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19866>

MESSEDER, Suely Aldir. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

_____. A construção do conhecimento científico blasfêmico ou para além disso nos estudos de sexualidades e gênero. In: IRINEU, Bruna Andrade. (org.). **Diversidades e políticas da diferença: intervenções, experiências e aprendizagens em sexualidade, gênero e raça**. Tocantins: EdUFT, 2016.

MEZZADRA, Sandro (org.). **Estudios poscoloniales: ensayos fundamentales**. Madri, Traficantes de Sueños, 2008.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia indisciplinada. **Concinnitas**, ano 17, v. 01, n. 28, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25925>

_____. Não se nasce mostra, tampouco uma se torna. In: **cidade queer, umø leitorø**. São Paulo: Editora Aurora/ Publication Studio, 2017.

_____. O corpo de Jota Mombaça é um manifesto. In: MORAIS, Pedro F. **Ípsilon**, 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/07/15/culturaipsilon/noticia/pode-um-cu-mestico-falar-1836567>

MOSTAÇA, Edélcio. **Teatro e política: Arena, Oficina e Opinião**. SP: Annablume, 2016.

NASCIMENTO, Clebemilton. Experimentações, apostas, conexões teóricas e pessoais de um pesquisador encarnado. In: MESSEDER, Suely; NASCIMENTO, Clebemilton (Orgs.) **Pesquisador(a) encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências**. Salvador: EDUFBA, 2020.

NOGUEIRA, Renato. Denegrindo A Filosofia: O Pensamento Como Coreografia De Conceitos Afroperspectivistas. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia – Brasil, v.4, n.2, p.1-19, dez., 2011. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/500>

OLIVEIRA, José Roberto de. A subjetividade encarnada como posicionamento ético-epistemológico. In: MESSEDER, Suely; NASCIMENTO, Clebemilton (Orgs.) **Pesquisador(a) encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências**. Salvador: EDUFBA, 2020.

PARPINELLI, Roberta Stubs. **A/To/Grafia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismo e produção de subjetividade**. 2015. 216 f. Tese (Doutorado em Psicologia e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

PASSOS, Eduardo.; BARROS, Regina Benevides. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virginia.; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PELUCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 2, p. 395-418, 2012. Disponível em:
<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/89/54>

_____. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. *Revista Florestan*, São Carlos, SP, ano 1, n. 2, p. 26-45, 2014. Disponível em:
<http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/63>

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 2, n. 2, p. 371-394, Jul.– Dez., 2012. Disponível em:
<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/88>

_____. Queer decolonial: quando as teorias viajam. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 5, n. 2, jul.-dez., pp. 411-437, 2015. Disponível em:
<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/340/>

PERES, Wiliam Siqueira. et al. Transconversações queer: sussurros e gemidos lusófonos Quatro cadelas mirando a(s) Psicologia(s). *Revista Periódicus*, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10152>

PERRA, Hija de. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com heteronorma. *Periódicus: revista vinculada ao grupo de pesquisa CUS (UFBA), Salvador*, v.1 , n. 2, p. 1-8, 2014. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12896>

PERUCCHI, Juliana. Dos estudos de gênero às teorias queer: desdobramentos do feminismo e do movimento LGBT na Psicologia Social. Maceió: **Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social** (pp. 1-5). Maceió, AL: Associação Brasileira de Psicologia Social. ABRAPSO, 2009. Disponível em:
http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/627.%20dos%20estudos%20de%20g%C3%A1nero%20C0s%20teorias%20queer.pdf

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. La izquierda bajo la piel: um prólogo para Suely Rolnik. In: ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. N-1 Edições, 2018.

_____. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril, 2011. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002

PUAR, Jasbir. “Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa”: interseccionalidade, agenciamento e política afetiva. **Meritum**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 343-370, jul./dez., 2013. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/meritum/article/view/2171>

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento. In: MIGNOLO, Walter (Comp.). **Capitalismo y geopolítica del conocimiento**. Buenos Aires: Ed. Del Signo, 2001.

_____. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Revista Novos Rumos**, ano 17, n. 37, 2002. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237_02.PDF

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

_____. **Inventar outros espaços: criar subjetividades libertárias**. São Paulo: ECidade, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO Experimental org. Ed. 34, 2005.

_____. ‘A política tem sempre uma dimensão estética’. In: LONGMAN, Gabriela; VIANA, Diego. **Entrevista para Revista Cult**, 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-jacques-ranciere/>

RIBEIRO, Dijamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de Interseccionalidade para A Pesquisa E Prática Feminista No Brasil. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373303618_ARQUIV_O_cristianorodriguesFG2013.pdf

RODRÍGUES, Fermín.; GIORGI, Gabriel. **Ensayos sobre biopolítica. Excesos de vida: Michel Foucault; Gilíes Deleuze Slavoj Zizek**. 1ª. ed. - Buenos Aires: Paidós, 2007.

ROJAS, Lucía Egaña. Metodologias Subnormales. **Seminario Gramsci**. Disponível em: https://www.bibliotecafragmentada.org/wp-content/uploads/2012/12/EGANA_Lucia_Metodologias-subnormales.pdf

ROLNIK, Suely. Lygia Clark e o híbrido arte/clínica. **Percurso – Revista de Psicanálise**. v. 16, ano VIII, p.1-11, 1996. Disponível em: www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/Artecli.pdf

_____. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. **Conferência proferida nos simpósios: Corpo, Arte e Clínica** (UFRGS, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional – Mestrado. Porto Alegre, 11/04/03), 2003. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>

_____. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

_____. **Esferas da Insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada. N-1 Edições, 2018.

_____. Entrevista para **Revista IHU on-line**, 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591109-e-preciso-fazer-um-trabalho-de-descolonizacao-do-desejo-entrevista-com-suely-rolnik>

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANTOS, Matheus Araújo dos. As impotências de uma arte queer. **Site do Grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CUS) da Universidade Federal da Bahia**.

COLLING, Leandro (Coordenação), 2016. Disponível em: <http://www.politicadocus.com/index.php/noticias/item/479-arte>

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVA, Mariah Rafaela Cordeiro Gonzaga da. **Corpos Antropofágicos**: Supermáquina e interseccionalidades em cartoescrita de fluxos indisciplinados. (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Estado do Amazonas, 2018.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. (Trad. Vladimir Freire). Rio de Janeiro: Pazulin. Ed. UFJF, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1988.

STUBS, Roberta. **Devires de um corpo-experiência**. 1ª. ed. Curitiba: Appris, 2019.

_____. O /im/possível como coeficiente artístico. **Revista Visuais**, v. 5, n. 8, 2019. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/visuais/article/view/4238>

STUBS, Roberta.; TEIXEIRA-FILHO, Fernando.; GALINDO, Dolores. Experiências e apontamentos para a pesquisa em psicologia baseada nas artes. **Psicol. Soc.**, v.32. Belo Horizonte, 2020. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100202

TEDESCO, Silvia. Helena; SADE, Christian.; CALIMAN, Luciana.Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25, n. 2, p. 299-322, Maio/Ago., 2013. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1984-02922013000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. Apontamentos para uma Psicologia contra-homofobia. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. Brasília: CFP, 2011.

TIBURI, Marcia. **Ridículo político: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

VITERI, María Amelia; SERRANO, José Fernando; VIDAL-ORTIZ, Salvador. ¿Cómo se piensa lo “queer” en América Latina? **Íconos. Revista de Ciencias Sociales**, n. 39, Quito, enero, pp. 47-60, 2011. Disponível em:
<https://www.flacso.edu.ec/portal/files/docs/i39viteri.pdf>

XAVIER, Henrique Piccinato. A evolução da poesia visual: da Grécia Antiga aos infopoemas. **Significação Revista de Cultura Audiovisual**, v. 29, n. 17, 2002. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65551>

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas. Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Transcrição da Entrevista com **Ciborgue**

I - ENTREVISTADO:

Nome do Entrevistado: Ciborgue.

Local da entrevista: Via Skype.

Situação da entrevista: Combinamos previamente o dia e horário da entrevista via Skype, devido o entrevistado se encontrar no interior do Nordeste impossibilitando que a entrevista fosse realizada pessoalmente na etapa da coleta de dados.

Tipo de entrevista: Individual.

Duração (horas de gravação): 25 mm 40ss de gravação.

Tipo de gravação: Digitalizada.

Data: (período em que foi tomado o depoimento): Vespertino do dia 12/07/2019 às 15h38.

II - PESQUISA

Nome do entrevistador: Rogério Amador de Melo.

Nome dos outros membros da equipe de pesquisadores: Fernando Silva Teixeira-Filho (orientador).

Nome do técnico de áudio e vídeo: Não houve.

III - DADOS DA TRANSCRIÇÃO

Responsável pela transcrição: Rogério Amador de Melo.

Período em que foi feita a transcrição: Matutino. Data: 02/12/2019.

Número de páginas da transcrição: 10 páginas.

ENTREVISTA

Rogério: Bom hoje nós estamos entrevistando o Ciborgue. E Ciborgue eu gostaria de perguntar se você se percebe ou se considera como um corpo queer e por quê?

Ciborgue: Bem, eu criei uma persona chamada [M], é uma figura que existe predominantemente online e eu me manifesto através dela. Isso transita da internet para vida real, [M] me influencia bastante, a atitude queer em mim está mais em [M] do que em Ciborgue. E sim, eu me considero um corpo queer, analisando o que eu já fiz na vida, os lugares no quais existo e transito, as barreiras que já tive que derrubar para poder me expressar, as lutas constantes comigo mesmo, com as coisas que fui ensinado. Creio que é uma questão de atitude

para com a vida, para com a política, para com a sociedade, é uma questão de nunca estar satisfeito com o sistema que nos é forçado, eu acho tudo isso muito punk, agressivo, necessário; e tem uma outra faceta que particularmente considero queer hoje em dia, que é entender o seu corpo, amar dele, descobrir as potencialidades que ele guarda, ser leve e gentil consigo mesmo, entender o que te faz único e diferente, abraçar isso. Eu ia diria que essa perspectiva do queer seria um lado menos violento, menos afrontoso, mas pensando bem, se amar e aceitar a si mesmo no contexto atual é um ato extremamente violento e profundo.

Rogério: Você se encontra dentro do projeto do catálogo do [SSEX BBOX] de artistas queer, como é isso para você? Quais são as motivações para você se pensar enquanto um artista queer também.

Ciborgue: Eu sou gay, nasci numa cidade pequena no interior da Paraíba, em uma família conservadora, cresci frequentando igrejas evangélicas, escolas com dogmas religiosos, para mim sempre foi difícil lidar com a opressão pois desde pequeno eu não conseguia esconder meu jeito de ser, mas todas essas vivências foram essenciais para eu construir minha visão e minhas críticas a tais estruturas de poder. Por outro lado, eu sou um corpo privilegiado, branco, eu tenho características masculinas, sou cis, então sempre tem esses dois pesos para serem pensados. Saber situar-me enquanto um corpo-vítima mas também um corpo-agressor é importante pra me reconhecer como um corpo queer e reconhecer, me misturar, ter empatia com outros corpos.

Rogério: Você falou que existe essa “persona” digital que você transita principalmente pelo queer, como você, como eu posso perguntar: como você que surgiu essa persona? O que ela busca? Por onde ela transita? O que ela questiona?

Ciborgue: [M] surgiu oficialmente há uns 3-4 anos atrás como um projeto audiovisual, embora eu prefira acreditar que eu construo ele desde sempre, pegando influências tanto do presente quanto da minha infância, de tudo que já vi e passei. Acredito que era uma urgência oculta que eu sentia para criar alguma coisa, um tipo de experimento, ter um corpo extra para experimentar vontades não realizadas. Por meio de [M], eu pude entender melhor meu corpo, minha sexualidade, minha relação com a tecnologia, com a internet, com outras pessoas. Quando comecei, eu tinha pouco conhecimento de gênero, não procurava muitas informações sobre esses temas, hoje essas coisas são mais claras para mim. Então eu faço em [M] muitas coisas que eu não consigo fazer na vida real, faço e depois experimento na vida real com mais coragem, com mais atitude.

Rogério: Um exemplo disso que você experimenta na vida do [M] e depois você experimenta na vida real. Algo que já aconteceu ou que você está vivendo agora.

Ciborgue: Eu uso peças femininas para tirar fotos e posto na internet, por exemplo, coisas que antigamente eu não tinha coragem de fazer, hoje eu já tenho mais liberdade para colocar um vestido e uma blusa que pareça mais feminina ou mostrar mais o meu corpo, que por muito tempo foi motivo de repulsa para mim. As pessoas ficam curiosas e começam a me chamar para conversar, para explicar isso. Já outras pessoas que não têm muita abertura para conversar comigo perguntam para os meus amigos o porquê de eu ser assim, o porquê de eu fazer isso comigo, como se eu tivesse a oportunidade de levar uma vida normal mas escolhesse ser algo estranho ou uma piada. Acho graça e sigo fazendo o que me faz bem. Eu às vezes toco em festas, faço performances, [M] aparece na vida real também, em pequenos recortes. Por um período curto de tempo eu deixo de ser Ciborgue e viro [M] para as pessoas.

Rogério: Quando e como se deu seu primeiro contato com o termo queer ou com os estudos queer?

Ciborgue: Acho que foi na internet, comecei a usar a internet há uns 10 anos atrás, então acho que me deparei com esse tempo por lá, já que no meu convívio social seria quase impossível ele chegar até mim. Mas não sei qual foi o ponto inicial, quando olho para trás eu percebo que foi um processo lento até eu entender esse movimento e toda a política que existe por trás dele, todas as problemáticas, todas as demandas sociais que existem. E ainda estou no processo de aprendizagem, vejo o termo queer como um termo mutante, dependendo do contexto, das pessoas, da época, ele pode mudar, pode significar outras coisas, pode ganhar outros nomes, outros sinônimos, categorias. No Brasil não é tão comum usar o termo queer para designar categorias de gênero/sexualidade, aqui existem as bichas, as travas, acredito que são termos que embora tenham ligação com o queer, carregam uma autodeterminação geográfica, racial e de classe. Na minha opinião, a (des)construção do queer é contínua, e se é contínua é necessário estar sempre atento pra tentar entender.

Rogério: Mas você busca estudar? Você buscou fazer leitura sobre isso? Você já participou de encontros que falam disso? Conhece pessoas que transitam por esse lugar igual a você?

Ciborgue: Sim, em primeiro lugar eu procuro estar perto das pessoas para entender elas, para me entender, para me melhorar como ser humano e tentar compartilhar conhecimento com outras pessoas que não entendem também. Eu sempre procuro buscar informações tanto acadêmicas quanto cotidianas, conversar e trocar ideias cara a cara, ver a realidade acontecendo na sua frente pode ser tão enriquecedor quanto ler livros e artigos. Eu me sinto um elo entre o meio queer e outros extremos, por exemplo, a minha família e o ambiente acadêmico no qual pertenço. Faço pós-graduação em música, um meio extremamente masculino, branco, elitizado.

Sinto que faço uma conexão entre esses dois mundos e, por mais confuso e difícil que seja para mim às vezes, tudo isso acaba sendo muito positivo.

Rogério: Por onde e como as discussões, as propostas do queer atravessam sua história de vida? Como é pensar a partir de [M] ou se apropriar a partir dele da questão da sua sexualidade, prática sexual, vida familiar, cidade pequena. Como que é isso já que você, as duas pessoas não se separam, elas estão juntas, mas em momentos diferentes e/ou momentos simultâneos.

Cibargue: Eu não consigo imaginar como seria minha vida hoje se eu não tivesse essas saídas, esses escapes, se eu não tivesse [M] para me libertar, digamos assim. Acredito que eu seria uma pessoa muito mais ignorante, tanto para mim quanto para o resto do universo. Acho que essa questão de me reconhecer como queer e entender a liberdade que isso oferece foi um ponto crucial para minha vida, para me libertar, para ser mais leve, para não viver em um estado constante de culpa. Apesar da ideia de que existem duas personas, duas performatividades de gênero diferentes em um corpo só, eu prefiro pensar em tudo isso como uma grande brincadeira, é como ter o poder de multiplicar ou de virar outra pessoa sempre que tenho vontade. Muitas vezes já pensei se em unir esses universos, mas acho que tiraria a graça e o prazer de poder ser múltiplo.

Rogério: E como que você vive depois do [M], como que era antes do [M] e depois dele, essa questão de relacionamentos com as pessoas, relacionamentos sexuais, de experiências com corpo.

Cibargue: É esquisito, porque às vezes eu tenho relações com pessoas e eu escondo [M] delas, para algumas não rola contar, muitas vezes falta espaço para esse tipo de conversa também. Do mesmo jeito com a minha família, eles não sabem que [M] existe. Amigos de infância, da escola, o pessoal da minha cidade, ninguém sabe de [M]. Agora mesmo, eu estou na casa de um amigo em outra cidade, porque essa entrevista não poderia acontecer na minha casa, as pessoas da minha família escutariam tudo.

Rogério: Você viajou só para dar essa entrevista?!

Cibargue: Não.

Rogério: Ah bom.

Cibargue: Mas é sempre complicado abrir esse lado da minha vida, principalmente quando você mora em um lugar no qual as ofertas de contato afetivo e sexual são sempre de pessoas com perfis parecidos, com ideias parecidas, a mesma busca por segredo, a mesma busca por um amor idealizado e a mesma negação de perfis desviantes. Embora eu seja tranquilo com a minha sexualidade e consiga transitar entre os universos, é muito raro eu abrir esse outro lado da minha vida, compartilhar redes sociais com essas pessoas, é como se fosse uma segunda vida que eu

só mostro para poucos. Ultimamente tenho sido mais persuasivo em relação a quem eu me conecto, a quem eu me abro, mas me expor totalmente ainda é um processo estranho. Por outro lado, existe uma espécie de prazer em manter alguns lados meus ocultos, como já falei, para mim às vezes tudo isso parece uma brincadeira de ser ou não ser, perderia a graça ter que ser a mesma pessoa e contar a mesma história para todo mundo, eu nem sempre sou Ciborgue, nem [M], às vezes eu não tenho nome, às vezes eu tenho outros nomes, brinco de ser novas pessoas para quem não sabe nada de mim.

Rogério: E você acha que em relação a alguns amigos de infância, como você disse, da sua família tem a ver, por você morar numa cidade pequena? Ou se você morasse em uma cidade maior seria mais fácil? Quais são os maiores empecilhos você acha?

Ciborgue: Influencia sim, o fato da cidade ser pequena porque as coisas vazam rápido, todo mundo ti conhece, o meio te comprime, e particularmente é muito mais complicado ter que me expor pra conhecidos, é mais tranquilo receber olhares tortos e críticas de desconhecidos. Também observo muito a jornada de amigos que terminaram a universidade, foram para outras cidades longe de casa e lá eles se reconheceram como pessoas trans, então acho que existe uma pressão, mesmo que você não perceba existe uma pressão para você se encaixar, para você não ser muito exagerado, não mostrar essas particularidades da sua vida. É tanto que eu só posso ser [M] quando saio da minha cidade, agora eu estou em Campina Grande, mas não moro aqui. Só quando eu saio da minha casa posso colocar outra roupa, posso colocar acessórios no corpo, pintar a cara, são coisas que podem parecer bobas para quem mora em grandes centros urbanos ou tem apoio em casa, mas ainda é uma cultura muito forte em cidades pequenas.

Rogério: E como você se sente lá então, nesse sentido, sabendo que de repente existe toda uma outra possibilidade, mesmo que não seja de utilização de adereços, mas outro posicionamento, dentro da sua casa, na sua vida, na sua cidade?

Ciborgue: É performance. Eu acredito que faço performances de gênero. É performativo na verdade, não é performático. Como Judith Butler disse, o gênero é performativo, muitas vezes eu me vejo na teoria dela. Eu não acredito que Ciborgue seja minha personalidade de verdade e [M] a de mentira, ou vice-versa, embora Ciborgue ocupe maior espaço no que chamo de “vida real”. Eu performo tudo isso, me adequo a situações quando quero, mas estou sempre tentando achar um jeito de me impor, de contaminar meus universos, de trocar algumas coisas de lugar de vez em quando. Seja por posicionamentos políticos, ideais, eu entro em conversas, eu rebato opiniões de pessoas, sinto que eu tô começando a misturar as minhas diferentes realidades de uma forma bem subjetiva, a apresentar para as pessoas realidades distantes das delas sem necessariamente me expor. É um processo, eu não consigo fazer as coisas assim de cara, eu não

consigo chegar para eles e dizer que eu sou isso, que faço aquilo. Para mim é mais saudável ir mostrando aos poucos a minha forma de enxergar o mundo e ir conquistando as pessoas. Desaprender pode ser um processo mais complexo do que aprender, existe muita coisa a ser desaprendida em todos nós, se a gente não tiver paciência de chegar nos outros é bem complicado achar outras alternativas. Pessoas não são prédios que você implode e pode construir novamente do nível zero. Desconstruir não é destruir, é reparar, reformar, tirar aos poucos as ideias velhas e trocar por novas. Não é a única forma de mudar o mundo, pode ser muito desgastante, mas alguém tem que se habilitar a ter esse tipo de consciência.

Rogério: E o que te motivou, vamos dizer assim, ou o que te levou em determinado momento a performar o [M], pela primeira vez? Tipo, pronto! Surgiu assim, aconteceu.

Ciborgue: Eu sempre tive muito interesse em música, em imagem, em vídeo, cresci sendo alimentado pela cultura do forró e do brega, e paralelamente assistindo os vídeos de Britney e Björk religiosamente, então como eu já disse, acho que era uma vontade, um desejo oculto que tinha dentro de mim para fazer essas coisas de algum jeito, com os poucos recursos que estavam disponíveis pra mim. Arte sempre me afetou mais do que qualquer outra coisa, principalmente com músicas e imagens. Eu comecei a mexer em photoshop ainda na época da escola, tinha muita curiosidade e fascínio por essas ferramentas que permitiam modificar tudo que eu quisesse. Quando percebi, já estava rolando, uma criatura que obviamente não era Ciborgue, mas que também não era Britney nem Björk, aquela criatura impossibilitada de existir na vida real, eram pixels deformados, fragmentados, recortes sobrepostos, uma criatura que parecia querer ser humana mas tinha pedaços de animais, de objetos esquisitos. [M] é uma criança não planejada, ou talvez um plano que desviou demais do objetivo, mas que aprendi a gostar e percebi o quanto é importante para mim ter encontrado essa forma de me expressar.

Rogério: E qual foi sua maior descoberta até agora, se eu posso dizer assim.

Ciborgue: Acredito que questões de nomenclaturas sexuais, de gêneros, de corpos, de ser trans, de ser cis, de ser hétero, tudo fica meio apagado para mim hoje em dia. Eu sinto que tudo converge para um caminho onde nada vai precisar ter um nome, cada um vai ter sua forma de se colocar no mundo, cada pessoa é complexa e única. Eu acho que a sexualidade converge para isso, não ter um nome, não ter nomenclaturas para definir, cada um tem seu gosto e é livre para fazer o que quer, para mudar quando tiver vontade, sem grandes influências do sistema. Isso ainda pode demorar um tempo para acontecer, mas creio e torço para que a gente chegue num ponto em que essas coisas vão ser desnecessárias. Quando convivo com pessoas trans, não-binárias, eu percebo que tudo é muito mais complexo do que parece, que existem formas de existência que ainda não têm nomes para serem contempladas. Muitas dessas pessoas fogem

o tempo inteiro de qualquer etiqueta que possa prender elas dentro de quaisquer ideais, acho isso muito foda, não se entregar às regras dos outros, ninguém melhor do que você mesmo para criar suas leis, entender suas vontades e construir suas formas próprias de existência.

Rogério: Como você busca construir o [M], a cada momento que você transita por ele? Que elementos ele tem, que você possa me dizer, de contestatório, de subversivo como queer?

Ciborgue: [M] não toca só na sexualidade, também mexe com elementos da natureza, elementos místicos, fantásticos, surreais e até mesmo com a minha realidade, com elementos do meu cotidiano. Para mim é um experimento corpóreo; mais do que sexual. A desconstrução do corpo, a inserção de elementos que não existem na vida real, acho que isso mexe com a cabeça das pessoas, principalmente quando eu mostro para alguém da minha vida corriqueira, algum colega da universidade, eles ficam muito chocados, mostram nitidamente o desconforto e a confusão. Ao mesmo tempo que eu tento colocar esses elementos fantásticos, surreais, deformados, eu também gosto de deixar um elemento da vida real, porque eu gosto também que as pessoas se reconheçam em mim. Quero que elas reconheçam partes delas em mim e percebam elas também podem ser transformadas. [M] guarda um lado muito normal influenciado por Ciborgue, pelo tédio, pela solidão de Ciborgue. Geralmente as imagens saem da monotonia de estar trancado no quarto, de querer fugir das responsabilidades, quando eu revelo isso para as pessoas, muitas vezes faz com que elas percebam que só precisam do corpo delas e do celular para fazer o mesmo, que elas podem construir outras realidades com poucos recursos, dar outras perspectivas ao corpo delas. Muita gente já veio conversar comigo para dizer que eu influencio elas a fazerem coisas diferentes, isso não tem preço. Mas então, até agora só falei sobre imagens e esqueci do som, meu som reflete também a minha urgência pela expressão, minha fuga do sistema, das cobranças, reflete meu prazer de não precisar de classificações comuns como os gêneros musicais para poder construir uma linguagem, de não precisar de estúdios, tento abdicar sempre da aprovação alheia para não bloquear minhas formas de expressão. As pessoas estão sempre querendo saber se minha música é eletrônica, se minha música é pop, se é experimental, acredito que a música também precisa superar essas barreiras de gênero musical, entender que ela, assim como a sexualidade, nem sempre precisa ter nomenclaturas para ser definida, para ter sua existência e valores afirmados.

Rogério: Você compõe?

Ciborgue: Sim. Eu tenho três EPS lançados. Dust, Zona e Nano, estão todos na internet. Sigo a mesma linha de composição tanto pra imagens quanto para as músicas. Costumo ouvir música de um jeito muito visual, a minha abordagem em um software de composição musical é bem parecida com a minha abordagem no photoshop. Gosto de fazer colagens com elementos,

imagens, sons que já existem, gosto de hackeá-los, deformá-los, até perceber que eles já não se parecem mais com o que eram no início, gosto de apreciar uma estrutura harmoniosa, mas gosto da liberdade de poder ser absurdo em algum ponto da composição. É uma abordagem que não acontece só no meu corpo, não só nas imagens, também vai para a música, aos poucos essa atitude vai contemplando outras áreas da minha vida, como a minha forma de me comunicar com as pessoas, a minha forma de produzir trabalhos acadêmicos, de aproveitar meu tempo, de entender o que é ser produtivo, o que é estar parado, o que é produzir mesmo estando parado. É uma constante experimentação de formas e padrões pessoais que busco e que de alguma forma contemplem meus gostos e preferências.

Rogério: O que seria o Ciborgue sem o [M]?

Ciborgue: Nossa!!! (risos)

Rogério: Você já pensou nisso ou não?

Ciborgue: Na verdade, eu nunca tinha pensado, mas tenho certeza que seria uma pessoa muito infeliz, a vida seria absurdamente menos interessante. A minha percepção, o jeito que eu observo a vida, que eu sinto as coisas, que eu sinto as pessoas seria muito diferente. [M] nasceu em meio a minha existência e convivência tanto na internet quanto na universidade, isso me trouxe uma rede de contatos que eu não tinha antes, eu meio que despotencializei a minha vida na minha cidade, com minha família, para me misturar a outras realidades que foram importantíssimas para me revelar novas formas de se colocar no mundo. [M] surgiu em um ponto crucial da minha vida, no qual eu estava começando a conquistar algumas liberdades, ele representa o desprendimento de Ciborgue de várias amarras, de situações e contextos sufocantes. [M] representa a possibilidade da realização dos sonhos e delírios de uma criança que fantasiava tanto que se um dia não fosse capaz de criar outras realidades, talvez não suportasse caber em uma só pelo resto da vida.

Rogério: Tem um significado?

Ciborgue: Não, não tem.

Rogério: Você faz que curso?

Ciborgue: Eu fiz Arte e Mídia na UFCG em Campina Grande e agora estou no mestrado em Música na UFPB em João Pessoa. Quero estudar a música “errada”, ou a música feita pelas “pessoas erradas”, que é exatamente essa música fora do padrão, música feita por quem não passou por aulas de instrumento, não começou a compor a partir de métodos eruditos, clássicos, europeus, ou quem começou por eles, mas hoje os nega como principal forma de fazer música. Quero também continuar colocando o meu corpo, minha imagem, meu contexto e realidade nas minhas produções, quero continuar explorando as possibilidades de linguagem que o meu

corpo, como estrutura orgânica, pode criar com o meu instrumento principal que é computador, uma máquina eletrônica.

Rogério: Na sua opinião Ciborgue, o que seria o queer hoje no contexto brasileiro?

Ciborgue: É algo extremamente necessário, não importa por meio de quem ele esteja sendo feito, como ou onde. Não é novidade saber que a gente sempre esteve em situações de risco, e muito mais agora, mas estranhamente todo esse terror tem me dado coragem para aparecer mais dentro da minha casa, nos lugares que transito, de expressar mais os lados que tanto querem apagar em mim. Posso estar errado, mas sinto que o enfrentamento político tem causado o mesmo efeito em boa parte da comunidade LGBTQ, apesar de ser um momento de mal-estar, quando eu preciso achar otimismo em algum lugar, percebo que essa tentativa de apagamento tem exposto muitas realidades que antes eram ignoradas pelo próprio meio, como as trans, as travestis. Por mais que a comunicação ainda seja difícil, parece-me que, mais do que antes, as pessoas começam a se interessar mais a entender a realidade das outras. Me anima ver que muitos movimentos das minorias brasileiras estejam cada vez mais sendo liderados por mulheres, por trans, por pretos, por pobres, sem ter que recorrer a uma figura branca e masculina para representá-los. Na minha opinião o queer no contexto brasileiro hoje é representado por todos esses movimentos de auto declaração de classe, de raça, de sexualidade, de fé, as políticas de valorização do lugar onde você existe, de aceitação do corpo que você nasceu, de mudança de hábitos tóxicos para o corpo/mente por hábitos saudáveis, de utilização das potências que suas particularidades guardam, tudo isso para mim é a mais poderosa resposta ao estado de medo no qual somos colocados diariamente no Brasil.

Rogério: E como é estar num catálogo nacional/internacional, enquanto artista queer que muitas vezes tem que se esconder.

Ciborgue: É esquisito. Na verdade, eu tenho mais coragem porque minha família não tem contato com essas coisas, creio que eles não vão achar, e caso achem, para mim vai ser incrível, para ser bem sincero. Sempre percebi que todas essas descobertas das coisas que escondo só me fortalecem, cada vez que um lado meu é exposto, um monstro é extinguido, por mais estresse que o momento traga, quando a poeira baixa e eu sinto que esconder não é mais uma cruz a ser carregada, é confortante. Ser pego sendo verdadeiro e autêntico consigo mesmo não deveria ser traumático para ninguém. Desde que percebi que essas situações foram positivas para mim, eu ainda sinto medo, mas é prazeroso. Embora eu não tenha criado [M] com o intuito de aparecer na mídia, de chamar atenção na internet, é importante aparecer, influenciar, ser influenciado por outras pessoas. Acho que eu preciso estar no catálogo para criar redes, seja de contatos, seja de influências, seja das formas mais subjetivas. Você mesmo me achou e a gente está trocando

ideias aqui agora, por isso que eu mandei meus dados para o site, porque eu acho interessante as pessoas me acharem, entrarem em contato, não foi só você que entrou em contato comigo para pedir informações, eu gosto muito quando isso acontece, a gente se abre, se fortalece, fala dos traumas, apoia as ideias do outro. Essa é a minha sensação de estar lá, minha presença no catálogo não precisa representar nada, não precisa causar nada, mas ela guarda possibilidades que podem ser construtivas se forem exploradas.

Rogério: Você falou que esse projeto “do [M]” foi porque ele foi... você vê como uma urgência na sua vida. Se você pensasse, voltasse lá atrás, o que foi tão urgente que te levou a começar esse projeto?

Ciborgue: Acho que a gente guarda essa sensação a vida inteira, essa necessidade imensa de se conhecer, entender o corpo, a mente, a realidade, a vida. Estamos sempre nessa busca cósmica por respostas, por coisas para acreditar e apoiar nossa existência. Somos muito influenciados a descobrir o nosso “eu verdadeiro”, como se ele estivesse escondido em algum lugar secreto do universo. Vejo [M] como um rabisco na minha tentativa de me desenhar na vida, em meio a busca para me entender. Ou como um espirro, como se, sem perceber, eu tivesse acumulado poeira demais e, sem ensaio algum, um dia eu espirrei.

APÊNDICE II – Transcrição da Entrevista com *Alegoria*

I - ENTREVISTADO:

Nome do Entrevistado: *Alegoria*.

Local da entrevista: Residência estudantil da Universidade Federal do Paraná em Curitiba.

Situação da entrevista: Combinamos previamente o dia e horário da entrevista depois do espetáculo teatral Projeto Queer na noite anterior.

Tipo de entrevista: Individual.

Duração (horas de gravação): 24 mm 51ss de gravação.

Tipo de gravação: Digitalizada.

Data: (período em que foi tomado o depoimento): Matutino do dia 22/08/2018 às 09h00.

II - PESQUISA

Nome do entrevistador: Rogério Amador de Melo.

Nome dos outros membros da equipe de pesquisadores: Fernando Silva Teixeira-Filho (orientador).

Nome do técnico de áudio e vídeo: Não houve.

III - DADOS DA TRANSCRIÇÃO

Responsável pela transcrição: Rogério Amador de Melo.

Período em que foi feita a transcrição: Matutino. Data: 01/03/2019.

Número de páginas da transcrição: 08 páginas.

ENTREVISTA

Rogério: Bom a entrevista hoje é com o *Alegoria*, primeiro eu queria agradecer a disponibilidade de ter me recebido aqui para a entrevista e te perguntar a princípio, você se considera e/ou se percebe enquanto um corpo queer e por que?

***Alegoria*:** Eu não gosto muito de me rotular, sabe, é eu acho que eu já passei por fases; por fases tipo mais normativas e eu acho que conforme eu fui vivendo meu mundo foi expandindo. Então tipo, quando eu entrei aqui na casa eu tinha uma visão de mundo muito pequena, na verdade quando eu fui estudar, eu vim de uma região mais afastada, do interior do Paraná, e daí quando eu vim para estudar na capital o ensino médio, que foi aqui na frente inclusive, no Colégio Estadual do Paraná, meu mundo já se abriu. Eu descobri, eu tive mais contato com arte,

fotografia, com escultura, desenho e daí eu já fui moldando a minha mente e daí tipo, expandiu totalmente quando eu vim morar depois que eu passei na faculdade, vim morar aqui na casa e daí aqui você acaba conhecendo pessoas de inúmeros lugares do Brasil, até fora do Brasil, que tem bastantes estrangeiros aqui também. E você vai vendo o quão você é pequeno no mundo, e o quão você tem que aprender muito ainda, então eu fui me desconstruindo. Porque antes eu tinha preconceito com a gay afeminada, homem não pode se vestir de mulher porque é ridículo. Eu achava meio que engraçado, hoje em dia, eu tipo vejo como algo natural, então tipo eu tento sempre estar me desconstruindo. Eu não posso falar eu sou, sei lá, talvez eu seja queer, eu acho que sou muito gay (gargalhadas). Se isso for ser queer, pelo que eu sei, então eu sou uma pessoa queer. Diferente, que está ali, aprendendo, buscando aprender, talvez cada dia mais queer, no caso.

Rogério: Entendi. É, porque na verdade eu pergunto, porque por exemplo, você participou de um projeto que tem o nome dele como Manifesto Queer, na verdade, né.

Alegoriã: Aham.

Rogério: Então você pode dizer...poderia pensar então que você expressa o queer em alguns momentos da sua vida ou só na arte, ou algo assim?

Alegoriã: Eu acho que são em momentos, porque a gente acaba aprendendo que tem lugares que você tem que se comportar de tal forma, que tem um protocolo social. Não deveria ser, penso assim, que você só pode expressar como você quer em determinadas situações, talvez por medo, por represarias, por inúmeros motivos. Então, deixa ver se eu consigo responder de forma clara, porque as vezes eu delongo.

Rogério: Não tem problema.

Alegoriã: É...(risos). Eu me vejo como uma pessoa queer, sim então, é...e eu me expresso na maior parte do tempo onde eu me sinto seguro e onde eu posso, porque ser queer está muito, além de ser queer e ser gay, no caso, está muito atrelado a você sentir medo, é o que a gente fala lá na peça, que eu falo pelo menos. A minha parte assim, que eu tentei passar com os meus textos tipo, o medo que a gente convive desde criança quando você percebe que você é diferente, sabe. Então por cautela você acaba, falando tá, nesse lugar eu não posso ser totalmente o queer que eu sou, e nesse daqui eu posso ser totalmente, posso ser até um nível a mais, assim, de viado. Então eu acho que eu busco, momentos em que eu possa estar bem comigo mesmo, talvez que por isso eu me prenda muito na arte, porque eu gosto muito de criar. Eu gosto de criar, fazer máscaras, fazer roupas, fazer desenhos, esculturas também e quando eu vou para aula de modelagem que é a aula de escultura, eu acho muito chato pessoal que fica fazendo vasinho, caveirinha. Eu não consigo sabe, eu gosto de criar sim. E as pessoas

perguntam, de onde você tira suas ideias? E eu falo, não sei, simplesmente vem, sabe. Talvez o que eu seja, eu transmita em tudo que eu toque, e eu me sinta seguro para transmitir aquilo.

Rogério: Quais foram, por exemplo, as motivações, os interesses que te levou participar do projeto? Porque eu lembro que na época, quando o Vampiro colocou no facebook, procurando artistas queers, ele deixou bem claro que deveriam ser pessoas que se considerassem como artistas queers. Então, qual foi seu interesse?

Alegoria: Eu já trabalhei em algumas peças, só que tipo, todas as peças eram com o mesmo pessoal. Todas as peças que eu participava, eu só fazia...eles só me davam vilões. O diretor só me dava vilão para fazer, vilão, vilão. Era comédia e eu era o vilão da comédia. Não sei, porque talvez (risos) as pessoas acham que eu tenha uma cara de vilão assim, e daí na última peça eu lembro que era com esse antigo diretor e ele me deu três personagens da mesma peça, e os três eram vilões. Eu fiquei saturado assim, ah daí eu larguei por um tempo, fui buscar conhecer outras coisas e daí eu tinha o Vampiro, eu tinha assistido acho que duas peças dele já e eu tinha gostado muito. A primeira vez que eu assisti eu era um adolescente, eu acho que eu tinha 17 anos e eu nem na faculdade estava ainda. Quando eu vi aquilo, eu falei meu, eu quero trabalhar com isso. Eu quero um dia poder trabalhar com o que eles estão fazendo. Eu acho que o nome da peça do Vampiro era “AAA” com a Maitê Schneider, e eu achei sensacional assim sabe; e daí quando, eu adicionei ele no Face e quando surgiu essa oportunidade que foi no começo desse ano, não foi no final do ano passado e ele começou a ensaiar no começo desse ano. E daí, ele falou que precisava de pessoas assim, e eu falei meu, está aí a oportunidade de talvez eu experimentar algo que eu queria e sair da minha zona de conforto e tentar algo novo. Daí eu fui lá e falei, eu quero participar e daí surgiu o que; surgiu umas seis pessoas pelo que eu lembro, no fim só restou eu, o Fãuno e o Vampiro. E aí a gente falou, não, a gente não vai desistir, a gente vai fazer e fizemos assim. Teve os erros assim, o processo não foi muito fácil, porque você...eu nunca tinha trabalhado com pessoas tão experientes e as vezes é difícil lidar com o processo criativo de outras pessoas, que tem muita, muita experiência. Então, eu só mais observava o que eles estavam falando e o que eles estavam criando, e eu tentava tirar o máximo possível para aprender com aquilo. Mais basicamente foi assim que eu me interessei, porque eu queria tentar algo novo no teatro, porque eu estava cansado de fazer o velho já (risos), que eu sempre fazia. Não vou aguentar mais fazer vilão.

Rogério: Antes desse contato com esse projeto, você já tinha algum contato ou já teve com os estudos, com o termo queer? E quando foi? Você já leu alguma coisa ou estudou alguma coisa nesse sentido?

Alegoria: Eu já li, é um pouco sobre é... a gente vê na verdade, mais o pessoal...eu vi mais sobre isso na faculdade, tipo conhecendo pessoas, fazendo amigos em balada, conhecendo drag queens e tipo, vira-se meio que uma palavra recorrente, sabe, desperta aquele interesse: tá, vou pesquisar. Daí o que eu sei sobre o queer é que tipo, são pessoas que de certa forma tentam transgredir as ordens de normatização das coisas e de certa forma buscam ser elas mesmas, não ligando para os julgamentos. É difícil não ligar para os julgamentos e remota de muito, acho que de 1500; alguns falam 1500, mas tipo, é vem do sentido alemão, só que em 1900 e pouco ele ganhou no dicionário...é uma história longa lá. Eu li há um tempo atrás sobre, para tentar me aprofundar um pouco mais, mas assim, datas eu sou péssimo (gargalhadas).

Rogério: E como é, por exemplo, como você falou que teve pouco contato com esses estudos, que foi buscar conhecer. E você até trouxe que o contato com essas pessoas que mostram que é uma transgressão do que é normativo, do que é regrado na verdade. Como que é isso para você na sua vida? Se você vive isso mesmo na arte, expressando essa transgressão do queer; vamos pegar da peça em si. Você vive isso no seu dia a dia, onde você mora, com as duzentas pessoas que você mora. Como é essa questão? Muitas vezes, somos gays e tentamos “mascarar” algumas coisas, igual você falou, para de repente não sofrer, não passar por alguma coisa. Mas o queer já vem transgredir isso, como é isso para você?

Alegoria: Sei lá, eu tento...eu acho que grande parte das pessoas, elas tentam ser aceitas de alguma forma pelas outras, sabe. Eu lembro uma história meio chata que eu tenho, que foi no começo da faculdade. Eu comecei a fazer minha primeira pesquisa no primeiro semestre já, porque meu objetivo também é fazer mestrado e doutorado, me tornar professor universitário. Só depois de um tempo que eu fui saber disso, que tinha um outro doutorando do laboratório que também era gay, ele me contou que tinha uma mulher, que era Andreia, e eu tinha uma foto com a Inês Brasil no facebook, e ela não tinha ela no Face. Ela pegou entrou no meu Face, tirou um print e mostrou para o meu orientador, falando que aquilo era meio que imoral e eu nunca iria conseguir um emprego. Daquele jeito, sabe. Eu fui saber disso muito tempo depois, que o Paulinho contou para mim, que isso tinha acontecido. Eu fiquei muito chateado sabe, porque, a que ponto as pessoas chegam, de querer te prejudicar, só por você ser o que você é. O que eu sou, no meu íntimo, no...digamos, com os meus amigos não quer dizer...isso não afeta nada no meu trabalho. Não tem nada a ver, as pessoas têm que aprender a distinguir, trabalho da sua vida pessoal e muita gente não consegue, sabe. Eles acham que só porque você faz tal coisa, tal coisa no seu dia a dia, você vai fazer também no seu trabalho. E, assim, depois disso eu comecei a dosar sabe, um pouco; foi o que eu disse na questão daqui eu não posso fazer isso, lá eu não posso falar aquilo, aqui eu posso, aqui também posso. Então, hoje eu passei por essa fase, tentar

me moldar. Tentar, tá carreira, blá, blá, blá... mas agora eu estou um pouquinho mais frouxo, sabe. Hoje em dia eu tenho uma orientadora maravilhosa, que é a professora Dagma, ela é super nova e eu adoro ela sim. Ela é uma pessoa super compreensível e amor eterno por ela. Então, hoje em dia eu tento mais mostrar para as pessoas da faculdade que eu sou assim e que não tem problema nenhum, sabe. Às vezes eu me sinto uma alegoria no meu curso, porque tipo, viado é alegoria lá, você quase não tem, mas você sabe é os enrustidos. E daí falam tipo, a alegoria chegou. Pessoal acha estranho, é um pessoal mais que vem, tipo, do interior também e não tem contato a vida inteira com viado. É, digamos se sente, aquelas pessoas que logo depois da...eu não sei explicar isso (risos de ambos). Eu ia fazer uma comparação com uma série que eu estava assistindo, mas é meio complicado. É, mas então hoje em dia eu me sinto um pouco mais livre sim, mas mesmo assim, tem momentos que eu tenho que ficar sério. Mas eu acho que é com todo mundo, que você tem que se portar um pouco diferente, você não pode usar certas palavras, não pode fazer certos trejeitos, tem que se vestir de tal forma; mas é aquela coisa né, eu acho que as pessoas deveriam começar a tratar como normal sabe, porque você é só um ser humano igual eles, e não é só porque eles gostam de arroz que você tem que gostar também.

Rogério: Então, por exemplo, eu assisti à peça, o *Alegoria* que eu vi no palco, ele tem aquela expressividade apenas em alguns momentos? Você se daquela forma, mais pela arte do que na vida mesmo?

Alegoria: Não sei se eu entendi.

Rogério: Por exemplo, claro é uma peça teatral, mas toda performance, a maneira de se vestir, a maneira de você se portar, a maneira de você lidar com seu próprio corpo, etc.; pelo que percebi, você reserva espaços para você viver isso.

Alegoria: Isso. Quando você está em cima do palco, não é você sabe, é algo totalmente diferente. Você se sente mais livre para fazer algumas coisas. A gente aprende no teatro que existe você e existe, digamos, a sua essência e é uma máscara que você usa. A mulher que trabalha em uma telefonia e fala daquele jeito, ela não é aquilo na casa dela. Você como professor é uma coisa na frente dos seus alunos e quando você está com seu parceiro ou com alguém bem íntimo, você é totalmente outra pessoa. A gente é cheio de máscaras e as pessoas tem muito medo de tirar essas máscaras, porque as pessoas tem medo de sofrer; que sejam atacadas só por serem quem elas são. Então, quando eu estou no teatro eu sinto que eu posso me expressar de uma forma muito mais abrangente, que eu posso ser qualquer coisa no teatro, entendeu, é por isso que eu gosto do teatro. Então, eu me sinto mais livre no teatro para ser inúmeras personagens e inúmeras personalidades, tipo ser, não quem eu sou, mas ser talvez

uma pessoa diferente. E normalmente, muitas vezes eu trago parte daquilo que eu crio para o teatro, para minha vida, porque você acaba também aprendendo com aquele personagem.

Rogério: Mudou alguma coisa, você consegue perceber nesse tempo de espetáculo, que foi até março ou maio e agora em agosto. Mudou algo no *Alegoria*, apresentando essa proposta queer?

Alegoria: Eu tive coragem de convidar pessoas da faculdade, eles foram assistir e gostaram sabe. É, eu acho que eu busco, como eu disse, sempre estar tentando aprender e absorver um pouquinho mais de cada um. Então, eu acho assim que, eu estou sempre mudando, então tipo, algumas mudanças não são tão perceptíveis agora, mas talvez daqui há alguns anos eu fale, nossa que legal. Talvez eu tenha melhorado um pouco a maquiagem (gargalhadas de ambos). É porque na outra temporada, que foi muito tempo de apresentação, eu fazia uma maquiagem totalmente diferente. Eu colava papéis na minha cara, papéis como se fossem espinhos na cara inteira, aí eu fazia uma maquiagem que era tipo o olho...era tipo lágrimas escorrendo pretas. Eu estava tentando de certa forma naquela temporada expressar, sei lá que as coisas que eu sofri durante toda minha vida, todo esse medo que me seguiu por muito tempo e não sumiu totalmente ainda, é claro, fizeram criar meio que uma barreira, e são espinhos sabe. Só que daí o *Vampiro* e o *Fauno*, ficavam tirando sarro, falando que eu era uma monstra, e daí eu falei dessa vez eu vou fazer diferente. Vou fazer algo mais drag padrão, assim, balada. Daí eu fiz, o *Vampiro* não gostou, ele falou que preferia a outra. Aí eu falei, o que você quer (risos). Mas eu busquei estar mudando, talvez para tentar... talvez eu achasse que eles não estavam aceitando muito bem o personagem que eu criei, a forma de maquiagem que eu crie. Eu tentei me adaptar e daí eu fiz outra coisa que eu achei legal também, na verdade eu gostei dos dois sabe. Mas foram momentos diferentes, naquele momento eu achei que deveria passar aquela mensagem e agora eu achei que deveria passar essa. E do meu ponto de vista não está errado sabe, eu acho que você tem que estar mudando sempre, busca aprender e quando você vê uma pessoa errando, ou falando alguma merda, você não pode julgar muito. Eu sei que o julgamento é uma coisa difícil, de não se vir a mente, por exemplo, quando alguém fala alguma cagada, digamos assim, você tem que buscar talvez entender o que essa pessoa passou, as vivencias que ela teve e o porquê ela ser daquela forma, e você tenta de certa forma conversar de uma forma pacífica e não agressiva. Tentar, talvez, desconstruir um pouco. Como eu disse, eu já fui essa pessoa mais reservada, mais digamos, bem ao pé da letra, preconceituosa e eu fui aprendendo. Pessoas foram me desconstruindo. Conhecer pessoas diferentes, viados bem viados, foram me transformando e me moldando, entendeu. Então eu acho que, eu vou aprendendo com as outras pessoas, e eu busco também, ajuda-las a aprenderem um pouco comigo. Então sim, eu acho que eu mudei, nesses meses um pouco.

Rogério: Na sua opinião, o que seria o queer hoje no Brasil?

Alegoria: Referência a artistas, assim?

Rogério: O que você sabe do queer, do que você aprendeu nesse projeto dessa questão subversiva. Diante desse cenário que você tem do queer, o que seria para você? Qual seria na sua opinião o queer no Brasil hoje?

Alegoria: Para mim, são as bichas afeminadas que saem e dão a cara a tapa. Porque, se tem muito manifestante de internet sabe, só fica ali, ah vou protestar aqui no meu facebook e não sai dar a cara a tapa. Não adianta nada, você sentado no seu sofá, você não vai mudar merda nenhuma. Então, para mim são as pessoas que saem e dão a cara a tapa, fazem essa peça igual essa do Vempiro. São cantores que cantam sobre isso, sobre esse amor marginal, tipo Johnny Hooker, não sei se você conhece.

Rogério: Eu acho que devo ter lido em algum lugar, mas acho que ainda não conheço não.

Alegoria: Ele é um cantor, fui num show dele de estreia do seu segundo álbum que ele veio fazer aqui em Curitiba, foi maravilhoso. Ele canta sobre o amor marginal, e ele lançou uma música linda com o Liniker, que se chama “Flutua”, que conta a estória de um romance de dois meninos surdos.

Rogério: Ah eu vi o clipe.

Alegoria: Nossa, é muito bonito. São pessoas assim, por exemplo, Liniker, Johnny Hooker. Diretores que buscam trabalhar com isso e sair do normal. Artistas...eu tenho um amigo aqui, não sei se ele está na casa ainda, porque faz tempo que não vejo ele; mas ele me convidou para uma mostra agora que ele faz uma exposição no Solar do Barão. Ele pegou, acho que todas as vítimas que teve naquele período de ano e fez estilo gravura, eu acho, representando como cada uma morreu. Tipo, o nome da pessoa sabe. Nossa foi bem bonito. São pessoas assim, que tentam mostrar o que esse preconceito está causando, não só para as gays afeminadas, mas para as gays padrão, para sapatão, como para as trans, para tudo sabe. É um gay que morre por dia, só no Brasil. É preocupante assim, sabe, quantas vidas mais, estão sendo perdidas porque a gente fica protestando no facebook, ao invés de sair e fazer as coisas diferentes. Cantar sobre. Atuar sobre. Desenhar sobre. Falar sobre com outras pessoas também. Foi interessante, que na peça eu levei os amigos da faculdade e eu senti mais aceitação do povo hétero, durante a peça, do que do público gay, principalmente nesse último dia. E esse último dia foi bem bagunçado, a gente só ensaio uma vez; não concordo muito né, de ensaiar só uma única vez. Só que é o estilo deles de trabalhar. Aí eu percebia sabe, porque eu gosto de manter contato visual no palco, eu falo e tento olhar para as pessoas. E eu via que as vezes tinha umas gays assim tipo com uma cara, isso também foi recorrente nas outras apresentações, mas não tanto como aquele dia. Eu acho

que tinha um pessoal muito normativo naquele dia. E eu achei muito interessante como os héteros...sabe meus amigos mesmo vieram falar, nossa...tipo, tem mais gente que vê isso, é importante, foi muito legal. E eu acho que é isso, nossa peça deveria ser proibida de viados irem assistir, deveria só ir os héteros, porque eu acho que meio eles tentaram entender de certa forma o que estava acontecendo e eles gostaram do que viram. Porque vieram falar comigo sabe, daquilo e enquanto as gays algumas ficaram, ah não sei...

Rogério: Mas você tem uma ideia, tem uma opinião sobre isso, já que foi uma coisa recorrente, das pessoas LGBTQIA+ agirem dessa forma?

Alegoriø: São as mais normativas, ou o motivo delas terem ficado, talvez porque elas achem que...talvez elas não entendam o que é o queer né. Porque o nome da performance é Projeto Queer. Se você vai, uma padrão que não lê sobre, digamos assim, as padrões. Porque eu via muito era aquelas gays padrões, aí eles acham que estamos estigmatizando, ridicularizando o que é ser gay. Não, a gente só está mostrando uma vertente do que é ser gay, existem inúmeras sabe. É LGBTQIA+ e vai o alfabeto inteiro. Talvez eles não tenham o discernimento total ainda, eles estejam presos nessa bolha deles, de achar que a gente está tentando representar o que eles são. Mas na verdade não, a gente está tentando representar uma camada só, do que esse leque de opções é. Sabe, do que é ser gay, do que é ser lésbica, do que é ser sapatão e talvez por isso, ao meu ver sabe. Porque quando tem um personagem que é super afeminado em uma novela, assim não que eu assista televisão, porque eu não tenho TV (gargalhadas de ambos); mas quando eu assistia, quando lia coisa da internet sobre...ah eles falavam ah vocês estão ridicularizando o que é ser gay. Sim, tem certas coisas que estão sendo ridicularizadas, mas o próprio nome da peça já é Projeto Queer. É bom buscar ler um pouco sobre o que é ser queer. É o que eu disse acho que eles não...algumas pessoas não entenderam que nós não estávamos tentando representa-los. Estávamos tentando representar, o que nós somos ou o que uma camada é.

Rogério: Queria agradecer a entrevista, muito obrigado pela disponibilidade. Pela peça. Foi um prazer ter assistido à peça, foi bem interessante, queria ter vindo nas outras temporadas, mas não deu. Queria agradecer a disponibilidade, de em um domingo de manhã, nesse frio, estar aqui para gente estar conversando.

Alegoriø: Eu que agradeço, foi um prazer receber você na peça e receber você aqui, nesse quarto pequeno e gelado (gargalhadas de ambos) em Curitiba. E precisando, estamos aqui e eu gostaria depois de ler também sua tese quando sair, que estará disponível em todo a web né (risadas).

Rogério: Espero (risadas).

APÊNDICE III – Transcrição da Entrevista com **Bichã-Pretã-Afeminãdã**

I - ENTREVISTADO:

Nome do Entrevistado: Bichã-Pretã-Afeminãdã

Local da entrevista: Via WhatsApp

Situação da entrevista: Combinamos previamente o dia e horário da entrevista que aconteceu de forma virtual, devido não termos conseguido nos encontrar presencialmente em SP.

Tipo de entrevista: Individual.

Duração (horas de gravação): 1 h 08 mm de gravação.

Tipo de gravação: Digitalizada.

Data: (período em que foi tomado o depoimento): Noturno do dia 04/07/2019 às 19h00.

II - PESQUISA

Nome do entrevistador: Rogério Amador de Melo.

Nome dos outros membros da equipe de pesquisadores: Fernando Silva Teixeira-Filho (orientador).

Nome do técnico de áudio e vídeo: Não houve.

III - DADOS DA TRANSCRIÇÃO

Responsável pela transcrição: Rogério Amador de Melo.

Período em que foi feita a transcrição: Matutino. Data: 07/10/2019.

Número de páginas da transcrição: 15 páginas.

ENTREVISTA

Rogério: Então hoje eu estarei entrevistando a Bichã-Pretã-Afeminãdã do projeto Cidade Queer e, a primeira pergunta que eu tenho para você, é se você se percebe ou se considera como um corpo queer e por que?

Bicha-Preta-Afeminada: Bem, eu entendo meu corpo como um corpo em transito. Essa definição é até um pouco mais ampla, porque todo corpo está em transito, a gente envelhece, a gente adoce, então a gente está sempre transitando para coisas diferentes. Aí eu entendo, a minha construção de masculinidade, de gênero, de sexualidade inclusive, como um transito; uma permissão de performar coisas diferentes, de maneiras diferentes. Não são o padrão ou o

mais comum, é esse o exercício, eu me vejo como uma figura em transito, uma figura em desobediência de gênero; porque eu entendo o queer como uma desobediência de gênero. Então, eu estou desobedecendo um padrão de gênero que foi criado, construído e mantido para mim, para o meu corpo, para o seu e para os corpos e aí eu faço esse questionamento. Qual é o limite da roupa que eu vou usar, que vai ser considerada feminina, que vai ser considerada masculina, que vai ser considerada não-binária? Quais são os limites que eu posso tensionar nisso daí? Para você ter uma ideia, a primeira vez que eu me vesti só com vestido, maquiagem e aplique, era em uma festa queer e o pessoal me recriminou muito, por eu estar querendo tomar o lugar das travestis. Não, não era isso! Era um exercício mesmo de descobrir meu corpo, de experimentar aquela roupa, aquela maquiagem, aquelas possibilidades que estavam dadas ali naquela circunstância. Então é essa é minha ideia, desobedecer ao gênero, pensar esse gênero de uma maneira diferente, encarar e assumir que nós estamos em disputa, estamos em luta; não está tranquilo a questão de você desobedecer ao gênero, mas assumir isso; pois a gente está em luta tanto com pessoas heterossexuais, com pessoas cis, como também a gente está em luta com modelos de transexualidades mais conservadoras, que é totalmente binário, onde se eu faço a transição do feminino aí eu tenho que ser a mulher mais feminina, se eu faço uma transição para o masculino eu tenho que ser o homem mais masculino. Então, a disputa também se dá aí e, se dá nas sexualidades, entre LGBTs, principalmente entre gays; entre gays a gente têm isso, se eu não me maquiar é mais possível, é mais fácil que em uma festa, eu beije alguém; agora maquiado, já cria mais conflitos, já cria ruídos do entendimento que a pessoa terá e o desejo que ela vai expressar ou não.

Rogério: Bichə-Prətə-Afeminədə você fez parte do projeto Cidade Queer e também está dentro do Catálogo do [SSEX BBOX] como um artista queer. Então, quais foram as motivações e os interesses que o levaram a participar do projeto Cidade Queer?

Bichə-Prətə-Afeminədə: O Cidade Queer ele nasce de um jantar, a Janta Queer, que nós tínhamos mensalmente em um casarão antiguíssimo de 1920 lá em São Paulo e aí a gente se encontrava. Surgiu essa ideia se não me engano, do Tiago Carrapatoso, Todd Lester e o dono da casa Paulo Goya; aí tínhamos o compromisso de ir lá jantar e trocar com as pessoas. Nessas circunstâncias, foi que eu conheci o João, o Claudio, Aretha Sadick, o Félix, várias pessoas eu vou conhecer nesse lugar. Então, quando surge a ideia dos meninos de fazer essa residência, eles me convidam afetivamente, como amigo deles e aí a gente vai fazer descobertas ali que vão além do que era o primeiro escopo; porque para mim era apenas encontrar os amigos e estar todo mundo juntos; só que ao trazerem o pessoal que vive a cultura ballroom, isso tudo foi abrindo possibilidades de conhecimento e reconhecimento do meu corpo, ali naquele meio, para

além do queer que a gente enxerga aqui, que é um queer mais acadêmico, que também é válido e também existentes; mas a gente começou a ver o queer como uma coisa mais das vivências marginais. Não sei se você ouviu falar do Vitor Grunvald, ele é um pensador, antropólogo que ministra alguns cursos sobre o queer e em um deles eu participei, que se chamava Guerrilha Queer. Então, a gente ia fazer um filme em cima das experiências queer e nessas circunstâncias, começa juntando a residência e essa vivência com Vitor Grunvald, eu começo a perceber que o queer ele supera e ele não cabe só no pensamento organizado e acadêmico; ele tem história também que era das vivências pessoais, particulares e que não se repetem; então é esse o caminho. Então eu vou participar do Cidade Queer, primeiro em uma questão mais afetiva e depois em uma descoberta continua de aspectos, como por exemplo, que não é evidente no queer, a questão da negritude. A gente não fala do queer com a negritude, mas lá no Cidade Queer, na Explode Residência, o João tem uma sensibilidade imensa, tanto que a metade das pessoas que estavam lá eram negras, metade eram brancas ou não-negras, porque também tinham asiáticos. Então tinha sempre esse cuidado, de você ter a discussão das negritudes possíveis ali dentro, junto com aquelas pessoas que estavam ali. Então, era uma descoberta do queer para além, você começava a ver o queer como toda dissidência; a dissidência de gênero era importante, mas tem a dissidência de padrão estético, tem a dissidência de várias coisas; tudo que não se encaixa naquele padrão, naquele lugar da princesa da Disney ou do príncipe da Disney, se apresenta como uma dissidência. E é esse o lugar, esse é o motivo de eu estar ali. Claro que antes, eu já tinha estado lá no [SSEX BBOX], participei da 1ª. Conferência do [SSEX BBOX], mas depois eu acabei me afastando deles.

Rogério: Como eu havia mencionado, eu encontrei seu perfil também dentro do Catálogo de artistas queer do [SSEX BBOX], como é isso para você, estar em um catálogo nacional e ser considerado um artista queer, o que é isso para você?

Bichø-Prætø-Øfeminøðø: É uma novidade, eu não sabia. Mas tem isso, importante estar transitando nesse espaço, pois o reconhecimento vai se expressando quando vai saindo e perdendo o controle; o reconhecimento ao inverso do que a gente pensa, não é algo estanque e nem algo controlado. O ser reconhecido por alguém que nunca te viu ou viu alguma coisa sobre você, você ser reconhecido em um catálogo que você nem sabe que está. Tem uma artista daqui de São Paulo, chamada Micaela Cyrino, ela fala sobre HIV e fala sobre as questões da população negra e o HIV, da transmissão vertical; ela tem HIV pela transmissão vertical. Estou falando dela, porque há um tempo atrás um amigo nosso foi para Holanda em um seminário e tinham livros da Micaela participando, tinham jornais com fotos dela, tinha um monte de coisas com ela; ela não estava no seminário, mas existia uma influência do pensamento dela que

superava ela própria, a presença dela. Então, o sentimento do catálogo do [SSEX BBOX] é esse, é legal me sentir como reconhecido, inclusive porque a gente já tem uma relação próxima, a gente troca eventualmente alguma coisa, mas já não tão próximos; até porque o [SSEX BBOX] traz uma visão do queer bastante estadunidense e também uma negação de questões como a existência do HIV. Entra em conflito com militâncias que me interessam, eu quero falar do queer como uma identidade sudaca, eu quero falar como uma identidade brasileira porque a gente tem um queer muito único. Há um tempo atrás, acho que uns três anos atrás, teve uma mesa do pessoal lá de Grajaú e eles fizeram uma mesa chamada: “Queer que porra é essa!?”, para falar justamente disso que, o Grajaú que é um bairro pobre do extremo sul de São Paulo, ele está produzindo essa cultura, mas essa cultura ela não se expressa na academia; eles não estão acessando a academia, eles estão produzindo. Quando você pensa a Linn da Quebrada, Jup do Bairro, são corpos e identidades queer, mas que não necessariamente fizeram essa formação; a Jup já era queer antes do termo ser colocado para ela e antes dela estar junto com a Linn, ela já era queer, ela já tinha um corpo que incomodava, um corpo expulso. Eu lembro de duas situações pelo menos que a Jup é expulsa de lugares; uma delas em uma festa do [SSEX BBOX] que acharam que ela era uma artista e aí ficaram resistentes com a presença dela e outra no São Paulo SP-Arte, que ela foi se apresentar e saiu para fumar e não deixaram ela voltar; que consideraram que o corpo dela não era adequado para estar ali dentro. Como é que aquela pessoa negra, gorda, com aquela voz, com aquela performance de gênero se sentia pertencente a um espaço de construção de arte e de pessoas com um poder aquisitivo maior? Então, eu enxergo essa coisa do queer, claro é importante essa apropriação do termo que estamos falando, mas a gente ultrapassa ele; a gente descobre que é como se fosse uma linha horizontal o queer, ao meu ver. A gente vai caminhando para ele e a gente descobre mais corpos inadequados, como a Leandrinha Du’Arte, por exemplo, que é uma pessoa com deficiência e está lá; ela também é uma pessoa queer, é trans e é uma pessoa com deficiência. Então, olha que combo delicado, ela só tem o privilégio de ser branca, mas qual o peso disso! Não dá para gente mensurar tão fácil, não é tão evidente isso daí. Então, a gente está em uma geração, eu, você e essas pessoas que eu estou citando eventualmente aqui, de construção de uma outra imagem, uma outra ideia de gênero. Também entendo que isso tem limitações, como teve com o Dzi Croquette, pois se você pensar Dzi Croquette em 73/74, não lembro ao certo o tempo que eles existiram, você imagina que na sequência, você teria uma abertura de gênero, de sexualidades, de possibilidades imensa; acabou não sendo isso. Você chega ao final dos anos 70, tem as Frenéticas que estão ligadas ao Dzi Croquettes, mas você também tem nos anos 80 e 90 o advento da epidemia do HIV que embota tudo isso; que começa uma perseguição maior em São

Paulo às travestis, a gays e aí os gays passam a ser mais normativos, os gays começam a ter bigode, eles renegam a feminilidade possível neles. É até engraçado, quando você conhece bichas mais velhas, por mais afeminadas que elas sejam, elas ainda conseguem achar que você é mais afeminado que elas. Eu não sou afeminada, fulana que é; é o Rogério, é a Bichə-Prətə-Afeminədə, é tal pessoa. São outras pessoas, aquelas pessoas não são; porque é uma maneira de se defender e de pertencer a uma sociedade, da qual ela foi negada. É um caminho também, a gente querer pertencer a um universo que nos é negado; alisar o cabelo se é negro, super se masculinizar sendo gay, isso também é um caminho de aceitação. Por isso que eu sempre repito essa questão da desobediência, porque é um desafio, é difícil porque você vai desobedecer e o que você vai colocar no lugar; não dá para criar o queer como um novo padrão, que aí a gente perde a noção desobediência. Então eu não posso cobrar que você use as mesmas roupas que eu uso, que o João (eles chamam muito de Mama Jo) se posicione da mesma maneira que eu, apesar da gente ter uma questão de gênero muito parecida, por sermos negros e tudo, mas ainda assim existem diferenças. Diferenças de acessos, de viagens, de coisas e de interesses também; de como a gente vai se maquiar, de como a gente vai se colocar, como a gente entende nosso corpo. Por exemplo, o Flip Couto que faz parte da AMEM também junto com o Félix, ele já é uma bicha mais naturalmente normativa; você olha para ele, ele tem todos os padrões de um cara masculino, voz forte, corpo musculoso e tudo mais. Hoje ele tem um parceiro, Gil, que questiona gênero e ele também começa a questionar gênero por influência de várias coisas e que tem esse parceiro. Então, você já vê o Flip naquela posição que é muito comum que as gays criticam muito, falam assim: Você precisa fazer isso? Um cara tão bonito, tão desejável, ele precisa usar um batom? Ele precisa passar uma sombra? Ele precisa usar um vestido? Precisar não precisa, mas é uma possibilidade. Isso é uma coisa que é muito comum para mim, porque eu faço bastante, porque eu entendo como militante, das causas negras, das causas de pessoas convivendo com HIV, dos interesses da igualdade de possibilidades e da luta de classe e vendo isso como questão LGBT. Pois, ninguém é mais importante que o outro, mas são todas em algum momento se acrescentando, em outros conflitos; movimentos negros, por exemplo, apresentam grandes problemas com LGBTs. O movimento LGBT ele é racista. As esquerdas são homofóbicas e são racistas. O movimento de pessoas convivendo com HIV é um movimento que quase não consegue ser incluído, se você pegar a Parada de São Paulo, tem um médico maravilhoso que faz esse debate recentemente, ele propôs na Parada de São Paulo que se falasse sobre HIV; mas a todo tempo as pessoas ficam falando, ah a gente não pode ficar falando sobre isso, não porque tem estigma e a gente não quer voltar com esse estigma. Então existe um conflito nessas pautas todas, mas também eu enxergo que esse momento é um

momento transformador, é um momento que a gente está conseguindo, ainda com essa questão de Bolsonaro e tudo, a gente ainda está conseguindo falar sobre essas coisas, mesmo que as bichas mais normativas, elas olham para a gente e elas falam: olha aquela bicha, é uma bicha que está lacrando, que está desobedecendo gênero, aquela bicha é queer. Então é isso, a gente também tem um lugar de reconhecimento do que a gente está fazendo; igual o Dzi Croquette, naquele momento as pessoas viam apenas como um desbunde e hoje a gente tem um discurso, uma narrativa que a gente consegue enxergar as questões queer, as questões políticas que também estavam ali.

Rogério: Como e quando se deu seu primeiro contato com o termo queer ou com os estudos e perspectivas queer?

Bichø-Prætø-Dfeminødø: Meu primeiro contato é com o [SSEX BBOX], na verdade não, eu tive um contato antes. Saiu uma revista falando sobre a estética queer, ainda em um viés bastante acadêmico o artigo, aí eu li e eu achei aquilo muito interessante, foi até um amigo super normativo que me indicou e falou: olha, lê e veja o que você acha, que eu não consegui entender isso daí. Acabou que isso despertou em mim interesse em saber como é que funcionava isso, claro, no começo a gente sempre quer saber os limites das coisas; aí você lembra que você não consegue dar conta desses limites. Então foi esse o primeiro contato, depois eu passo a participar do [SSEX BBOX], em um momento que o Pri não estava no Brasil ainda, ele estava nos Estados Unidos e aí se começa a montar a 1ª. Conferência [SSEX BBOX]. Nesse momento, eu participo administrando a página, vou fazer uma junção do Revolta da Lâmpada, que é um coletivo que eu faço parte, com o [SSEX BBOX] e a gente produz juntos o Amazonas do Fervo; mas veja, é difícil você fazer essas junções também, ainda que tenham coisas em comum. Depois eu vou fazer a apresentação do Cidade Queer, em uma das conferências do [SSEX BBOX], ainda na época com o Mix Brasil; aí eu vou lá e falo do Cidade Queer junto com o João, com a Mavi Veloso, Aretha Sadick, com esse povo todo, o Flip também, o Félix, discutindo como é que foi esse momento de produzir. E hoje, por exemplo, eu estou envolvido lá com o livro Lacração, do cenário queer de Jundiaí, que é a cidade onde eu moro; depois agora estamos em uma exposição que é colocar as fotos do livro na rua e ver a reação das pessoas com essas fotos. Tem um trabalho que um artista faz, de mudar as roupas com a sigla HIV, HIV positivo; então estava lá a foto dele com o HIV positivo no peito. Foi essa uma das reações que a gente também prospectou e também estamos pensando em outras, outros projetos com esse objetivo; porque naquele lugar que eu falei, do pessoal do Grajaú, o queer não se localiza necessariamente no centro de São Paulo, que é um lugar fácil da gente ver isso, pois eu consigo andar no centro de São Paulo, por exemplo, maquiado. Na Parada, eu consigo andar maquiado

e tudo mais; em Jundiaí já não é a mesma coisa, no Grajaú talvez não seja a mesma coisa; até porque tem lugares estanques do gênero. Se eu morasse no Grajaú e me maquiasse, eu seria entendido, necessariamente como uma travesti. Então, ali minha pertença ao mundo gay seria questionada, inclusive entre os LGBTs daquela região; pois são lugares mais determinados. Então, a gente precisa fazer esse questionamento, por isso que me interessa essa movimentação, aqui em Jundiaí, nas periferias de São Paulo e onde for possível, nos partidos políticos; eu tenho por hábito que quando algum partido de esquerda me chama para fazer uma fala, eu vou me apresentar no partido, maquiado e eventualmente de vestido. Porque aí você vê o lugar que as esquerdas têm para a gente; como é que a gente consegue parar um partido para escutar uma bicha de vestido, é um desafio. Uma das vezes que eu participei, o cara que estava dividindo comigo, ele não conseguia olhar para mim, porque era constrangedor para ele pensar que o meu conhecimento era tão importante quanto o dele. E aí entra um ponto que é importante, nosso conhecimento ele é muito questionado, esse conhecimento que vem a partir das nossas vivências. No processo das intervenções nas ruas, o Lacreção, tinham parte da equipe que era uma das produtoras que era heterossexual, eu sou consultor do projeto então era natural que a gente conversasse sobre a estética queer, sobre a cultura LGBT e tudo mais, porém ela se mostrou extremamente resistente. Não estou falando claramente que ela era homofóbica, não é isso. Por outro lado, ela achava que ela podia tudo; eu sou uma mulher, bicha quer ser mulher, então eu entendo o que bicha pensa. Só que a gente está produzindo conhecimentos e pensamentos que essa heteronormatividade compulsória não dá conta e que em algum momento ela terá que se debruçar e falar onde eu me perdi aqui. Se for agora, o quanto antes, é mais fácil, mas no futuro fica cada vez mais complicado, porque a gente está criando linguagens, criando cultura, comportamentos... as próximas gerações seriam isso mais forte, porque quando você convive com LGBTs mais jovens, você vê um questionamento de gênero ali que é contínuo; ao mesmo tempo que está se relacionando com um cara, está se relacionando com uma mulher, se relacionando com uma travesti, com um homem-trans; ao mesmo tempo que não quer ter nome nenhum, não quer ser bissexual, não quer ser pansexual, não quer ser heterossexual. Há uma necessidade só de existir, experienciar essas coisas; eu tenho uma sobrinha que faz isso, ela está experienciando, agora ela gosta de mulher, mas ela não quer ser vista como lésbica; ela quer ser vista como uma pessoa que está lá saindo com mulheres. Claro, existem preconceitos também, a mãe dela fala, virou lésbica e não sei o que; mas aí ela vai se colocando nesse lugar. Então, eu acho que cada dia a gente terá mais dificuldades de fechar espaços muito limitados, por exemplo eu tenho quarenta anos, vou fazer quarenta e um anos, na teoria deveríamos estar relaxando já dando espaço para os mais jovens e não, a gente está produzindo coisas e

eventualmente com os mais jovens, lutando juntos, fazendo coisas juntos. As vezes até dizendo para eles, olha ali dá para fazer mais coisas, a gente pode criar mais coisas; tem uma questão geracional para mim. Se a gente pensar os nossos pais, eu consigo ver a minha mãe quando ela tinha 40 anos e o meu pai, eles tinham uma visão que estavam criando filhos e que já estavam estáveis, financeiramente, afetivamente. Minha mãe já era separada, quando ela tinha minha idade e para ela estava definido, você vai ter um relacionamento...sabe!? Eu não consigo ter esse nível de definição sobre mim (risos), aos quarenta anos, não consigo. Eu vejo possibilidades infinitas no meu exercício da minha sexualidade, do meu gênero e tudo mais, inclusive para daqui um ano, para daqui a dois anos; a ascensão do Bolsonaro significou uma mudança também, inclusive eu tive uma conversa com Mama Jo sobre isso, pois a gente estava menos à vontade em se montar, porque de certo modo é isso, de correr risco, ah se eu tiver na rua eu posso ser agredido. Lembro muito bem, os dias seguintes que eu fui num bar com Bella Tozini, que é a fotógrafa do Lacreção e o garçom não atendia a gente e nós não entendíamos o porquê. Só que aí a gente começou a criar uma teoria da conspiração, que ele era homofóbico, que a gente estava em risco, que a gente sairia apanhando de lá e tudo mais. Só que não era nada disso, ele estava incomodado com um cliente que estava alcoolizado e por isso ele não estava conseguindo atender às pessoas, porque ele estava muito irritado e por isso não conseguia separar a irritação dele do trabalho. Mas veja, a gente estava entendendo que tudo aquilo ali, era por causa da gente, nós éramos o centro daquele problema, por causa do Bolsonaro. É, para ser sincero Rogério, nós temos um cenário hoje menos negativo que eu imaginava, imaginava muito mais violência, um cenário muito pior; mas ainda assim tem uma validação. Se em algum momento a coisa ficar agressiva, a gente não tem aquele constrangimento social que faz com que uma pessoa se sinta... por exemplo, o racismo, nós temos o constrangimento social; a pessoa pode pensar, quando eu faço alguma coisa, ah aquele macaco, mas falar é algo que ela não se senti à vontade. Têm interdito social que as pessoas irão olhar feio, que você pode perder seu emprego como o caso do Aranha e várias pessoas que sofreram racismo, onde as pessoas que foram racistas depois foram presas e mandadas embora. Hoje ainda com LGBTs, a gente não tem isso, então as pessoas elas se sentem livres; eu estava passando pelo centro de Jundiaí, não é necessariamente referente a LGBT, mas sobre o corpo da mulher e o pastor estava falando, que a mulher ela tinha que usar a roupa certa, porque o homem não olha porque ele é culpado, a culpa é da mulher que estava com pouca roupa; a mulher tem que ser isso, a mulher tem que ser aquilo. Isso no centro de uma cidade e sem consentimento algum, ali no trânsito com pessoas andando por ali; eu até pensei em parar e fazer um vexame com ele, mas eu tinha muitas coisas para fazer; então só ficou o desconforto e eu segui em frente. Então, ainda com LGBTs a gente

tem isso, tem essa questão ainda que pesa, então a gente precisa sentir segurança nos nossos dias. Pode ser que essa segurança, no decorrer desses três anos e poucos, gere um silenciamento das identidades, pode ser que daqui há algum tempo a gente comece de novo; ah eu fale assim, ah eu não estou mais afim de ficar questionando gênero não, prefiro ficar vivo. Pode ser que seja isso, mas por hora eu acho que é uma potência desafiar isso, de falar com outras gerações, é um momento muito oportuno porque nós estamos fazendo parcerias com grupos que não eram considerados parceiros. Eu nunca fui gordo, mas eu hoje sinto uma necessidade muito grande de estar do lado das pessoas gordas e lutar contra a gordofobia. De estar do lado das mulheres, estar do lado dos homens-trans, de me reposicionar e reconhecer privilégios que eu carrego; porque é comum, bicha-preta-afeminada falar que não tem privilégios nenhum, não, eu guardo privilégios. Eu consigo transitar a noite na rua em segurança... na Parada teve um caso muito forte que, um amigo meu, branco-normativo foi furtado por uma travesti; ela furtou o celular dele. Aí ele voltou, conversou com ela, pediu para ela devolver e ela não devolveu; quando eu cheguei eu conversei com ela, falei assim, mana a gente está tudo junto, não precisa disso e ela entregou o celular. O celular que nós não conseguiríamos pegar se ela não entregasse. De alguma forma eu estou falando, de um privilégio que eu gozo, dela se sentir parecida comigo, dela se sentir tão vulnerável quanto eu, tão precarizada quanto eu. E essa minha frase, que eu mesmo não acreditava que funcionaria: “você não precisa fazer isso”, funcionou, entendeu. Então, isso não vem de algo natural em mim, esse momento de eu conseguir falar com ela, não é natural; é algo que foi criado, construído e naquele momento, foi providencial para que esse celular não fosse roubado. Isso não quer dizer que ela não vai roubar outro celular amanhã ou que ela não tenha roubado antes e coisa e tal, mas aquele momento foi próto-mutante entre a gente, a gente estabeleceu uma relação, eu e ela, e conseguimos criar essa justiça restaurativa, dela devolver para ele e a gente sair com uma impressão ótima dela; saímos agradecendo...obrigado, obrigado, obrigado. Ela já não era mais a que tinha furtado, ela era uma pessoa que, inclusive eu considero melhor que eu, não sei se na condição dela eu conseguiria devolver o celular. Porque quantas vezes erramos e a gente nega, nega, nega e não aceita que está errado; ela não, ela assumiu o lugar de um erro, do possível erro que ela tinha cometido.

Rogério: Bichə-Prete-Afeminədə, por onde e como as discussões, as propostas, as proposições queer atravessam sua história de vida (família, relacionamentos, sexualidade, trabalho, práticas sexuais, etc.) ou seria apenas na sua especificidade artística.

Bichə-Prete-Afeminədə: O atravessamento da identidade queer, de desobediência de gênero, ela começa como algo muito específico em alguns momentos com algumas pessoas e aí vai caminhando, para o reconhecimento de ocupar esse lugar. Então hoje, é esperado e desejável

que eu leve essa identidade, essa desobediência de gênero nos espaços que eu frequento hoje; espaços de trabalho, espaços de conhecimento; isso de certo modo é previsto que de quando eu chegar lá, as pessoas já preveem que eu vou estar com maquiagem, até se eu não tiver as pessoas questionam. Uma vez em um evento do PT, estava com o cabelo mais curto e eu secava ele com secador para ele ficar bem armado; aí fui nesse evento sem secar o cabelo com secador, com uma calça normal, com uma camiseta bem convencional e aí uma pessoa do setorial LGBT falou assim: Não! Você veio desse jeito? Você está desrespeitando, você não quer colaborar com a causa. Mas não é sobre isso, é aquilo que te falei antes, é uma desobediência de gênero que inclui também, eu não querer me maquiar um dia; a maquiagem não se tornou algo fundamental no que eu sou, a maquiagem é uma parte, posso usar como posso não usar. Poderia estar agora falando com você estando maquiado, podia, mas nem me ocorreu, entendeu. A sexualidade é como te falei, se eu quiser pensar sexualidade dentro de Jundiaí, eu tenho sempre que estar falando da questão de gênero; porque é uma cidade bastante conservadora, 70% dos votos foram para o Bolsonaro, então não dá para eu querer pegar um boy aqui e falar Lula livre! Não funciona. Ou até mesmo, querer colocar uma maquiagem e esperar que o cara queira ficar comigo; eu lembro até de um rapaz que a gente estava ficando e a primeira vez que ele me viu eu estava com maquiagem, sem camisa, com Kilt, uma coisa mais Dzi Croquettes, sabe. Da outra vez seguinte, eu estava de salto, de vestidinho e ele se incomodou, não conseguia fazer o mesmo contado que ele fazia antes, ele não conseguia me colocar junto com os amigos dele, porque tinha mudado o padrão. Ele não era gay, ele se identificava como hétero curioso, olha que louco. Então, na teoria um hétero curioso, ao ver uma performance feminina, não deve chocar, porém, isso para ele é importante. Então eu tenho esse exercício, de quando eu estou me relacionando com alguém, de ir trazendo o queer e educando sobre isso, paulatinamente. Porque é isso, eu ficaria muito restrito a um grupo, a uma bolha de pessoas que já estão fazendo esses questionamentos e que por fazer esses questionamentos não necessariamente, desperta o desejo. Porque o desejo da gente, ele se movimenta, eu posso sentir desejo por um cara de direita; por isso com a questão do desejo precisa-se de estratégias de aproximação que não sejam necessariamente as de enfrentamento, que as vezes cabe; até é porque como eu te disse, também não quero ficar preso a um único perfil. O cara falar para mim, então agora eu preciso que você se vista desse jeito, etc... eu lembro de um cara que eu saí que ele falou para mim, ah você tinha que se depilar para sair. Não! Eu vou me depilar se eu quiser, se eu estiver afim e se não tiver eu não me depilo. Agora, pelo contrário, tinha um outro que falou que eu tinha que cortar o cabelo para sair com ele; ah você corta o cabelo e a gente sai. Capaz, meu cabelo demora anos para crescer, eu vou cortar para transar com a pessoa só uma vez! Então, eu acho

que é esse o caminho, de fazer o confronto, mas ter sempre esse pé na realidade de que a gente ainda não está, como sociedade LGBT, a gente não está no mesmo lugar, para falar sobre gênero, sexualidade e performances; ou seja nós não estamos no mesmo lugar como comunidade LGBT, a gente tem diferentes lugares e diferentes papéis. Tem LGBTs que vão aceitar a performance de gênero como algo necessário, que vão aceitar a identidade de gênero como algo também importante para nossa luta; mas sim, tem outras pessoas que não. Então, no relacionamento afetivo, eu vejo uma necessidade de mudar isso um pouco, de pensar se vale a pena ter conflito ou não. Se é uma transa só, eu preciso ficar falando o que eu penso sobre gênero, se eu acho que as relações têm que ser monogâmicas ou não, não! Agora, se eu tiver interesse maior, se eu quiser que aquela relação, seja constituída por duas pessoas e/ou três, quantas tiverem afim disso, aí sim eu preciso ser mais evidente nesses meus desejos e nessas minhas construções de interesse que eu tenho sobre isso nesse momento; pois de repente amanhã isso não seja mais importante para mim.

Rogério: Bichə-Prətə-Afeminədə, na sua opinião, o que seria o queer hoje no contexto brasileiro?

Bichə-Prətə-Afeminədə: O queer no contexto brasileiro é a gente falar com identidades que foram precarizadas, esse é o lugar do queer atualmente. Então, não é suficiente... a gente tem uma festa em São Paulo chamada, Queerness e eu fui duas vezes nela; só tinha eu e meus amigos montados, o resto todo mundo, bicha forte (The Week) sabe aquele padrãozinho de bicha. Então, eles estavam usando o termo queer, mas eles não tinham interesse genuíno, real de experienciar isso daí; nem batom os caras estavam sabe, nada, nada, nada. Então o queer ele não pode, é um risco que a gente corre, ser tomado por identidades hegemônicas; que é mais fácil, você ter o Bruno Gagliasso de batom, é mais fácil e mais desejável, ou o Cauã Reymond; mas ele usar batom, ele fazer esse questionamento, ainda que guarde sua importância, tem que ser um passo à frente. Um passo à frente de quando ele está numa mesma foto com uma pessoa dissidente, se ele não faz esse movimento eu não enxergo; virá uma coisa assistencialista. Então, o desafio para mim do queer hoje, é o queer abarcar pessoas vivendo com HIV, pessoas LGBTs, pessoas com deficiências, pessoas que estão cada vez mais comuns com questões psiquiátricas; pois existe muitas pessoas LGBTs com questões psiquiátricas por causa desse governo e diferentes contextos. A gente precisa ter esses corpos aí, usar maquiagem ou não, é algo que vai surgir naturalmente, questionar o gênero também vai surgir naturalmente, mas essa questão de gênero ela precisa ser fundamentada em outras diferenças, em outras particularidades. Não basta a gente fazer um debate seguro, como estamos fazendo agora, de muita concordância e não assumir que nós estamos em guerra; porque nossos corpos são corpos políticos que estão

resistindo a uma maré conservadora, preconceituosa e que esse preconceito não afeta só LGBTs, pega negros, pega pessoas em situação de rua. Então esse é o queer que eu enxergo, claro, não é algo pronto, é algo a se construir; de irmos atrás dessas pessoas, sempre ter como um horizonte que vou me aproximando e vendo mais longe. A gente teve um evento na ALESP, semana passada, que a Leandrinha ia falar e ela é cadeirante, aí a dificuldade de locomoção em alguns espaços. Ela segurar o microfone era impossível, tentou segurar e não conseguiu, ela queria que o microfone estivesse na mesa; aí falaram assim, esse microfone não funciona. A gente ficou um tempo até que alguém se sensibilizasse e dissesse, ah tá bom vai, ela precisa falar e ela não vai pegar o microfone de mão. Sabe, isso tudo é muito simples, se ela disse eu não consigo usar microfone de mão, acabou, não tinha que se questionar, não preciso constranger, não preciso perguntar se ela não pode se esforçar. Então, eu enxergo esse caminho do queer, como esse, ter cabelo colorido é importante, pode ser, eu não tenho cabelo colorido, mas eu acho importante. Fazer modificações corporais como a T. Angel faz é importante, mas eu também não tenho modificações corporais, nesse caráter que ela faz; de tatuagens e piercings, mas eu tenho as modificações corporais que estão na vida, por exemplo, envelhecimento, as cicatrizes e nenhuma vale mais que a outra. Então é um lugar de experiência de não hierarquizar as experiências do queer, mas de convivência mesmo, de trazer mais experiências e entender que elas me dizem respeito; quanto tempo o movimento LGBT não se interessou por negros e pelo racismo. Agora nós temos a criminalização da homofobia equiparada ao racismo, então a gente tem duas posições, que eu já vi essas discussões. Uma delas é, sentar com a mana preta e tentar entender o que é racismo e a outra, é a gente criar um outro racismo; que é uma proposta que eu já ouvi, uma pessoa branca falando que não se pode falar racismo mais, tem que falar racismo negrofóbico ou racismo homofóbico. Não querido, até falei assim, querido a gente criou esse termo, por isso que não se usa preconceito para falar racismo, porque tem uma importância. É, então usa homofobia, usa LGBTfobia, usa homotransfobia, usa o que você quiser, agora não vem querer dizer como tem que ser a minha relação com o racismo. Eu nunca vou falar racismo negrofóbico, porque não foi uma pessoa negra que decidiu, assim como o STF, quem estava falando de equiparação, não foram pessoas negras. Então veja, a gente está falando de uma necessidade de aproximação urgente, porque quem pode derrubar essa equiparação é o movimento negro; eu sou LGBT, mas se esse mesmo cara falasse com uma pessoa negra que não é LGBT que ela tem que falar racismo negrofóbico, ele leva um murro. Isso por vezes, poderia levar a criar uma pessoa que por natureza seria contra a essa equiparação, então precisamos correr atrás de maneiras de aproximação e de entender que os movimentos tão se conversando. Se você apanha do seu parceiro ou eu apanho do meu

parceiro, eu posso fazer uso da lei Maria da Penha; mas isso não quer dizer que eu entenda que os direitos reprodutivos das mulheres são desrespeitados, que eu entenda que a mulher tem o direito de usar a roupa no tamanho que ela quiser, que ela tem o direito de não querer se relacionar sexualmente com seu marido. Então, se eu não entendo essas coisas, como estou usando uma lei que foi feita justamente para pessoas que são sujeitas a tudo isso, aos estupros, às violências domésticas e tudo mais. Por isso é urgente! Porque assim que as mulheres falarem, não queremos mais que as bichas usem a lei Maria da Penha, que lei nós vamos criar? A gente precisa criar leis nossas, isso é um ponto que eu entendo. Não sei é divergente ou convergente da população LGBT, mas eu entendo que nós precisamos ter leis nossas, pois homofobia é homofobia, racismo é racismo, machismo é machismo; a gente entende que um interfere no outro. Mas a gente tem uma lei, da lésbica que apanha da sua parceira, eu não estou falando de machismo, porque são duas mulheres que estão se relacionando, que também tem uma restrição de privilégios. Então, eu enxergo o queer como essa possibilidade, da gente criar novas parcerias, novos termos, novas didáticas para falar sobre nossos corpos e a criar corpos que a gente não pertença, mas que são possíveis. Por exemplo, pensar no corpo que envelhece, qual que é o lugar que um LGBT de noventa anos ocupa? Qual o lugar que o James Green, aquela bicha maravilhosa, fundadora do que a gente entende de movimento LGBT ocupa enquanto LGBT? Então, tem o compromisso de a gente não obrigar o James Green a usar maquiagem, pensando nesses atravessamentos do que se pensa queer, porque tem uma questão geracional também, porque é difícil de eu entender certas coisas dessa sutileza do queer. Porque, por exemplo, James Green, Paulo Iotti, Renan Quinalha, que são LGBTs, são bichas, mas elas não estão nesse lugar do queer; ou o lugar do queer, conhecido e fácil, eles estão muito mais próximos de uma norma. O Renan ele é um cara lindo, tipo príncipe da Disney que as pessoas ficam falando, ah que pena que ele é gay, sabe essas coisas; desejado pelas bichas e tudo mais, essas coisas de discursos comuns. Ele naturalmente é daquele jeito, ele não está forçando a voz para ser masculina, ele não está montando o rosto para ser bonito, ele não está fazendo nada, ele é aquela pessoa; ele tem uma sorte social de fazer parte de um padrão aceito e validado. Por outro lado, é importante ter o Renan apoiando, então, ele é uma pessoa sensível aos debates queer, nós somos muito próximos e a gente é muito amigo. Então, eu não posso reduzir o Renan, ah aquele normativo, não! Ele é um cara que transcende isso, ele não precisa ser normativo, assim como o Claudio parceiro da Mama Jo, ele tem uma coisa de não se identificar com o queer, mas ele também está questionando. A Residência foi feita na casa onde ele foi criado, na casa dos pais dele, então ele é um parceiro, não tem como negar isso; ele está aí, ele está vivendo de uma outra maneira os preconceitos que a gente vive na questão do queer; de inadequações,

de cobranças sociais... então, eu acho que é importante também a gente ter essa visão de que, o movimento não se constrói só da concordância e da semelhança; ele se constrói pela diferença e por enxergar que algumas coisas não estão contempladas. Hoje mesmo eu estava falando sobre a pequena sereia feita por mulher negra, então estavam falando: não é uma tradição! A pequena sereia tem que ter aquele cabelo, aquela cor de olho, aquela cor de pele. A pequena sereia não é um folclore, não é um mito americano, ela é um mito dinamarquês, isso não tem nada a ver com as pessoas americanas. Se eu pegar a pequena sereia de verdade, a escultura dela não é um Cristo Redentor, a escultura nem humana é na população onde ela nasceu, onde ela surge, são populações extremamente brancas e outra, pequena sereia não existe, então não tem compromisso com a realidade. Então pode ser de rosto azul, cabelo vermelho, pode ser uma smorfette e pronto! É isso, não tem compromisso com a realidade ali, mas as pessoas se prendem, ah não ela precisa ter certa cor. O movimento LGBT, a gente precisa que quem está à frente do movimento... aí no Sul, próximo de Curitiba tem o Toni Reis, que acabou perdendo a eleição para Simmy, uma mulher travesti e ele ficava falando, nossa eu tenho mais experiência, eu sou mais qualificado; ele saiu da ABGLT e cria um novo grupo para ele ser presidente desse outro grupo. Então é isso, a Simmy podia existir na associação deles, enquanto ela não tivesse poder; enquanto um cara branco, casado com um americano, tivesse ali representando ela. Inclusive, eu tenho uma visão que a representação, ela notadamente apresenta uma ausência, então se eu preciso de você para me representar é porque eu não estou presente, aquele espaço não é para mim. Então, a gente precisa criar maneiras de que outros grupos, a Erica Malunguinho fala muito isso, a rotatividade do poder, ela usa outro termo, mas é você deixar o poder não estar em uma mão só. Então, hoje quem está falando sobre queer são acadêmicos, são pessoas brancas, mas a gente tem que prever que amanhã quem estará falando são pessoas negras; amanhã não, já está falando hoje. A Linn da Quebrada e a Jup do Bairro já estão falando, a Jup construiu uma feminilidade com uma voz grossa; a Liniker ela construiu uma feminilidade depois de apresentada como pessoa não-binária. Então existe e vai existir para sempre na internet, fotos da Liniker com cavanhaque e isso não faz ela ser menos. Não sei se você conheceu pessoas trans na sua adolescência, na sua juventude, mas eu tinha uma amiga trans, eu entendia que ela era bicha, mas ela era trans. Depois que deixamos de ser amigos, ela se identificou como trans e ela rasgou tudo que existia de antes; então as fotos que tinham da nossa adolescência, elas não existem mais, porque ela entendia naquela circunstância, esse passado de bicha colocava em risco a identidade de mulher. Veja, eu estou falando de quinze anos atrás, hoje a Liniker não se incomoda com isso, a Linn também não, a Jup também não; nós temos uma outra ideia, tem o Ariel Nobre um homem-trans, diretor do filme “Preciso dizer

que te amo” que fala a respeito das vivências trans; ele não se hormoniza e ele é um homem de voz fina, é um homem que tem seios lidos como feminino, mas isso não faz com que ele não tire a camisa, isso não faz com que ele se considere menos homem. Então nós temos esse desafio de trazer esses corpos para que eles falem de si mesmos e eu acho que estou no caminho disso, eu consegui falar do meu corpo, do lugar que eu ocupo; quando eu falo com você ou quando falo com outras pessoas, já é um privilégio. Não era possível isso, não era nem interessante isso nos anos noventa, isso que eu estou falando, talvez quem fosse meu amigo quisessem saber. Não era algo que determinava relações, determinava relações de trabalho, como eu te disse, que hoje os lugares que eu sou chamado é previsto que eu seja isso, que eu seja essa pessoa. Inclusive eu tenho esse hábito, nos lugares que eu vou falar de dizer: vocês estão escutando uma bicha preta, para marcar esse lugar. Vocês não estão escutando um homossexual afrodescendente, estão escutando uma bicha preta que historicamente é lido como um lugar da pessoa mais burra, mais vulnerável, fútil; você sabe como funcionava a cabeça sobre LGBTs, principalmente sobre gays afeminados, considerados fúteis, fracos, mentirosos; é o contexto que o José Silvério Trevisan falava disso, que gays tem a propensão a mentir. Então, quando eu me identifico de bicha preta, eu estou dizendo: tudo que vocês entenderam sobre mim até agora, tudo que vocês disseram sobre mim até agora, eu quero descartar. Eu quero que você me olhe de novo e se você não for capaz, pode ir embora; mas se você for capaz a gente continua esse debate. Então é isso, é estar em vários lugares, não necessariamente... a Parada é importante, claro que é, mas existem outros lugares para fazer outros debates. Ter nosso corpo conhecido como ele é. Você não precisa ser mais feminino para ser aceito e você não precisa se masculinizar mais para ser aceito. Você pode ser como você é e transitar quantas vezes você quiser. Então é isso, eu acho que o queer ele tem esse lugar de transformação da população LGBTQIA+ e também, o compromisso de parceria com parceiros não tão evidentes, mas que podem estar conosco e construir junto com a gente.

APÊNDICE IV – Transcrição da Entrevista com **DJ**

I - ENTREVISTADO:

Nome do Entrevistado: DJ

Local da entrevista: Café no centro da av. Paulista em São Paulo capital.

Situação da entrevista: Combinamos previamente o dia e horário da entrevista que se realizou na semana do dia 17 a 23 de setembro de 2018.

Tipo de entrevista: Individual.

Duração (horas de gravação): 48 mm 03ss de gravação.

Tipo de gravação: Digitalizada.

Data: (período em que foi tomado o depoimento): Vespertino do dia 17/09/2018 às 15h00.

II - PESQUISA

Nome do entrevistador: Rogério Amador de Melo.

Nome dos outros membros da equipe de pesquisadores: Fernando Silva Teixeira-Filho (orientador).

Nome do técnico de áudio e vídeo: Não houve.

III - DADOS DA TRANSCRIÇÃO

Responsável pela transcrição: Rogério Amador de Melo.

Período em que foi feita a transcrição: Vespertino. Data: 14/02/2019.

Número de páginas da transcrição: 08 páginas.

ENTREVISTA

Rogério: Bom a entrevista hoje é com o DJ. Primeiramente quero agradecer a disponibilidade de você estar aqui diante dessa correria da cidade de SP em plena segunda-feira. E, gostaria de saber se você se percebe e/ou se nomeia enquanto um corpo queer e por que?

DJ: Bom, é como eu te falei no Messenger do Facebook, então primeiro é que eu tenho 38 anos de idade, na verdade eu sou do Ceará, eu não sou daqui. Então eu acho que minha construção, sendo uma pessoa nascida nos anos 80, minha construção como homossexual, por uma questão geracional, passa por dificuldades que para me assumir enquanto uma identidade gay, bicha, eu passei por um certo caminho. O queer chega para mim muito tardiamente, então, já agora, talvez a primeira vez que eu tenha escutado falar sobre queer tenha sido em 2013/2012 e é engraçado

porque a palavra surgiu depois de eu começar a entrar em contato com algumas coisas, algumas chaves de entendimento, de interpretação que eu finalmente cheguei a palavra. As ideias chegaram antes da própria palavra chegar. Então sei lá, não se falava sobre “normatividade”, também não era sobre “performance”, não tinha nada desse léxico mais conceitual. Essas entrevistas são boas porque faz com que a gente comece a tentar relembrar algumas coisas. Eu não sei qual foi o incômodo inicial. Eu vou contar mesmo através de fatos da vida. É isso, eu me lembro que, justamente por uma questão geracional e pessoal, eu acho que me fiz gay, vamos dizer assim, enquanto identidade, muito tarde. Em um certo momento da adolescência já me entendia... eu sempre falo que os armários são vários, um armário para você, um armário para família, um armário para sociedade. Então desde muito novo eu me entendia como gay, mas o fato de me colocar socialmente foi um pouco mais tarde já, no começo da faculdade, já com 17/18 anos, não foi precoce. Mas eu acho que lá por 2002/2003 eu comecei a ir toda quinta-feira na Lôca, que é uma boate daqui e, eu sempre tive uma vida na noite; pois na verdade eu sou um arquiteto/DJ e DJ/arquiteto, então eu tenho uma vida enquanto arquiteto de dia e como DJ na noite. Então na noite até esse começo dos anos 2010 era muito um ciclo ainda mais hétero, um momento mais ligado ao indie. Então não sei qual foi a virada, eu comecei a sair com um amigo Alberto, ele é pernambucano, também gay; a gente começou a ser amigo sei lá em 2008 talvez e, aí nesse ano de 2012/2013 eu não vou lembrar bem, a gente começou a ir para Lôca toda quinta-feira e basicamente a gente ia não para dançar, pouco beber; a gente ia para sentar e ficar conversando. Eu nunca fui muito de bar, eu não tenho muita paciência para bar, adoro uma boate; mas eu ia com ele e a gente acabava fazendo da boate um bar. Nós sentávamos e trocávamos ideias a noite inteira. Ele tem a minha idade mais ou menos e fisicamente bem diferente. Eu tenho 1,94cm e o Alberto deve ter 1,53cm. A gente meio que ali numa quinta-feira na Lôca, sucessivas quintas-feiras, a gente ia se colocando, falando nossos desejos, passava um boy: ah esse eu quero, esse eu não quero, ah esse não daria bola para mim, esse daria bola para você. Enfim, questões ali. Me parece que naquelas conversas começaram a formar-se algum pensamento, eu não sei se contaminado por outras coisas, é difícil lembrar na verdade, sobre talvez uma ideia de performance de gênero e sexualidade... Todo mundo fala que nós dois somos gays mas como somos diferentes e como somos percebidos diferentes, como nos colocamos diferentes, como se deu diferente a história de cada um... E aí a gente aproveitava e... é engraçado como as vezes a vivência entre gays, eu sempre falo isso com meus amigos, é sempre a partir de um posterior como se todo o passado percorrido já não importasse mais. Ah já sou gay assumido, já estou tranquilo, sou bicha e tal. Conhecemos pessoas e mal perguntamos o que cada um passou para chegar até ali, talvez uma vontade de esquecer... E eu

estava em um movimento junto com Alberto de dizer: me conta como era no colégio e eu contava as minhas questões e ele contava as deles. Nosso corpo numa história pregressa, mas também nosso corpo naquele momento ali e aí a gente foi começando a ver que, apesar de sermos taxados igualmente como homossexuais, cada um vivia e enxergava as coisas de um jeito próprio. Assim, eu começava a me dissociar dele ao mesmo tempo que me aproximava através dessa separação. Nos unia o interesse de um pelo outro. E tanto para mim quanto para ele era uma descoberta de um outro universo gay/homossexual, porque ele também vinha de uma história de Recife também muito ligada a um contexto de noite heterossexual. Na mesma época eu começo a me interessar pela questão do gesto. Me perguntava se seria necessário suavizar o meu gesto. Eu nem estava na análise ainda, pois no processo da análise todas essas questões ganharam mais complexidade. Passei a me perguntar que tipo de corpo foi forjado, eu enquanto gay, mas reprimido por família numa sociedade machista como é a de Fortaleza. Começava a investigar que tipo de corpo era esse que parece ter sido enrijecido, entendeu? O quanto eu me coloquei quase numa vigília... Eu me perguntava se, caso não tivesse sido reprimido em certas circunstâncias da minha vida, que tipo de corpo eu teria, que tipo de movimento seria capaz de articular. E aí lembrando de infância/adolescência, todo esforço que eu produzi para não ser descoberto na escola. Eu tenho 1,94cm, era franzino quando adolescente, mas minha altura me dava uma certa passabilidade, uma passabilidade hétero, eu podia desde que eu não falasse, começasse a falar já dava pinta (risos); e sempre tinha uma gay mais afeminada na sala, então ela era o alvo. Mas o quanto, por eu não ser o alvo, o quanto eu endureci ali? Talvez pelo meu contato com a música eu tenha chegado no vogue que na verdade pouco conhecia. Era 2014? Passei a achar que pela dança e no momento eu achava que o vogue seria um caminho, eu pudesse desconstruir, também não existisse em mim essa palavra, mas questionar esse corpo que talvez tenha sido... duvidar desse corpo que talvez tenha sido formatado duro. Pensei em produzir uma festa onde a dança fosse a questão. E essa dança poderia ser o vogue, imaginava. Mas não conhecia ninguém. Aí saí falando com os amigos sobre vogue, principalmente para os amigos dançarinos. Um amigo falou que conhecia o Flávio, dançarino e que talvez dançasse vogue. Pedi para ser apresentado, ele me apresentou. Marquei uma cerveja com quem eu nem conhecia. Falei que estava querendo fazer isso, isso, isso e isso mais vogue. Aí ele falou: vogue não. Ele disse que eu estaria procurando pelo waacking que, em poucas palavras, seria um gênero mais festivo, clima disco e menos ligado a uma circunstância de competição. Tudo era novo para mim. Confiei no Flávio e começamos a fazer uma festa chamada Diana que teve três edições. No começo deu super certo. A última foi horrível, pois compareceram duas pessoas (risos). Me aproximei bastante do Flávio. Paramos

as festas e começamos a organizar oficinas de dança. Achemos que seria preciso dar um passo atrás e a Danila entrou conosco para somar. A Diana acabou sendo meu primeiro contato com outras pessoas que pareciam estar pensando as mesmas coisas que eu. Era um encontro para dançar e conversar. É interessante ver que às vezes as coisas não chegam a você à toa ou exclusivamente. Tinha alguma coisa rolando em comum que juntou todo mundo. Quase não tinha surpresa quando o outro falava aquilo que você pensava ser um pensamento só seu. Todo mundo estava bebendo algo na mesma fonte. Fizemos três ciclos durante dois anos. Nós juntávamos pessoas querendo dançar. Também ilustrávamos dizendo que o waacking estava ligado a uma comunidade gay, negra, latina dos anos 70 na costa oeste dos Estados Unidos. Pensávamos na celebração de um corpo que finalmente podia ser tudo isso publicamente. Tudo foi chegando ali e em outros lugares. Por exemplo, na primeira oficina estava o Gustavo Bonfiglioli. Ele dizia que a oficina ajudava a organizar o “close” ao mesmo tempo que já estava articulando junto com outras pessoas a Revolta da Lâmpada. No fim, a palavra queer foi sendo introduzida e apropriada. As questões começaram a aparecer naturalmente. Vou dar um pulo para depois continuar essa trajetória em algum momento da nossa conversa. Eu não digo que sou queer, como te falei anteriormente. Me interessa muito mais como uma perspectiva. Quando assisti ao “famoso” Seminário Queer do Sesc (2015), estava ali meio que no interesse da palavra, da teoria queer mesmo. Mas como alguém que desconhecia tudo. Meu contato com leituras sobre gênero e sexualidade se resumia a um pdf mal lido em espanhol do Manifesto Contrassexual que nem tinha sido lançado em português. Um boy tinha me passado esse texto em 2014. Eu dividi com ele algumas questões e ele disse que eu precisava ler o manifesto do Paul. Voltando ao seminário, lembro que o Richard Miskolci colocou o queer como uma “epistemologia política”. Carrego dessa forma até hoje. Para mim, seria um jeito de ver as coisas, entende? Comecei a me aproximar do queer como uma ferramenta capaz de questionar formatos. Como o dessa entrevista, por exemplo. Se eu agora inverter os papéis de entrevistado e entrevistador, virando o gravador para começar a entrevistar você, como seria? Quebrar categorias. Volto para a questão da perspectiva política. Comecei a pensar no queer como algo além de um substantivo ou adjetivo. Estaria mais para um verbo ou um advérbio? De qualquer modo, algo ligado à ação. Então eu não posso “ser” queer. Entendo e respeito a existência de uma identidade queer. Mas não me coloco nela. Sobre identidade, ultimamente, a partir das minhas últimas reflexões, tenho me colocado mais como bicha, na verdade. Até bicha como uma ideia de gênero. Se gênero é algo construído, preciso pontuar que a minha socialização enquanto homem bugou, deu problema. Não posso dizer que o meu processo foi igual ao do meu irmão que é hétero. Eu passei por dificuldades nessa socialização. Então, de algum modo,

eu fui socializado enquanto bicha, porque o nome que me deram foi de bicha, foi de viado; prefiro bicha que é no feminino para ser mais marcado. Então eu prefiro bicha hoje em dia, de um modo político. Ao mesmo tempo não consigo rechaçar a palavra “gay”, como vejo acontecer atualmente, principalmente através de bichas mais novas dentro de alguns movimentos. Eu passei tanto tempo da minha vida para me acostumar com essa palavra e me sentir ok com ela que não consigo agora dispensá-la. Historicamente, a palavra gay é importante. Ela carrega dores e vitórias coletivas que não podem ser esquecidas.

Rogério: DJ, claro que você já falou algumas coisas por onde íamos transitar, mas podemos pensar um pouco mais, então, quais foram as motivações e um pouco mais dos interesses que te levaram a participar do Cidade Queer?

DJ: Aí é a continuação da trajetória que eu interrompi. O João Simões participou de uma das oficinas da Diana. Eu já conhecia mais ou menos o João como namorado do Cláudio. Conhecia os dois do rolê das artes, porque eu sou um arquiteto que trabalha com montagem de exposição. Nesse mesmo período, o Cláudio alugou um espaço para trabalhar perto do meu escritório na Galeria Metrópole. Sempre em encontros rápidos, a gente conversava sobre algumas coisas. Um dia o Cláudio me chamou para dar uma olhada no projeto que ele e João queriam apresentar para o Sesc. Aí ele me apresenta a EXPLODE! que é hoje uma plataforma de ativação artística deles. Naquele momento, não acho que já fosse uma plataforma, era uma ideia de exposição que mostraria, dentre outras coisas, produções musicais de queer rap. Começamos a trocar algumas referências, passando por nomes como Linn da Quebrada, Jup do Bairro, Rico Dalasam, Mykki Blanco, Le1f... Me parece que a ideia da exposição não foi para a frente com o Sesc. João e Cláudio surgiram com a notícia da residência e me fizeram o convite para participar. Eu topei empolgado com os temas e a programação planejados por eles. Já conhecia três residentes: a Mavi, a Dudx Araújo e a Aretha Sadick. Aretha e a Dudx já performavam na Tenda. A Tenda era um projeto de festa meu com o Guilherme Falcão. Começamos em 2015 já com a ideia de fazer algo bem bicha. Coincide com esse momento específico onde todos estavam querendo dar bapho, lacre... Então eu estava aí entre a Diana e a Tenda quando fui convidado para participar da residência. Moraria por dez dias na Vila Nova Iorque tendo a possibilidade de entrar em contato com muitas coisas e pessoas que não conhecia.

Rogério: Como foi a experiência? Porque assim, o nome já diz: Cidade Queer. Então se formos pensar em toda discussão que estamos tendo aqui, do que é o queer, do que se fala sobre o queer, como foi isso para você? Como foi a experiência lá na residência? E o que foi o DJ antes do Cidade Queer e depois do Cidade Queer.

DJ: Primeiro é preciso entender que participei da Explode! Residency que fez parte de uma programação maior chamada Cidade Queer. O CQ teve uma programação maior. Fui para uma "Janta Queer" (rolaram várias) e toquei como dj no "Ataque Queer" que rolou na Praça das Artes. Tudo após a Explode! Residency. Nos dias de residência, pouco problematizamos o termo queer. Toda a experiência estava centrada nas questões dos corpos LGBT periféricos. Tratamos mais de vivências do que de teorias. Posso dizer que não foi uma experiência leve. Foi muito intensa na verdade. Por ser de classe média, branco e muito pouco atento naquele momento a várias questões (principalmente as de cunho racial), entrei em contato com dores que não tinha notícia da existência. Acho que tem um DJ antes da residência e outro depois da experiência. Até posso dizer que precisei de um tempo maior de elaboração após aqueles dias na Vila Nova Iorque. Sou muito grato pelo convite feito pelos amigos João e Cláudio.

Rogério: Por exemplo, essa questão que você trouxe em relação ao que o Richard Miskolci fala, do queer ser uma epistemologia, como você vive isso na sua vida? Nos seus relacionamentos, no seu trabalho, na sua família, como atravessa essa questão dessa epistemologia queer?

DJ: Creio que toda essa trajetória que acabo de te contar só foi possível a partir de uma mudança de perspectiva operada em mim por mim. Está claro que em termos identitários eu me movi. A partir de diversas ações e plataformas fui capaz de me produzir de outras maneiras. Hoje em dia, me encontro mais tranquilo com isso. Em algum momento acho que me cobrei muito. Uma época, eu e Guilherme, através da Tenda, ficávamos propondo coisas. "Vamos pintar as unhas, vamos nos montar, vamos nos maquiar, vamos chegar na festa com a Márcia Pantera dentro de uma carruagem...". Rolava uma cobrança quase programática. Hoje em dia, muito por causa da análise talvez, eu vivo um momento de maior tranquilidade em relação a isso. Começo a aceitar minhas contradições, minhas limitações e coloco toda essa reflexão muito mais como um alerta, do que algo como uma agenda. Ainda na trajetória, depois disso tudo, entrei para o balé e jazz. Queria continuar a dançar após a experiência da Diana. Eu entrei ano passado (maio) na sala de jazz iniciante. Praticamente eu sozinho na sala com a professora porque não tinha ninguém naquele horário. Ela um dia falou que iria ter espetáculo de fim ano. Sabe aquele espetáculo de academia? Pois é. Me convidou para dançar dizendo que faria uma coreografia para mim. Eu dançaria com outro professor homem de lá. Ela fez a coreografia e decidiu o figurino... retomando, minha entrada na dança lá com a Diana foi na chave da desconstrução de uma masculinidade que eu considerava ter sido imposta a mim. Aí vem a gata e diz que eu vou dançar com blazer e uma calça social. Eu estava esperando que fosse um belo de um vestido, uma polaina anos 80 e ela me vem com roupa de boy. Na verdade, a dança, pelo menos essa

que estamos falando, é super binária. O "pa de deux" feito pelo casal hétero, a força que é do homem, a delicadeza que é da mulher são efeitos desta binariedade. Pensei em recusar o figurino proposto pela professora. Mas aí na época eu resolvi assim: aquilo não seria necessariamente "eu", mas só uma representação encomendada. Ou seja, hoje eu posso ser o homem que a professora solicita, mas amanhã eu posso ser a bicha ou qualquer outra coisa. Chato. Hoje não teria topado essa representação (risos).

Rogério: Você acha que tem tudo a ver com esse processo que você teve, mesmo não sabendo o que era queer, mas era uma coisa que já vinha transitando por aí?

DJ: Bem isso, eu já vinha costurando essas coisas. E o queer chega em mim para dizer que tá tudo bem em ser quem você quiser ser, sem precisar assumir um compromisso eterno com essas identidades que você vai produzindo para si mesmo.

Rogério: E como que você percebe ou vê o queer hoje no Brasil? Porque como conversamos de onde surgiu, dessa questão da identidade, desse outro lado acadêmico. Como o DJ vê esse queer no Brasil?

DJ: É difícil falar do Brasil e do momento no qual está se vivendo. Acho que tem uma confusão, o que pode ser bom também. Quantas pessoas leram a obra da Judith Butler? É preciso ler Judith Butler? Eu li coisas recortadas. Não posso dizer que domino a teoria queer, de jeito nenhum. Mas gosto de aspectos de comportamento que parecem nascer desses novos entendimentos. A estranheza como potência é um deles. Acho que as pessoas pegaram isso muito bem. Mas talvez tudo já tenha sido empacotado, aparado e limitado. Não o queer propriamente dito, falo das respostas a todo esse novo pensamento. Beleza, tivemos pose, pinta e muita lacração. Tudo isso pode fazer parte desse viver queer. Mas fico me perguntando, qual é o pós disso tudo? Qual será o "pós-close"? Infelizmente me parece que a coisa se encerrou ou foi aprisionada. Enquadrada por nós mesmos ou por marcas. É muito louco ver que tudo que uma cena produziu já foi recortado e utilizado em publicidade, por exemplo. Com o pagamento de cachês baratíssimos, aliás. Fico me perguntando, qual é agora? Qual é o próximo ponto da coisa? Qual é o próximo lugar no qual nos encontraremos novamente? Não quero que soe como negação daquilo que foi vivido. Não é negar o passado, mas eu não me vejo mais nesse lugar que um dia me foi importante. Por exemplo, já não gosto hoje dessas festas cheias de drag queens. Aquilo que foi descoberta para mim, me parece que tenha ficado simplesmente enquadrado. Vale lembrar que eu estou falando mais de um queer da vivência, da rua, da noite, eu não estou falando de teoria queer, eu não estou falando das pesquisas acadêmicas. Eu sei de todo um esforço que existe em trazer o queer para uma perspectiva mais sul-global, porque existe um problema gigantesco disso ser algo lá de cima. Descolonizar essa perspectiva... Mas esse queer

do bafo, dessa saída na rua, desse pisar forte para dizer quem se é, sendo estranha, bichona, me parece ter já completado um ciclo. Pode ser um clique dentro mim também, tá! Não sei se para as outras pessoas, porque o caminho é de cada um. Ainda é necessário obviamente pisar forte. Mas vejo uma ressaca, vou chamar de ressaca, em mim e em muitas pessoas. Talvez por já ter vivido uma coisa e de repente entender que é hora de pegar outro caminho.

ANEXO V – Transcrição da Entrevista com **Fauno**

I - ENTREVISTADO:

Nome do Entrevistado: Fauno

Local da entrevista: Via Skype

Situação da entrevista: Combinamos previamente o dia e horário da entrevista que se realizou de maneira virtual, devido aos percalços encontrados na semana que estive em Curitiba/PR para realização das entrevistas.

Tipo de entrevista: Individual.

Duração (horas de gravação): 29 mm 05ss de gravação.

Tipo de gravação: Digitalizada.

Data: (período em que foi tomado o depoimento): Vespertino do dia 10/04/2019 às 10h00.

II - PESQUISA

Nome do entrevistador: Rogério Amador de Melo.

Nome dos outros membros da equipe de pesquisadores: Fernando Silva Teixeira-Filho (orientador).

Nome do técnico de áudio e vídeo: Não houve.

III - DADOS DA TRANSCRIÇÃO

Responsável pela transcrição: Rogério Amador de Melo.

Período em que foi feita a transcrição: Vespertino. Data: 05/08/2019.

Número de páginas da transcrição: 07 páginas.

ENTREVISTA

Rogério: Bom, a entrevista de hoje é com o Fauno e primeiramente queria agradecer a disponibilidade diante da correria onde tentamos marcar vários momentos, mas não havia dado certo até agora e conseguimos até que enfim marcar esse encontro. Então, primeiramente queria agradecer a oportunidade e queria te perguntar Fauno se você se percebe ou se considera como um corpo queer e por que?

Fauno: Então, eu acho que essa coisa do corpo queer, ele foi surgindo assim de uma forma...eu acho que me percebo sim, como um corpo queer, mas ele foi acontecendo assim, como foi aparecendo, foi sendo descoberto como um processo. Desde que eu comecei a faculdade de

artes cênicas, eu já vinha fazendo trabalhos que daí os professores, todo mundo apontava assim ah, essa linguagem é muito gay e ah você não consegue fazer uma outra estética, você só faz essa estética gay. Então assim, lá no começo todo mundo falava isso e eu fui começar a prestar atenção o que era isso e daí com o surgimento desse termo queer que eu fui atrás; aí eu descobri que existia nos Estados Unidos e eu comecei a pesquisar um pouco alguns textos que tinha, que eram bem poucos isso lá por 1998 eu estou falando entendeu. É muito antigo e daí que eu comecei a ler um pouco sobre isso, onde eu fui percebendo um pouco assim todos esses... principalmente aparecia mais nas artes plásticas né e comecei a perceber que tinha pontos em comuns com as coisas que eu vinha fazendo. Daí logo em seguida disso eu conheci o Vãmpiro e o marido dele que faleceu, pois, o marido dele fazia faculdade comigo e acabei conhecendo o Vãmpiro e aos poucos eu fui conhecendo que ele também fazia trabalhos bem voltado ao universo gays e ao universo queer e a gente trocou um pouco de figurinhas e acabamos nos aproximando. Então, daí mais ou menos começou esse processo assim, com pequenas descobertas, pequenas similaridades que foram acontecendo. Eu indo atrás para entender o que era tudo isso e de onde vinha; o porquê de as pessoas ficarem me apontando como um trabalho gay. Na época falavam isso e com o Vãmpiro a gente começou a trabalhar mais as peças e eu fui me colocando mais aí nesse lugar; onde tiveram várias peças onde a gente se montava e assim por diante, até chegar nesse lugar que você viu. Você já viu a última que já era assim, escancarando e falando exatamente desse universo.

Rogério: Quais foram as motivações e interesses que o levaram a participar deste Projeto Queer?

Fãuna: Então, essa peça do Vãmpiro, ela foi assim. Ele estava bem incomodado com várias questões políticas/econômicas do país em relação a arte e, ele sempre vinha me falando sobre essas coisas, a gente ia aos poucos conversando e daí eu vi que ele postou nas redes sociais dele que ele queria fazer esse projeto com artistas e, ele abriu isso para comunidade em geral. Eu lembro que assim que eu vi, eu falei não, eu vou participar também. Começamos a discutir o assunto, discutir ideias já antes do projeto começar nas redes sociais, eu e ele. Então a motivação veio nisso assim, veio de também por ter esses mesmos anseios e também como uma forma de apoio assim né, porque eu sempre trabalhei nessa companhia de alguma forma ou de outras; até eu estou fazendo artigo agora e eu falo ali, que eu participei de uma forma ou de outras, até como espectador eu participava; porque a gente sentava e conversava depois e discutia. Então vai ser mais nisso assim, como estava rolando todo um momento lá do Vãmpiro de questionamento de várias questões, eu me coloquei nesse lugar, não eu tenho que participar

desse momento dele e que virou um momento meu também, porque daí eu entrei na discussão, entrei nessa viagem que acabou virando esse espetáculo.

Rogério: Quando e como se deu o seu primeiro contato com o termo queer ou com os estudos e perspectivas queer?

Fauna: Um pouco disso que eu estava falando, foi lá por 1998 eu acredito. De tanto eu ouvir na faculdade, de que tudo que eu fazia era gay, era gay, era gay, era gay. Por que você só faz coisas gays? A minha resposta era sempre, porque eu sou gay né. A pergunta já me irritava, entendeu, naquele momento. Porque ela me soava um pouco preconceituosa. Porque, as pessoas perguntam ah você faz uma arte hétero? Né!! Não escuta as pessoas perguntarem para outra pessoa, ah você faz uma arte hétero; agora quando um gay faz arte, ah por que você faz uma arte só gay, sabe. Então isso me irritava um pouco desde o início da faculdade e, daí eu comecei a correr atrás disso e acabei me pegando nessas leituras, nessas conversas com outros artistas nesse termo queer que era uma pesquisa mais nos Estados Unidos e, a partir disso eu comecei a ler algumas coisas, mas com a dificuldade também daquela época, pois hoje em dia tem muito material, mas muito não, também não é tanto assim, mas tem mais material do que tinha em 1998-1999 e os materiais que tinham eram em inglês. Aí tinha algumas coisas, mas poucas pois a internet não tinha esse boom que tem hoje, então a gente tinha mais dificuldade de... eu lembro que a gente emprestava vídeos, eu lembro a primeira vez que eu vi o Pink Narcissus; eu emprestei um vídeo de um cara que era de Manaus que, ele tinha comprado em Londres; então assim, tinham dificuldades de você ter os materiais, de você ver os materiais das pessoas. Depois que eu conheci o Vampiro, ele tinha muitos materiais assim, de artes, principalmente artes plásticas queers, eu catava tudo porque eu adoro e é mais ou menos isso, eu acho.

Rogério: Por onde e como as discussões, as propostas ou as proposições queers atravessam sua história de vida?

Fauna: Então, eu acho que atravessa totalmente, porque eu fui sempre uma pessoa assim nas artes, se eu estava no teatro eu era bailarino demais, era gay demais; se eu estava na dança eu era ator demais, era gay demais, então... O meu corpo sempre, de alguma forma incomodava as pessoas, mesmo sendo alto, branco, dentro de um padrão, sei lá que padrão é esse, mas mesmo assim, a minha atitude performática com a vida, minha atitude como ser humano, o jeito de falar/andar sempre incomodou as pessoas assim, eu digo incomodou porque incomodava mesmo e sempre causou um certo estranhamento. Então, eu acho que desde sempre isso esteve na minha vida, desde antes de eu me descobrir artista, mas depois quando eu me descobri artista isso sim aumentou, proliferou e ficou exagerado e daí quando eu comecei a entender o que era isso, que tipo de arte, que tipo de lugar, que eu estava que tipo de marginalidade que é esse

espaço, que pequeno que é esse lugar, daí as coisas foram se encaixando melhor, mas até esse lugar foi complicado assim, porque é como se você fosse sempre tirado da turminha né, você vai sendo tirado das turminhas. Tipo, ah você é ator, ah não, mas você não é muito ator né, você tem alguma coisa estranha, vai para cá. Ah você é bailarino, ah você não é tão bailarino assim, ah você é estranho, vai para cá. Então, aconteceu um pouco essas coisas

Rogério: Como você sabe, eu tive oportunidade de assistir à peça, a última apresentação de vocês e percebi na verdade a construção de cada um em cima do palco, como que cada um nesse contexto do queer, quis manifestar a partir da sua história de vida, seus testemunhos, até mesmo suas estéticas físicas que vocês construíram tinham um objetivo. Existe uma diferença daquele Fauno naquela performance para o Fauno no dia a dia? Como que você articula essas descobertas com o queer que você “extravasa no palco”, mas como é isso no seu cotidiano, na sua vida familiar, nos seus relacionamentos, nas suas práticas sexuais, no seu trabalho, existe essa subversão também?

Fauno: Olha, eu acho que assim, as coisas não são 100% desvinculadas eu acho, no mundo né, você normalmente, a sua história no palco, principalmente nesse espetáculo que você assistiu, ele não está tão desvinculado da vida real; mas claro você não é esse ser espetacular o tempo todo. Você não é esse ser espetacular. Claro, ali no palco você faz isso acontecer de uma forma até mesmo invasiva pela troca com a plateia, mas eu acho que você não está desvinculado disso, porque isso é uma parte sua e que é talvez uma parte muito grande sua que você não consegue esconder ela, tanto que você faz uma arte sobre isso. E valoriza isso até mesmo como uma forma de protesto em um certo lugar, lugar assim de valorizar o que é gay, o que é queer, até mesmo porque você virá uma representatividade do que é, ainda mais fazendo um espetáculo e outras pessoas indo assistir, então você acaba tomando esse lugar de representatividade.

Rogério: E como que você vive isso no cotidiano da sua vida?

Fauno: Eu sou uma pessoa extremamente espetacularosa como dizia na novela. Sou muito espetaculoso, então isso causa muitos problemas e também coisas boas. Às vezes até os problemas são bons, mas eu vivo muito isso o tempo todo, eu sou realmente um ser que causa estranhamento nos outros e eu aprendi a conviver com isso de uma forma... hoje em dia eu acho que causo muito menos do que eu causava antigamente, talvez até por cansaço eu fui me policiando.

Rogério: Em que sentido?

Fauno: Eu era bem mais, não sei, eu fazia muito mais assim, essas coisas que você viu na peça, eu fazia no supermercado, eu fazia em vários lugares do cotidiano. Hoje em dia, não é que eu não faça, eu faço de vez em quando ainda, mas eu não tenho mais muita paciência, então eu

estou mais domesticado (gargalhadas), essa é a palavra que eu posso usar (estou brincando...rs). Mas eu estou mais calmo, mas também é fase, daqui a pouco eu entro na pilha e saí de Elza Soares de novo e vou no mercado, como eu já saí. Já me vesti inteiro de Elza Soares, pus uma máscara e fui no mercado e fiquei na frente do açougue, doída com uma máscara da Elza Soares.

Rogério: E como foi?

Fauno: Foi bizarro, as pessoas não sabiam o que fazer, elas tinham medo de comprar a carne (risos).

Rogério: E como eu sigo você nas redes sociais, tanto no Instagram e no Face, eu vejo que algumas performances suas de rua, você brinca com essa questão do humano e não-humano também, igual na peça vestido de sereio, ou as vezes você está com alguma coisa mitológica nas ruas.

Fauno: Esse espetáculo que eu estou trabalhando agora, eu faço um Fauno e também é inspirado na verdade... é inspirado em várias coisas que inclusive, na minha tatuagem, que vai ter um desenho de um rosto do solo do Narciso do Nijinsky que é super queer, ele é refeito por vários artistas até os artistas contemporâneos de agora, refazem esse desenho que é um desenho queer do solo do Narciso; então ele é inspirado nisso, nessa sexualidade, nessa dualidade e nessas combinatórias com animal, com homem que faz esse mistério então, tem Talita também entendeu. Eu fiz questão de fazer esse personagem porque eu acho que esse personagem que representava dentro desse espetáculo; porque são três personagens, como se eles viessem de universos paralelos e eles tem problemas de comunicação com o mundo de hoje. Eles vêm para dar um recado para as pessoas, só que as pessoas não entendem o recado mais, é impossível elas entenderem. E ele tenta se comunicar, é como se fosse um jogo de dimensões assim, de dimensões... eu falo que pode ser uma dimensão histórica, uma dimensão física, dimensão temporal, mas é uma performance, uma brincadeira de poética na rua e o meu personagem obviamente ele é um tem um personagem queer né. Não podia não ser. As pessoas confundem muito meu personagem, muitos confundem religiosamente, batem ele com o demônio; as pessoas acham que sou o demônio na rua.

Rogério: Você acha que, se você não fosse artista e não trabalhasse com a arte, você buscaria ou tentaria expressar essa questão mais subversiva, o do dualismo do queer de outra forma? Você conseguiria se pensar assim?

Fauno: Olha se eu não fosse artista, eu acho que eu iria escrever muito sobre isso e, agora estou fazendo um pouco isso. Eu acho que escreveria muito, depois vou te mandar a cópia do meu artigo. Eu escreveria muito, porque eu sou uma pessoa muito da comunicação, agora eu estou fazendo mestrado em Comunicação e eu estou pensando muito sobre isso, como eu sou da

comunicação e não sabia; porque assim, a gente se esconde atrás da do teatro, atrás da arte e se esquece que a gente também é comunicador. Porque a função de ser artista é muito grande, a gente fica muito tempo nesse sofrimento de fazer acontecer a arte, então ela ocupa muito da tua mente, do teu tempo, pois ele suga a sua energia ser artista, entendeu. Porque é uma atividade bem complexa e difícil e agora, não que eu parei de ser artista, não parei, eu continuo fazendo trabalhos, mas eu estou me dedicando um bom tempo agora ao mestrado e eu me pego lendo os autores que estão aparecendo e amando tudo isso e acho que eu escreveria muito sobre isso. É o que está rolando agora já também.

Rogério: Existe um Fãuna antes e depois do projeto queer?

Fãuna: Olha, eu acho que o projeto queer é no espetáculo do Vampiro... é como se fosse uma coisa mais de protesto. É uma peça protesto, na minha opinião; que antes todos aqueles conceitos eles vêm em várias peças, mas ali ele está de uma forma explícita como protesto. Vamos se abrir, desde o início, vamos se abrir para a sociedade, vamos deixar quem quiser vir até nós e a gente vai chegar nessas pessoas de alguma forma. Então, é um se abrir eu acho que é diferente das outras peças. É um protesto mais escancarado, mais claro assim, é a minha visão.

Rogério: E mudou algo no Fãuna, antes dele e/ou depois dele?

Fãuna: Olha, eu acho que mudou sim. Mudou algumas, porque eu sempre fui atrás desse termo queer de alguma forma, por causa de apontamentos que me faziam. Só que nessa peça eu acho que eu consegui... eu cheguei nesse lugar que tipo Ok!! Ok!! É queer ponto final. Ou não é queer, não tem mais, o termo ele está ali, entendeu. Ele não é mais um esse lugar que antigamente a uns 10 anos atrás incomodava, também não é uma coisa assim que... como uma perseguição, como foi por um tempo, onde a gente ficava correndo atrás disso para saber o que era, hoje em dia é uma relação mais natural com isso.

Rogério: Na sua opinião, o que seria o queer hoje no contexto brasileiro?

Fãuna: Olha, eu acho que no Brasil... eu acho que o queer é necessário, em primeiro lugar. Porque esse país é muito preconceituoso, horrivelmente para se viver sendo gay aqui, tanto que se você for ver essas estatísticas, elas são assustadoras. Então assim, as pessoas fingem que aceitam ser gay, mas elas não aceitam não. Então isso é uma... eu acho que a arte queer é questionadora ainda nesse sentido no Brasil e necessária e, principalmente por visibilidade. A gente ainda precisa de mais visibilidade, muito mais ainda. O que temos na mídia, o que temos na arte ainda é muito pequena no mundo intelectual. Precisa triplicar tudo isso.

Rogério: Você mencionou a questão da arte queer, o que você denomina como arte queer hoje?

Fãuna: Eu não sei. É difícil falar assim de denominação, de não denominação. Hoje em dia as pessoas se denominam muito também, então tipo que, não acontecia antigamente. Antigamente

não se falava, você não assumia um termo. Como eu te falei, da trajetória até chegar nesse termo. Hoje em dia as pessoas se denominam mais, como esse espetáculo, vou fazer um projeto queer, vou falar sobre esse assunto. Eu não sei, eu acho que tem vários movimentos acontecendo, na dança a gente tem essa aproximação com esse universo das danças vogue; de mais danças que são várias, que eles chamam de casa. Então na dança isso vem acontecendo de uma forma bem escancarada já faz uns dois ou três anos que essa aproximação tem acontecido. A dança contemporânea absorvendo isso, mas assim eu não sei, eu fiz essa aproximação com as danças das casas, com esse universo já a quase 10 anos atrás; eu já venho trabalhando em cima disso, então eu vejo que tem umas novas aproximações, mas assim já tem velhas aproximações entendeu. Então eu acho que... eu estou te falando de um aspecto da dança, mas daí no teatro também, muito mais se fala hoje. Eu fui agora assistir um festival com o texto de um mexicano que é sobre o universo dos michês e tal; essas coisas elas estão tão por aí, elas estão mais no universo do que elas estavam antigamente, mas eu acho que as pesquisas elas vêm e vão, elas retomam coisas que já estavam por aí. O próprio César é uma pessoa que vem trabalhando esse universo há mais de 20 anos.

APÊNDICE VI – Transcrição da Entrevista com **Motumbó**

I - ENTREVISTADO:

Nome do Entrevistado: Motumbó

Local da entrevista: Via Skype

Situação da entrevista: Combinamos previamente o dia e horário da entrevista que se realizou de maneira virtual, devido à dificuldade de agenda do entrevistado na semana que estive em São Paulo/SP para realização das entrevistas.

Tipo de entrevista: Individual.

Duração (horas de gravação): 40 mm 17ss de gravação.

Tipo de gravação: Digitalizada.

Data: (período em que foi tomado o depoimento): Matutino do dia 09/05/2019 às 09h00.

II - PESQUISA

Nome do entrevistador: Rogério Amador de Melo.

Nome dos outros membros da equipe de pesquisadores: Fernando Silva Teixeira-Filho (orientador).

Nome do técnico de áudio e vídeo: Não houve.

III - DADOS DA TRANSCRIÇÃO

Responsável pela transcrição: Rogério Amador de Melo.

Período em que foi feita a transcrição: Noturno. Data: 22/06/2019.

Número de páginas da transcrição: 10 páginas.

ENTREVISTA

Rogério: Bom a entrevista hoje é com o Motumbó. Eu quero iniciar te perguntando, se você se percebe e/ou se considera como um corpo queer e por que?

Motumbó: Hoje eu entendo que sim, tenho algumas questões referentes a isso. Primeiro eu acho que o queer, a pesquisa do queer e esse entendimento do queer revelam outras questões para além de um corpo gay cisgênero, pensando de uma forma tradicional de como se vê esse entendimento. Então, dentro do queer e dentro de um queer na América Latina, dos países do Sul, eu acho que ele amplia de alguma forma o entendimento sobre meu corpo e sobre as perspectivas do que é ser gay e negro, dentro da performance que é esperada do meu corpo, do

que eu tenho de possibilidades a partir dessa performance do corpo, do que eu tenho possibilidade de ser e de como esse entendimento do queer amplia as possibilidades de ser eu no mundo. É isso que eu acho que é uma das coisas principais, acho que é uma das coisas que eu aprendi nos últimos anos, a partir desse entendimento. Eu até tenho umas questões ainda, porque é sempre uma controversa, é sempre contraditório na verdade, quando a gente pensa queer e a princípio vem uma crítica em relação: “ah... mas o queer é lugar muito teórico, o queer é muito acadêmico, o queer não sei o quê.” E mesmo com a tradução da palavra, com a transliteração da palavra, enfim quando a palavra ela sai da sua grafia do inglês e as pessoas começam a adaptar com o “cuir” ou “kuir”. E porque isso também revela que existe de alguma forma... isso ajuda a traduzir essas possibilidades, assim, ajuda a colocá-la no mundo; no mundo que a gente ainda precisa. Por mais que o queer não seja uma denominação de categoria, que ele traga essa possibilidade justamente de atravessamento e questionamento desse corpo que teoricamente é inclassificável, justamente porque traz outras dimensões de fóruns que são íntimos e são estruturais ao mesmo tempo, ainda há a necessidade desse lugar de posicionamento e classificação no sentido de uma marcação social do lugar que me atinge, do lugar que me afeta e que se talvez eu não me posicione, se eu não me denomino de alguma forma eu acabo perdendo espaços e perdendo o direito de discutir meu corpo na sociedade; de discutir minha existência no mundo e essa existência também dentro de questões políticas, questões de direitos e tudo mais. A outra coisa referente ao queer, é que também eu consigo hoje vê-lo para além do gênero assim, então eu consigo ver o queer a partir de uma ideia de possibilidade de imaginar. O queer me dá mais possibilidade de imaginar o meu corpo no mundo e um outro mundo em que meu corpo é possível, assim, e não só meu corpo, mas aí de outros queers, gays ou trans ou... enfim, outras possibilidades. E tem mais uma coisa também que, é um pouco desse entendimento do gênero quando a gente pensa no Sul, assim, quando a gente pensa em ancestralidade indígena e/ou africana; como no final das contas, por mais que a gente ainda viva uma função de sociedade ocidental e tem esses valores e tudo mais, eu acho que a gente carrega mesmo que geneticamente, isso é uma coisa que estou entendendo, ainda está em um processo que estou teorizando. Bem teórico, mas não é uma pesquisa exatamente. Mas de coisas que eu tenho lido e tudo mais, que tem a ver com essas sexualidades ou essas performances de gênero, entendimentos de gênero não ocidentais e que atravessam esse histórico e, que vem com uma carga genética, ancestral e que passa pelo meu corpo. Eu tenho lido algumas coisas e tem até um livro que eu descobri que eu gosto muito que chama *Queering Creole Spiritual Traditions*, ele pega as religiões de matriz africana na América. Então ele vai falar de candomblé, vai falar de umbanda, vai falar de vodu, vai falar de santeria, vai falar de

outras religiosidades dessa origem para discutir, a partir do queer, – tendo em vista de onde vem essa teoria –, o que são outros gêneros e outros entendimentos do corpo não hegemônicos ocidentais, até quebrando uma ideia de que esse corpo de origem africana ou ameríndio ele é transexual como padrão, e na verdade ele é muito mais complexo até do que esse entendimento de homossexualidade e heterossexualidade. Mas enfim, no fundo é para falar sobre essas possibilidades todas e outros entendimentos, e uma abertura maior para essas questões.

Rogério: E quais foram as motivações e os interesses que o levaram a participar do Cidade Queer?

Motumbó: Eu acho que foi...já tinham acho que dois fatores. Já tinha um entendimento pessoal de que eu queria entender e me posicionar mais fortemente dentro da questão. O entendimento de que politicamente eu precisava estar envolvido de alguma forma, e por um lado, por mais que eu tenha uma presença ativa em certas discussões, eu não me vejo como ativista propriamente, eu me vejo como artista e eu vejo que existe um circuito de pessoas, uma rede de pessoas que de alguma forma se entendem do mesmo jeito e que traz essas questões a partir dessa mesma perspectiva, do artista e não do exatamente do ativista, ou do artista-ativista e daí vai variando esse aspecto de ações. É, surgiu um convite para participar de uma primeira ação que eu acabei não indo. Acabei indo depois, que foi uma caminhada que teve em São Paulo. Eu acho que era o Paulo Góia que é um ator, já é uma pessoa mais velha que cedeu a casa para jantas. Não sei se você...

Rogério: É, eu vi o vídeo. Li tudo da página também.

Motumbó: Rsss...ah então, tiveram as jantas e antes das jantas teve essa caminhada. Essa caminhada era uma ideia de você contar a história, entender percursos que são invisibilizados na cidade. Nessa cidade que escolhe as histórias oficiais e apagam as histórias não oficiais, então, praticamente era um percurso sobre uma São Paulo gay, já de duas a três décadas atrás que tipo, que apaga esse processo, mas que tem pessoas que podem contar através de uma oralidade que é muito legal. A partir disso surge o convite da gente começar a participar do Cidade Queer, inicialmente com as jantas, juntamente com a organização e a Lanchonete.org; e a gente começa a ir para as jantas e começa a partir daí entender e se envolver com uma rede, mais que mapear é se envolver com uma rede de pessoas que estavam interessadas em discutir isso. Isso foi durante o primeiro semestre, até que a gente realiza a residência, porque a gente tinha interesse de estar mais junto, pois já estávamos frequentando. Já existia a Plataforma Explode!, que é minha plataforma com o Cláudio, mas a gente não tinha realizado nenhuma ação, na verdade já tinha sido vetado uma primeira ação que a gente tinha proposto. A gente tinha sugerido uma programação de um ano para uma instituição, e essa programação foi

cortada dia 31 de dezembro, bem dramática, tipo vocês não irão fazer. Porque enfim, as pessoas não queriam discutir isso naquele momento ainda, e depois a gente realiza a residência que foi um processo incrível, porque realmente põem a gente em conexão, cria essa possibilidade de troca mais longa, de ficar na casa esses 10 a 12 dias. Então tem uma coisa que vem dos meus próprios questionamentos, assim, mesmo pessoais, e a partir dali isso se expande. Esses três últimos anos, a partir desse momento foram para mim, de alguma forma libertadores e expansores de muitas questões, pessoais principalmente, e também das redes, das pessoas e de entendimento outro de possibilidade de ser no mundo, possibilidade de imaginação do mundo assim; tipo, acho que são as coisas mais importantes desse processo. E aí essa possibilidade de continuar trabalhando com essa rede, discutindo isso, me discutindo nisso, então acho que é basicamente isso.

Rogério: E quando e/ou como se deu seu primeiro contato com o termo ou com os Estudos e Perspectivas Queer?

Motumbó: Acho que foi nesse momento em 2015. Foi 2014/2015 mais ou menos, acho que o primeiro texto, a primeira coisa vem duas pessoas, o Paul Preciado, com alguns textos mais curtos, não com o texto principal, eu esqueci agora, mas Paul Preciado foi um dos textos e a Judith Butler, foram os dois primeiros que eu ouvi o termo teórico. E depois, eu acho que foi até onde isso aterriço de alguma forma, foi quando nessa pesquisa do Explode! primeiro, a gente descobriu a ideia do queer rap, e aí pensar nesses artistas, a princípio nos EUA e que estavam se apresentando como rappers que estavam discutindo questões de gênero, rappers gays, rappers trans ou rappers feministas; mulheres discutindo feminismo a partir de uma perspectiva queer. E vimos essa cena crescendo, e outros artistas de outros lugares do mundo, sei lá daí as pessoas vão entendendo a Titica de Angola como uma pessoa ligada a essa cena. Esse rap começa a virar outras coisas, outras leituras de músicas de alguma forma com uma conexão com uma África diaspórica; isso estava presente. Até hoje para mim é meio confuso esse entendimento do queer nos EUA, porque as vezes eu acho que eles entendem o queer com populações, que eles chamam de não-brancas assim, as vezes eu vejo mais assim falar LGBT para uma comunidade branca e queer para todos os outros grupos negros, indígenas e tudo mais, mas eu enfim, não é uma coisa que me aprofundei, é uma coisa que eu percebi assim. E depois na África do Sul toda uma cena que eu tive oportunidade de conhecer de pessoas queer, em Capetown e Joanesburgo, e depois no Brasil, primeiro com Linn da Quebrada, Glória Groove, enfim, e aí esse entendimento do que é essa discussão, esse atravessamento do queer, do que é essa discussão do gênero e do corpo, e tudo mais. E aí foi bom, foi importante porque foi isso que deu de alguma forma, me trouxe mais possibilidade palpável de saber o que era, não

somente teórico. Não teoricamente né, a partir da ideia sei lá, falar da palavra performance do queer, daí Donna Haraway vai falar de tecnologia, desse lugar; e aí fulano vai falar de...cada um vai trazendo sua ideia do que é o queer dentro de todas essas questões. Mas enfim, eu acho que foi legal essa experiência da música e da performance na música, a princípio, porque foi ela que de alguma forma me trouxe um laço. Aí eu fui entendendo os latino-americanos, os sudacas e toda uma outra geração. A própria Bibi Abigail aqui no Brasil, traduzindo textos e trazendo os próprios textos dela dentro dessa perspectiva, então, tipo foi um mix dessas coisas, mas acho que primeiro esses textos de teóricos maiores e depois o rap e esses artistas trazendo essa performance em vida né. Trazendo essa discussão ali na performance da vida, na performance artística ao mesmo tempo.

Rogério: Por onde e como as discussões e/ou as propostas e as proposições queer atravessa sua história de vida?

Motumbó: Deixa eu pensar...

Rogério: Por exemplo, se a gente pegar essa questão que você trouxe do Paul Preciado, de Butler, da Haraway, cada um vai trazer discussões e proposições em relação ao corpo, sexualidades, gênero, identidade e aí você traz essa experiência também da arte, da dança, da música. Como que tudo isso atravessa o Motumbó? Vida, família, relações sexuais, relacionamentos, trabalho...

Motumbó: Bom, eu acho que tem o momento primeiro de um incômodo de alguma que estava faltando assim, essa era a questão. Eu acho que tem o meu processo de saída do armário, sendo um processo meio tradicional, a princípio para minha geração, eu acho. Acho que agora a coisa é mais fácil, pois para mim uma pessoa de quarenta anos, então é um processo de um entendimento meio solitário, sem muita referência, pré-internet (risadas)

Rogério: Sei muito bem, o que é isso (risadas)

Motumbó: E basicamente eu acho que todo referencial está na pornografia, quase não tem livro, quase não tem discussão, tinham poucas pessoas assim, mas tudo pouco acessível, quando você é novo. E aí, e também muito delimitando do que se não é. Aí quando você começa a encontrar as primeiras pessoas, elas te dizem isso, você é isso, não é isso. É assim, é assado. Lembro umas coisas assim de gente, logo das primeiras vezes que eu saí, aí tinha essa cena aqui em SP dos Jardins, que foi uma das primeiras que eu conheci. Então tinha uma coisa que era, desse lado da rua estão os ativos, do outro lado estão as passivas; as passivas são assim, os ativos assado, os ativos sustentam a casa, as passivas fazem comida e cuidam da casa. Sabe, uns papéis tão delimitados, então, uns lugares muito... E que também vinha de coisa, acho que anterior a isso, de como a gente é ensinado no mundo de várias formas, de não só na casa, mas

assim, como é que o mundo te delimita nesses papéis. Como eu entendo, que tem o entendimento do que é ser homem, o que é esperado de um homem, enfim, desse homem que até hoje eu fico também pensando, me desdobrando cada dia mais a partir desse lugar. E aí eu acho que é onde eu me conecto com a Judith Butler sobre a realidade performance e performatividade, porque eu acho que hoje ainda eu consigo explorar e discutir essa ideia de como a gente socialmente vai aprendendo a performar como o que se é esperado de um homem, do que é se esperado de um corpo. E aí tem uma certa repressão de movimentos, como a coreografia de um homem não se permite certos movimentos, permite outros e tudo mais, e isso de alguma forma acaba sendo limitado. E aí quando você se descobre homem gay, existe a desconstrução de alguns lugares, mas ao mesmo tempo é um outro grupo de...sendo um homem gay negro, você entra em um outro perfil do que é esperado desse corpo e o que é esperado dessa sexualidade e tudo mais. E aí, esse incômodo começa a surgir dessa limitação disso e o que isso estava me trazendo, porque isso de alguma forma me gerava uma certa angústia de falar por que eu não posso ir mais ali, por que eu tenho que cumprir esse papel. E aí eu percebo que isso começa a me libertar, e aí acho que entra também a questão da sexualidade, porque de alguma forma tinha a expectativa de uma performance, e sei lá de um gay ativo ou esse homem é passivo, sabe tem um lugar muito delimitado nesse sentido de ativo e passivo. Que acaba sendo um lugar muito falocêntrico, que a sexualidade está no pênis e não está em outras possibilidades, e eu sinto que em processo ainda, a minha sexualidade fica mais livre, meu corpo fica mais livre em relação ao sexo e aí começo entender essa relação menos conectada ao pênis; mas ainda estou entendendo esses prazeres de outros jeitos que não sejam somente sobre isso. Porque eu acho que a sexualidade é muito mais que isso, muito mais que o próprio ato sexual e o ato sexual pode ser muitas outras coisas para além de penetração e tudo mais; e sexo oral e essas dominações também. Às vezes você começa a pensar, tudo é tão rígido, e que tem que ser assim, todo um manual, um cronograma. Agora você começa assim, agora você faz assado e agora você fica, agora você não sei o que. E no fundo a coisa tem uma fluidez a ser explorada que é complexa e que no fundo é que nossa sociedade foi construída desse jeito, e a gente tem uma educação de sexualidade no universo gay que era a pornografia, eu acho. Acho que minha crítica a pornografia tradicional tem a ver com essa normatização, de uma performance que é sempre incrível, maravilhosa, tipo paus grandes ejaculando para todos os lados e aí papéis muito definidos. Todo um tempo e um ritmo que é irreal, mas que funciona para alguns corpos e para outros não, não é uma regra em si, mas se repensar nisso eu acho que é importante sim, nessas possibilidades. Então eu acho que é um pouco sobre isso da minha vida.

Rogério: E como você, por exemplo, partindo de toda essa discussão dessas possibilidades, dessa reinvenção, como você vive isso no dia a dia fora do que você expressa na arte? Você questiona isso em conversas, no seu modo de vestir, no seu modo de se posicionar?

Motumbó: Ah sim, a partir disso eu comecei a trazer isso para meu dia a dia, a primeira coisa foi...acho que das primeiras coisas que já estavam vindo foi começar a trançar meu cabelo, agora estou sem nada, mas em geral eu comecei a trançar o cabelo e com isso trazer um outro lugar. Aí tem a ver também com uma questão racial, mas tem a ver também com essa questão de gênero. Eu não queria um cabelo tradicional, queria um cabelo colorido, queria um cabelo que de alguma forma representasse um estado de espírito outro, de um lugar até enquanto que eu estava vivendo. A roupa é um processo que eu tenho também, passado e entendido, ao mesmo tempo que eu fico em uma crítica de não tentar conectar a um consumo assim, não tornar da experiência do queer uma experiência do capital. Por exemplo, eu acho maravilhoso maquiagem, mas eu acho também que virou, está virando uma outra identidade. O que eu vejo é que, por exemplo, meu guarda-roupas expandiu, não tem todas as peças que eu quero porque eu também sou grande e aí eu não consigo achar tudo que eu gostaria (risos), ah tipo meia-calça, adoro usar meia-calça, tipo porque eu acho que eu fico perna durinha e aí fica tudo certinho no lugar. Adoro, me sinto muito confortável, mas não tem do meu tamanho, por exemplo, é muito difícil achar. Tem que ir em uma feira, tipo pop plus para achar uma, e aí meia-calça é uma coisa que rasga, enfim. No fundo uma das características como pessoa, como eu sou grande, eu sempre chamo atenção independente do que eu estiver vestindo. Se eu estiver cabelo cortadinho curtinho, não sei o que, camiseta e calça jeans, eu vou chamar a atenção porque eu sou uma pessoa grande. Então, se eu estiver com uma saia vai chamar atenção do mesmo jeito, então eu prefiro estar do jeito que eu estou mais confortável. Eu, na época tinha um trabalho fixo, mas eu tive só uma vez um trabalho mais formal assim; trabalhava num banco, nem era em uma agência, era num departamento de marketing. Então tinha uma coisa que era do terno e me incomodava demais, assim, eu ficava extremamente aflito em usar o terno. Até hoje eu não gosto, mesmo em cerimônias eu parto para outras roupas porque me incomoda usar terno. Eu tenho uma questão ali, nem é o paletó em si, mas é a própria estrutura, que para mim não sei, eu tenho um grande incômodo em relação a isso. Eu sentia um peso no ombro, em usar aquele paletó todo dia, depois trabalhei em outros lugares, em agências e outros lugares que eram mais tranquilos, assim, e no último lugar era uma editora. E na editora eu tinha certa liberdade de roupa e tudo mais, e depois foi o último trabalho fixo, última empresa que eu trabalhei. Hoje eu estou trabalhando de novo, mas é um escritório de arte pequeno, que não é exatamente estar trabalhando em um mercado de trabalho que eu ache tão formal. E em meus

trabalhos eu sempre fui muito aberto e em geral foi muito tranquilo em relação a isso, ninguém nunca me enfrentou, eu nunca tive problemas em relação a me assumir nos lugares que eu trabalhei. Só não sei se isso afetou de outras formas, sabe, certos lugares de decisão, etc. Mas acho que é uma discussão complexa que vem de mistura de coisas, mas eu preso um pouco por esse lugar dessa liberdade. Em geral eu gosto da ideia de me produzir para sair, e não necessariamente uma performance drag, o lugar da drag, mas é tipo ah se eu estiver...pintar o olho, fazer um olho bem bonito, aí tipo ter uma roupa solta, uma saia, sei lá, eu me sinto bem assim. Mas eu me sinto sempre no dia a dia, eu tenho um pouco de preguiça (risos) de fazer muita coisa. Ah não é isso, eu penso (risos). Hoje, nesse momento assim, eu tenho uma crise com minha barba. Agora assim, de olhar para ela e falar: nossa, ela está aqui a muito tempo. Eu tenho uma questão...ela é muito forte, ela é grande e ela está em um registro hoje de masculinidade. Tem a cultura da barba, desde quando eu usava um pouco menor, mas hoje é barbearia em todos os lugares, tipo tem barbearias que são insuportáveis de entrar porque são altamente machistas. Ou sei lá, todas essas questões e aí eu fico olhando, mas eu tenho uma questão que não tem a ver com... que eu tenho incômodo do meu queixo, por exemplo assim, absurdo, porque eu não tenho muito queixo, ele é curto. E por isso não consigo tirar a barba porque eu tenho incomodo com meu queixo e fico pensando em tratamento estético; o tempo inteiro para resolver. Se eu fizer, se eu juntar dinheiro, seu eu fizer umas aplicações, diminui aqui e aumenta ali, mas eu falo: calma uma coisa de cada vez. E no final das contas, eu me aproximei de uma rede de pessoas que se identificam queer ou transgêneras, porque faz parte desse circuito, onde se não há propriamente uma discussão sobre isso, mas é o lugar de discutir sobre o que se implica esses corpos no dia a dia. É de uma amiga trans que fala, ai puta não consigo juntar grana, é uma dureza pagar o aluguel porque eu quero ser artista. É a outra que fala da afetividade com relacionamentos com o namorado. É sobre certas violências do dia a dia, ou por outro lado conquistas do tipo, tenho encontrado mais espaços, e acaba então se tornando também referências para falar de certos assuntos, mas o que é isso mais não sei o que, e aí isso parte tanto para um lado profissional tipo Missão Paz que é um projeto aqui em São Paulo na Igreja da Paz que é com imigrantes refugiados, e ali tem diversos países da África, Palestina e tudo mais assim daquela região, e aí me convidaram para falar sobre gênero que é uma discussão que eles não tinham até então e que eles achavam que era importante trazer; porque parte desses refugiados às vezes fogem desses países por causa das questões de gênero, de machismo ou transfobia, homofobia. Muitos nem consegue falar sobre, porque já vem de uma questão tão forte de perseguição e uma promessa de perseguição para além do próprio país, que fica uma experiência muito solitária de algumas pessoas. E também coisas muito simples

do tipo, como eu ponho no formulário gênero, sabe do tipo cis, trans...esse tipo de pergunta assim. Como é que eu denomino, enfim, acho que vai para vários caminhos.

Rogério: Na sua opinião, o que seria o queer hoje no contexto brasileiro?

Motumbá: Olha eu acho que na discussão, ele ainda é uma coisa limitada a certos circuitos, não é tão amplo. Eu vejo que quem não está conectado de alguma forma com a discussão, eu vejo que ainda não dominam o vocabulário e as vezes eu acho que é uma questão de vocabulário. Até quando a gente discute LGBT, por exemplo, é muito comum você ver travestis que não estão dentro de uma discussão, se chamarem de viado, gay e bla bla bla. Tudo gay como se fosse uma denominação geral e que delimita o corpo na discussão, e que eu vejo que o queer ainda está conectado a grupos que de alguma forma mesmo que não acadêmicos, mas de alguma forma estão discutindo essas questões e se entendem nesse contexto. Entendem essa pluralidade e essa possibilidade mais ampla do gênero, a princípio. No contexto brasileiro, na vivência, eu acho que ela é mais ampla do que a denominação dá, eu acho que a gente vive mais possibilidades no corpo e nessa vivência do corpo para fora dos centros, que é muito mais complexa e que é bonito por ser complexa. Porque a gente ao mesmo tempo tem um apagamento da cultura ocidental, da religiosidade cristã e tudo mais, enfim, de uma cultura denominada brasileira a partir de certas questões do corpo; eu acho que tem coisas que acontecem ou tem coisas que a gente faz sem muito pensar, que tipo refletem esse queer assim, esse atravessamento, essa ideia, que nem a desconstrução ela já acontece sem processo mental de você tentar se descobrir de outro jeito, ela é uma existência assim. Sei lá, eu acho que é complexo assim, porque eu também estou falando abstratamente sem pontuar muito, mas eu acho se a gente pensar historicamente e pensar o que vem a partir dessa história e das tradições não no sentido de uma coisa que deve ser feita, mas uma coisa que vem a partir de quem vem atrás de nós assim, eu acho que tem muita possibilidade. E assim, acho que o mais bonito e o mais interessante do queer é poder repensar isso, poder se repensar em todas essas possibilidades. Pensar nessa amplitude do ser, enfim.

Rogério: Existe um Motumbá antes e depois do Cidade Queer?

Motumbá: Existe. Eu era mais durinho, mais tímido, tinha vontades assim...tem muitos impedimentos que vem a partir disso. A própria residência, o Cidade Queer foi muito importante para eu me descobrir em processo, ali de um desejo de investigação e de descoberta. A residência é um processo que é uma porrada assim, do tipo sacode bicha levanta. Tipo, vamos mexer isso. E depois vem essa amplitude, eu acho que inclusive, surge a [M. J.] depois do Cidade Queer, e a [M. J.] é um apelido que vem de amigos e acaba virando, não é um personagem, eu não sei explicar ainda. [M. J.] é a questão terapia também (risos). A [M. J.] vira

esse personagem de performance, eu performo como [M. J.] e não necessariamente como se fosse drag. Não exatamente eu faço drag com [M. J.], mas eu faço outras coisas e me nomeio como [M. J.], porque traz algumas informações sobre mim que o Matumbá, ele não traz assim. E não é uma dissociação total, ainda. É um processo. Eu vejo a [M. J.] nesse processo de que posso chamar de desconstrução, posso chamar de entendimento, investigação também, mais amplo e que está inserido em mim no dia a dia, agindo cada vez mais assim. Que me deu mais segurança de mim. É um processo que me deu possibilidade de falar a partir de um ponto que me interessa discutir as coisas. Me posicionar no mundo a partir de um ponto que tensionam certos lugares e que me dá essa potência assim, que me dá energia para fazer isso. E acho que esse processo me ajudou a isso, me localizar, me entender; me deu mais potência, clareza na fala, assim, é um outro lugar. Acho que me tornei mais aberto e empático para o mundo. Até de alguma forma ter que me controlar, porque acabo me tornando empático demais e aí fico sensível demais às questões dos outros. E aí me afeto demais, e aí tenho que voltar e falar, não você tem que também criar um lugar que é só...que é meu, para me proteger, para me recolher, para ter força de novo. Então, sim, acho que existe realmente duas pessoas e para mim é muito forte e muito importante. É um processo na vida, do tipo de falar assim, não você tem que trazer a partir do que você é. Construir a partir do que você é, e então isso é muito legal.

APÊNDICE VII – Transcrição da Entrevista com **Moleque**

I - ENTREVISTADO:

Nome do Entrevistado: Moleque

Local da entrevista: Condomínio Neo Gardem – Curitiba/PR.

Situação da entrevista: Combinamos previamente o dia e horário da entrevista que se realizou no local onde eu estava hospedado, por decisão do entrevistado de vir até meu encontro.

Tipo de entrevista: Individual.

Duração (horas de gravação): 37 mm 52ss de gravação.

Tipo de gravação: Digitalizada.

Data: (período em que foi tomado o depoimento): Matutino do dia 22/08/2018 às 09h00.

II - PESQUISA

Nome do entrevistador: Rogério Amador de Melo.

Nome dos outros membros da equipe de pesquisadores: Fernando Silva Teixeira-Filho (orientador).

Nome do técnico de áudio e vídeo: Não houve.

III - DADOS DA TRANSCRIÇÃO

Responsável pela transcrição: Rogério Amador de Melo.

Período em que foi feita a transcrição: Noturno. Data: 11/02/2019.

Número de páginas da transcrição: 11 páginas.

ENTREVISTA

Rogério: Bom hoje nós vamos entrevistar Moleque, primeiro eu queria agradecer a disponibilidade dessa conversa para esse projeto de tese de doutorado que estamos tentando construir. E aí eu queria começar perguntando para ti, se você se considera e/ou se percebe enquanto um corpo queer e por que?

Moleque: É, primeiro bom dia e obrigado pelo convite. Prazer estar colaborando com esse mapeamento. E sim, eu me percebo enquanto queer desde enquanto indivíduo civil, de pessoa que tem que pagar seus impostos, tem sua rotina cotidiana, quanto artístico; pela maneira de eu me posicionar esteticamente e discursivamente. Tipo, esteticamente pela forma que eu me visto, geralmente eu uso coisas que são consideradas de “menina”, coisas que são consideradas de

“menino”, isso no meu cotidiano, enquanto L. G. Enquanto Moleque, é toda uma proposta voltada ao queer mesmo, que eu uso unir o feminino com o masculino, como um ser não-binário, um ser livre, que transita entre o masculino e o feminino com a liberdade de se explorar, de se pesquisar, de se perceber. Eu busco enquanto Moleque me experimentar de várias maneiras, então eu vejo como o meu corpo é sim um corpo queer. Que fala já pela identidade, quando a pessoa me olha ela já acha que “uouu”

Rogério: É, eu percebi quando nós entramos a cara do porteiro do prédio (gargalhadas)

Moleque: Ela já me olha e já fala “uouu” tá esse menino é diferente. Então sim, eu me vejo enquanto um indivíduo queer sim.

Rogério: E você me dizia, quando estávamos vindo para cá, que faz sete anos que você mora em Curitiba, pois antes você morava em uma cidade menor, então como era isso lá? Você consegue perceber uma mudança de como você tinha esse posicionamento queer diário, para depois vir para uma cidade maior como Curitiba. Mudou alguma coisa? Não mudou ou continua as mesmas coisas?

Moleque: Não, mudou totalmente porque primeiro mudou a minha visão de mundo e a abrangência que você vai ter das pessoas, então, quando eu vim morar em Curitiba, foi realmente quando eu fui me descobrir. Porque daí eu fui conhecendo os meus reais amigos, as pessoas que eu me identificava, a maneira que eles se vestiam era maneira que eu me identificava. Também em Andirá eu já tinha um despontamento para ser queer assim, mas eu não tinha a liberdade de me experimentar, porque eu acho que quando você se identifica enquanto queer, você tem essa liberdade de você se experimentar. Você não fica mais preso ao que é o padrão heteronormativo que é o que todo mundo é acostumado a achar “normal” e, você ser diferente é você ser normal também. Você se permitir as descobertas de ser você, de você estar presente nesse mundo. Então, com certeza morar aqui em Curitiba mudou minha perspectiva de como eu me vejo no mundo, porque hoje eu me vejo como um indivíduo político; então, eu sair na rua é um ato político. Eu ir no mercado comprar um pão, de vestido, pegar um uber de vestido para eu vir até aqui nessa entrevista, causa um estranhamento e causa uma resistência, porque você quebra essa normatividade que você tem que estar padrão de como a sociedade imagina e projeta essa imagem na tua vida. Eu acho que sair de Andirá com certeza me permitiu realmente me conhecer e a me descobrir a cada dia, pois a cada dia você vai se permitindo fazer coisas que você tinha menos coragem. Lá eu nunca tinha usado uma saia, um vestido, já tinha usado maquiagem sim, porque eu trabalho no meio artístico desde novinho; se não era cantando, era na dança, então a maquiagem, o figurino sempre esteve presente na minha vida. Mas aqui em Curitiba eu pude me permitir em coisas que eu não tinha no meu cotidiano,

tipo usar um vestido, usar uma saia, usar um lápis de olho, usar uma sombra, deixar o cabelo crescer e você deixar sua feminilidade transparecer no seu cotidiano e você ver que isso não tem problema você ter trejeitos e alguma coisa do feminino. Feminino é lindo né. Então, eu me permitir a isso foi depois que eu vim morar aqui em Curitiba, mas em Andirá hoje em dia eles sabem como eu sou, porque até então eu sou uma pessoa pública lá. As pessoas conhecem meu trabalho, minha música toca basicamente todo dia na rádio da minha cidade, então tipo, hoje eles me veem como um indivíduo diferente, mas eu acho que eles ainda não têm noção dessa questão queer, que até eles perguntam para meu pai, para minha mãe: nossa ele é muito diferente, daí eles tem que educar a população de lá.

Rogério: Eu cheguei até você porque você está no catálogo do mapeamento do [SSEX BBOX] Brasil que tem uma página na web falando dos artistas queer. O que é para você estar nesse catálogo, ser considerado como um artista queer?

Moleque: Aiii para mim é incrível, primeiro que você vê que é, como vou te dizer, é legitimar o teu trabalho. Meu trabalho é totalmente... lógico que a gente quando escreve música e arte enfim, você faz para todo mundo, mas o discurso meu é total para a população LGBT e queer. Então você estar em um catálogo que mapeia todos os artistas do cenário nacional que tem essa temática, tanto do visual quanto da mensagem é extremamente importante, porque é você mostrar para a sociedade que existimos e que tem várias pessoas de vários lugares do país que estão fazendo arte voltada a população queer que se identificam com a população queer ou que militam pela resistência do queer mesmo. Hoje em dia você vê, muito mais pessoas queers aqui em cidades, em grandes polos; andando na rua e conseguindo frequentar ambientes, sendo elas mesmas não tendo que estarem mascaradas de uma coisa que elas não são. Então, você estar presente num catálogo é você mostrar que você existe, que você resiste e que você está ocupando espaço artístico que antes não era ocupado nas grandes mídias. Você não via uma grande variedade de artista queer no meio streaming, hoje em dia a gente tem um Pabllo Vittar que é um grande nome, Liniker que é outro grande nome, você tem a Linn da Quebrada que é outro ser incrível. Então, eu acho que é de grande relevância você ter esses mapeamentos mesmos, porque as pessoas têm que ver que nós existimos e que fazemos coisas sérias, que não é palhaçada; que a gente não está fazendo palhaçada e para dar close, não a gente está fazendo porque a gente tem uma história, a gente tem uma resistência, a gente tem um cotidiano e a gente existe né. Então eu acho que é de extrema importância.

Rogério: E quais foram, as motivações ou as intenções os interesses que te levaram a ir para esse contexto da arte queer, do que você considera arte queer?

Moleque: É, eu acho que as motivações é a minha própria existência mesmo, porque primeiro que eu não me identificava...já que quando eu decidi em fazer música, para fazer arte e escrever externando isso para fora, porque isso está muito no subjetivo nosso e a partir do momento que você joga para o mundo, não é mais seu só, é do mundo; a arte não é só sua é de quem se identifica com ela. Foi tipo, a minha válvula de escape assim, eu sou queer e eu quero que as pessoas se identifiquem com isso. Então, o que eu vou falar, tudo que eu quero falar na minha música, são as minhas verdades; é o que eu vivo, o que eu vivencio. Então eu resolvi assumir a minha arte como forma de empoderamento, como resistência, como existência de um indivíduo mesmo, e assim, vai possibilitar que pessoas que se identificam com essa existência, que no caso é a minha, que elas se sintam acolhidas, que elas se sintam livres, que elas se sintam representadas de alguma maneira. Porque fazer música por si só, para mim não é interessante. Não é só pela imagem, ah mas você, só sua imagem carrega um grande discurso. Sim, a minha imagem carrega um grande discurso, um posicionamento. Só que eu quero que o meu interior, que a minha mensagem seja tão forte quanto a minha imagem. Então foi aí que eu decidi voltar minha arte mesmo, para a população LGBT, pois a grande maioria das minhas músicas são direcionadas ao questionamento, a militância e a resistência mesmo. Claro, eu produzo música sem teor político, mas a grande maioria é de teor político e de resistência porque, acredito eu que enquanto um indivíduo queer, se eu não fizer essa resistência, ninguém fará por mim. Então, o que eu quero falar, só eu posso falar. Então eu vi dessa maneira, de colocar as minhas inquietações na minha música, foi daí que eu decidi direcionar a minha arte para isso.

Rogério: Você é um homem negro, dentro de um contexto, seja artístico e/ou de um queer que a gente percebe “embranquiçado”, dentro de um branqueamento e como é isso. Você sofre algum preconceito por ser negro desse contexto?

Moleque: Ah com certeza, a gente já sofre só por ser negro na nossa sociedade. E você ser negro e gay, já é um duplo sofrimento. E você ser negro, gay e de origem pobre, tipo você potencializa quase que toda a minoria da sociedade, e você se reafirmar enquanto isso, isso é muito louco; porque é você saber que virão um turbilhão de apontamentos. Não vou falar de preconceitos, mas de apontamentos, porque as pessoas não te conhecem e elas querem falar sobre sua vida, sobre sua existência sem elas saberem de onde você veio, das suas origens. Toda essa carga imagética, tipo as pessoas já criam uma estória sobre você sem te conhecer. Mas você ser um artista negro, na indústria da música, já é difícil. Você ser um artista negro e gay é mais loucura, ainda mais quando você escolhe se apresentar de uma maneira diferente, você já está se excluindo de um certo público. Então, é muito difícil me perceber nesse cenário, porque aqui em Curitiba mesmo tendo mais pessoas que fazem o movimento, que se colocam como eu,

que tem uma linguagem do hip hop, do rap, ainda é bem chocante. Não é um ambiente fácil onde as pessoas estão acostumadas a aceitar o seu discurso, não porque teu discurso é novo. As pessoas não estão acostumadas a escutar a sua realidade, elas estão acostumadas a escutar a realidade delas e quando você chega mostrando a sua realidade que não é tão linda igual a delas, isso causa um estranhamento. Causa uma dificuldade das pessoas aceitarem que você não está se vitimizando, mas que você está mostrando a sua realidade. Não é um mimimi, é o que você passa. Não tem como a pessoa branca falar o que uma pessoa negra vive. Não tem como uma pessoa hétero falar o que uma pessoa gay vive, sabe ela não vive o que nós gay vivenciamos. Ela não vive o que uma pessoa travesti, que é pior ainda, eu não vou me atrever a falar de uma vivência travesti porque eu não sou uma travesti, mas eu sei que são as pessoas mais marginalizadas na sociedade. Não é uma coisa fácil, mas é uma coisa que eu vejo que é necessário. É necessário eu estar me posicionando dessa maneira, para que daqui 10 anos uma pessoa de dez anos de idade olhe meu trabalho e se identifique com ele, e falar epa pera aí, eu não sou tão estranha assim. Eu vejo que nós gays, nós queers, nós LGBTs temos que nos percebermos enquanto normais enquanto crianças também, porque eu vejo que grande parte da população fica na normalidade, heteronormativa total, menina usa rosa e menino usa azul. Por que o menino não pode usar rosa na sua infância, por que o menino não pode brincar com boneca, por que o menino não pode se maquiar, por que o menino não pode cuidar da casa, por que ele não pode ajudar sua mãe a fazer uma comida, a lavar uma louça. E eu vejo que a grande sociedade conservadora, pensa que não tem que ter a discussão sobre gênero na escola, tem que ter sim. A criança gay, a criança LGBT, a criança trans, ela tem que se perceber normal na sua infância. Ela não tem que demorar a sua infância e sua adolescência inteira para ver que ela é normal e correr atrás das suas modificações. Imagina quão mais fácil seria uma mulher trans, começar seu tratamento já na sua puberdade; ela se perceber diferente e ela ter o respaldo da sociedade para buscar os tratamentos para essa mudança. O quão seria mais fácil para mim, enquanto negro e gay, me perceber gay e achar normal isso. Não, é legal ser gay, tudo bem ser gay. Você não é estranho. Você não precisa se moldar para estar aqui e para ser aceito, as pessoas vão te amar igual. Os seus pais vão te amar igual. Eu demorei para perceber que essa normalidade é só nós mesmos que vamos buscar, e isso é quase um desejo utópico, porque a sociedade é conservadora e ela prega o conservadorismo falando pelas “pessoas de bem” e essas “pessoas de bem” estão fazendo mal as pessoas que são diferentes, que eles não consideram ser normais. E quem são essas pessoas que apontam? O que elas vivenciam? Não são ninguém! Então, quem vai viver a sua vida é só você mesmo. Acho que é bem difícil, mas é muito louco e é legal essa descoberta. É um caminho que cada dia você vê novas possibilidades.

Rogério: E assim, a gente está falando do queer, então eu quero saber quando ou como se deu seu primeiro contato com o termo queer, ou se você tem algum contato com os estudos e já leu alguma coisa dos estudos queer sobre isso.

Moleque: Então, meu primeiro contato com o queer mesmo, com o conceito, foi dentro da universidade. Eu sou formado em produção cênica pela Universidade Federal do Paraná, foi ali que eu vi também a possibilidade de construir minha carreira no meio artístico e foi ali meu primeiro contato com o queer. Então, meu contato foi dentro da academia. Eu vejo que eu, por mais que eu sou negro, sou gay e tal, sou a minoria sim, mas sou uma minoria privilegiada. Eu tive o privilégio de estudar em uma universidade federal. Eu sou o primeiro lugar do meu vestibular. Eu tive o privilégio de estudar em uma universidade, eu tive o privilégio de ter o debate da cultura queer. Então, eu vejo se a cultura queer estivesse inserida dentro da sociedade, dentro do estudo, na escola, na educação, seria muito mais fácil pois as pessoas entenderiam muito mais. É, as diferenças que são de corpos, de cabeça, diferenças de indivíduo, ninguém é igual. Então, a maneira que eu vejo o queer é diferente da maneira que meu pai vê, porque eu tive o conhecimento da academia e meu pai não, ele tem o conhecimento da vida só. Vejo que meu caminho foi mais privilegiado porque eu tive com esse conhecimento do queer, porque por mais que a gente tenha esse conhecimento da noite também, porque você vai ter o contato com pessoas queers...na noite eu tive aqui, logo que eu me mudei para cá de ver nas boates as drag queens, aquele mundo maravilhoso da pluma, da maquiagem, do transformismo, eu tive antes da academia. Mas até então eu não tinha o conhecimento do termo queer. O termo queer mesmo, eu fui ter dentro da universidade.

Rogério: Interessante você falar isso, desses estudos que você teve na universidade e como que a partir desses estudos, dessas discussões, dessas propostas da Teoria e dos Estudos Queer atravessaram sua história então?

Moleque: É que a partir desse momento, eu vi a possibilidade de me pesquisar e experimentar. Daí quando você vê...é quando eu cheguei a esses estudos, eu me percebi um indivíduo queer, que antes eu achava: ah sou um menino gay, mas não via como uma pessoa queer né. Hoje eu me dou a liberdade de me pesquisar. E você me vendo como um indivíduo queer e buscando ir a fundo, pesquisar e encontrar pessoas que se identificam enquanto queer também, me deu uma liberdade de me experimentar mais e embasamento para eu fazer o que eu faço, de me posicionar politicamente, de me posicionar artisticamente. Com certeza foi aí que me deu esse norte, para onde que eu vou. Você vê que se você pegar a história do queer, que antes o queer era pejorativo, igual você vê o bicha, o gay, o viado. Igual hoje em dia a gente pega esse bicha, essa bichona, esse gay e você se empodera disso tudo. Você faz desse apontamento, desse

xingamento, uma forma de te reafirmar na sociedade, enquanto indivíduo mais forte. Hoje eu me considero uma bicha preta sim e com muito orgulho. Eu tenho orgulho de ser quem eu sou. Eu tenho orgulho de viver o que eu vivo. Eu tenho orgulho de ter meu namorado, de fazer a arte que eu faço. Não vejo nada errado nisso. Eu acho que foi a partir disso, porque daí eu vi de onde eu posso beber; da onde eu posso procurar se descobrir mais.

Rogério: Você tem falado várias vezes, de se experimentar a partir desse contato com o queer. Quais experimentações você já viveu? Porque tem horas que você se nomeia enquanto gay, aí tem horas que você se nomeia enquanto queer. Existe uma diferença? Você é um gay queer? Como que é isso? Ou eu não sou nada, eu transito por tudo (gargalhadas)

Moleque: (Gargalhadas). Ah é tipo, eu acho que eu sou um ser livre. Eu até trato as pessoas que se identificam comigo e com meu trabalho, de SERES. Que nós somos seres humanos. E tipo, nomenclatura já fica chato né. Mas eu falo que eu sou gay, porque eu sou um menino que me relaciono com outro menino, mas eu sou queer também porque eu uso coisas que uma menina usaria. Eu gosto de ter um cabelão, então eu uso peruca, uso mesmo. Uso maquiagem, uso vestido, uso várias roupas que uma mulher usaria ou que uma drag queen usaria. Ser Moleque é basicamente ser um drag queen também. A minha persona potencializada como L. G., porque eu falo que Moleque é o L. G. 2.0, é como eu me apresento na sociedade, é minha forma artística de mais pura experimentação. Eu vejo que Moleque é o resultado dessa experimentação, que é um resultado que é inacabado. Que é um resultado que eu venho nessa transformação constante. Mas eu me identifico como um ser livre, um ser que se permite pesquisar. Um ser que se permite viver, um corpo que é livre para ser o que ele é. Um ser livre como todo mundo deveria ser. Um ser que não se sente preso a padrões, a cobranças estéticas. Um ser livre para ser quem ele é.

Rogério: E como é isso nas suas relações? Por exemplo, você disse que tem um namorado, quando vocês se conheceram, você já se posicionava desse lugar? Como são suas relações, de namoro, de amizade com seus amigos nessa relação de transitar e de se experimentar?

Moleque: Eu acho que é uma educação mútua, porque, igual a relação que eu tenho com meu namorado, é muito íntima. Ele é meu produtor, a gente vive muito junto e a gente vai se descobrindo junto. Acredito que ele se enxergue enquanto indivíduo queer também, pois ele se permite experimentar. Eu acho que as relações que eu tenho hoje em dia, são relações que me permitem ser quem eu sou. As relações que eu tenho é essa troca, essa descoberta do novo. É um autoconhecimento junto. Eu vou me mudando, conseqüentemente, os amigos vão mudando a maneira que eles me veem. Conseqüentemente, meus pais mudam a maneira que eles me veem. Meu namorado muda a percepção que ele me tem enquanto indivíduo. E assim, eu acho

que nos torna relações mais verdadeiras, mais reais. A gente tem liberdade para gente ser quem a gente quer ser, sabe. Não precisa vestir uma máscara. Hoje em dia, eu sinto a liberdade de ser eu, em qualquer lugar; antes eu tinha que ser o L. G. na escola, L. G. no trabalho, L. G. atleta, L. G. artista. O L. G. da igreja. Hoje o L. G. é a mesma pessoa e Fogoza, esse ser que transita. Então, hoje eu me permito ser quem eu sou em qualquer lugar, independente da situação. Não é porque eu estou em um ambiente familiar, que eu vou ter que me comportar de uma determinada maneira, eu vou ser quem eu sou. Se eu achar que eu devo usar um vestido em um casamento, eu vou usar. E foda-se o que vão pensar sobre isso, e as pessoas vão ter que aceitar e me respeitar. Porque eu não falto com o respeito a elas, então elas não vão me faltar com o respeito. Então eu acho que hoje eu vejo dessa maneira, essa questão da relação, a uma relação muito mais voltada ao respeito e a empatia. Você se permitir ser livre, é você trabalhar o respeito nas relações humanas.

Rogério: E como estamos vivendo no Brasil, todo um retrocesso de muitas coisas, por exemplo, da arte, da censura de algumas coisas, do Queer Museu, etc. Das questões relacionadas ao que chamam de “ideologia de gênero”, que tem sido debatido bastante. Da questão da Judith Butler, quando ela veio ao Brasil, de tudo que ela sofreu. Como você, enquanto queer, que transita mesmo aqui em Curitiba uma capital. Você sofre isso ainda? Você vivencia o preconceito? Você vivencia, experimenta humilhação, injúrias?

Moleque: Todo dia, basicamente. Igual, a gente comentou, para fazer essa entrevista o porteiro já me olhou diferente. É, as pessoas te encaram diferente, por que? Porque não tem o diálogo. Esse diálogo tem que começar dentro das nossas casas, dentro da escola, tem que ser debatido que a diferença ela é normal e que o respeito tem que vir de qualquer parte. O momento que a gente vive no Brasil é muito triste, é caótico. Não tem como pensar que é normal agredir uma pessoa, porque ela está de saia. Quantas manas morrem na esquina, porque elas estão sendo tipo, julgadas pela aparência delas. O que passa na cabeça desse agressor, que ele é melhor do que essa pessoa que ele está agredindo?! Quem ele pensa que ele é! Que direito que ele tem sobre a vida dessa outra pessoa? Nenhum, ele não tem direito sobre a vida do outro. Então eu acho que, a gente se posicionar enquanto queer, enquanto indivíduo é de extrema importância porque assim a gente mostra que existimos, que a gente resiste e que a gente não se cala mais. Eu acho que nós a população queer, ela cansou de viver no coadjuvante, de ser essa questão do fetiche, de ser essa questão do erotismo, de ser essa questão do imaginário do ser humano. Não, nós existimos enquanto sociedade. Chega de sermos coadjuvantes de nossas vidas, assumimos nosso protagonismo e vamos viver nessa sociedade, e se você não respeita a gente vai cobrar esse respeito. Por isso tem que ter direito civil para população trans, tem que ter leis que

respaldem a população queer, respaldem a população lésbica, que respaldem a população homossexual. Tem que ter direito civil para nossa população, igual a população hétero. Tem que ter leis que protejam nossa população, porque a gente está morrendo e as pessoas estão achando normal. Gente, nós somos seres humanos. O que nos diferencia dos animais, é sermos racionais. Então como você é um racional que mata outro racional, por que ela é diferente de você?! Porque ela tem um peito e você fala que ela não deveria ter um peito?! Mas quem é você para falar que ela não deveria ter peito. Se ela quiser ela vai ter peito, o corpo é dela. Ela faz o que ela quiser. Ela é livre para se experimentar. Então, eu acho que é o momento que nós seres queers, seres diferentes devemos nos posicionar e mostrarmos que existo sim, e resistimos cada vez mais. Porque a gente está vivendo quase uma era medieval, se você vê, uma caça às bruxas. Tipo, você não poder ser diferente. Pô, a gente vai ser diferente sim e você vai aceitar. Porque eu aceito sua heteronormatividade que eu acho bizarra., então você aceita o meu diferente.

Rogério: Na sua opinião o que seria o queer hoje no Brasil?

Moleque: O queer hoje é você ser diferente. É você se identificar contra o padrão heteronormativo que nós crescemos, para achar que a gente tem que se enquadrar nele. A sociedade tenta nos moldar diariamente, enquanto vestimenta, enquanto aparência estética, enquanto indivíduo. E hoje o queer é você se posicionar contra isso. É você se posicionar enquanto diferente, enquanto ser que se senti livre, enquanto um ser que busca essa descoberta do que é viver, que a gente nunca vai saber. É você se posicionar diferente e resistir nessa diferença. É você correr contra esse caminho que a heteronormatividade, contra o conservadorismo, contra tudo que é padrão. É você se posicionar livre. Eu acho que é isso.

Rogério: Você percebe se, por exemplo, hoje muitas pessoas dizendo, assumindo, se expressando enquanto queer. E você consegue perceber ou não, qual sua opinião nesse sentido, de que muitas vezes isso está se tornando um modelo, uma “moda” do que daquelas propostas realmente teóricas da Teoria Queer, sobre subversão, de questionamentos, de resistência. Como você percebe isso?

Moleque: Eu acho, difícil essa pergunta. Difícil porque, o que a gente pode pensar, por mais que a gente fale que estamos rompendo um padrão, quando você rompe um padrão você está em uma outra estética, você acaba indo para outro padrão. Então, você pensar que ser diferente se tornou um padrão também, e você vê que você está criando outra perspectiva de mundo, não vou falar que é uma moda né. Uma perspectiva de como se enxergar no mundo e aí você vê que há maneiras de se auto identificar, pessoas estão se identificando com essa maneira de subversão, com a maneira de enxergar o mundo. Claro que tem pessoas que vão só pela estética,

isso é fato, isso é natural do ser humano. As pessoas vão seguindo o que elas se identificam, e tudo bem também. Tudo bem se é só por estética, tudo bem se as pessoas estão só pelo visual. Mas que legal que é um espaço que as pessoas que realmente estão para resistir, para se experimentar, estão tendo esse espaço, por mais que seja pequeno, esse espaço de descoberta, esse espaço de transformação. Tudo bem... tudo bem também se é só pelo visual, não vejo problema enquanto isso também. Eu vejo o que mais importa para mim Moleque, é esse espaço de descoberta enquanto indivíduo, enquanto ser humano. Essa resistência dos seres diferentes, delas poderem coexistir no mundo padrão, em um mundo heteronormativo. De você ter essa troca, de você ter essa discussão e você ter esse diálogo. Para mim tudo é um diálogo, você tem que ter o diálogo. O mundo seria muito melhor se as pessoas dialogassem e procurassem se colocar no lugar do outro, se colocar na situação do outro, na realidade que o outro vive. É isso.

Rogério: Para a gente finalizar, eu quero saber assim, como você se experimenta enquanto queer. Você já falou da sua maneira de se vestir, de se comportar, mas a experiência queer atravessa outras maneiras, outros binários da sua vida? Por exemplo, práticas sexuais binárias, ativo/passivo que a gente tem muito na cultura gay. Vamos pensar em um outro tipo de binário que nós vivemos, que você possa estar vivendo e que você consegue transitar ou romper com isso a partir da sua experiência queer. Ou é simplesmente nessa questão de vestimenta, de posicionamento político. E esse posicionamento político atravessa todas as questões da sua vida?

Moleque: Total, eu sou uma pessoa que me sinto livre. Aquilo que eu estou te falando, hoje eu estou em um relacionamento que a gente está muito estável e muito bem nós dois. Mas eu não fico me prendendo a essas questões, o que der vontade de fazer a gente vai fazer. A gente tem essa liberdade de se experimentar. Eu acho que você ser queer, é você se deixar experimentar por inteiro. Hoje eu estou nesse relacionamento, eu amo ele. Acredito que vamos construir uma vida linda juntos, mas a gente não se prende a coisas, sabe. Então, se a gente achar em um determinado momento que a gente tem que experimentar coisas juntos, acredito que nós teremos uma conversa, porque tudo parte do diálogo, para nos experimentarmos juntos já que queremos isso. Eu acho que sou um ser livre para experimentar politicamente, sexualmente, não me prendo a padrões das relações. Eu sou um ser livre para me descobrir enquanto indivíduo em todas as fases. Politicamente, psicologicamente, sexualmente, ser livre para ser eu, para experimentar minhas vontades.

Rogério: Moleque muito obrigado. Agradeço pela disponibilidade, pela a atenção desde nosso primeiro contato pelo facebook. Muito bom ouvir e perceber no seu olhar a paixão, a liberdade de se expressar nessa questão. Queria agradecer de verdade por essa entrevista.

Moleque: Eu que agradeço a você Rogério, fiquei muito feliz de estar conversando contigo e de poder contribuir com seu trabalho que é de extrema importância. É muito legal ser debatidos temas como esse dentro da academia que por mais que eu tenha falado, que eu tive esse contato dentro da academia, mas eu tive esse contato porque eu me formei em um curso envolvidos com as Artes Cênicas, que discute o corpo, cultura, sociedade. Mas é legal esse debate que você está levando para a Psicologia, que é uma área que trata a saúde mental, a sanidade humana (gargalhadas). E eu fiquei muito feliz de poder contribuir e de alguma maneira o meu trabalho estar podendo contribuir com o seu, só tenho que agradecer também.

APÊNDICE VIII – Transcrição da Entrevista com *Anarquistø*

I - ENTREVISTADO:

Nome do Entrevistado: *Anarquistø*

Local da entrevista: Verve Galeria em Curitiba/PR.

Situação da entrevista: Combinamos previamente o dia e horário da entrevista que se realizou na galeria onde aconteceria a exposição das obras do entrevistado.

Tipo de entrevista: Individual.

Duração (horas de gravação): 37 mm 52ss de gravação.

Tipo de gravação: Digitalizada.

Data: (período em que foi tomado o depoimento): Vespertino do dia 21/09/2018 às 15h00.

II - PESQUISA

Nome do entrevistador: Rogério Amador de Melo.

Nome dos outros membros da equipe de pesquisadores: Fernando Silva Teixeira-Filho (orientador).

Nome do técnico de áudio e vídeo: Não houve.

III - DADOS DA TRANSCRIÇÃO

Responsável pela transcrição: Rogério Amador de Melo.

Período em que foi feita a transcrição: Diurno. Data: 26/03/2020.

Número de páginas da transcrição: 07 páginas.

ENTREVISTA

Rogério: Hoje a entrevista é com o *Anarquistø* e primeiramente quero agradecer a disponibilidade.

Anarquistø: Eu que agradeço.

Rogério: Então eu desejo perguntar a você *Anarquistø*, como que você se percebe ou se você se percebe ou se considera um corpo queer e por que?

Anarquistø: Então meu caso é um pouco diferente da dos outros corpos queers, porque eu estou em um lugar privilegiado entre os corpos queers, eu sou um homem branco, cisgênero, gay e, eu me encaixo no queer a partir do momento que a gente percebe o queer como uma perspectiva de empoderamento não assimilacionista da cultura heterossexual. A partir do

momento que eu faço parte da margem, apesar de ter privilégios de homem-cis branco, eu também não pertencço a construção daquilo que significa homem para a sociedade heterossexual, então eu tomo para mim com uma questão política eu me colocar do lado dos marginalizados ao invés de usufruir dos meus privilégios e tapar os olhos para essa questão do empoderamento de outros corpos, gêneros e sexualidades. Eu prefiro ficar do lado das travestis do que dos homens héteros.

Rogério: E quais foram as motivações e/ou interesses que te levaram a participar desse projeto que você faz com a arte, com essas exposições ou com outros projetos queer?

Anarquistø: Eu tenho uma pesquisa em relação ao corpo do homem e aos poderes que o corpo do homem carrega em si simbolicamente, já faz 10 anos, eu tenho uma pesquisa artística baseada nisso, uma pesquisa artística obsessiva em relação ao corpo do homem e eu não pude negar toda teoria queer quando eu me deparei com o queer, acho que faz uns 8 anos que eu entrei em contato com a filosofia queer, a política queer do Paul Preciado, Judith Butler e até uns textos feministas antigos. Eu sou anarquista e existe uma questão de diálogo muito grande entre o queer e o anarquismo de você tirar as pessoas de um lugar de, como posso falar, tirar as pessoas de um lugar de comodismo e fazer as pessoas perceberem que elas são privilegiadas em determinados sentidos e também de dar poder a quem não tem privilégio, dar força, “empowerment” de dar força, de dar poder. E o queer ele funciona, opera muito nesse “empowerment” nas questões de gêneros sexuais marginalizados e o anarquismo ele opera na mesma questão, no mesmo sentido de dar poder aos oprimidos, aos marginalizados, só que dentro de uma questão social anticapitalista. Então as duas questões têm um diálogo muito forte e isso é muito presente no meu trabalho. E foi assim que comecei a trabalhar, daí que veio minha vontade de colocar o meu trabalho em vez de fazer um motivo simples para gay, de colocar o corpo do homem em um local de dúvida e que privilégios são esses? O que a figura do homem gay dentro da cultura imagética gay, que é sempre uma figura sempre de poder, sabe, isso me incomoda um pouco; aí eu coloco a imagem do homem em uma dúvida e para mim essa é a parte mais interessante do meu trabalho com relação ao queer é isso, de colocar o corpo do homem em dúvida.

Rogério: E como foi seu contato com a teoria e perspectiva queer? Quando aconteceu esse encontro na sua vida? Onde e como foi?

Anarquistø: Foi quando eu fui fazer uma exposição em 2013 e, eu já entendia algumas coisas assim, muito intuitivamente. Eu fiz uma exposição que chamava “LOCKER/ROOM” e eu falava do que eu entendo hoje, como tecnologia de gênero da filósofa Teresa de Laurettis e de como que os homens aprendem a se comportar como um homem, como isso é ensinado de

forma silenciosa e que depois eu vim descobrir que era o “habitus” do Bourdieu. E saiu uma matéria sobre isso e eu escrevi um texto intuitivamente, aí a pessoa que escreveu a matéria nomeou esses autores que eu intuitivamente falava e eu descobri a teoria queer a partir de uma exposição que eu já fazia de forma intuitiva, que eu descobri Pierre Bourdieu, Paul Preciado, Judith Butler, foi depois que eu caí de cabeça nos estudos queer; aí eu entendi muita coisa sobre poder e fiz uma assimilação com o anarquismo também, com o socialismo libertário.

Rogério: Sim, eu vejo nas redes sociais, tanto no Instagram como no Facebook, que você tem várias coisas nomeadas como anarco-queer. O que seria esse anarco-queer?

Anarquista: É o queer também só que, com uma questão explícita da política. Então, eu não me coloco do lado somente dos corpos oprimidos pelo gênero e pela sexualidade, eu me coloco ao lado dos corpos oprimidos pela pobreza, pelas fronteiras, pelas guerras, pelo capitalismo, pelas questões colonialistas e eu quero explicitar essa questão que eu não me coloco só no queer é no anarco-queer. Eu não me posiciono somente em relação ao gênero e sexualidade, me posiciono sobre todas as marginalidades.

Rogério: Por onde e como as discussões, as propostas e as proposições queer atravessam sua história de vida?

Anarquista: Bom, primeiro lugar eu acho que como eu sou homem branco, cisgênero, só que eu periférico, minha família não é rica, eu me deparei com questões de silenciamento e de dificuldades assim, desde cedo para virar artista e, também a sexualidade obviamente de toda pessoa que nasce na minha geração, não tinha grandes referências sobre homossexualidade; muito a ver com descoberta mesmo da própria sexualidade, da aceitação, de entendimento de qual é o meu lugar no mundo sendo homem não heterossexual e o que significa para a sociedade e o que significa isso para mim. O queer ele entrou na minha vida também como um posicionamento em relação a minha própria sexualidade, que eu acho interessante e acho importante eu me colocar como um pensador sobre isso, porque eu fui obrigado a pensar sobre minha sexualidade, coisa que não acontece com os heterossexuais. Eu tive que descobrir qual era o meu lugar no mundo e o que fazer com esse sentimento que eu tenho por outros homens e esse tesão todo que eu tenho, essa pesquisa toda que eu realizo. O queer atravessa meu trabalho, porque me atravessa, pois é uma questão que me atinge diretamente.

Rogério: Se não fosse a arte ou fora a arte para você se expressar mais fortemente a questão do queer, como isso acontece no seu cotidiano? Como que é ter contato com essas discussões, saber desses posicionamentos, tanto anarquistas como do queer e/ou juntando os dois, como que é viver isso? Como você se posiciona a partir dessas leituras, desses diferenciais fora sua arte?

Anarquista: Ativismo político, participar de protesto, sempre que eu posso eu trago questões políticas para as exposições e além né também e ativismo anarquista. Durante um bom tempo eu escrevi sobre militância escrita para o Mix Brasil, escrevia para Revista Júnior e agora recente eu fazia isso para o Hornet, para mídias sociais gays; eu tenho um público grande também no Instagram que sempre que eu posso abordar a política eu falo. Tudo que eu possa fazer para que tenha voz, toda micropolítica que eu possa fazer, eu faço.

Rogério: E como que é essa repercussão de seu trabalho? Dessas exposições sobre a questão do masculino, do queer? Como você percebe isso?

Anarquista: É dificultoso. Eu vejo muita gente que gosta muito do meu trabalho e se incomoda um pouco ou bastante com meu posicionamento político claro e evidente. Tem muita gente que repete que meu trabalho é forte o suficiente e que eu não preciso falar sobre as questões políticas para ser político... eu acho que as coisas se agregam, sabe. E uma dificuldade muito grande de fazer exposições em museus e instituições, porque todas as exposições e museus eles tem um compromisso com a cultura heterossexual que chega a ser absurdo e silenciamentos sistemáticos em relação ao meu trabalho. Já teve ocasião que meu trabalho foi tirado da parede, isso em 2015, editais eu passei em um, apesar de ter um currículo bom de exposições. Eu tenho um público de curadores e críticos grande também, que gostam muito do meu trabalho, mas isso não repercute em exposições sabe. Cada exposição que eu faço é um tiro no escuro.

Rogério: Você acha que tem a ver com a questão do que você apresentar/abordar nos seus trabalhos, questionamentos e problematizações? Porque eu lembro que eu vi há algum tempo atrás, a questão dos museus em relação a arte queer nos museus, como essa arte acontece, a partir das discussões referidas ao Queer Museu.

Anarquista: Sim. Acontece esses silenciamentos e o que aconteceu no Queer Museu foi uma lavagem né, uma lavagem a um “pink-washing” de trabalhos de artistas consagrados heterossexuais em vez de colocar artistas queer de fato e, mas isso acontece só no Queer Museu, isso acontece em todos os museus; o museu não é um espaço queer, é um espaço de cristalização da memória heterossexual, a gente tem que entender isso e, se a gente for perguntar nos acervos dos museus, quais são os artistas LGBT nos acervos, a quantidade é mínima e se existem esses artistas, as obras não necessariamente falam sobre essa questão né. Então o museu é complicado, os espaços de cultura, de memória, de construção de memorização majoritariamente são heterossexuais, brancos e ricos, acho importante a gente falar sobre isso.

Rogério: Na sua opinião, o que seria o queer hoje no contexto brasileiro?

Anarquista: Empoderamento não assimilacionista. Empoderamento de corpos LGBT, corpos subalternos de forma não assimilacionista.

Rogério: Poderia dar exemplos?

Anarquistø: Um exemplo, Jota Mombaça. É uma artista queer que não fala só apenas do contexto da sexualidade, mas também fala sobre colonialismo, porque é uma artista queer negra, eu acho interessantíssimo o trabalho dela. E eu acho importante demais dar voz a essas pessoas.

Rogério: E o que você, não sei, qual é o seu pensamento das pessoas que se nomeiam enquanto queer, mas que acaba se percebendo que é uma “nova identidade” e/ou coletivo novo que está surgindo num contexto de certa moda contemporânea; onde na verdade se apropria desse contexto para outros fins.

Anarquistø: Eu acho triste né. Primeiramente, porque uma pessoa que se nomeia queer como uma identidade, ele já tem um erro de atendimento desde o começo, porque o queer é uma não identidade né; queer é aquilo que não é, que não faz parte da cultura da cisheterossexual e tem toda uma questão no queer presente desde o começo de anticapitalismo, de ser uma questão horizontal gregária e, eu fico com pena dessas pessoas que se nomeiam queer por uma questão de “hype”, eu acho que é uma grande bobagem. Eu tenho um pouco de preguiça disso.

Rogério: Você conhece pessoas que não trabalham com Arte mas trabalham de uma outra forma com essa questão queer, que se expressam de uma outra forma? Como é isso aqui em São Paulo?

Anarquistø: Trabalhar com uma questão queer ela não diz respeito só a arte, mas só de você se colocar no mundo como uma pessoa aliada as minorias sexuais e de gênero, já é uma questão queer né; uma questão de empoderamento não assimilacionista, eu sempre bato nessa tecla. Só a presença determinadas pessoas no mundo já é uma questão queer, não é meu caso sou um homem-cis branco que eu passo despercebido em todos os lugares se eu precisar; mas tenho amigas travestis que só a presença delas trazem uma questão política nos ambientes e só as travestis amigas minhas que vem para as exposições, só a presença delas causam um estranhamento nesses locais; porque infelizmente são pouquíssimos artistas trans nas galerias de arte, nos museus e a presença dos artistas trans, mesmo nos poucos casos onde eles têm voz, onde as pessoas trans são protagonistas nas artes, é meio que uma arara azul dentro das exposições. Isso é triste, porque mais uma vez a é grande novidade, por isso que pelo menos nos próximos anos o queer no Brasil será uma grande novidade, pelo menos eu percebo já muita gente querendo usar isso para ganhar um pouco de hype sabe, de mídia.

Rogério: Você acha novidade o queer no Brasil, em que sentido?

Anarquistø: Uma questão além da questão LGBT né, porque a questão LGBT no Brasil é bastante estabelecida há muitos anos e... abordagem diferente de empoderamento que eu acho

que finalmente está começando a sair da academia e invadir a sociedade; nesse sentido de ser um posicionamento diferente das militâncias LGBT.

Rogério: Sua exposição agora tem alguma coisa a ver com toda essa discussão?

Anarquista: Tudo a ver. Todas as minhas exposições, todas as últimas dez exposições têm a ver com isso.

Rogério: Tem um foco principal?

Anarquista: Tem, nesse momento político no Brasil com essas eleições, o fascismo, eu fiz questão de fazer um recorte erótico da minha produção. São questão de imagem que desconstrói a figura do homem cisgênero branco basicamente, que desconstruem poder em relação a visualidade, a questão simbólica do corpo do homem na cultura gay; onde eu questiono também a imagética gay, a questão da imagem gay na cultura gay e também questiono o heterocentrismo das exposições em galerias de arte e museus, onde eu coloco assumidamente uma pessoa artista bicha, coloca questões sobre subjetividades sexuais e desejos só que de uma forma estranha. Eu uso o meu trabalho de acordo com as questões queer e a estética pós-pornô.

Rogério: Por isso que muitas vezes, tem a presença no seu trabalho de marcadores sociais, como a deficiência atrelada ao uso de armas, etc?

Anarquista: É isso, são corpos invisíveis. Na verdade, é um esvaziamento dos corpos que eu costumo trabalhar né; de desidentidade que na cultura gay o corpo do homem é sempre carregado de identidade e isso é um reflexo machista da cultura gay. Eu procuro no meu trabalho, fragilizar e colocar o corpo do homem em situações que não são comuns; o corpo do homem em uma situação de vulnerabilidades que não são comuns na imagética construída pela cultura gay.

Rogério: E você vivencia isso também? Transita por esses lugares?

Anarquista: Sim, eu vivo essa realidade, por exemplo, questões de BDSM eu gosto, de fragilização, tem toda uma questão de vida também.

Rogério: Se você pudesse falar resumidamente em uma frase ou em um pensamento sobre o que foi o Anarquista antes do encontro com o queer e depois desse encontro?

Anarquista: Nossa, nunca parei para pensar sobre isso. Talvez o Anarquista depois do queer, seja um Anarquista mais consciente sobre esse se colocar no mundo, esse papel político no mundo sabe. Eu sou pouco privilegiado nas artes visuais, mas muito privilegiado a ponto de estar nas artes visuais, fazer parte desse circuito e eu acho que é meu papel misturar e exigir certos corpos e certas presenças nos meios onde eu frequento. Como um homem gay, branco privilegiado eu acho que eu tenho que falar sobre isso e perguntar onde estão as artistas mulheres, onde estão os artistas negros, onde estão os artistas periféricos, onde estão os artistas

trans nos lugares onde eu transito. Creio que o Anarquista depois do queer, é um Anarquista mais provocador como pessoa.

APÊNDICE IX – Transcrição da Entrevista com **Vãmpiro**

I - ENTREVISTADO:

Nome do Entrevistado: Vãmpiro

Local da entrevista: Condomínio Neo Gardem na cidade de Curitiba/PR.

Situação da entrevista: Combinamos previamente o dia e horário da entrevista que se realizou no local onde eu estava hospedado, por decisão do entrevistado de vir até meu encontro.

Tipo de entrevista: Individual.

Duração (horas de gravação): 1h 09mm 57ss de gravação.

Tipo de gravação: Digitalizada.

Data: (período em que foi tomado o depoimento): Vespertino do dia 21/08/2018 às 10h00.

II - PESQUISA

Nome do entrevistador: Rogério Amador de Melo.

Nome dos outros membros da equipe de pesquisadores: Fernando Silva Teixeira-Filho (orientador).

Nome do técnico de áudio e vídeo: Não houve.

III - DADOS DA TRANSCRIÇÃO

Responsável pela transcrição: Rogério Amador de Melo.

Período em que foi feita a transcrição: Diurno. Data: 22/10/2018.

Número de páginas da transcrição: 12 páginas.

ENTREVISTA

Rogério: Entrevista hoje com Vãmpiro, primeiramente quero agradecer ao Vãmpiro pela disponibilidade da gente estar junto fazendo essa entrevista e, a princípio eu gostaria que você me falasse, ontem eu tiver oportunidade de assistir o “Projeto Queer” e por isso quero saber de onde surgiu a ideia? O porquê da ideia e o que te motivou a elaborar esse projeto aqui em Curitiba?

Vãmpiro: Praticamente toda a minha carreira é calcada na temática queer, na temática LGBT. 35 anos atrás a gente não tinha nem essa nomenclatura, a gente tinha só gay ou sapatão. Eram essas duas classificações que a gente tinha e com tempo eu vejo que a cultura queer tem tomado um outro espaço além do espaço da marginalidade. Hoje em dia eu vejo que a gente está

caminhando para academia, caminhando para estudos sérios de comportamento, antropologia e coisa e tal. Nesses 35 anos de carreira eu vejo o quanto já mudou essa minha visão da coisa e a visão do mundo sobre a questão queer. Acho que a ideia de fazer esse espetáculo é porque cada vez que eu penso que, realmente já não é necessário mais se discutir a questão, eu percebo que cada vez mais a gente está necessitado de afirmar, de ocupar o espaço na sociedade, porque essa onda reacionária é uma coisa incrível e descabida nos dias de hoje, que parece querer destruir todos os mínimos direitos que a gente conseguiu ao longo desses anos através de muita exposição, de muita reivindicação de visibilidade na sociedade e quando eu penso que isso já está resolvido socialmente, vejo que não está resolvido absolutamente. Vejo que é necessário novamente começar um processo de reafirmação social, porque as forças contrárias, as forças reacionárias têm crescido muito nos últimos anos. Inclusive no meio das artes, inclusive na relação artista e poder, artista e políticas culturais; a gente tem perdido território. Achemos que tínhamos conquistado alguma coisa e não, estamos retrocedendo a um período assim, tipo ditadura onde a gente não podia realmente expressar absolutamente nada a respeito de nossas sexualidades; então eu vejo que esse “Projeto Queer” nasceu dessa necessidade, dessa minha constatação de que, é necessário sim, continuar com atitudes afirmativas de visibilidade da população queer. Esse é o meu objetivo e eu sempre usei a minha arte como instrumento de ativismo, de colaborar da minha maneira, artisticamente para o processo de evolução do pensamento e da inserção social. Isso é uma coisa que me surpreende que, eu ainda esteja fazendo isso nesse momento, porque eu poderia estar trabalhando outras coisas e na verdade eu estou tendo que retroceder por uma questão que a gente está perdendo espaço, que essa onda contra essa visibilidade queer está cada vez maior e isso me deixa muito triste, ter que retrabalhar todo um processo de conquista, quer dizer “conquistas” porque não há nada assegurado pela lei; as leis são todas meio obscuras, então a gente tem conquistar e tem que naturalizar a nossa existência dentro da sociedade brasileira, uma sociedade machista, homofóbica, patriarcal que não quer se ver livre disso. É impressionante a resistência que se encontra em avançar nessas questões sociais, de visibilidade. “Projeto Queer” vem dessa minha constatação de que é preciso mais do que nunca reafirmar a questão da linguagem LGBTQIA+. Essa é a maneira que eu encontro de colaborar no processo; acho importante que se reafirme cada um à sua maneira, em sua área determinada, para que consigamos romper de alguma maneira esses preconceitos. Sei que isso vai demorar muito tempo, é um processo que toma um longo caminho até essa sociedade se acomodar, mas existem países onde isso tudo está mais acomodado, acho que o Brasil tem um caminho muito árduo ainda para seguir. Vejo que o preconceito é muito grande, enorme mesmo, velado, contra essa manifestação do ser queer,

temos muitos relatos de pessoas que sofrem tremendamente, chegando ao suicídio, não querer mais viver por não conseguir se inserir na sociedade. Temos que nos expor porque é a única maneira de que um dia as pessoas vejam isso naturalmente, vejam a nossa existência como natural.

Rogério: E você se percebe ou se considera como um corpo queer e porquê?

Vãmpiro: Como eu falava lá no espetáculo ontem. Desde a minha infância, eu me reconheço como queer, nunca achei meu lugar nesse sistema binário. Então eu nunca consegui me conformar com esse binarismo. Hoje eu sou um pouco mais enquadrado na minha maneira de me portar em sociedade, coisa e tal, pelas dificuldades que a gente encontra. Se você vai se expressar 24 horas por dia da maneira como você gostaria de se expressar fica difícil. Eu vejo as nossas amigas trans, travestis ou não binários, sofrem ainda muita pressão do corpo social e eu de tanto de tanto sofrer isso, eu acabei me enquadrando mais. Não quero ter que passar por isso 24 horas por dia, mas acho que na minha arte é o meu lugar de fala, que eu não abro mão, que eu realmente eu não abro mão. Acho que se as pessoas estão lá para observar a minha arte, lá elas vão ter que aceitar como eu me vejo. Acho que é uma questão de adequação, sofrer menos, invisibilizar-se dentro dessa malha social para não sofrer tanto preconceito; mas através da arte é que eu consigo me expressar da maneira ideal, aí eu posso ser do jeito que eu quiser. Eu me autorizo a ser como eu quiser. Hoje em dia vejo as pessoas reivindicando muito mais essa maneira de ser não-binária em seus cotidianos, isso gera uma violência compatível com a abertura desejada, isso não vai mudar se a gente não conseguir acabar com essa cultura machista do brasileiro, porque aqui o homem é machista, mulher é machista. Fico pasmo ao perceber que o machismo não é uma coisa só masculina, a mulher também exige que o homem seja machista. Ela não quer, a mulher comum, a mulher mais sem cultura quer que o homem deixe de ser macho. Que seja macho dessa maneira estereotipada que a gente viveu durante toda a nossa história, só que agora no século XXI, nosso trabalho vai ser esse, vai ser quebrar essa linha do binarismo. As novas gerações não aceitam mais isso, elas querem ser livres. Elas não querem saber se existe um código de vestimenta binário que elas vão ter que aceitar. Elas querem o que elas sentem bem, como elas se sentem e percebem o mundo. É preciso que a gente realmente empodere essas criaturas para que elas realmente possam apresentar as novas maneiras de ser e estar no mundo. Acho que o Brasil é muito tacanho com relação a isso, essa cultura do macho é muito, muito impregnada, não sei se é uma questão latina ou o que é, mas não permitir que o homem seja sensível, que o homem seja outra coisa que não esse estereótipo do macho que vem culturalmente através da história da humanidade se apresentando só traz infelicidade. Temos que romper aos poucos, atenuar essa linha divisória entre o masculino e o feminino. Vai

chegar um tempo que isso não vai existir, mas ao mesmo tempo, existe essa outra força reacionária, querendo por todos os meios segurar para que isso não aconteça. Não sou otimista com relação a isso, vai ser uma luta árdua e penosa porque romper um paradigma milenar toma bastante tempo. Torço para que as novas gerações tenham força para impor o seu querer que não é igual a esse querer que veio até o século XX; que já é um outro, é um outro lugar, é uma outra maneira de estar no mundo, aos poucos essas novas gerações vão minando essa cultura do patriarcado que vai ter que morrer. Para isso vai ter que morrer umas duas ou três gerações, que são essas gerações que não conseguem admitir a existência de algo diferente do binário. O queer é exatamente isso, é esse rompimento do padrão vigente. Muita gente já tem isso bem resolvido nas suas vidas e tomara que isso se multiplique.

Rogério: É como você disse, na questão da arte em relação ao seu trabalho artístico que você sente maior liberdade, não sei se seria essa palavra, mas hoje você não abre mão desse espaço para falar e expressar essa expressividade queer. Se você não trabalhasse com arte, como seria isso?

Vãmpiro: Eu acho que a arte me salvou. Sempre tive essa certeza que não conseguiria lidar com a vida, mas na arte eu posso tudo, eu posso ser quem eu quiser, do jeito que eu quiser. Através da arte eu consegui satisfazer os meus impulsos, as pessoas que não tem essa válvula de escape sofrem demais; muitas vezes chegam ao suicídio, muitas vezes vão para lugares de marginalidade. Penso que não conseguiria ter lidado com isso, porque eu tenho uma natureza muito agressiva e muito combativa, não me conformo com isso. Não consigo me conformar, eu acho que talvez eu teria partido para o movimento ativista engajado. Se eu não tivesse encontrado essa maneira de expor e de tentar mudar alguma coisa, porque na verdade, arte tenta mostrar que é possível um mundo diferente, um mundo que não seja só a realidade estabelecida. Vejo que realmente a arte sempre foi a minha religião, sempre foi o meu lugar de ser quem eu sou, meu lugar de fala. Foi através da arte que eu me libertei, que eu consegui respirar nesse mundo podre, porque senão eu não teria suportado. Acho muito frustrante você perceber que você está sendo esmagado e você não está gritando, entende. Jamais conseguiria suportar, porque acho que através da minha arte eu estou gritando para o mundo que está tudo errado e que alguma coisa tem que ser mudada e, que alguma coisa está se quebrando e que alguma coisa vai surgir daí. Acho que a arte para mim foi muito terapêutica, no meu processo de vida, de alguma forma eu precisava militar, de alguma maneira, não sei por onde, mas eu teria que dar voz a essa dor, eu não conseguiria ficar calado enquanto eu estou sendo esmagado. É uma agressão muito grande que se faz ao ser humano, não permitir que ele seja diferente da norma; precisamos incentivar, precisamos mostrar para os outros que é possível. Quando uma pessoa

vem me falar que através da minha arte ela conseguiu se sentir um pouco mais empoderada no seu processo de vida, é a minha paga. O processo social todo é muito esmagador, é muito destruidor; ele não deixa brechas para o ser humano ser livre. A gente tem que ser minimamente livre dentro desse sistema, senão explode, e, foi a arte que me deu isso.

Rogério: No começo você tinha falado um pouco da sua motivação que levou a pensar na construção dessa peça/manifesto. Ao assisti-la ontem, ouvindo tanto as músicas, as letras e ouvindo os depoimentos, deu para perceber que eles trazem algumas questões que aconteceram recentemente relacionado ao queer no Brasil, relacionado à sexualidade, ao gênero, à arte. Foi essa uma das inspirações? Foram esses acontecimentos que emergiram fortemente no Brasil desde o ano passado para cá, relacionado essas questões que motivaram até mesmo a construção das letras, das músicas, dos depoimentos, como que foi isso?

Vãmpiro: A gente tem sofrido muita repressão. Uma coisa que me choca demais assim, é ver uma Judith Butler sendo atacada assim no Brasil pelas suas ideias, sejam que ideias forem, é inconcebível, é ridículo que alguém queira queimar uma mulher, chama-la de bruxa querendo que ela seja queimada numa praça pública. Penso o que está acontecendo com a humanidade e que processo é esse que está levando as pessoas a quererem a barbárie novamente. Estão cada vez mais pedindo e implorando para que isso aconteça, vejo assim, essa história como um ciclo que vai se repetindo sempre, entende, parece que não há avanço, querem queimar o diferente, querem destruir o diferente, querem proibir o diferente de viver no mesmo espaço que elas. Em nome de que? É isso que me deixa mais aterrorizado, qual é esse Deus, qual é esse dono da verdade que essas pessoas acham que tem? Ataques que para mim soam como bárbaros. Cadê a civilidade, a gente não conquistou nada com essa civilização toda! Esses fatores vão me deixando mal e eu preciso contrapor, eu preciso contrapor essa força; ela não pode ser dominante, ela não pode achar que ela é o absoluto. Tudo isso vai me mostrando que a gente está prestes a ter um presidente que assume essa questão homofóbica, transfóbica. São todos esses sinais que vão me dando a certeza de que eu preciso falar contra isso; minha arte tem que ser cada vez mais combativa e mais politizada, porque não é possível que a gente seja tão alienado, que isso é inofensivo. Todas essas manifestações vão me dando material para transformar em arte, as referências, os acontecimentos atuais, coisas que acontecem e que a temos de combater. Porque são abusos que não podem existir, são contra os Direitos Humanos, contra o direito à vida, contra o direito de ser humano nesse planeta. Tudo é o material para construir o meu discurso artístico, tenho que continuar falando essas coisas que eu achava que não deveria mais falar. E as pessoas têm que perceber isso, porque senão cada vez que a gente não se expõe, esse discurso delas prevalece. São essas referências todas do cotidiano que me

atravessam e que vão me impregnando desse discurso, tenho que falar na verdade em cima do palco, de fazer a minha arte pela minha sanidade. Não é possível fazer uma arte que não reflita algo que está tentando te destruir, que está te massacrando, então para mim é simples, é aquela coisa, bateu em um bateu em todxs, entendeu. É uma coisa que me toca também, não é só porque não fui eu que apanhei, não só porque não fui eu que morri ali; é a travesti, que se prostituía e que morreu; isso me diz respeito sim, como cidadão. Isso se transforma na minha arte, que é o que você viu na peça. A gente joga para a plateia questões que eu penso ainda terem um poder de chocar, mesmo as pessoas que são habituadas a ver arte; mesmo dentro do espetáculo, sinto que elas estão questionando à sua maneira de estar nesse planeta, nesse momento. Tento fazer com que as pessoas pensem sobre isso; eu não sei se é esse o objetivo da arte, mas para mim é à minha maneira de lutar. Comentava um dia desses com os fazedores de arte que eu não vou nunca pegar em armas, eu não vou, mas eu tenho minha arte e eu posso de alguma maneira usar minha arte na minha luta e é isso que eu tento fazer para validar essa arte, para não passar simplesmente fazendo alguma coisa que não diga nada, que não tenha compromisso com nada. Eu tenho compromisso com a vida que está aí, com minha vida e com a vida que está no meu entorno, então eu tenho que fazer, eu não sei se é uma espécie de luta sem armas.

Rogério: Nesse projeto específico, quando e como você teve seu primeiro contato com o termo queer ou com os estudos queer? Você já leu a Butler ou alguma coisa a respeito? Você consegue lembrar de quando foi em contato com esse termo? Você já conhecia antes de começar a pensar nesse projeto?

Vãmpiro: Não, eu já conhecia há muito tempo. Gosto muito de um artigo da Susan Sontag, “Notas sobre o Camp”, sobre a arte queer, mas naquele tempo não se usava o termo queer, era o camp. Então você vê que tem uma evolução também na terminologia. Quando eu comecei a fazer teatro, você usava o termo gay, não existia outro. Os movimentos começaram a se articular e começaram a se apoderar dessa questão; começaram a discutir, o processo acadêmico, o gay, a lésbica, a trans começaram a empoderar-se também socialmente e atingir o nível acadêmico. Há 30 e poucos anos eu não conseguiria ver isso, não conseguiria ver você fazendo um trabalho sobre essa matéria, sobre essa questão queer; era uma coisa meio improvável, existe muito pouca coisa ainda a respeito. Hoje eu vejo que o queer é um termo muito mais abrangente, por isso que é tão interessante, porque ele não define exatamente a tua identidade de gênero, ele engloba o todo, mas as pessoas ainda querem essa especificidade da sua identidade, seu nicho sendo representado; elas não se sentem representadas por uma coisa só: o grande mundo queer. Vejo que de algum tempo para cá é que esse termo ganhou muito mais espaço na mídia e na

maneira de que a gente encara nosso cotidiano. A Letícia Lanz também tem um estudo sobre o queer que é muito legal, muito interessante; esse último trabalho dela também: O corpo da roupa, é muito esclarecedor. Ela faz uma dissecação da questão da identidade de gênero. Essa questão da arte queer, eu me interessei desde sempre por ela, você vai pesquisando, você vai achando exemplos e essas coisas vão te trazendo outros assuntos, outros aspectos e coisa e tal; mas eu acho que a questão do termo queer, acho que ele se naturalizou há questão de 15-20 anos, popularizou o termo. Sempre pesquisei essa arte que talvez não tivesse esse nome que agora tem. Então eu acho que a gente vai alterando também a nomenclatura das coisas que no fundo são as mesmas. Hoje em dia caminhamos para o academicismo, a questão está atingindo academia e eu espero que você também não sinta também tanto problema dentro desse lugar; porque há algum tempo não era possível esse lugar de fala. Pesquisadores trabalhando a questão da linguagem também vai se refinando e isso trazendo também uma outra maneira, outro respeito talvez por parte das pessoas, dos estudiosos com relação a causa. Percebemos que os termos vão melhorando e que isso também faz parte do processo para gente ganhar um território nesse lugar que também é machista, também é homofóbico. Me interessei por essa cultura mesmo antes de saber que esse termo era o termo que englobava todas essas questões de gênero. Vamos descobrindo criadores, pessoas que já usavam esse termo, que já assumiam esse termo, que era um termo pejorativo e que hoje em dia deixou de ser pejorativo, porque o queer era uma gíria muito pesada para indicar o gay e hoje em dia não, hoje em dia já adquiriu um outro significado. Como vão se alterando essas nomenclaturas, como elas vão perdendo um certo peso, ganhando um outro significado, com o queer também é isso. Sempre me interessei por essa arte, que a princípio era uma arte gay. Essa era a minha essência, uma mera questão de identificação. Sempre adorei a arte e seus artistas e a sua identidade de gênero (mesmo escondida e camuflada), como essa questão reflete em sua produção artística.

Rogério: E assim, nesse seu contato bem anterior que você está trazendo, antes mesmo do termo queer e aí você percebendo que começou a se falar sobre o queer mais popularmente, academicamente, das leituras que você faz sobre isso, dos artistas, das pessoas que escrevem; como essas discussões, as propostas ou as proposições dos estudos queer atravessaram a sua vida? Como é isso para você?

Vampiro: Bom, para mim é mais ou menos o que eu falei ontem lá na peça, foi uma maneira de sobreviver. Não podia me deixar ser esmagado pela sociedade. Sempre me reconheci artista, desde a minha infância o meu objetivo era ser artista, primeiro pintor, depois eu tentei arquitetura e daí quando eu descobri teatro falei, é isso! É isso que eu quero, porque é aqui que é meu lugar de fala, que eu vou conseguir dizer. Foquei no teatro e vejo que desde a minha

primeira peça, já era uma peça-manifesto sobre a questão queer: “Aceitam-se encomendas de vestidos de noiva”- 1982, já era uma peça que levantava essas questões. 82 era um momento muito difícil a gente estava ainda no período da ditadura e isso não era um assunto plausível, possível de se falar. Quando fiz essa peça, foi como eu expus lá na peça ontem, fui chamado pela diretoria da escola de teatro, para que eu não levasse o nome da Fundação Teatro Guaíra, porque essa peça não poderia ser vinculada ao nome da instituição, entende, e eu simplesmente disse: não tenho obrigação nenhuma de obedecer a vocês. Eu nunca fui pela obediência civil (risos), eu sempre fui pela desobediência civil. Quando a gente montou essa peça, começamos a viajar pelo interior do Paraná e cada lugar que a gente ia era uma comoção. Eu sentia que era uma coisa, que era um acontecimento que a gente estava levando, a gente estava levando alguma coisa que as pessoas necessitavam; era uma coisa absurda a maneira como a gente era recebido nos lugares e a maneira como as pessoas precisavam ouvir aquelas coisas que a gente estava dizendo. Percebi que era isso, que esse era meu trabalho, que eu tinha que falar sobre essas questões de sexualidade, gênero, identidade de gênero no meu trabalho, porque as pessoas estavam sedentas de liberdade, ainda mais em uma época de ditadura que você legalmente não tinha liberdade de expressão. A partir daí eu tive a certeza de que era esse o foco da minha arte e eu venho desenvolvendo através desses anos todos, cada fase que eu que eu passo, vejo que tratei essa matéria de uma certa maneira. Esteticamente diferente, quantas vezes esteticamente já mudei, como isso vai ser vai sendo organizado com a minha fala, vejo que estamos num momento muito direto, você viu que o espetáculo de ontem é uma coisa muito direta; porque às vezes você não pode ser direto, às vezes essa estética não está vigorando. Então aquele momento para mim, daquela primeira peça, foi a certeza de que alguém precisava falar daquilo e sei que hoje em dia na minha trajetória em Curitiba de mais de 35 anos, eu sou a única pessoa que fiz isso de maneira continuada, durante esses anos todos, pois meu trabalho sempre foi permeado pela questão de gênero. É o que elegi para mim como uma missão de vida, tentar colaborar para o processo histórico de evolução dessa porra dessa cidade, da sua evolução dentro desse planeta, dessa evolução dessa humanidade. Simplesmente não me conformando com essa questão binária absurda, é uma missão de vida, de sobrevivência ter que revidar isso e, eu através da minha arte resolvi fazer isso e não me arrependo.

Rogério: Como seria isso fora dos palcos? Como você vive tudo isso fora dos palcos, o queer fora dos palcos. Como é isso nas relações diárias, família, relacionamentos afetivos, práticas sexuais, na vida?

Vampiro: Eu saí da minha casa com 17 anos, porque eu me apaixonei por um homem e a minha família não conseguia aceitar o fato, mas naquele momento eu tive a certeza de que, se eu não

assumisse aquilo para minha vida, eu seria uma pessoa frustrada para o resto dessa vida; foi quando eu rompi com a minha família e a partir desse momento senti que eu estava agindo politicamente porque a família teve que aprender que ela tinha um filho gay, querendo ou não. Então, eu penso que fiz um trabalho político com eles, porque eles tiveram que aprender que existia algo além daquele binarismo deles. Nesses pequenos atos cotidianos, quer dizer, nem tão pequenos, porque você romper com a família não é nada fácil e pequeno, são pequenas revoluções. No meu cotidiano tento que falar, mesmo com as crianças, ah às vezes as crianças vêm com questões machistas e coisa e tal, eu sempre chamo atenção delas porque elas não têm que ter preconceito, fazer a piadinha homofóbica ou qualquer que seja o *bullying* dela. Ela também vai ter que aprender; alguém vai ter que educar. É um processo de reeducação do ser humano: não admito piadas homofóbicas, não acho engraçado. Se eu não acho engraçado, vou dizer para pessoa que não acho engraçado, então por favor, se você quiser ser homofóbico, seja homofóbico, mas não perto de mim, porque eu não sou obrigado a suportar a sua homofobia. É uma questão de demarcação do respeito, respeite e me respeite que eu vou te respeitar também, então nas pequenas ações do cotidiano a gente consegue mudar alguma coisa, a gente consegue mudar minimamente que seja. Uma pessoa que vai ser repreendida por você, por ter feito uma piada homofóbica, já vai pensar na segunda vez em fazer uma piadinha homofóbica novamente. Então é a gente que se desautoriza por uma educação repressora, a gente acaba se achando que não pode chamar a atenção. Se a gente é assim, a gente pode ser assim e as pessoas têm que respeitar isso. A coitada da vovó vai ter que entender. É como eu vejo a minha família também, terão que entender, não tem essa de não entende; tem que entender, pois não tem cabimento isso, você achar que você tem que se invisibilizar. Eu sempre me permiti muito nessas questões, porque eu acho que dessa maneira é que a gente vai quebrar esses padrões de comportamento nesses pequenos atos do cotidiano; para uma criança você tem que explicar: tem menino que gosta de menino, menino que gosta de menina, menino que gosta de menino e menina, tem menino que gosta de ser menina, entendeu. Pode parecer ser uma coisa sem cabimento você dizer isso para elas, mas é nesse momento que a gente está educando essas criaturinhas para um mundo melhor; o mesmo para os adultos. No meu cotidiano, busco praticar isso, é como uma prática qualquer, não venha querer me reprimir porque eu não vou aceitar a sua repressão. Vejo que nessas pequenas políticas do cotidiano, a gente consegue mudar um pouquinho nosso entorno, nosso microcosmos e isso também vai ser levado, vai ser multiplicado de outras maneiras. Essa é a maneira como penso fazer a minha parte dentro desse processo e não poderia ser diferente na arte. Acho que a questão do meu corpo também é simples: não posso negar uma coisa que eu sou. Não posso querer ter uma prática na qual eu não tenha prazer nela. Então quer

dizer: eu tenho que respeitar o que eu sou e vejo que hoje em dia; as crianças muito mais cedo sabendo que são trans, sabendo que tem outros comportamentos, que não querem aceitar aquilo que está sendo colocado para elas de binário. Eu tive que esperar até os meus 17 para romper e falar basta. Assim como vejo uma Letícia Lanz que teve que chegar a um infarto, a provocar um infarto em si mesma para poder deixar a sua mulher sair de dentro de si. Em algum momento, a gente vai ter que ser, o que a gente nasceu para ser; a gente não vai conseguir segurar isso para sempre e aquela coisa ou você consegue segurar, de repente, você se mata, você desiste da tua forma de ser. Sempre foi uma coisa muito clara, eu me permitir ser quem eu sou; então para mim isso sempre foi uma lei própria e eu vejo que isso sempre foi o que permeou a minha a minha caminhada. Hoje em dia em retrocesso, posso ver que isso foi a linha que me deu o Norte, porque senão a gente vai se apagando, a gente vai se destruindo.

Rogério: E na sua opinião, o que seria o queer hoje no Brasil, no contexto brasileiro? Se pensarmos nas falas da peça, das letras das músicas que tem um tom mais subversivo, como você mesmo disse que é uma coisa mais direta. Aí fiquei pensando no que conversamos nos bastidores depois, na plateia toda calada, toda retraída e, aí muitas vezes eu me declaro enquanto queer, mas minha vida não tem nada de subversivo, não tem nada desse transito. E, para você que vive nesse espaço, como é esse contexto do queer no Brasil hoje?

Vampiro: Vejo que hoje têm aparecido muito mais manifestações da arte queer. Sinto que a gente está alcançando um espaço de visibilidade; hoje ligo o programa da Fátima Bernardes e eu vejo uma drag cantando ao meio-dia para família brasileira, para as pessoas de bem. Então eu penso, opa alguma coisa mudou. Ano passado Pablio Vittar ganhou troféu da melhor cantora do Brasil; nossa! Isso há algum tempo seria impensável. Muita manifestação, várias pessoas se liberando para falar dessa questão de gênero sem medo na arte, talvez seja isso que esteja provocando uma corrente reacionária, pois essa visibilidade incomoda. Uma mãe hoje em dia já pode dizer que tem filho drag. Impensável há 20 anos atrás, 30 anos atrás, isso não era possível, era uma coisa realmente marginal assumir uma identidade de gênero diferente. Tinha um outro contexto, essas pessoas viviam a margem, hoje não. Elas querem viver no mesmo lugar que todos estão vivendo, então quer dizer, elas estão na televisão, elas estão ali na família, na escolinha da sua filha, do seu filho; e essas manifestações artísticas são parte da visibilidade da coisa, para que se naturalize. Porque as pessoas têm direito a voz, então tem muita gente fazendo essa arte queer hoje em dia, não era assim 35 anos atrás, quando eu comecei, isso aqui era só mato. Hoje em dia as pessoas têm muito mais liberdade, se sentem mais empoderadas para ser, para assumir essas suas questões em público.

Rogério: E nesse contexto, quando você fala da arte queer, será que também poderíamos pensar que dentro do capitalismo, ela pode ter se tornado “moda”, no sentido vou fazer uma arte queer, mas na vida em si não corresponde ao queer. É isso que muitas vezes eu fico pensando, será que quem expressa o queer na arte tem essa vivência dele ou é só um profissional que se apropria de nicho? O que você pensa a respeito.

Vampiro: Tem isso também. É um momento onde o queer está em evidência e a questão do Pink Money vem junto, é o capitalismo, eles têm que ganhar dinheiro; o capitalismo só pensa lucro. As pessoas estão querendo consumir, então vou nessa onda. Sempre vai existir esses dois tipos de artista. Esse artista que só vai porque é a onda e o artista que mais engajado politicamente, que vai fazer uma arte com uma reflexão política. Agora, mesmo esse que pode ser o mais alienado, pode ser o mais despreparado, ele também está prestando serviço, tomar esse espaço. Pablllo Vittar, é comercial, mas ele está no Faustão, a família brasileira, o Brasil inteiro está vendo; então quer dizer, ele está de alguma forma agindo politicamente para também contribuir para o processo de maior visibilidade dessa cultura queer. Também é necessário. Eu gostaria que chegasse um tempo que a gente não precisasse mais falar sobre, que a gente não precisasse mais falar sobre essa questão, aquela lá é mais queer, essa daqui é menos queer; que a coisa fosse mais natural, mas na verdade ainda é difícil para as pessoas assumirem. Vejo cada vez mais pessoas se empoderando, elas estão sentindo que elas têm o direito de existir. É uma coisa tão ridícula de pensar, porque a gente chega ao ponto de não ter coragem de ser o que se é, é uma maluquice; mas eu vejo que essa arte toda, ela é necessária. Por exemplo, quando André Fischer começou com o primeiro Mix Brasil lá nos idos da década de 80, final de 80-90, era uma coisa assustadora; hoje temos a possibilidade de assistir produções feitas para o nosso público, a coisa já se expandiu de uma certa maneira que hoje em dia não tem mais aquela coisa gueto; acho que o gueto meio que se esfacelou, ele permeou a sociedade. Isso é um papel da arte, é o papel do discurso que a arte introduz no cidadão, porque ele vai ver aquela peça e falar sobre as questões, já vai questionar outras questões e tudo isso a gente está de alguma maneira promovendo a visibilidade na sociedade. Tenho visto muitos artistas que não tem mais vergonha de ser queer no Brasil, eu vejo muita manifestação principalmente na arte, na música, vários artistas que não estão mais se importando com a questão de gênero. No seu vestir, nas suas letras, nos seus discursos e acho isso fantástico. Agora o que a gente tem que fazer é cuidar que o processo político não venha abafar tudo isso novamente e a gente volte ao período 64, pois teremos que reconquistar todos os espaços, mas o cenário mundial globalizado não vai mais permitir isso porque graças à internet não há como segurar a informação. Acho que essa arte queer só vai aumentar, porque as pessoas estão aí produzindo

seus conteúdos, colocando na web e isso caminha de uma outra maneira sem que haja essa censura oficial, ela não vai conseguir mais controlar isso; talvez seja isso que cause tanta raiva nessas pessoas cafonas, tanto ódio, pois eles querem destruir nossa liberdade. Eles sabem que é impossível nessa altura da história da humanidade, a gente romper com esse fluxo, conter o ritmo. As pessoas queer estão gerando uma onda também e ao mesmo tempo tem a onda do reacionário. É uma maluquice, é uma tentativa de controlar o processo histórico que é impossível, a nossa arte está cada vez mais queer. Tenho visto muita coisa e essa questão queer tem permeado muito vários trabalhos de vários artistas e acho que vai aumentar ainda mais; porque aumenta na medida que o ser humano vai se empoderando, que ele vai sentindo que é possível ser livre. O exemplo de um traz uma carga que vem atrás. Eu posso ser sim, o fulano é, porque que eu não posso ser? É um fluxo histórico que vai permeando, é maravilhoso principalmente no Brasil, é uma onda que vai destruindo com essa visão machista apesar de sermos o país que mais mata população LGBT no mundo. É uma coisa meio assustadora, mas vai ter que chegar no momento em que isso não vai mais fazer tanta diferença. Na hora que o seu vizinho for trans, que a sua vizinha for trans, que a gerente do seu banco for trans, na hora que a médica que atende for uma trans, entendeu? É ocupando esses lugares na sociedade de maneira real, sem querer se invisibilizar, é que a gente vai estar provocando essa mudança mesmo para um cenário melhor do que esse que a gente está agora e que a gente consiga vencer essa onda reacionária aí. Eu fico meio chocado; porque não é só Brasil. Acho que cada vez mais temos que ser políticos no nosso cotidiano, para poder atingir um outro patamar de civilização.

Rogério: Em poucas palavras para gente finalizar, o que é estar queer hoje para você? O que é ser queer para Vəmpiro?

Vəmpiro: Para mim é não ter uma preocupação com a minha identidade de gênero, porque a partir disso eu não preciso ficar me preocupando com questões mínimas sobre como eu estou no mundo e, simplesmente ser o que eu quero ser no mundo. Queer tem a ver com essa liberdade de gozar a vida da sua maneira não maniqueísta e não da maneira como querem que você seja. Basicamente seria isso: uma questão de permitir-se liberdade para ser, sem ficar se policiando pelos estereótipos de comportamento binário. Essa é a questão primordial assim do queer que é despreocupar-se com gênero; ser simplesmente homem quando você quiser, mulher quando você quiser, neutro quando quiser. Fluidez. Gozar a sua vida como você quiser sem se preocupar com esse patriarcado tolo que insiste em não morrer. Romper com binarismo e essa é a nossa bandeira.

APÊNDICE X – Transcrição da Entrevista com **Punker**

I - ENTREVISTADO:

Nome do Entrevistado: Punker

Local da entrevista: Via Skype

Situação da entrevista: Combinamos previamente o dia e horário da entrevista que se realizou de maneira virtual, devido à dificuldade de agenda do entrevistado na semana que estive em São Paulo/SP para realização das entrevistas.

Tipo de entrevista: Individual.

Duração (horas de gravação): 36 mm 54ss de gravação.

Tipo de gravação: Digitalizada.

Data: (período em que foi tomado o depoimento): Vespertino do dia 04/12/2018 às 14h00.

II - PESQUISA

Nome do entrevistador: Rogério Amador de Melo.

Nome dos outros membros da equipe de pesquisadores: Fernando Silva Teixeira-Filho (orientador).

Nome do técnico de áudio e vídeo: Não houve.

III - DADOS DA TRANSCRIÇÃO

Responsável pela transcrição: Rogério Amador de Melo.

Período em que foi feita a transcrição: Matutino. Data: 07/04/2019.

Número de páginas da transcrição: 09 páginas.

ENTREVISTA

Rogério: Hoje eu estarei entrevistando o Punker do projeto Cidade Queer. Punker a primeira pergunta que eu tenho para você, é se você se percebe ou se considera como um corpo queer e por que?

Punker: Porque é muito louco assim, quando eu falo e uso esse termo queer ou não, no dia a dia e ao mesmo tempo que eu entendo o significado do queer, então eu me encaixo, mas trazendo assim para a realidade dos gays aqui Brasil, eu sempre me coloco também como uma bicha preta, como um homem negro gay; e aí eu acho que depende muito dos lugares então, de

onde eu consigo identificar e falar quando são uma pessoa queer. Mas entendendo todo esse caso do queer, eu me encaixo sim, dentro dessa significação do nome queer.

Rogério: E por que você acha que se encaixa?

Punker: Primeiro por ser uma bicha preta, por me encontrar dentro dessa parte dentro desse recorte, sendo um homem-cis-gay e que utilizo de ferramentas e movimentações também, posicionamentos e estéticas fora da normatividade. Então, minha vida já é fora da norma, a minha forma de me expressar, de ser um artista é fora da norma.

Rogério: Quais foram as motivações e interesses que o levaram a participar do projeto Cidade Queer?

Punker: Bom, eu participei do projeto Cidade Queer a convite da galera do Explode especialmente e também pelo contato com algumas pessoas do lanchonete.org. Então, eles já estavam na organização do projeto e já estavam organizando a residência e aí eu acabei entrando nesse planejamento da residência onde eles estavam falando sobre a presença da galera do coletivo... enfim, a galera de Nova York que é a galera do vogue; especificamente por conta do vogue por quererem ampliar o convite para outras pessoas. E aí me convidaram, a partir da minha entrada no projeto, conseguimos planejar mais ou menos como seria as outras ações; então, desde a participação de outras pessoas fora desse círculo que a galera conhece assim, da galera que já estava discutindo essas questões, mas que não eram da comunidade ballroom e vogue, possibilitando então uma participação um pouco mais ampliada das pessoas e aí pensar também como a gente falaria do vogue e aproveitar também as questões de pessoas que são mais próximas das cenas ballroom e realizar a produção de uma ball dentro da finalização do projeto Cidade Queer.

Rogério: E como foi para você participar desse projeto?

Punker: Foi muito importante, porque a partir desse projeto, além de eu ter a oportunidade de estar em uma residência em uma região periférica de São Paulo, ter contato com diversos outros artistas que participariam não somente do Brasil, mas também de fora, como o pessoal de Nova York; por isso pensando o lado positivo foi poder me conectar com as pessoas a partir desse encontro. De conseguir entender muitas questões, foi muito importante escutar muitas pessoas e poder também ter o lugar de fala também lá e que a partir desse encontro me deu um start em várias questões que daquele encontro lá tem reverberado até hoje muitas possibilidades, muitos encontros, da possibilidade de eu para Nova York a partir dali desse contato. Então, o Cidade Queer, esse projeto da Explode, principalmente desse projeto do Explode, porque eu não participei do Cidade Queer todo, eu participei da residência Explode e da finalização do Cidade Queer.

Rogério: Sim, entendi. Quando e como se deu o seu primeiro contato com o termo queer e/ou com os estudos e perspectivas queer?

Punker: Então, é muito louco porque, eu já havia antes de participar do projeto Cidade Queer, eu já ouvia muito, já estava começando a discutir e a se usar muito o nome queer, mas as pessoas não sabem direito ainda, quais os significados da palavra e também se a gente aceitava usar esse nome, porque a gente já tinha muitas outras significações que para a gente faziam muito mais sentido. Eu ainda acho também, que ainda em certas ocasiões ou certos lugares, seria muito melhor a gente não usar o nome queer, mas usar outros nomes do que o queer. Eu também tinha essa sensação também, do queer vir muito do lado acadêmico, vir muito de uma galera que tinha uma ideia muito ali na redoma do academicismo sabe, de uma galera querendo incrementar, acrescentar esse nome queer e, começou por aí de saber e de conhecer falando um pouco sobre queer. Depois eu participei da Explode e do Cidade Queer, que eu comecei a ouvir mais, onde a gente começou realmente a discutir sobre o significado, como que a gente usava a teoria queer, então, veio tudo mais ou menos junto nessa época.

Rogério: Depois desse conhecimento, dessas discussões, de ter ouvido tudo isso e desse contato inicial, por onde e como as discussões, propostas ou proposições do queer atravessam sua história de vida? O seu cotidiano, a sua vida como artista e não artista; os seus relacionamentos sexuais/afetivos, sua vida familiar.

Punker: É, eu acho que depois desses encontros, depois dessas descobertas de possibilidades, isso me ajudou em algumas questões, principalmente em relação a posicionamentos e de como que eu conseguiria melhorar também e perceber algumas ações relacionadas ao trabalho. Então, todos os projetos que vem depois, os estudos que eu já tinha sobre vogue e waacking, sobre minhas danças/performances, começaram a se conectar mais também em outras questões que até então não se conectavam. Então, o posicionamento ele acaba ficando um pouco mais amplo, o entendimento e esse empoderamento mesmo da fala, porque aí eu me sinto mais empoderado mesmo, quando eu digo sobre alguma coisa, quando sou convidado para dar uma entrevista ou a falar sobre algo, é a partir desse empoderamento; a partir desse entendimento crescente, que eu tenho algo para falar, que eu tenho algo para acrescentar. Por isso que talvez se eu não tivesse feito parte desse projeto e estado conectado com essas pessoas, talvez não estaria aqui hoje fazendo essa entrevista. Então, todos os projetos vão juntando e me ajudando a construir mais minha carreira e automaticamente com a minha vida. Desde que eu comecei a dançar, por exemplo, que eu comecei a entender o vogue e o waacking, foram também um empoderamento, mas de construções de formas diferentes; porque o vogue e o waacking ele vem desse seguimento da sexualidade e de um poder muito forte e aí todas as outras ações que vem depois,

é uma forma de eu ir refinando. Esse projeto em específico, conseguiu me ensinar a entender e a refinar outras questões e que outros projetos independentes, contribuíram também; por exemplo, eu namoro há alguns anos, comecei a namorar depois de 2016, comecei com vinte sete anos, então, até então foi o primeiro namoro. Então essa é uma questão né, que vem muito forte para mim, a questão dos homens negros, cis, gays, as bichas pretas e tal, as pessoas negras foi a partir desse namoro mais tardio mesmo, com essa possibilidade pequena de acesso mesmo sabe, de namoro, de namorar. Pois essa forma como eu começo me relacionar, ela é totalmente diferente, que eu começo a partir dos meus vinte sete anos e porque eu já tenho algumas vivências, algumas ferramentas que me ajudaram também a saber como eu lido agora com essa relação. Então tem questões, por exemplo, que a gente conversa ou que eu converso com minha família, que surgem a partir desses pensamentos sabe e do convívio com pessoas que não são da normatividade, como é minha família por exemplo. Estando em volta das pessoas, conhecendo mais sobre elas e fazendo parte dessas ações, eu consigo ter uma conversa muito mais ampla e muito mais orgânica também desses movimentos.

Rogério: Seu namorado é negro também ou não?

Punker: Ele é negro. Ele se entende como pessoa negra, mas é dentro desse recorte das pessoas pardas, então, pensando nessas questões ele não é negro, mas depois se reconhece, pois, a família também é negra, certa parte, questões da família brasileira; onde tem uma pessoa parda, mas que tem uma família negra e ele tem todos os privilégios de uma pessoa clara e que em certos momentos ele é socialmente uma pessoa branca, mas puxada para uma pessoa indígena e, em outros momentos ele é uma negra assim, que se encaixa nesse recorte. Eu por exemplo, já não tenho essa opção., sabendo que sou negro desde criança, pois já me foi colocado. Agora ele já é, assim, depende muito do recorte.

Rogério: Entendi. Quando você trouxe a questão de em certos momentos ser apropriado, na época e até hoje, a não utilização muitas vezes do termo queer, seria devido a que motivos?

Punker: Eu dou aula aqui no CRB, onde discuto as questões da dança, gênero, quais são implicações dessa relação dentro dança; as estéticas que são fora da norma como o voguin, waacking e essas outras possibilidades e, a partir do momento que eu falo desses contextos que não são aqui do Brasil, mas que são norte-americanas, é preciso falar, explicar e comentar sobre essas nomenclaturas queer. Entendo o que isso significa e como a gente pode se encaixar dentro disso, aí tem certos momentos que quando eu falo queer ele faz mais sentido, quando eu uso o nome queer. Em certos momentos de uma conversa, uma situação sobre o contexto, ele faz muito mais sentido, assim quando a gente vai para Nova York e você entende que quando a galera fala queer, enquadra e encaixa, não apenas homens-cis-gays, então você encaixa outras

peessoas dentro dessa sigla que significa mais do que o homem gay; porque para a gente quando a gente fala gay aqui, corresponde diretamente ao homem gay né. E não, por exemplo, uma mulher-cis que pode ser considerada enquanto lésbica em certos contextos. Aí eu acho que, porque eu acabo lidando dessa forma com essa questão do queer, que em certos momentos dá para encaixar essa nomenclatura que faz sentido e, em outros momentos eu prefiro usar outras nomenclaturas para realmente fazer sentido assim, dependendo do contexto e fazendo com que as pessoas entendam melhor sabe, quando eu falo, faço a tradução geral do que significa mais ou menos.

Rogério: Existe um Punker antes do projeto Cidade Queer e um Punker depois?

Punker: Eu acho que existe. Existe por conta das vivências, porque não tem como eu desconsiderá-las, mesmo que isso tenha sido em 2016, ou seja há dois. Tem muita coisa que rolou depois por conta do projeto, que eu comecei a pensar e que eu tive oportunidade de conhecer de repente melhor lá, que eu pude vir refletindo e ter também até mais espaço de fala desde esse projeto. É óbvio que muita coisa aconteceu, independente do Cidade Queer, independente também da Explode. Então, já existiam coisas que eu já vinha fazendo e que hoje eu sou totalmente diferente em certos pontos, do que em 2015/2016. Então, eu sou uma outra pessoa mesmo (risos), vamos falar que sou uma pessoa com experiências diferentes, do que daquela época; porque em 2015/2016 tiveram diversos pontos a se construir, como construção de carreira, de oportunidades, então sou uma pessoa totalmente diferente depois desse projeto.

Rogério: Com o pouco que eu conheço do seu trabalho que, não sei, você pode me corrigir se eu estiver errado, ele questiona essa questão das normas e muitos sentidos, até mesmo a questão de gênero, então como que é isso no seu dia a dia fora desse contexto artístico. Você tem esse posicionamento desses questionamentos da normatividade nas suas conversas, nas suas relações?

Punker: Na verdade a partir do momento que você começa a falar, começa a se posicionar em certas ocasiões ou ter certos posicionamentos, as pessoas já automaticamente te vêm e te intitulam ali parte do contexto que você fala. Como uma pessoa diferente de como você falava ou do que elas fazem; então como eu me visto, as minhas performances, as pessoas que me rodeiam já é uma maneira orgânica totalmente diferente de quando, por exemplo, eu vejo pessoas, amigos ou colegas um pouco mais distantes desse meu fluxo, até da minha família que acabam tendo esse choque assim, conseguindo visualizar essa diferença. Mas mesmo assim também, acho que dentro da minha família é o exemplo maior, porque esses posicionamentos fazem toda a diferença. Porque eu me posiciono e acabo falando, a minha forma de conversar, meu tom de voz, as brincadeiras, o posicionamento mais radical em certos pontos, ele já acaba

sendo fora da norma. Primeiro porque em certos momentos da minha vida, já era uma pessoa mais preta ou a mais destacada ali como a negra, na maioria das vezes; mesmo ainda tendo a grande maioria dos meus círculos, dos meus amigos, de familiares serem de pessoas negras. E aí depois, vem a questão de ser uma pessoa que pensava e que vivia artisticamente e tal, primeira pessoa dentro da minha família a pensar em uma carreira artística, então as pessoas já veem você como artista; aí qualquer coisa que o artista pensa em fazer, aí já tem aquela coisa: ah, ele é artista. Então qualquer coisa que você fizer, já não é tão além, sabe, e aí tudo é possível porque eu sou artista. Então tem essa diferenciação das condições e das convenções sociais, do que você pode fazer e de como você pode se vestir, que por exemplo, se eu pintar meu cabelo, está ok né, muito diferente de uma pessoa que não vive artisticamente, não pintar o cabelo. E aí decidi ser uma pessoa vegana, a única pessoa da minha família que não come carne, por exemplo, então já cria uma outra história também, um outro lugar. Eu acabo também convivendo com outras pessoas a partir dessas minhas escolhas, aí eu já vou para outros caminhos também; a partir do momento que também eu me identifico como uma pessoa gay, eu já acabo também convivendo com outras pessoas, com outros comportamentos. A partir do momento que eu comecei a entender o que é ser um homem gay, como que eu faço esse enfiamento, como eu devo tomar certas atitudes e como eu me empoderei de tudo isso através das minhas performances, acaba transformando todos os lugares, como eu falo, como eu me posiciono em todas as situações do dia a dia. Aí eu fico pensando, meu dia a dia ele é muito, pensando nessas questões eu sou muito privilegiado, porque eu acabo tendo muitas pessoas dentro de todos esses recortes, durante o meu dia a dia. Desde a oportunidade da comunidade ballroom, que já são pessoas queers também, então já que meio que direciono a minha atenção para essas pessoas; desde o projeto da Amem que já tem um recorte específico para pessoas negras, LGBTTIQA+, mesmo no meu curso de dança e gênero já acontece um recorte também. E aí então, é muito louco porque pensando organicamente, pensando no cotidiano, eu acabo transitando, colocando todas essas questões na prática sabe; e eu só consigo perceber mesmo quando estou muito, muito fora muito dessas bolhas ou grupos, esses meus entornos, esses meus lugares seguros e, aí sair fora deles eu consigo perceber o quão diferente que é os nossos posicionamentos, o meu posicionamento, as nossas estéticas, as nossas falas, perante essas pessoas que estão fora disso.

Rogério: Você acha que morar em São Paulo ou se você fosse para uma cidade menor seria diferente?

Punker: Sim, seria totalmente diferente. Talvez eu não teria noção de tudo que eu tenho hoje, devido ao lugar que eu convivo e círculo. Porque a cidade já é diferente, mesmo que o ABC

paulista não seja tão distante de São Paulo, mais ou menos 40 minutos de carro ou de trem uns 15 minutos, não é tão distante, mas já há uma diferença. Aí quando eu viajo para muitos lugares do Brasil e para o exterior também, mais muitos para vários lugares aqui do Brasil, eu conheço muitas pessoas de outras cidades, eu vou conversando e sabendo de todas essas condições, eu percebo que são muito diferentes; porque tem coisas que eu falo as vezes, que para mim parece tão natural, acaba sendo muito diferente quando eu saio desse espaço e vou para uma cidade do interior. Então tem lugares que eu percebo que poder me expressar de outras formas é muito mais difícil para a galera em outros lugares. Por exemplo, quando eu ia fazer algum outro trabalho nas paradas LGBTs dos interiores, de cidades mais distantes e/ou outros Estados, a galera sempre me questionava, até as pessoas do mesmo meio falava, que eu não precisava de tanta Parada, tantas coisas assim. Eu sei que quando você vê as pessoas na prática ali, quando você vê as pessoas podendo ser o que elas são, ou quando você vai nessas cidades, tudo faz sentido, dessas pessoas poderem se manifestar; então você... eu sempre falava para a galera que é muito fácil você falar do cenário de São Paulo, quando a gente tem muito dessas cidades e da gente poder sair e perceber algumas atitudes, dependendo do espaço. Quando você conversa com a galera do interior você percebe que tem muitas questões ainda que são muito barradas ainda, ou quando você conversa com pessoas de outros Estados e você vê que a dificuldade que para você parece tão fáceis, tão normais, você percebe que em outros lugares ainda assim isso é uma... como na Parada, por exemplo, um dia para você extravasar, para você se soltar de agradecer em todos os sentidos, é muito importante para elas; porque elas não tem essa facilidade, de coisas mais palpáveis do que temos aqui em São Paulo de possibilidades.

Rogério: Você considera a sua arte uma resistência?

Punker: Considero. Eu acho que ela pode ser, eu acho que ela não você não... se eu não quisesse direcionar, ela não seria uma resistência. Eu acho que a partir de um certo ponto na vida ou artisticamente, eu só faço parte das coisas que fazem sentido assim para mim. Então se for só pelo oba oba, se não fizer sentido, se não tiver esse lado mesmo de posição, de posicionamentos, se eu não fizer as pessoas refletirem, se eu não refletir sobre isso, não faz sentido. A partir do momento que faz sentido para mim, eu considero enquanto resistência. Eu me reconsiderar uma pessoa artista dentro dos recortes de gay, negro, pobre, é uma forma de resistência; porque você vai direcionando para certos posicionamentos sociais e certos locais. E parece que cada vez mais, você vai tendo que resistir; então meu trabalho vai sendo mais resistente ainda, por isso considero como resistência desde o primeiro momento que eu falei que aprenderia a viver como artista, que eu falei que descobriria como construir esse caminho de me tornar artista, então já

é uma resistência. Porque é você aprender sem uma estrutura que algumas pessoas teriam ou tem, isso para mim já é resistência.

Rogério: Na sua opinião, o que seria o queer hoje no contexto brasileiro?

Punker: Hum, olha é meio complicado falar a respeito (risos), porque eu acho que tem dois pontos assim. É, primeiro pensar como que as pessoas, como que é pensar o conceito queer e como que ele funciona organicamente na real sabe, no dia a dia. Então as vezes, eu acho que no Brasil, a gente acaba conectando muito a uma performance específica; pensando na performance ou em uma figura, então automaticamente pensar nessa figura específica ou nessa performance específica relacionada ao queer, aí acaba falando ah essa pessoa é queer. Porém, existem muitas atitudes e posicionamentos que são queer e as vezes aqui no Brasil, a gente não consegue ver isso. Então, acaba ficando meio que, ah essa pessoa é mais queer que a outra, isso é mais queer que outra questão que é menos queer, então as vezes usam o título queer, mas realmente se você for colocar na balança assim, ela não tem tanto peso queer sabe.

Rogério: Tem como você exemplificar as duas coisas?

Punker: Eu acho que quando você coloca, se formos pensar, de como algumas pessoas vivem ou se posicionam de uma maneira não normativa, fora da normatividade. Então quando você pensa o que é viver fora da normatividade, você pode ter vários recortes, podem ter várias formas; quando você conecta isso a performance, a identidade de gênero aqui no Brasil, você torna isso outra proporção mais complexa que vai para além de você performar ou de você se vestir, de ter uma figura que foge essa normatividade; porque você não necessariamente precisa ter essa figura queer, essa figura fora da norma, mas você pode viver, você pode ter um posicionamento político, você pode ter uma escolha social que podem estar dentro desse significado do queer. Então, a partir do momento que você tem pessoas que se posicionam radicalmente, que vão além dessa normatividade, que tentam repensar no dia a dia todo o seu ciclo social, essa pessoa está dentro de uma questão queer. Mas é muito louco quando você coloca essas pessoas, ou quando você vai colocar, vai discutir com todo mundo que já estão dentro da sigla LGBT, por exemplo, você tem que considerar todas as pessoas queer, porque aí você começa a pegar os lugares de fala. Aí vai falar, por exemplo, com uma pessoa que não vive essa questão estética e você vai pegar um corpo que vive totalmente fora da norma, por exemplo, não-binária a questão de gênero, que já tem um outro posicionamento político e em relação a figura, em relação a performance, ao consumo e aí ela também tem uma visão do que é esse queer e, outra pessoa tem uma outra visão. Então, eu acho as vezes que aqui no Brasil, fica meio confuso, eu considerar todo mundo enquanto queer, todas as possibilidades, enquanto todas as pessoas dentro desse guarda-chuva, dessa nomenclatura e aí colocar só algumas coisas

específicas da gente conversar sobre tudo que é sabe. Por isso, as vezes eu vejo muitas pessoas que vivem, principalmente rola esse choque, quando as pessoas trans, acabam jogando mesmo para as pessoas que tem uma situação financeira muito melhor, que tem uma passabilidade muito melhor, que tem oportunidades muito maior e que usam essa nomenclatura e, que se você for conectar, a começar a analisar, você verá uma porção muito mais higienizada. E aí as pessoas, por exemplo, trans que tem essas discussões, aí fala ah a galera agora usa o queer como se fosse uma sigla gay ou LGBT; como se levasse para um lado muito mais banalizado sabe. E aí rola esse choque, exatamente desse recorte, dessas pessoas que tem uma vida muito mais, vamos considerar assim, difícil mesmo de acesso a muitas coisas, com relação a outras pessoas que usam essa sigla e que tem muito mais passabilidade em diversas questões. Aí eu começo a ficar meio confuso também, ao pensar sobre essas possibilidades sabe. Quando eu fui com uma galera para Nova York, a gente entendeu que quando a gente vê o nome queer, quando a gente se refere ao queer faz muito mais sentido lá, é que aqui estamos fazendo esse exercício, por isso acho que é mais complexo, mas lá faz muito mais sentido quando você usa o nome queer sabe. Até algumas pessoas falam, que não usam o queer porque é muito academicista, mas mesmo assim, quando você vê o nome queer conectado, você consegue visualizar muito melhor. Eu não sei explicar muito direito sabe, mas por exemplo, tinha um homem-cis que tinha um trabalho artístico direcionado a pessoas vivendo com HIV, pessoas soropositivas, ele era um homem-cis, negro, que se dizia gay, mas ao mesmo tempo ele era casado com uma mulher-cis, então ele era uma pessoa queer. Mas se você olhar para ele, pela estética não tem nada; e aí você olhando por exemplo para esse tipo de pessoas você vai dizer, para mim ela vive na normatividade, ao mesmo tempo que ele é uma pessoa gay que se relaciona com uma mulher-cis, então ele está em um relacionamento hétero. Por ele viver dessa forma, automaticamente ele já está dentro desse entendimento do que é uma pessoa queer e aí a gente acaba pensando de todas as possibilidades; já aumentou um pouco mais a possibilidade sabe. Aí e fico muito confuso, pensando muitas coisas, para eu tomar cuidado também para eu não cair nesse lance de somente da figura ou da performatividade do queer, para pensar muito mais além desse significado.

ANEXOS

ANEXO I – Apontamentos norteadores para Entrevista

1. Você se percebe e/ou se considera como corpo *queer*? Por quê?
2. Quais foram as motivações e interesses que o levaram a participar deste projeto *queer*?
3. Quando e como se deu seu primeiro contato com o termo *queer* e/ou com os Estudos e Perspectivas *Queer*?
4. Por onde e como as discussões, as propostas e as proposições *queers* atravessam sua história de vida?
5. Na sua opinião, o que seria o *queer* hoje no contexto brasileiro?

ANEXO II – TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Capítulo IV, itens 1 a 3 da Resolução 196/96 – Conselho Nacional de Saúde)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa *NARRATIVAS QUEERS E SEUS LUGARES: DESLOCAMENTOS, (IN)VISIBILIDADES E POTÊNCIAS*, sob a responsabilidade do pesquisador ROGÉRIO AMADOR DE MELO, RG nº 4.999.904-6.

Este termo deverá ser elaborado em duas vias. Depois de lido, rubricado e assinado, uma via ficará em poder do sujeito ou de seu representante legal e a outra via em poder do pesquisador responsável.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis. Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos poderão ser esclarecidas no telefone (18) 3302-5607 ou pelo e-mail cep@assis.unesp.br, ou diretamente com o pesquisador no telefone (44) 99914-8366 ou e-mail melo_rogers@yahoo.com.br

A pesquisa:

Esta pesquisa tem por objetivo: as experiências cotidianas de corpos de cishomens que se experimentam e/ou ocupam o lugar de fala enquanto corpos *queers* no cenário brasileiro, especificamente em três cenários nacionais: [SSEX BBOX], da Cidade *Queer* e do Manifesto *Queer*. Esse mapeamento nos contribuirá para o diálogo que a Psicologia vem buscando fazer com os Estudos e Perspectivas Queers através de disciplinas incluídas nas grades curriculares dos Cursos de Psicologia, bem como ajudará a identificarmos pistas que possibilitem a *queerização* das PsicoLOGIAS mediante a desconstrução, desnaturalização e descolonização de teorias e percepções estruturantes e universais das identidades, dos corpos e dos desejos na Psicologia brasileira.

Procedimentos:

Os procedimentos dos quais você participará são os seguintes: A abordagem será realizada em local sugerido pelos sujeitos entrevistados, desde que este possibilite a realização da entrevista sem prejuízo ao (a) entrevistado (a) e ao entrevistador. Os (as) colaboradores (as) serão

convidados (as) a narrar suas experiências cotidianas em relação aos agenciamentos que os Estudos e Perspectivas Queers produzem em seus corpos e na sua história de vida, tecendo assim, juntamente com eles (as), as cartografias das suas experiências enquanto corpos queers no contexto brasileiro, sendo importante que estes/estas conheçam claramente os objetivos do estudo. Essa entrevista será gravada a partir da assinatura dessa autorização, a participação se fará de forma anônima.

Riscos/desconfortos:

Dentro da proposta das realizações das entrevistas acreditamos que os participantes não serão vulnerabilizados e muito menos correrão qualquer risco previsto, dado que só será possível a entrevista a partir do consentimento prévio dos mesmos a participarem da realização desta investigação. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e seu orientador, desta forma não há riscos quanto participação nesta pesquisa. No entanto, caso aconteçam desconfortos emocionais ou algum tipo de riscos, todos os cuidados serão tomados para adequar o procedimento às suas necessidades, ou, interromper a pesquisa para atendê-lo. Os pesquisadores o ajudarão no que for necessário, sendo responsáveis pelo acompanhamento e assistência.

Liberdades/garantias:

O participante tem direito de se retirar da pesquisa a qualquer tempo, sem prejuízo para o participante, que não sofrerá quaisquer sanções ou constrangimentos e o mesmo pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa mencionado para tomada de medidas cabíveis.

Sigilo/anonimato:

O acesso e a análise dos dados coletados se farão unicamente pelo pesquisador e seu orientador, desta forma não há riscos quanto participação nesta pesquisa.

Despesas:

A pesquisa será realizada no local sugerido pelo participante, conforme sua disponibilidade, desta forma entendemos que o voluntário não terá nenhuma despesa na participação nesta pesquisa, caso haja o mesmo será ressarcido.

Publicação:

Informamos que o resultado final da pesquisa poderá ser publicado em revistas da área, colaborando, assim, na construção do conhecimento teórico-científico e na melhoria na viabilização de atuação desta natureza.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, RG: _____, abaixo assinado, concordo em participar, como sujeito, da pesquisa *NARRATIVAS QUEERS E SEUS LUGARES: DESLOCAMENTOS, (IN)VISIBILIDADES E POTÊNCIAS*. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador (a) ROGÉRIO AMADOR DE MELO sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido, ainda, que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro, ainda, que () concordo / () não concordo com a publicação dos resultados desta pesquisa, ciente da garantia quanto ao sigilo das minhas informações pessoais e ao meu anonimato.

Local e data _____, ____ de _____ de _____.

Assinatura

Eu, ROGÉRIO AMADOR DE MELO, pesquisador responsável pelo estudo, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do sujeito/representante legal para a participação na pesquisa.

Assinatura do Pesquisador

ANEXO III – Termo de Autorização de Uso de Imagem

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu _____, C.P.F nº: _____,
autorizo o uso da minha imagem para compor a tese de doutorado intitulada *Narrativas queers e seus não-lugares: deslocamentos, (in)visibilidades e potências*.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Assinatura